



RENATA GÉRARD BONDIM

SENSACIONALISMO E CREDIBILIDADE

A primeira página de quatro jornais cariocas:
Jornal do Brasil, O Globo, O Dia e Povo do Rio

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de concentração: Comunicação e Discursos. 1º volume

Orientador: Prof. Dr. MILTON JOSÉ PINTO

Rio de Janeiro
2001

BONDIM, Renata Gérard.

Sensacionalismo e credibilidade. A primeira página em quatro jornais cariocas: Jornal do Brasil, O Globo, O Dia e Povo do Rio

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001. 2 volumes

Tese, Comunicação, Discurso, Mídia Impressa e Imprensa Carioca.

RENATA GÉRARD BONDIM



SENSACIONALISMO E CREDIBILIDADE

A primeira página de quatro jornais cariocas: *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Dia* e *Povo do Rio*

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Doutorado em Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Comunicação Social.
Área de Concentração : Comunicação e Discurso.

Aprovada em agosto de 2001

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dout.^o Milton José Pinto – orientador
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dout.^a Ana Arruda Callado
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dout.^a Dinah Maria Isensee Callou
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dout.^a Ângela Maria Dias
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dout.^a Liliana Bastos Cabral
Pontifícia Universidade Católica-RJ

Prof.^o Dout.^o Aluizio Ramos Trinta
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dout.^a Ieda Thucherman
Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

A Mãe, por tudo que me ensinou, por ser minha primeira professora.

A Irmã Laura, por sua dedicação, por tudo que me ensinou, por ser minha primeira professora, por ser minha amiga.

A Chica, por tudo que me ensinou, por ser minha amiga, por ser minha primeira professora, por ser minha amiga.

A Elisa e Laura, filhas companheiras e adoradas, pelo que são, pelo amor e pela esperança de vida digna e feliz que inspiram.

A Kátia e Marco Polo, meus irmãos, por me ensinarem sempre que o sentido da vida está na perseverança e na luta pela afirmação e realização dos nossos desejos.

A Magaly e Renato, meus pais, por tudo e sempre.

AGRADECIMENTOS

A Milton José Pinto, pelo respeito, estímulo e confiança com que me orientou.

A Ivna Rodrigues Feitosa, pela dedicação, profissionalismo e competência com que me auxiliou na organização do *corpus*, preparando a reprodução das imagens e a digitação e edição dos textos reunidos nos Anexos e Apêndices desta tese.

A Christina Motta Maia, que generosamente emprestou sua competência me substituindo nas lides docentes, o que foi de fundamental importância para que eu dispusesse do tempo necessário à consecução deste trabalho.

A Vera Cristina Rodrigues, sempre presente, me acompanhou nas alegrias das descobertas e nas angústias das incertezas neste percurso acadêmico, e me brindou com a revisão final do texto.

A Heloísa Machado Costa, Marco Van Hombeeck e Maria Nazaré Lins Soares, pela amizade e confiança incondicional, me apoiando, nos precisos momentos e das formas exatas, para vencer obstáculos e poder chegar ao fim deste caminho.

A Claudio Santoro, que não economizou tempo e competência, me auxiliando a resolver problemas de acabamento final, e a Estela dos Santos Abreu, que verteu o Resumo para o seu belo francês.

A Ângela Maria Dias, Carlos Augusto Addor, Hiran Roedel, Jaime Benchimol e José Monserrat, pelo incentivo constante e pela estimulante troca de idéias sobre a pesquisa.

A Diná Maria Isensee Callou, Maria Emília Barcellos, e Patrícia Fagundes, pela solidariedade amiga e apoio profissional, na Faculdade de Letras, com que pude contar na etapa final deste trabalho.

A Ana Cecília Freire, Ana Lúcia Souto Maior e Eliane Costa, as amigas sempre de plantão, para ajudar no que for preciso.

Maria José Marinho dos Santos, pela paciência e compreensão na fase final do trabalho, garantindo a infra-estrutura doméstica.

A todos os amigos queridos, uma verdadeira torcida, presente que a vida me deu, que, com muita amizade e incentivo constante, não deixaram faltar estímulo e energia positiva para que eu completasse essa etapa da minha vida.

Sumário

Volume I

Resumo

Resumo

Apresentação

Introdução

1.1 O público

1.2 A prática

1.3 A teoria

1.4 A prática

1.5 O público

1.6 A prática

1.7 O público

1.8 A prática

1.9 O público

1.10 A prática

1.11 O público

1.12 A prática

1.13 O público

1.14 A prática

1.15 O público

1.16 A prática

1.17 O público

1.18 A prática

1.19 O público

1.20 A prática

1.21 O público

1.22 A prática

1.23 O público

1.24 A prática

1.25 O público

1.26 A prática

1.27 O público

1.28 A prática

1.29 O público

1.30 A prática

1.31 O público

1.32 A prática

1.33 O público

1.34 A prática

1.35 O público

1.36 A prática

1.37 O público

1.38 A prática

1.39 O público

1.40 A prática

1.41 O público

1.42 A prática

1.43 O público

1.44 A prática

É difícil defender
Só com palavras a vida
(ainda mais quando ela
é esta que vê,
severina)

João Cabral de Melo Neto

Sumário

Volume 1

Resumo	8
Résumé.....	9
Apresentação.....	10
Introdução	
1.1 O público-alvo e o universo de concorrência.....	17
1.2 A primeira página (PP).....	20
1.3 A “realidade”.....	28
1.4 A amostragem.....	34
1.5 Os postulados teóricos e a metodologia.....	39
1.5.1 A prática textual: o enunciado, a língua e os discursos.....	40
1.5.2 A prática discursiva: o pré-construído e o interdiscurso.....	41
Os jornais de qualidade e os jornais populares.....	48
1.1 Os títulos.....	54
2.1.1 O nome do jornal.....	57
2.1.2 O vocabulário	65
2.2 As editorias e os temas.....	73
2.2.1 O País, a Cidade e a Polícia.....	74
2.2.2 O leitor e a notícia nos temas.....	80
2.3 A diagramação e os recursos de ênfase.....	84
2.3.1 As manchetes, manchetas e fios de linha.....	86
2.3.2 O esporte, o entretenimento e a violência.....	94
2.4 A publicidade e os “anabolizantes”	100
3 O sensacionalismo, a credibilidade e os movimentos sociais.....	104
3.1 “1º de Maio começa com greve” – <i>Povo do Rio</i> (01/05/2000).....	106
3.2 “Governo e caminhoneiros divergem sobre a greve” – <i>O Globo</i> (02/05/2000)	111
3.3 “Sem-terra invadem 18 capitais” – <i>Jornal do Brasil</i> (03/05/2000).....	124
3.4 “Tensão total” – <i>O Dia</i> (04/05/2000).....	131
3.5 “Morte e vida severina” – <i>Jornal do Brasil</i> (05/05/2000).....	140
4 O seqüestro da mídia.....	150
4.1 “Terror e morte no 174” – <i>Povo do Rio</i> (13/06/2000).....	150
4.2 “A verdade do 174” – <i>Povo do Rio</i> (14/06/2000).....	176
5 Conclusão.....	183
6 Referências bibliográficas	188
7 Anexos	194

Volume 2

8 Apêndices

8.1 Vocabulário.....	
8.1.1 Tabela de vocábulos referentes à identidade social, civil e profissional	2
8.1.2 Tabela de vocábulos referentes às localidades	7
8.1.3 Tabela de vocábulos referentes ao tema Esporte.....	10
8.1.4 Relação de enunciados referentes aos agentes do Poder Executivo.....	13
8.1.5 Relação de enunciados referentes ao tema Internet	22
8.2 <i>JORNAL DO BRASIL</i> - maio/2000	
8.2.1 Codificação das PPs	26
8.2.2 Relação das chamadas por editorias.....	61
8.2.3 Quadros semanais das chamadas por editorias.....	70
8.3 <i>O GLOBO</i> -maio/2000	
8.3.1 Codificação das PPs	79
8.3.2 Relação das chamadas por editorias.....	110
8.3.3 Quadros semanais das chamadas por editorias.....	119
8.4 <i>O DIA</i> -maio/2000	
8.4.1 Codificação das PPs	127
8.4.2 Relação das chamadas por editorias.....	168
8.4.3 Quadros semanais das chamadas por editorias.....	181
8.5 <i>O POVO do Rio</i> -maio/2000	
8.5.1 Codificação das PPs	197
8.5.2 Relação das chamadas por editorias.....	224
8.5.3 Quadros semanais das chamadas por editorias.....	234
8.6 Primeiras Páginas de junho de 2000.....	241
8.7 Entrevistas	
8.7.1 Entrevista com editor do <i>Jornal Do Brasil</i>	259
8.7.2 Entrevista com editor do <i>O Globo</i>	263
8.7.3 Entrevista com editor do <i>O Dia</i>	276
8.7.4 Entrevista com editor do <i>Povo do Rio</i>	284
8.7.5 Entrevista com responsável pelo setor de Vendas do <i>Povo do Rio</i> ...	287

RESUMO

A comparação das primeiras páginas (PP) de quatro jornais do Rio de Janeiro – *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Dia* e *o Povo do Rio* –, com o intuito de reconhecer o modo discursivo peculiar a cada diário em sua relação com o respectivo público-alvo, demonstrou, por um lado, a produtividade da análise dos discursos como instrumento de análise e interpretação dos discursos da mídia impressa, e, por outro, uma tendência a se desfazer a clássica distinção entre jornais de qualidade e jornais populares pela utilização de determinadas estratégias discursivas, seja no âmbito da produção textual lingüística, seja no da imagem. O universo de concorrência de que fazem parte esses diários é movimentado sobretudo pelo marketing, fator determinante na escolha dos dispositivos enunciativos com que cada jornal ‘in-forma’ as notícias, a fim de tanto garantir a fidelidade de sua recepção, quanto de aumentar sua participação no mercado da mídia. A concorrência entre os jornais e entre estes e a televisão vem aumentando a tendência, no jornalismo impresso considerado ‘de credibilidade’, de assimilar estratégias discursivas peculiares à chamada imprensa ‘sensacionalista’. Essas estratégias além de materializarem, nos enunciados lingüísticos e nas imagens, as relações entre a prática discursiva da imprensa diária e a prática social de que esta se origina, desvelam, sobretudo nos textos da editoria de polícia relativos ao universo do narcotráfico, a vivência de segmentos sociais, a cujo universo referencial não costuma ser dada visibilidade nos jornais considerados de qualidade. A complexidade de mercado em que se insere a mídia impressa determina que a PP dos jornais exerça atração sobre o leitor e seja ‘vendável’, o que, contraditoriamente, contribui para a constituição de um mercado lingüístico-discursivo, em que, não só a hegemonia de uma determinada representação da realidade vai se impondo e sendo reproduzida, mas também vão se constituindo as condições para a construção de discursos contra-hegemônicos. Essa interpretação parte do pressuposto de que nos discursos estão inscritos os traços e os efeitos de problemas reais, de crise ou de mudanças qualitativas no nível da base econômica, bem como de complexos processos de transformações, no campo das relações de força da sociedade, e na mídia em particular.

RÉSUMÉ

La comparaison entre les premières pages (PP) de quatre quotidiens de Rio de Janeiro – *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Dia* et *Povo do Rio* – cherchant à faire connaître le discours que chaque journal utilise pour communiquer avec son lectorat a montré, d'un côté, la pertinence de l'analyse du discours en tant qu'outil d'étude et d'interprétation des discours dans la presse écrite et, d'un autre côté, la tendance à effacer la distinction courante entre presse de qualité et presse populaire par l'introduction, dans la production textuelle linguistique ou iconographique, de stratégies discursives données. L'univers compétitif auquel appartiennent ces quotidiens est mené par la politique marketing qui détermine le choix de la présentation des nouvelles à travers laquelle chaque journal "in-forme", tant dans le but de fidéliser son lectorat que dans celui d'augmenter son importance dans le marché médiatique. La compétition au sein de la presse écrite et entre celle-ci et la télévision ne fait que favoriser, dans la presse dite sérieuse, l'adoption de stratégies discursives appartenant à la presse à scandale. Ces stratégies non seulement font ressortir, dans les énoncés linguistiques et iconographiques, les relations entre le discours de la presse quotidienne et la pratique sociale dont il découle, mais encore dévoilent, surtout dans les faits divers liés au narcotrafic, le mode de vie de ceux que les journaux de qualité ignorent: les exclus en tout genre. Le marché complexe dans lequel évolue la presse fait que la PP des quotidiens, en attirant le lecteur, favorise leur vente, ce qui paradoxalement contribue à la formation d'un marché linguistique discursif où peu à peu s'impose et se reproduit une certaine représentation de la réalité, et où devient possible la construction d'un discours contre l'hégémonie présente. Cette interprétation vient du fait que dans les discours se trouvent les traces et les effets des vrais problèmes, des crises ou des changements d'origine économique, ainsi que des processus de transformation dans les rapports de force au sein de la société, et dans les média en particulier.

APRESENTAÇÃO

"Repito por pura alegria de viver: a salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena!"¹ (Lispector, 1998)

Escolher como objeto de estudo a Primeira Página (PP) da imprensa diária é um risco. É um risco porque é parte fundamental de um objeto cultural que faz parte da vida da maioria dos indivíduos de qualquer comunidade – dos letrados, dos semiletrados e até dos não letrados; dos que compram o jornal e dos que não o compram. As pessoas, em geral, têm sempre uma leitura, uma compreensão e percepção dos sentidos que circulam nas PPs dos jornais. De uma maneira ou de outra, tem-se acesso ao jornal, seja por meio de aquisição própria – leitor primário –, seja por empréstimo em segunda ou terceira mão de um mesmo exemplar – leitor secundário –, ou, ainda e sobretudo, pela ‘leitura’ das PPs nas milhares de bancas espalhadas na maioria dos lugares. Há que se considerar, ainda, as parcelas de textos da PPs que são reproduzidas nos programas jornalísticos televisivos, nos difundidos pelo rádio e, mais recentemente, as próprias PPs circulando, na íntegra, *on-line*.

Os jornais encontram-se em oferta em salas de espera, em determinados setores por onde há circulação de pessoas nos estabelecimentos públicos e privados de serviços os mais variados – consultórios médicos, escritórios diversos, repartições públicas, empresas, rodoviárias, aeroportos, estações das vias férreas, bibliotecas, escolas, universidades. Onde há comércio e serviço, nas proximidades haverá uma banca. O jornal é vendido nos sinais de trânsito e vai até a casa do leitor assinante. O jornal está na rua, nos estabelecimentos e nos lares².

O primeiro contato com o jornal se faz, via de regra, a partir da PP. Por hábito, por comodismo, por economia de tempo ou de dinheiro, ou até por uma curiosidade

¹ Lispector, Clarice, *A descoberta do mundo*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1922. p.166

² Segundo informação obtida em entrevista com o responsável pelo setor de Vendas do POVO, hoje há cerca de 6.200 pontos de venda de jornais no Rio de Janeiro: 4.000 bancas e mais 2.200 pontos

pontual, as pessoas se acercam da banca de jornal, esperando nela encontrar a exposição diária dos fatos, casos, sucessos, guerras civis e militares, nacionais e internacionais; obter informações mais detalhadas e aprofundadas sobre notícias vistas no dia anterior, ao vivo e a cores na TV, e já ouvidas cedo no rádio; colorir a vida com um pouco de história, cultura, diversão, com as fofocas sobre os artistas da televisão, com os resultados dos campeonatos futebolísticos; quem sabe, saborear o sucesso, em cores e materializado no suporte físico do jornal impresso, de um atleta; ou mesmo ver que ganhou a sorte grande ou descobrir a informação tão desejada da chance do emprego, da oportunidade do concurso, ou ainda vão confirmar a suspeita de uma morte, a certeza de que a violência e a miséria vitimam quase sempre os mesmos.

Não obstante a idéia de que o jornal esteja ameaçado pelo crescimento da mídia eletrônica e audiovisual – televisão, rádio e internet –, esses meios, longe de comprometerem a vida do jornal, são estimuladores eficientes do seu consumo. A informação transmitida ao vivo e vista rapidamente pela TV, ouvida no rádio e mesmo antecipada pela sua transmissão em tempo real *on-line* é procurada no dia seguinte nas páginas dos jornais, para se obterem mais detalhes e se experienciar a sensação de apreender o real nas próprias mãos, vivendo a ilusão de pertencimento ao universo referenciado nas notícias, mesmo que esse pertencimento se dê por meio de uma atitude de questionamento, oposição, rejeição ou concordância com o que é dado a ver, a saber.

A internet, o meio mais novo de veiculação e transmissão de textos noticiosos, que, cada vez mais se insere nesse mesmo mercado textual-lingüístico-imagético, sem dúvida também exerce grande interferência no funcionamento discursivo da imprensa, mas, em virtude da limitação da maioria da população de acesso a esse meio eletrônico, a TV e o rádio são, ainda, mais aquela do que este, as mídias que concorrem com a imprensa, numa relação tensa de disputa e de complementaridade.

As mudanças verificadas nos meios de comunicação, respondem, na última década, às transformações radicais por que passamos na ordem da economia, da política e da cultura, e não poderia ser diferente com a ordem dos discursos sociais veiculados pela mídia. O modelo econômico que vigora, o do mercado, manifestando-se num recrudescimento da tendência à globalização – cuja consequência mais visível é o

surgimento do império do marketing, para o qual os cidadãos não passam de consumidores –, parece encontrar nos dispositivos de produção e recepção dos meios de comunicação a melhor linguagem para pôr em funcionamento essa lógica do mercado – a do capital e do consumo –, uma vez que a mídia, súdita por excelência desse império, por lidar com palavras e discursos que precisam ser ‘vendidos’ e ‘comprados’, torna-se sua principal arma.

Desse ponto de vista, o jornal, como os demais meios de comunicação, está subsumido por essa ordem, embora isso não determine a impossibilidade de que o campo da mídia atue também nas fraturas e frestas da ordem hegemônica, que, na verdade, é hegemônica porque resulta de contradições e de lutas travadas nos diferentes campos de força da sociedade: o econômico, o político e o cultural. Maltby *et alii* formulam, com muita propriedade, a perspectiva – a das transformações sociais – de que se devem considerar os discursos sociais de massa:

Tão absurdas, ao olhar do pensamento racional, quanto possam parecer certas formas ideológicas sobretudo se elas se tornam fenômenos de massa, elas são sempre o indício, o traço, o efeito de problemas reais, de crise ou de modificações qualitativas ao nível da base econômica, de transformações no campo das relações de força. Não o reflexo de mudanças mas o efeito de processos complexos de transformações. (Orlandi, 1997, p. 86)

É da perspectiva teórica que identifica a mídia como um dos campos de força que constituem a formação da sociedade, que considero os discursos sociais veiculados pela mídia impressa, o que significa dizer que os considero, por um lado, a partir dos conflitos, das contradições de que se originam e, por outro, das possibilidades de transformações e mudanças para as quais apontam.

A percepção da relação tensa do jornal com as outras mídias é constitutiva dos processos de produção dos jornais:

À medida que você começa a competir com várias outras mídias, embora eu não goste de falar outras mídias, mas, hoje em dia, por causa da internet, tem que falar assim, mas já havia, o rádio, a televisão. O jornal não perdeu nenhum leitor para internet, ao contrário, os jornais ganharam anunciantes na internet, a internet anuncia nos jornais, e a perspectiva de explosão da internet que teve há um ano atrás, não aconteceu. Agora, todo mundo situado num mundo mais real, isso vai acontecer

naturalmente com o tempo. Mas a gente está disputando a instantaneidade da notícia o tempo todo.³

Por exemplo, não nos pautamos pelo que o “Jornal Nacional” dá. Pelo contrário, às vezes nós pautamos o “Jornal Nacional”. Hoje a imprensa escrita pauta.⁴

Essa questão da concorrência entre os diferentes veículos de comunicação, está na ordem do dia, conforme pode ser visto em trecho extraído do Manual da Folha de São Paulo, em sua recentíssima edição de 2001:

A reiterada pergunta sobre se os jornais vão sobreviver possivelmente comporta as duas respostas – sim e não. Há uma grande massa de informações, para não mencionar o trabalho analítico em torno delas, que o consumidor não precisa receber em ritmo mais freqüente do que o diário. Embora quem julgue insubstituíveis as vantagens do formato papel, é provável que ele venha a decair ao longo das próximas décadas, sem que os jornais desapareçam no que é a sua essência: um panorama dos principais acontecimentos da véspera tal como filtrado por uma personalidade editorial coletiva. Seria o caso de perguntar se a internet vai substituir a rotativa, não o jornal. (Folha de São Paulo, 2001, p.12)

Como se vê, é contraditória e conflitante a expectativa quanto à sobrevivência do jornal, seja como suporte material do discurso jornalístico, seja como objeto simbólico. Sem dúvida, estamos apenas observando tendências de mudanças que precisam ser acompanhadas e consideradas em relação às transformações sociais por que passamos mundialmente, orquestradas pelo desenvolvimento tecnológico e pelo esgarçamento das relações políticas e econômicas conseqüentes da globalização do mercado de capitais. No entanto, não é essa a questão central neste trabalho, que pretende ser um estudo da PP dos jornais, com o objetivo de reconhecer algumas das especificidades do modo discursivo da imprensa diária, num contexto específico – Rio de Janeiro-Brasil – etapa essa preliminar e necessária para o desenvolvimento de outras questões como a que se coloca acima.

O jornal é, no mínimo, um grande agendador das conversas diárias. É um dos grandes responsáveis pela circulação e reprodução de temas sociais, além de, pela

³ Editor do GLOBO, Apêndice 8.7.2

⁴ Editor do JB, Apêndice, 8.7.1. O Jornal Nacional é o noticiário da TV GLOBO mais visto nacionalmente.

natureza de permanência do seu suporte material – texto escrito –, constituir-se em fonte de pesquisa e de registro da história da humanidade.⁵

E, no máximo, a mídia, por ter repercussão política, ética e jurídica é co-responsável por decisões e transformações que têm conseqüências em toda a sociedade. Fausto Neto (1995), ao analisar o *impeachment* do presidente Collor, atesta essa vocação da mídia, quando diz que:

o campo mediático – e a TV, de modo particular – não constitui apenas um dispositivo de representação daquilo que se passa em outra cena, no caso a instância da política. Pelo contrário, a televisão – e o telejornal – se convertem, através de originais regimes de discursividades, em dispositivos que não apenas narram mas agem sobre o espaço político, seja deslocando-o para si, em alguns momentos, seja em outras situações, funcionando como um “poder paralelo”, a partir do qual põe em funcionamento um conjunto de estratégias de onde apontam-se os caminhos e os destinos da política e, também, de seus atores. (p. 10)

O jornal, particularmente, também é partícipe nesse poder paralelo, conforme atestam os entrevistados nos trechos abaixo transcritos:

[O DIA] é um jornal que ele diz para você. “Ligamos a 1, 2, 3, 4, 5 da manhã para a Delegacia tal e o os delegados de plantão não estavam”. Aí cai o delegado.⁶

Um editorial do GLOBO é capaz de não fazer, especificamente no caso do Jader Barbalho, quando havia muita pressão do PMDB, para fazer o Ministro da Justiça, no primeiro mandato do Fernando Henrique ainda, o GLOBO fez um editorial dizendo que a ficha política não era adequada, condizente com o cargo de ministro da justiça. E ele não foi ministro por causa disso. O GLOBO quer preservar sua capacidade de informação, de opinião, como formador de opinião.⁷

No entanto, mais que tudo, o jornal, como laboratório de produção do real – “os mass media são os produtores do “real” e não os reprodutores (ou deformadores, o que vem a ser o mesmo)” (Véron, 1978, p. 122) – e destinatário de uma diversidade cada vez mais sofisticada de fontes de informação, é um dos partícipes na construção dos

⁵ Cf. RIBEIRO, A História do seu tempo: a imprensa e a produção do sentido histórico. 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1995.

⁶ Responsável pelo setor de vendas do POVO, Apêndice, p.8.7.4

⁷ Editor do GLOBO, Apêndice, 8.7.2

discursos hegemônicos da sociedade, já que, cada vez mais, se constitui, segundo Benjamin (1998), em uma forma de

sofisticadíssima manipulação de consciências e (...) para criar mecanismos de convencimento que operam de forma cada vez mais subliminar, isto é, sem passar pela razão. Tudo desemboca na mídia, a indústria-chave de nossa época. Antigamente a rede de transportes ligava as diferentes partes de um território em um todo unificado; depois, a ela se somou a distribuição de energia; hoje, a informação cumpre esse papel integrador. Em um país em que a oferta de atividades culturais é restrita, os níveis de poder aquisitivo são baixos e a violência nos espaços públicos é alta, resta à grande maioria da população buscar lazer e informação em casa, pelo rádio e a televisão. (Benjamin, p. 119).

Voltando aos riscos, um deles é o de não encontrar ressonância, ao expor a leitura que faço das PPs dos jornais contrapondo-a às leituras que inevitavelmente todos que a elas têm acesso fazem com a mesma autoridade de cidadãos do mundo a que os discursos da mídia são ofertados. O outro é a falta de garantia de que a escritura acadêmica desta leitura não vá obliterar os sentidos que procuro trazer à luz, apesar e por causa mesmo desta escrita, que, via de regra, tende a se fazer entendida apenas pelos iniciados, com o risco de permanecer no ‘buraco da cobra’.⁸

“A garantia única é que eu nasci”⁹ (Lispector, 1998)

⁸ Danton, metaforicamente, chama a sala de redação de ‘buraco da cobra’, no sentido de que o grupo de referência do jornalista é constituído pelos seus próprios colegas.

⁹ idem, *Água viva*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998. P. 61.

I INTRODUÇÃO

1.1 O PÚBLICO-ALVO E O UNIVERSO DE CONCORRÊNCIA

O problema a ser considerado no âmbito da comunicação está na premissa de que veículos de comunicação que se utilizam das mesmas matérias significantes produzem diferentes discursos em função de seu público-alvo e/ou em função do universo de concorrência em que se inserem.

Tal premissa permite inferir, por um lado, que veículos de comunicação precisam desenvolver estratégias que permanentemente conquistem a fidelidade do segmento da sociedade ao qual de destinam, garantindo assim sua permanência no mercado da comunicação; por outro, que a diferença entre os veículos está, sobretudo, determinada pela recepção, e, mais que isso, que, efetivamente há diversidade de comunicação entre veículos de mesma espécie destinados a público-alvo diferenciado.

A mídia impressa, como a mídia em geral, ao se apresentar como discurso legítimo e autorizado, inclusive por se colocar em conformidade com as normas da prática lingüística adequada ao veículo de comunicação, torna opacas tanto a questão das condições econômicas e sociais de aquisição dessa competência legítima e legitimada, por meio da qual se dá a construção do 'real', quanto a da constituição do mercado onde se estabelece e se impõe essa definição dos discursos legítimos e dos ilegítimos, isto é dos discursos hegemônicos e contra-hegemônicos.

O jornal, portanto, na qualidade de porta-voz autorizado, consegue agir com palavras e imagens em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir simbolicamente sobre a própria sociedade, na medida em que sua fala concentra o

capital simbólico acumulado pelos enunciadores – outras mídias, o campo político, o econômico, o lingüístico e a própria sociedade – que outorgam lhe essa autoridade de porta-voz, da qual a sociedade é, por assim dizer, o procurador (Bourdieu, 1996, *passim*).

A linguagem de autoridade governa sob a condição de contar com a colaboração daqueles a quem governa, ou seja, graças à assistência dos mecanismos sociais capazes de produzir tal cumplicidade, os quais, por sua vez, estão fundados tanto no desconhecimento que a recepção tem do processo de produção desses discursos, quanto na exclusão desses mesmos ‘governados’, dos mecanismos de produção da mídia em geral e da imprensa em particular.

Segundo Jean Baudrillard, os veículos possuem manuais de redação que servem de instrumentos de marketing para reforçar a simulação de credibilidade induzida. A sociedade, entretanto, não consegue produzir um manual de utilização capaz de transformar a mídia em verdadeiro serviço ao público. (Silva, 2001, p. 94)

Conquanto depoimentos dos editores dos jornais pesquisados atestem a diminuição progressiva de leitores de jornal, sobretudo no que concerne ao público jovem, conforme transcrição abaixo, o jornal se mantém no mercado da comunicação como um veículo que desempenha um importante papel de interpelador tanto dos seus destinatários quanto de suas fontes.

Até porque jornal é mal humorado. É chato. Ele, como negócio, vem perdendo leitor ao longo dos anos. É uma coisa que a gente identifica, como fenômeno de perda. Todos os jornais perdem leitores. É uma coisa que ele não acompanha a vida das pessoas. O DIA se esforça para fazer isso. Mas eu acho que as pessoas têm uma perspectiva, uma percepção de que o jornal é uma coisa chata, mal humorada que muitas vezes não corresponde à vida dela. Isso para o bem e para o mal. Ou ele está querendo te enganar que a sua vida está muito melhor do que está, ou às vezes o seu final de semana foi muito melhor do que o jornal quer mostrar com aquele monte de notícia ruim. Os jornais não conseguem conquistar os leitores das novas gerações. É muito difícil adolescente ler jornal. É difícil você conquistar esse tipo de leitor. E quando você tenta falar numa linguagem próxima a ele, fica parecendo débil mental. Então, esses cadernos jovens, Fanzine, muito ruim.¹⁰

Se você olhar a carteira do JB, é uma carteira de assinantes numa média de idade alta. O novo leitor, você primeiro tem uma característica é da

¹⁰ Editor do DIA, Apêndice 8.7.3.

queda na circulação dos jornais. E o novo leitor está lendo menos ainda. E o JB, estamos começando exatamente a discutir isso. Como dentro da característica do Jornal, você tentar chamar a atenção do leitor novo? Isso está dentro de um quadro de despolitização, e vivemos tempos complicados em termos de qualidade.¹¹

Para o leitor, o jornal se presentifica e confere concretude ao acontecido, ao narrado e relatado, por seu caráter material de ser um suporte acessível e manipulável segundo a disponibilidade do leitor, independentemente de qualquer prévia programação. Ainda, tomando o leitor em consideração, e com base na teoria de Baudrillard (apud Rebelo, 2000, p. 34) sobre a “menor diferença marginal”, pode-se afirmar que cada jornal para seu respectivo público-alvo tem o que os outros, incluindo-se aí os outros veículos de comunicação, não têm, que é o que faz a diferença.

Do ponto de vista das fontes, ainda segundo Rebelo (idem, p.29), o interesse na informação, excetuando-se o caso das agências, está no valor de troca, que coincide com o valor de uso, isto é, trata-se de negociação fundamentalmente simbólica. A circulação da informação, da fonte até ao leitor, supõe uma tripla estratégia: a da fonte que faz com que cheguem ao jornal apenas as informações que a ela interessa colocar em circulação; a da empresa jornalística que só acolhe as informações que convêm ao seu projeto editorial e, por conseguinte ao seu leitor; e a do destinatário último, que só se torna receptível às informações possíveis de integrarem o seu universo de referência.

Sem pretender entrar em detalhes e interpretações sobre essa tripla estratégia, apenas procuro me valer dos argumentos acima para demonstrar a vitalidade do jornal no campo da comunicação como origem e destino em um circuito de informação bastante complexo.

Em se tratando de discursos, nunca há um sentido único quando há pelo menos uma diferença nas condições de produção e/ou circulação e/ou recepção na veiculação de um objeto cultural. Essa convicção e a intuição de que, para além das diferenças determinadas pela audiência e pela competitividade, há outros fatores que podem explicar os sentidos que se constroem nos textos da mídia impressa, me respaldam pela escolha da PP dos jornais como matéria-prima por excelência representativa do jornal diário.

¹¹ Editor do JB, Apêndice 8.7.1

Neste estudo, trato de algumas estratégias de produção, circulação e de recepção dos sentidos na PP da imprensa do Rio de Janeiro com os seguintes objetivos: contribuir para o entendimento de alguns dos mecanismos na produção discursiva das notícias que concorrem para a produção e reprodução da estratificação social; verificar a produtividade da análise dos discursos como método privilegiado para a análise e interpretação dos discursos sociais em sua relação com a prática social; descrever as características discursivas que separam os jornais em duas categorias: jornais de qualidade e jornais populares; e, por fim, discutir a tese de que o ‘sensacionalismo’ é usado como estratégia de marketing nos jornais populares em contraposição ao compromisso com a objetividade dos jornais de qualidade, que, em virtude disso, gozariam de maior credibilidade.

1.2 A PRIMEIRA PÁGINA (PP)

O objeto semiológico constituído neste trabalho como objeto de estudo é a PP de quatro jornais diários do Rio de Janeiro – JORNA DO BRASIL, O GLOBO, O DIA e POVO do Rio. É a partir da concepção semiológica de significante, tomado como objeto produzido em processo de comunicação – produção, circulação e recepção em um dado contexto social –, em que é consumido real e simbolicamente (Pinto 1995), que tento traçar alguns caminhos para a descrição e comparação dos modos discursivos desses quatro jornais, com vistas à confirmação ou refutação da premissa inicialmente formulada. A recepção e a concorrência determinam o modo de produção da imprensa.

A PP, além de dirigir-se ao leitor de hoje, deve também levar em conta nos seus mecanismos de produção o leitor do futuro, na medida em que o jornal se constitui em fonte de informação sobre as vicissitudes vividas pelas sociedades, por meio de notícias que muitas vezes se transformarão em marcos históricos. Isso determina que haja uma relação de continuidade natural entre a PP do dia anterior e a do dia seguinte, o que, por sua vez, também determina o emprego de certos procedimentos discursivos na construção dessa página.

A PP, por se constituir no dispositivo¹² representativo em essência do jornal diário – por meio do nome do jornal, da seleção dos assuntos, dos enunciados dos títulos, da seleção das imagens e das características da diagramação – se apresenta e se constrói como identidade e singularidade: a identidade de cada jornal e a do respectivo público-alvo se diferencia das dos demais concorrentes com os quais disputa diariamente um lugar no mercado da comunicação. Mouillaud (1997) assim caracteriza o discurso jornalístico:

O discurso do jornal diário, não está solto no espaço; está envolvido no que chamaria de “dispositivo” que, por sua vez, não é uma simples entidade técnica, estranha ao sentido.” Em resumo, o dispositivo prepara o sentido. (Mouillaud, pp.29 e 30)

Ainda, segundo Mouillaud, os dispositivos encaixam-se uns nos outros. O jornal está inserido numa verdadeira rede de informações que começou a tecer-se em torno de nosso globo no século passado. Essa rede é “*uma rede que não impõe ao mundo apenas uma interpretação hegemônica dos acontecimentos, mas a própria forma do acontecimento*” (Mouillaud, ibidem, p.32), envolvendo-nos em um fluxo imaterial que está em perpétua modificação.

A produção do jornal e da PP em particular, do ponto de vista de sua redação, constitui-se em um objeto de estudo heterogêneo e complexo. Resulta de processo coletivo de trabalho, que, envolvendo diferentes especialidades profissionais, diferentes aparatos tecnológicos, se configura por uma dinâmica ininterrupta de captação do acontecimento, transformando-o em “fato”, que, segundo hipótese de trabalho de Mouillaud (1997, p.51), “é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema da informação.”

Os depoimentos dos editores dos jornais O DIA, POVO e o GLOBO atestam o caráter coletivo e complexo de criação da PP:

Aqui o trabalho é em grupo, em conjunto. Tem vários mecanismos para a gente chegar lá. De manhã, a gente tem uma secretária de redação que abre o jornal. Ela se reúne com os chefe de reportagem, nas diversas editorias – cidade, polícia, saúde, mundo, esporte – e vê o que está se produzindo para aquele dia. Aí já vai fazendo a primeira seleção do

¹² Dispositivo está empregado na acepção de Mouillaud (1997): “Os dispositivos não são apenas aparelhos tecnológicos de natureza material. O dispositivo não é o suporte inerte do enunciado, mas um local onde o enunciado toma forma.”

material que vai chegar à edição do jornal no final do dia. No meio do dia, tem uma outra reunião, já comigo e com alguns editores executivos do jornal, e já começa a definir em cima da rede que o pessoal lançou para colher informações, onde a gente vai apontar para a PP, que é consolidada, por volta das 6 horas da tarde. Umas 18 horas, a gente começa uma última reunião aqui, aí, eu vou para uma reunião mais privada com o diretor da redação. Ou ele aprova, ou ele muda. Mas, geralmente, o entendimento já passa pelo material previamente definido.¹³

A reunião de editores que depois dá no fechamento da PP. A gente discute os assuntos principais, decide o que vai abrir cada editoria e tal, e, de lá, eu venho com... Os editores tem 1000 assuntos, e lá eles tem uns 50, e eu tenho que sair com uns 10, ou 15 para PP. Eu anoto ali uns 4 ou 5 de cada editoria, para depois fazer a minha avaliação do que que é importante para PP. Aí eu me reúno com o editor-chefe, o diretor de redação, e, aí, nós discutimos a manchete do jornal. Aí, eu digo para eles mais ou menos, aí, eu já faço também uma triagem em relação ao que já veio, falo os 2 ou 3 assuntos principais para o jornal e a gente discute ali e tal, pode ser isso, não, isso é mais importante. Ontem, por exemplo, tinha dois assuntos que concorriam para a manchete. Qualquer um dos dois poderiam ser manchete do jornal.¹⁴

O Editor-Chefe é o responsável pela escolha das matérias que devem figurar na PP. A cada dia, ao receber as reportagens produzidas pelas suas editorias, o Editor escolhe aquelas que podem corresponder aos interesses dos seus leitores, buscando, sempre que possível, um equilíbrio entre as matérias policiais, comunitárias, de entretenimento e esportivas. A eleição da matéria se faz de acordo com a qualidade da reportagem, o material fotográfico e a sua adequação à cotidianidade do jornal.¹⁵

Os depoimentos acima deixam entrever uma outra questão que também se constitui em fator de determinação da construção da PP: a “retroalimentação” inerente ao processo de redação jornalístico, que tem como referência última o diretor do Jornal. Tal questão, por exceder o âmbito deste trabalho, será apenas reconhecida por mim, já que algumas vezes, é possível de se reconhecer nos enunciados das PPs essa auto-referenciação, funcionando como uma instância conferidora de legitimidade e de autoridade. A passagem transcrita, a seguir, do *O Beijo de Lamourette* de Robert Danton (1995, pp.72) é bastante significativa em relação a tal determinação:

Nunca escrevemos para as ‘imagens de pessoas’ [receptores] invocadas pela ciência social. Escrevíamos uns para os outros. Nosso principal “grupo de referência”, como se poderia dizer na teoria da comunicação, encontrava-se espalhado em torno de nós na sala de redação, ou “buraco

¹³ Editor do O DIA, Apêndice 8.7.3

¹⁴ Editor do O GLOBO, Apêndice 8.7.2.

¹⁵ Editor do POVO do Rio, Apêndice 8.1.4

da cobra”, como dizíamos. /sabíamos que os primeiros a cair em cima de nós seriam nossos colegas, pois os repórteres são os leitores mais vorazes, e precisam conquistar seu status diariamente, ao se exporem a seus colegas de profissão.

A importância estratégica da PP para a identidade do jornal e para a história que ele retrata pode ser conferida na valorização demonstrada pelas edições comemorativas das datas redondas de sua vida, por meio de reproduções da PPs ou de partes de PPs, que, registrando o presente, interpelam o futuro e fazem história. A PP é, conforme metáfora bastante conhecida, uma espécie de espelho do mundo. Por meio desse espelho, nos são oferecidos tanto uma realidade ‘objetiva’ quanto um recorte humano, que, segundo cada perspectiva enunciativa, é o que ‘vale’ e o que ‘não vale’ estar na PP.

Tal valorização, condicionada por uma mescla de fatores de mercado, de política-editorial, de apuro estético, de valores e de condicionantes dos meios e mecanismos de produção e de recepção de cada veículo, se reveste do poder de mostrar, de dizer, de dar a ver, de fazer ver, de fazer falar, de fazer saber e, por ser sempre uma escolha entre muitas possibilidades, pelo poder de ocultar, de não fazer ver, de não se dar a ver, de calar.

Esse recorte da ‘realidade’, de um certo ponto de vista, não é fácil. A cada dia ocorre uma infinidade de fatos. Só uma parcela ínfima é recolhida e relatada pelos jornais. Parcela ainda menor é projetada nas PPs, nas quais só têm visibilidade os fatos considerados ‘fundamentais’. É, sem dúvida, uma grande responsabilidade mostrar a parcela de mundo que deve ser informada. A PP simboliza bem a tentativa diária de os jornais imprimirem uma certa ordem ao caos, sintetizando a proliferação infindável de informações.

A PP, pode-se dizer, simboliza na sua materialidade discursiva o complexo circuito percorrido pela construção da informação, cuja natureza é, por excelência, a heterogeneidade e a impresivibilidade. Em princípio, não há critério prévio a partir do qual se julgue a pertinência de uma determinada notícia vir à PP. O critério de admissão da notícia na PP parece ser de outra natureza: diz respeito mais ao valor simbólico da informação que ao conteúdo da informação, como sugere o depoimento abaixo:

A PP é um mistério, teoricamente é um mosaico do dia anterior, mas dentro da perspectiva de quem faz é um pouco o trabalho de criação. Como todo trabalho de criação, o autor nem sempre tem o controle do que ele está fazendo. O futuro historiador, você é que vai reconstruindo aquilo, reconstituir aquilo, porque quem faz não tem o domínio, mas não tem mesmo.”¹⁶

Penso ainda que outras injunções, já de ordem ideológica e inconsciente, operam nessa seleção ou, pelo menos, no ponto de vista a ser assumido pela redação. Os editores dos jornais perguntados sobre a existência de alguma determinação ideológica na feitura da PP, foram unânimes em negar que tal determinação exista e que estejam submetidos aos desejos do leitor. Conforme pode ser conferido nos trechos transcritos abaixo, trata-se de um processo operacional bastante contraditório. Os editores não têm total consciência de que, na verdade, eles assimilaram, por assim dizer, as metas imaginadas pelo editor-chefe ou diretor do jornal, os quais, por sua vez, têm compromissos com o setor de marketing da empresa. Vejamos as respostas à pergunta: “Existe alguma orientação em relação ao viés ideológico?”

Nenhuma. Ele [o editor-chefe do JB] criou uma barreira na redação que hoje em dia dificilmente alguém se mete. Não vou discutir agora a questão da liberdade da imprensa porque isso é uma outra coisa, mas em termos de autonomia, de independência da Redação, é muito ampla, não há interferência, não há.¹⁷

Não. Existe uma discussão jornalística. Essa discussão de área que nós fazemos aqui: eu, o editor-chefe e o diretor de redação. A gente discute. Agora a opinião do jornal, ela é completamente separada. Tem o editor de opinião, que se reporta diretamente aos interesses da empresa, e ele faz o editorial do jornal. Agora a opinião do jornal não precisa bater necessariamente com a opinião do jornal [sic.]. Pode ver, todo dia, se você comparar o editorial, com o enfoque das matérias, não necessariamente eles são coincidentes. (...) As colunas do GLOBO são lidas só, no jornal, no dia seguinte. Por exemplo, o Boechat, ele sai dali e vai direto, ninguém sabe o que ele está publicando. Ninguém chega e diz, vamos levar para esse lado ou para o outro. Não tem mais, o país não está mais carregado também desse viés, até político, e também essa tentativa, não vamos fazer uma pequena ajudinha aqui pra ..alguém, ou vamos ajudar o Fernando Henrique. Não é mais o que no país atua. As forças políticas que atuam no país, e inclui aí a força política da imprensa. Eu acho que a gente modernizou muito as relações, melhorou muito a qualidade do noticiário no país. O país deu um salto de qualidade em relação entre a mídia e ao poder, entre a mídia e os agentes. Isso a gente

¹⁶ Editor do JB, Apêndice 8.7.1

¹⁷ Editor do JB, Apêndice 8.7.1

vai ver no futuro, se isso é um pouco pela personalidade do presidente mesmo, uma pessoa mais.¹⁷

Atualmente, não há como falar em ideologia do jornal. O que há é “a ideologia do dinheiro”. Os anunciantes são os responsáveis pela ideologia que possa estar sendo veiculada no jornal. Considerando que a relação com os anunciantes não é estável e é sujeita a conflitos e concorrência de interesses de parte a parte, é difícil definir uma ideologia.¹⁸

Não. A ideologia é o leitor. O DIA é um jornal independente. Não tem rabo preso nem com anunciante, nem com governo. Vai na direção do público. Até há uma leitura. Se você acompanhar as várias edições, você pode até fazer uma leitura. Mas, não é de alguma forma predeterminado. Ele pode até ter uma trajetória muito em ziguezague, porque ele vai em função do leitor dele.¹⁹

E, em cada jornal, as informações têm, via de regra, valor diferente. Via de regra porque, excepcionalmente, a algumas notícias todos os jornais atribuem algum valor para que figurem na PP. E, mais excepcionalmente ainda, algumas parecem vir ao mercado da informação previamente qualificadas por um certificado que lhes assegura não só a presença na PP, mas a sua quase exclusividade, como é o caso do ‘sequestro do 174’ (ver Apêndices 8.6 e nos Anexos as reproduções das PPs dos jornais de junho.)

A partir de um heterogêneo e fragmentado campo de ofertas, verdadeiros dispositivos de informação – a vida cotidiana, as outras mídias, as fontes oficiais e as oficiosas, as agências nacionais e internacionais de notícias –, configurado por competências peculiares de ‘poder’, ‘saber’ e ‘dizer’, a produção jornalística, na qualidade de instância mediadora também heterogênea, por meio de diversos dispositivos e estratégias discursivas próprias, mantém um “contrato de leitura” com a recepção que se traduz nos textos produzidos e oferecidos ao consumo diário.

A relação entre um suporte e seus eleitores repousa sobre aquilo que nós chamaremos de contrato de leitura. O discurso do suporte, de um lado, seus leitores, de outro, são as duas ‘partes’ entre as quais se engajam, como em um contrato, uma ligação, aqui a leitura. No caso da comunicação de massa, bem entendido, é a mídia que propõe o contrato. (Véron, 1985, p. 206)

¹⁷ Editor do O GLOBO, Apêndice 8.7.2

¹⁸ Editor do POVO do Rio, Apêndice 8.7.4.

¹⁹ Editor do DIA, Apêndice, 8.7.3

Esse discurso produzido – discurso 1 – é apropriado pela recepção, o campo dos usuários, também heterogêneo, caracterizado, por sua vez, por outras competências de ‘poder’, ‘saber’ e ‘dizer’. A recepção, por meio de mediações diversas e de diferentes estratégias discursivas, referenda ou não o contrato, produzindo textos – discurso 2 – que, ressignificados, constituem as negociações permanentes e tensas que realimentam indefinidamente por meio de novos textos – discurso 3 – os contratos entre as instâncias da oferta e a dos usuários²⁰. Quanto ao discurso ora produzido, pretendo que seja um dos discursos 4, que reenviam ao circuito da comunicação discursos produzidos com base nos discursos 1, 2 e 3. Mouillaud sintetiza de maneira clara o papel simbólico que o jornal exerce como operador privilegiado desse circuito ininterrupto de transformações:

O jornal é apenas um operador entre um conjunto de operadores sosiosimbólicos, sendo, aparentemente, apenas o último: porque o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejam-no a partir de seu próprio campo mental e recolocam-no em circulação no ambiente cultural. Se, na origem, o acontecimento não existe como um dado de “fato”, também não tem solução final. A informação não é o transporte de um fato, é um ciclo ininterrupto de transformações. (Mouillaud, 1997, p. 51)

No Capítulo 1, descrevo as características textuais da PP – manchetes, títulos, subtítulos, legendas, chamadas, diagramação etc. –, procurando demonstrar que, muito mais que propriedades acessórias dos discursos nelas veiculados, é exatamente em função dessas características que tais discursos se constituem em discursos autorizados, investidos, por força de sua conformidade, da autoridade e legitimidade institucional e social de poder dizer e mostrar. Constituem-se também em mecanismo eficiente para que certas coisas não sejam ditas, seja porque não têm lugar nos discursos ‘em forma’, seja porque não encontram os porta-vozes capazes de lhes dar a forma adequada, ao passo que outras coisas acabam sendo ditas, mostradas e lidas.

Os modos discursivos de cada jornal são hierarquizados e hierarquizantes: seus estilos refletem a hierarquia da sociedade e concorrem, ao mesmo tempo, para sua hierarquização. Segundo Véron (1978), os diferentes modos discursivos dizem respeito

²⁰ Tal descrição do circuito da informação está feita com base em notas tomadas nas aulas da disciplina x, ministradas por Antonio Fausto Neto no curso de Doutorado da ECO/UFRJ, em 1997.

ao ideológico, isto é, à forma como os discursos produzem ou constroem o 'real' ao qual parecem referir-se. Ou, de acordo com Landowski (1992k, p.117)

efetivamente o discurso da mídia, à sua maneira, nos 'informa'. Não, é claro, que o que o autoriza a ler ou dá a entender seja necessariamente e sempre 'verdadeiro', mas no sentido de que sua leitura ou sua audição imprime globalmente uma forma à maneira como concebemos e até como vivemos nosso presente.

Tal propriedade caracteriza o jornal como um instrumento poderoso de integração, ou de não-integração, dos múltiplos universos de referência que ele toma como objeto e a que dá visibilidade privilegiada, sobretudo na PP.

A complexidade de mercado em que se insere a mídia impressa determina que a PP exerça atração sobre o leitor. As diferentes mídias integram um mercado em que a estabilidade e a eficiência de cada veículo é regulada por meio de relações tensas, conflitantes, competitivas, convergentes e divergentes entre si e entre elas e os seus consumidores, os seus patrocinadores, os seus produtores e os produtores de outros campos – o político, o científico, o educacional, o econômico, o da saúde, o cultural, o de entretenimento, o artístico, o criminal – em que a imprensa diária produz, reverbera e prolifera, nutre, digere e oferece discursos.

A PP, com seus modos discursivos, é talvez a face que, por contraditório que pareça, por apresentar, ao mesmo tempo, total transparência e total opacidade, mais deixa refletir as outras faces: o interior de que o jornal é feito e o exterior que a constitui e a tensiona. Dessa sua característica de face mais exposta, decorre a sua aparente e ilusória transparência. Transparência que vem da visibilidade e lisibilidade imediatas; opacidade que, por refletir a tensão entre o exterior e o interior, advém de sua vocação de espelhar não uma realidade observável e representável diretamente, mas uma construção de realidades representáveis a partir de processos intertextuais e interdiscursivos de cuja complexidade de funcionamento participam ativamente a produção, a recepção e todos os rebatimentos imagináveis que se fazem em imagens e textos verbais na circulação desses discursos.

1.3 A “REALIDADE”

A realidade social brasileira é uma das mais críticas do mundo. Enquanto nos países centrais os dez por cento mais ricos controlam de 20% a 30% da renda nacional, no Brasil esse controle se aproxima dos 50%. A distribuição da renda nacional brasileira só fica à frente, apenas de Serra Leoa. (Aquino, 2001, p.865)

Seguindo-se à reunificação da Alemanha, em 1990, a última década do século XX foi marcada por alguns acontecimentos que mudaram definitivamente a ordem mundial até então estabelecida: a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991, o que implicou a extinção do Pacto de Varsóvia e do COMECON; a divisão da Tchecoslováquia e a fragmentação da Iugoslávia, esta última traumática, porque acompanhada de guerras. Na de Kosovo (1999), a OTAN, liderada pelos Estados Unidos, empregou a barbárie como expediente para “combater a condenável barbárie étnica.”

Essas transformações contribuíram tanto para mudanças na Europa Centro-Ocidental, onde ocorreu o fim das democracias populares e a ascensão de governantes empenhados em substituir o socialismo real pela adoção de economias de mercado, quanto para a afirmação da Nova Ordem Mundial, em que a globalização foi apresentada como a grande novidade e como contexto propício para favorecer a afirmação do “poderio global dos Estados Unidos evidenciado na supremacia econômica, militar, técnica e política”.

Essa realidade, mais do que contextualizar, investe-se de fator constitutivo do modo de produção dos discursos da mídia, não só por se impor como evidência de poderio, mas sobretudo porque integra, conscientemente, o modo de percepção dos agenciadores dos discursos, como é o caso do editor do GLOBO, no texto abaixo transcrito

Isso aí é, naturalmente, é uma previsão que existe, porque os EUA estão num momento de praticamente hegemonia na política internacional. Não somos nós aqui, no GLOBO, no cantinho do mundo, que vamos dizer não aos EUA. Eles produzem fatos, a bolsa que conta hoje é a dos EUA, a política externa que conta hoje é a dos EUA, França, Inglaterra, Alemanha viraram hoje satélites dos EUA, a Ásia.. A OTAN não é mais OTAN, é EUA. Isso em geral.²¹

²¹ Editor do GLOBO, Apêndice, 8.7.2

A adoção da economia de mercado, o neoliberalismo, norteou política e economicamente o desenvolvimento das nações. Embora nos países mais ricos, integrados ao Grupo dos Sete (G-7), hoje G-8, o Estado continue a intervir na economia, nas sociedades periféricas, muitos de seus governantes “empenharam-se em adotar diretrizes privatizantes da economia, segundo o receituário neoliberal”.

No Brasil, a política neoliberal predominou por toda a década. Privatizações, arrocho salarial, altas taxas de juros, favorecimento ao setor financeiro nacional e internacional, tudo se justificava para, teoricamente, oferecer condições para o Brasil poder figurar no seleto clube das grandes potências. (...) O Brasil ocupa papel de destaque no cenário internacional, tendo em vista que a América Latina constitui-se em importante mercado para os produtores norte-americanos. Nesse caso, a **abertura da economia** às nações amigas, promovida pelos governos brasileiros durante a década de 1990, vem possibilitando modernização de infra-estrutura tecnológica do país de acordo com os interesses do capital internacional. Ao mesmo tempo, observa-se o crescimento da participação do setor terciário do PIB nacional, com destaque para o terciário superior (serviços que têm na telemática – conciliação de voz, dados e imagens – sua base de realização), o que é apontado como uma adequação da economia ao contexto da globalização. (Aquino, 2000, p. 863 et seq.)

O Brasil é um dos que acredita na fórmula de que “é dando que se recebe” e segue a cartilha de abertura econômica para se integrar à nova economia e acompanhar a conjuntura de rápidas mudanças no setor produtivo mundial, em que as novas tecnologias, capitaneadas pelo mercado virtual da internet, passam a ter papel fundamental. Sabe-se, no entanto, que as consequências sociais desse abc, num país marcado por desigualdades e injustiças sociais seculares, são desastrosas.

As potencialidades da força de trabalho no Brasil demonstravam ser bastante reduzidas para acompanhar as transformações econômicas que marcavam a conjuntura internacional. Ao mesmo tempo, com a abertura da economia e a introdução de novas tecnologias no setor produtivo, o restrito número de profissionais com acesso à formação profissional, condizente com as exigências do mercado, implica um **processo seletivo excludente de grande parte dos trabalhadores**, agravando um clima favorável à tensão social [sem grifo no original]. (Idem, p.864)

Nossa base produtiva reflete, na ausência da massificação da cultura e da educação, a concentração desses bens simbólicos nos setores de rendas mais altas – agora não tão simbólicos assim, visto que, cada vez mais, se constituem em condição

sine qua non para o ingresso no mercado de empregos. Não está ainda generalizado entre a nossa população o acesso aos bens simbólicos e serviços típicos da urbanização e da industrialização. Esse quadro se agrava com a migração para as cidades, incapazes de absorção, de contingentes transferidos pela crise agrária. Multidões permanecem à margem e excluídas da economia urbana, da globalização, embora sejam abrangidas pela lógica do marketing que inculca em todos o desejo de consumir. Todos somos consumidores em potencial, mas muito poucos participam das benesses do capital.

A capacidade de geração, transmissão e assimilação de conhecimento é indissociável do processo econômico e interdependente à constituição do projeto de país potência. Sendo assim, as condições em que o Brasil se encontra adotando a tradicional importação de tecnologia, bem como o baixo grau de escolaridade de sua força de trabalho, mais o elevado índice de exclusão social atuam como entraves à sua elevação ao status de potência internacional. (Idem, p.867)

Certamente não é a primeira vez que, em nosso país, se verifica o descarte de massas humanas, justificado por um projeto de 'evolução social e econômica'. Os desempregados, sem qualificação para se inserir no novo processo, são cada vez mais numerosos, aumentando a insegurança na vida social.

Essa insegurança social, mais exatamente tensão social conseqüente do avanço das contradições e desigualdades sociais geradas nas grandes cidades, são manifestadas sobretudo em formas de violência urbana que a mídia em geral e a imprensa em particular também tratam contraditoriamente. Isto é, as expressões de violência conquanto sejam efeitos de insatisfação, tensão, injustiças sociais, são também efeitos de um ambiente inóspito ao capital internacional. Efeitos que não devem ter visibilidade, a fim de não comprometerem a estabilidade social necessária para garantir os investimentos do grande capital.

O retorno ao estado de necessidade não degrada a existência apenas dos que já foram lançados nele. Praticamente todas as camadas sociais passam a experimentar uma ansiedade permanente sobre o presente e o futuro. Dilui-se a distância entre crise e normalidade, pois a existência normal torna-se crítica. A possibilidade do desemprego, a insegurança diante da violência onipresente, a preocupação com o desamparo em caso de doença ou a chegada da velhice, as dúvidas sobre o futuro dos filhos – tudo isso forma um cotidiano de miséria material e moral que a todos atinge. Desaparece a idéia de que a vida pode e deve ter um horizonte amplo, sólido e aberto. Em seu lugar, predomina a sensação, psicologicamente desestruturante, de desgoverno das expectativas. Tudo

se torna precário. Um sentimento do provisório, do frágil, do especulativo, a todos domina, e a incerteza se torna o pano de fundo que preside as ações. As elites estão sempre pensando no próximo bom negócio; o povo, na estratégia de sobrevivência para o próximo dia.”(Benjamim, 1998, p. 14)

Como há de se ver no capítulo 3, esse contexto sócio-político-econômico do final do século XX se fará presente nas leituras dos jornais estudados, uma vez que nossa prática social e discursiva, dos enunciadores, dos receptores e dos intérpretes, tem lugar nesse contexto: nossos discursos, quer queiramos, quer não, daí se originam e para aí são devolvidos.

O que me move nesse discursivizar, apesar de seu pertencimento inexorável à ordem mundial dos discursos, é a convicção de que nenhum discurso hegemônico é totalizante o tempo todo. É das fraturas, das frestas, dos silêncios, das rupturas que se podem urdir outros fios que venham a tecer outras possibilidades de mundo, de país, de cidade, em que predomine a justiça, a igualdade e a alegria.

Em determinadas condições, estes últimos [movimentos sociais] podem condensar a energia necessária para a construção de uma contra-hegemonia, que precisa ser ao mesmo tempo intelectual, moral e política. Por mais forte que pareça ser, a ideologia dominante não consegue tudo alcançar, nem redefine todas as possibilidades de ver, sentir e pensar. A vida social recria constantemente fraturas, muito maiores do que se supõe, por onde a crítica pode penetrar. Independentemente dos discursos, a maioria das pessoas sabe – pela experiência – que não tem lugar digno neste sistema. (Idem, p. 16)

A diversidade da mídia e em particular a dos jornais – engendrados em uma prática social e prática discursiva determinadas no plano dos processos históricos de formação, reprodução e transformação dos enunciados submetidos à hegemonia de um discurso dominante – não se deve explicar somente pela hipótese de refletir a estratificação social, no sentido de que atendem a diferentes públicos-alvo: explica-se também e principalmente pela impossibilidade de a mídia, de uma maneira ou de outra, deixar de dar visibilidade ao encontro “cara a cara” entre “*pobres e ricos, as duas monstruosidades modernas: a miséria da maioria e a maldade hipócrita da minoria*” (Martín-Barbero, 1997, p.185).

Em outras palavras, proponho procurar ver, no material estudado, se a diversidade de modalidades discursivas verificadas entre os quatro jornais tem outro sentido que não apenas o de se originarem todos de uma única prática social, qual seja a de que, por meio de estratégias adaptativas e persuasivas, os diferentes veículos se adequam a possibilidades diversas de recepção, produzindo, assim, modalidades discursivas diversas, porém oriundas de uma mesma ordem de discursos hegemônica. Será que a mídia impressa contribui para a construção de discursos contra-hegemônicos? Caso o faça, como o faz?

Tal questionamento implica, por contraditório que possa parecer, considerar positivamente a ausência de condições efetivas de produção de discursos representativos do segmento da população excluída do processo dominante da produção da mídia. Mais do que isso, determina positivamente a constituição de um mercado lingüístico-discursivo em que não só a hegemonia de uma representação da realidade vai se impondo, mas também vão se constituindo as condições para a construção de uma contra-hegemonia.

Explico-me. Parece-me insuficiente estudar a diversidade da mídia impressa segundo o modelo teórico que concebe a sua diferenciação como um resultado da determinação prévia imposta pela recepção. A mídia não é um produtor de sentidos fora das determinações sociais e que possa, a partir de uma única matriz de sentidos, derivar tantas formas diferenciadas de dizer quantas forem as segmentações da recepção, sem que estejam compreendidas nessas derivações as condições de recepção, as quais dizem respeito, sobretudo, às maneiras de compreender e de produzir os sentidos. O que significa dizer que as diferentes matrizes de sentido que configuram o real nos discursos da mídia não são apenas maneiras perceptivas diferentes moldadas por fatores sócio-histórico-econômicos que estariam refletidas na diagramação, na seleção de temas, nas escolhas lexicais e no uso de outros dispositivos estratégicos que configuram o jornal como um todo e mais particularmente as PPs.

Esse tipo de questionamento sobre um material significativo como é o objeto deste estudo determina que os textos analisados o sejam tanto da perspectiva da sua produção, quanto da sua recepção. Essa tomada de posição é mais teórica e conceitual do que pode parecer à primeira vista. Não se trata apenas de sucumbir à ordem atual da análise dos discursos que remenda a importância da consideração desses dois âmbitos

da construção discursiva. Trata-se, antes, de adotar procedimentos analíticos e interpretativos que possibilitem o reconhecimento das posições dos sujeitos discursivos, com vistas ao reconhecimento dos discursos ideológicos, os da ordem hegemônica e aqueles que apontam para uma ordem contra-hegemônica.

Com base na análise e interpretação de algumas das PPs dos quatro diários, discuto como a própria caracterização tradicional dos jornais em jornais de qualidade ou em jornais populares já predetermina um julgamento e uma avaliação dos diários em duas classes: de um lado, a dos que são objetivos, neutros, referenciais, de credibilidade; de outro, a dos que são subjetivos, parciais, sensacionalistas. Estes últimos são desqualificados da condição de porta-vozes legítimos de visões de mundo que possam se contrapor às que se impõem por meio dos jornais de qualidade, porta-vozes autorizados dos segmentos hegemônicos, os que detêm os meios de produção no mercado midiático.

Esse processo classificatório, aparentemente, tem como consequência, no mesmo movimento, silenciar parte significativa da sociedade – parte da classe C, a D e a E²² –, que não tem nos jornais prestigiados, voltados para as classes econômicas de maior poder aquisitivo – A a B e parte da C –, e que tem espaço nos jornais considerados de baixa qualidade. Desse silenciamento da população de baixa renda nos chamados jornais de credibilidade, resulta o efeito ambíguo, na maioria das vezes perverso, de afirmação da existência pela exclusão. Tal efeito ideológico resulta do esforço de completude, de enquadramento e de controle dos sentidos pelo discurso hegemônico, por meio de representações e esteticizações, e mesmo por meio da denegação do ‘real’, ofertando pré-construídos que ‘agem’ invisibilizando a presença contundente do segmento da sociedade já secularmente silenciado, marginalizado e excluído.

Essa lógica dominante, imprevisivelmente e inexoravelmente, vez por outra se vê presa, e, porque não dizer, refém da lógica que preside a matriz de configuração do universo do segmento que é sistematicamente excluído da matriz discursiva hegemônica. Isso faz com que a lógica dominante, no mesmo movimento em que se vê refém, aproprie-se desse movimento, revertendo-o e assumindo o lugar do seqüestrador. “A vontade latente de mudanças é tão grande que as próprias elites precisam apropriar-

se dela, encenando no palco da política institucional a ópera bufa das chamadas 'reformas'"(Benjamim, 1998^a, p. 17).

No capítulo 4, discuto alguns movimentos dessa 'ópera bufa', interpretando e analisando o acontecimento do seqüestro do 174, que ilustra expressiva e eloqüentemente o que neste trabalho represento como o 'seqüestro' da mídia. Esse fato ilustra bastante bem o 'retorno' da matriz discursiva dos jornais populares, que dramatizam o dia-a-dia da população, às PPs da mídia de qualidade, conferindo visibilidade ao embate cotidiano vivido pelo cidadão carioca em sua cidade. Embate que, em última instância, reflete as condições de cidadania conseqüentes do sistema econômico-político-social de poder e de governo que prevalece no país.

A homogeneização das subjetividades, a redução das diferenças ao silêncio, a redução das singularidades ao silêncio encontram caução no projeto dos Direitos Humanos (Badiou, 1994), cuja lógica admite como possível a passagem da intenção totalizante a sua plena assunção totalitária e, por isso mesmo, encontra na mídia um dispositivo eficaz de reprodução dessa ética. O que não é domesticável é a inevitabilidade, mesmo que episódica, de incluir, em sua lógica de fazer ver o mundo, a lógica de ver o mundo segundo os atores reais desse mundo.

1. 4 A AMOSTRAGEM

Por ter como objeto de estudo o modo discursivo peculiar às PPs da imprensa diária do Rio de Janeiro, baseei a amostragem num universo mínimo representativo das diferentes classes econômicas, a fim de poder relacionar a diversidade dos diários à diversidade de recepção. Para tanto, vali-me do Critério de Classificação Econômica do Brasil – CCEB.

O JB, o GLOBO e o DIA, considerado seu tempo de existência – as primeiras edições datam, respectivamente de 1891, 1926 e 1952 – e suas vendas diárias – na mesma ordem, cerca de 80.000, 300.000 e 350.000 respectivamente – não demandam justificativa para figurarem dessa amostragem que pretende ser representativa da imprensa diária do Rio de Janeiro. Mas a decisão de incluir no *corpus* deste estudo o

POVO do Rio, cuja primeira edição data de 1994 e que atualmente vende cerca de 30.000 exemplares por dia, requer argumentação justificativa.

Jornal popular que tem conseguido sobreviver no universo de concorrência da mídia imprensa diária no Rio de Janeiro, O POVO do Rio encontra justamente nas premissas que norteiam este trabalho a fundamentação para a sua inclusão na amostragem: (a) a existência e a sobrevivência de diferentes jornais diários em um mercado altamente competitivo se deve à existência de uma recepção segmentada social, econômica e culturalmente; (b) os jornais ditos de qualidade – destinados às classes econômicas A, B e parte da C –, não dão visibilidade aos outros segmentos da sociedade – parte da classe C e das classes econômicas D e E, quer pelos diferentes dispositivos discursivos de que se utilizam, quer pelas estratégias de marketing que empregam.

Há, é bem verdade, outra característica do POVO, detectada no processo de análise e de interpretação das práticas discursivas e sociais do *corpus* selecionado, que corroborou o critério de seleção adotado: o POVO é identificado como um jornal de natureza eminentemente policial. Desde sua primeira edição, com a marca POVO, esse diário se afirmou como um jornal que tratava da violência com a propriedade e características peculiares aos chamados jornais sensacionalistas, vindo, inclusive, a substituir o DIA, quando este, a partir de 1980, iniciou um processo de reforma visando a alcançar os segmentos das classes B e C e talvez parte da A, conforme depoimento abaixo:

A marca POVO, ela foi criada em 1989, pelo Senhor Raul Capitão. Ela funcionou na Praça Mauá, durante 1 ano, não deu certo e parou até fevereiro de 1990, quando ela voltou a segunda vez já para funcionar aqui. Porque o POVO? O POVO foi criado buscando uma linha que o DIA tinha abandonado. Então, quem era Raul Capitão? Raul Capitão era, como todos nós conhecemos, era o maior bicheiro do Rio de Janeiro. Ele quis buscar, até que para ele era importante controlar essa parte de polícia, para ele seria bom, ele ter isso na mão, ele poder noticiar o resultado dele, ter um controle disso. Tanto é que o jornal, quando veio a segunda vez, ele atingiu um pico de venda violento, em 1990. Nós chegamos a atingir 135.000 exemplares vendidos. Por que isso? Porque o pessoal estava com saudades do DIA. Gostam da violência. Como existe hoje, a maioria está saturada da violência, hoje, você ainda encontra, nos dias de hoje, pessoas ligando pedindo cabeça, pedindo sangue ao jornal. Hoje você encontra leitores ligando e pedindo isso. Então, o POVO, o Raul Capitão parou no início, num ano lá, voltou veio para cá. O POVO, o importante é a marca. O POVO na rua. Ele relançou esse jornal em fevereiro de 90, mas, já aí, já com uma estrutura maior, que é este prédio

que está aqui. Só que com mil divisórias, com coisas e tal. Ele botou uma estrutura grande, trouxe jornalistas de peso, jornalistas policiais, trouxe jornalistas da antiga Última Hora, que eram jornalistas de polícia, 100% de polícia. E ele começou bem.²³

O DIA luta há alguns anos para tentar se livrar um pouco desse estigma. Se você der um cadáver na PP, automaticamente, você já sente todo o preconceito que tinha contra ele. Isso aí são coisas estratégicas. A gente tem que pensar duas, três, quatro, cinco, seis vezes diante de um crime e a maneira como vai dar ele na PP. Até porque, o DIA, com essa reforma que tem sido feita nos últimos dez anos, ele conquistou bastante anunciante, que se sente incomodado em ... Por exemplo, o jornal o POVO, que é mais policial que o DIA e o EXTRA, por exemplo, você não vê anúncio. Ele se sustenta só de banca. E a receita do DIA não é só de banca, não é só de circulação. Hoje deve ser 60% publicidade e 40% circulação. É uma proporção assim.²⁴

O depoimento do editor do jornal DIA acrescenta um ingrediente fundamental para a receita do sucesso de vendagem do jornal e para a exclusão de certo tipo de violência da PP dos três diários mais vendidos. Essa parece ser uma tendência de evitar a visibilidade das expressões de violência mais brutais na mídia impressa, o que, com certeza, é o indício de mudanças no nível das práticas sociais, as quais, de uma maneira ou de outra, acabam reverberando nas práticas discursivas. É interessante também a articulação possível entre a imprensa sensacionalista das duas décadas passadas e a sua vinculação ao jogo do bicho, em contraposição ao que, hoje ocorre, a sua evidente vinculação ao narcotráfico. O depoimento do responsável pelo setor de vendas do jornal o DIA sugere essa articulação:

A violência está de uma maneira que você não quer chegar numa banca e ver violência, você já não aguenta mais, não interessa. Interessa esses jornais para quem? Interessa para os bandidos acompanharem, na beira do morro, o bandido quer acompanhar o que a gente sabe, o que que os jornais sabem, o que que é verdade, o que que é mentira. Para eles é interessante também, mas fora disso...²⁵

Cabe ainda justificar a ausência do jornal EXTRA na amostragem, uma vez que a sua vendagem atualmente rivaliza com a do DIA e a do GLOBO, cerca de 350.000. Conquanto seja um dos jornais mais vendidos no Rio de Janeiro, é um jornal bastante recente e, na verdade, além de atender à mesma segmentação que o DIA e à parte da atendida pelo POVO, é, de acordo com Silva, um exemplo de como:

²³ Responsável pelo setor de vendas do POVO no Rio, Apêndice, 8.7.5

²⁴ Editor do DIA, Apêndice 8.7.3

²⁵ Responsável pelo setor de vendas do POVO no Rio, Apêndice, 8.7.5

empresas ditas sérias possam bancar, enfim, sem culpas, sob a falsa cobertura do serviço e do popular, jornais retrógrados e indigentes como *Extra*, *Agora* e *Diário Gaúcho*. Com a morte do conteúdo, a forma também pode, finalmente, descansar em paz.

O jornalismo sensacionalista sempre existiu. A novidade é a tentativa de fazer crer que se trata de algo sério. O esforço legitimado termina sempre em sonantes gargalhadas. (Silva, 2001, p. 34)

Por entender que as regularidades discursivas de cada diário e as diferenças entre eles seriam melhor apreendidas numa seqüência mínima que possibilitasse o acompanhamento da seqüencialidade diária – que deve corresponder a uma certa coerência e a uma unidade que configure a identidade de cada jornal, apesar da ocorrência de notícias comuns e de recortes do ‘real’ previamente diferenciados em função do público-alvo a que cada jornal se destina –, selecionei uma amostra da série diária de edições do mês de maio de 2000 e de alguns dias das edições do mês de junho.

Dois fatores condicionaram o recorte feito em maio de 2000: um, a explosão na mídia do “seqüestro do 174”, ocorrido em junho de 2000, o que justificava uma contextualização da prática discursiva peculiar a cada jornal, a fim de avaliar a irregularidade do acontecimento do seqüestro do 174 na superfície das PPs; o outro, a vitalidade do MST (Movimento dos Sem-Terra) no decorrer do mês de maio de 2000. Ambos os acontecimentos, cada um a sua maneira, forçam as categorizações já previstas num trabalho de criação simbólica.

Segundo Labrosse (apud Mouillaud, 1997), quando um fato explode na mídia, é como uma “membrana viva”. Ou seja, as PPs dos jornais, qual uma membrana viva, incorporam em seu tecido o acontecimento que explodiu na superfície da mídia, principalmente na mídia televisiva.

Não é tarefa fácil recuperar edições diárias dos jornais, mesmo que sejam do ano anterior ao ano das edições com que se está trabalhando. Cada jornal tem procedimentos peculiares de organização de seu acervo. O GLOBO, o mais bem aparelhado, dispõe de um setor de pesquisa, de onde pude obter, por meio de cópias a mim enviadas pelo correio eletrônico, as edições que me faltavam para completar a coleção dos meses de maio e de junho. O JB, mediante solicitação prévia, vendeu-me os exemplares faltantes. O DIA, apesar de bem aparelhado e de dispor também de um setor de pesquisa, só mantém números de três meses anteriores e não oferece serviço oficial de reprodução

dos números anteriores, que ficam encadernados naquele setor. No entanto, pude contar com a boa vontade de um funcionário que, por iniciativa própria, estoca privativamente números excedentes e que aceitou vender-me as cópias das edições que me faltavam para completar a série. No POVO, há um funcionário que arquiva os exemplares sobranes e os vende a um valor prefixado de acordo com o setor de vendas do jornal. Mesmo assim, não consegui obter cópias das edições do POVO dos dias 3, 12, 28, 29, 30 e 31 de maio. Quanto às edições relativas ao acontecimento do 174, eu mesma já as havia adquirido nas bancas, pois foi esse acontecimento, pela sua aparição eloquente e unânime nas PPs, que me levou a formular a principal hipótese que discuto nesta tese: a de que a distinção entre a imprensa sensacionalista e a de credibilidade, em virtude de mudanças sociais, não se faz mais por meio dos recursos que outrora caracterizaram um e outro tipo de imprensa.

Voltemos à amostragem. Se, com o acervo obtido, ela estava completa, o mesmo não acontecia com o *corpus*, que, no início da análise, não estava totalmente constituído, mas aberto e com possibilidades de crescimento, para responder a questões que surgissem no trabalho analítico e interpretativo. Como a questão a ser pesquisada diz respeito a formas particulares de práticas discursivas e sociais e suas relações com a estrutura social, fazia-se necessário complementar o *corpus* com depoimentos sobre a prática discursiva de profissionais diretamente envolvidos nos processos de produção, circulação e recepção dos diários estudados. Assim, o *corpus* básico para o estudo dos discursos das PPs foi ampliado com entrevistas feitas com os editores das PPs dos quatro jornais, e com o responsável pelo setor de vendas do jornal POVO (Apêndices 8.7).

Por serem os profissionais diretamente responsáveis pela produção da PP, suas interpretações são importantes, tanto para a experimentação de algumas interpretações prévias, quanto para o reconhecimento de questões pertinentes ao processo discursivo que vão além da amostra como tal. O objetivo era descobrir o quanto de consciência há nos investimentos ideológicos feitos por meio de certas estratégias discursivas que se apresentaram bastante produtivas no percurso da análise, tais como as estratégias de propaganda e promoção e os próprios discursos sobre a violência.

1.5 OS POSTULADOS TEÓRICOS E A METODOLOGIA

Assumindo a ótica peculiar à análise de discursos de que “ver um texto como discurso é abordá-lo com uma certa visada teórica específica, procurando nele certos traços e não outros” (Pinto, 1995), interessa-me, então, descrever e interpretar o funcionamento dos modos discursivos da PP da imprensa do Rio de Janeiro, investigando algumas estratégias discursivas que estão a serviço, no discurso da imprensa, dos chamados “contratos de leitura”, que se configuram nos modos de construção das posições de sujeito no campo da oferta e da recepção dos discursos da mídia impressa. Tal empreendimento, no entanto, não desconhece, mas, ao contrário, procura acolher as contradições inerentes a esse tipo de vínculo num mercado de concorrência. Segundo Pinto (1994),

entre as empresas jornalísticas, e no interior delas, existem sempre discordâncias e contradições, resultantes da estratificação em classes da sociedade e dos diferentes interesses culturais em jogo. Isto faz com que um determinado objeto significativo possa receber sentidos contraditórios ou ressemantizar-se, conforme a direção em que sopram os ventos dos movimentos sociais.

Diferentemente da metodologia de descrição utilizada pela tradicional análise de textos com base lingüística, na análise discursiva, interessam as relações entre diferentes pontos de uma mesma superfície textual, assim como entre textos contíguos no mesmo espaço, ou ainda entre textos presentes e ausentes, trama não necessariamente linear, mas de extrema significação no processo de produção de sentido.

A discussão sobre o objeto de estudo deste trabalho nos leva inexoravelmente a uma outra necessidade metodológica: a delimitação e o recorte dos fatos discursivos significativos e pertinentes para a leitura do real que estou propondo. Assim a metodologia de descrição e análise empregadas decorrem diretamente dos postulados teóricos ativados para tal análise e, na verdade, desempenham duplo objetivo: o de constituir um arcabouço teórico-metodológico consistente e coerente o bastante para sustentar a leitura do mundo que faço nos discursos veiculados nos jornais escolhidos e o de constituir-se numa contribuição ao estudo da mídia impressa no que respeita a

algumas estratégias discursivas peculiares e predominantes aos textos das manchetes, títulos e subtítulos, matéria-prima deste estudo.

1.5.1 A prática textual: o enunciado, a língua e os discursos

Neste trabalho, o enunciado tem a primazia como unidade de sentido, constituindo-se em conceito teórico por ser o suporte em que se materializa a relação entre a língua e a sociedade, e, por conseguinte, por ser onde se materializam os discursos, conforme formulado por Bakhtin:

A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. (1997, p.282)

A obviedade e irrefutabilidade de tal asserção nos isenta de comentá-la, deixando-nos apenas a exigência de um entendimento unívoco do conceito de enunciado, conceito de fundamental importância teórico e operacional nesta análise, o qual, ainda seguindo Bakhtin,

é um elo na cadeia da comunicação verbal. Tem fronteiras nítidas, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes (dos locutores), mas dentro dessas fronteiras, o enunciado, do mesmo modo que a mônada de Leibniz*, reflete o processo verbal, os enunciados dos outros e, sobretudo, os elos anteriores (às vezes os próximos, mas também os distantes, nas áreas da comunicação cultural). (idem, P.319.)

Na ordem discursiva da imprensa diária, a alternância dos sujeitos falantes está caracterizada pela “atitude responsiva” implicada em cada enunciação acabada – as chamadas como um todo, seus títulos e subtítulos –, isto é, o texto jornalístico visa à resposta do seu leitor, a uma “compreensão responsiva ativa”, por meio da qual o leitor ou coenunciador torna-se o enunciador. O enunciador pode esperar como resposta várias atitudes por parte do seu leitor: de concordância ou discordância, de adesão, de execução, de objeção, entre outras. O máximo da concordância estará representado na fidelidade ao jornal, o máximo da discordância estará representado na quebra do ‘contrato de leitura’, que culmina com a troca de jornal. Esse é um dos aspectos que caracteriza o enunciado como um elo de uma cadeia muito complexa entre outros enunciados.

Repetimos, enunciado é um elo na cadeia de comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica. (idem, p.320)

Norman Fairclough (2001), segundo uma concepção tridimensional, analisa o discurso como texto, prática discursiva e prática social. Com base nessa concepção, estabelece uma abordagem para a investigação da mudança discursiva em sua relação com a mudança social e cultural.

Ao usar o termo ‘discurso’ propõe considerar a linguagem como forma de prática social, o que implica, em primeiro lugar, ser o discurso um modo de ação – pessoas agem sobre o mundo e sobre outras pessoas – e um modo de representação. Em segundo lugar, implica a existência de uma relação dialética entre discurso e estrutura social, a partir da qual o discurso tanto é moldado e restringido pela estrutura social como contribui para a constituição de todas as dimensões dessa estrutura.

O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (...) A perspectiva dialética considera a prática e o evento contraditórios e em luta, com uma relação complexa e variável com as estruturas, as quais manifestam apenas uma fixidez temporária, parcial e contraditória.” (ibidem, pp. 91 e 94)

Fairclough denomina ‘descrição’ a parte da análise dos discursos que trata da análise textual, e as partes que tratam da análise da prática discursiva e da análise da prática social da qual o discurso faz parte são por ele denominadas ‘interpretação’.

Com base nessa representação, que é apenas didática – essas três dimensões discursivas estão estreitamente interligadas e, ao se considerarem os aspectos de um texto, necessariamente, se estarão considerando aspectos referentes à produção e/ou à recepção textual –, a análise na dimensão do texto estará considerando quatro itens: o vocabulário, a gramática (dimensões sintáticas, morfológicas e semânticas), os processos coesivos e a estrutura textual.

1.5.2 A prática discursiva: o pré-construído e o interdiscurso.

A análise na dimensão da prática discursiva considerará fundamentalmente a força dos enunciados, sua coerência e a intertextualidade, – propriedade que têm os

textos de conterem fragmentos de outros textos, de forma explícita ou não —. A perspectiva intertextual possibilita a percepção da historicidade dos textos, por meio da representação, num discurso, de outro discurso — intertextualidade manifesta ou “heterogeneidade mostrada” — ou por meio da presença permanente de ‘outros lugares’, do ‘já-dito’ dos outros discursos condicionando os enunciados e ecoando neles — intertextualidade constitutiva ou “heterogeneidade constitutiva”. Para Bakhtin, essa perspectiva intertextual concerne ao dialogismo presente em todo discurso que se faz no “meio do já dito de outros discursos”, e, para Pêcheux, ao interdiscurso, propriedade que todo discurso enunciado tem “de já ter sido falado antes, em outro lugar, e independentemente.” (Authier-Revuz, 1998)

A análise na dimensão da prática social leva em consideração os discursos em uma concepção do poder como hegemonia e uma concepção da evolução do poder como luta hegemônica. Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade — o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais — construídas em várias dimensões das formas e dos sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Os textos estabelecem posições para os sujeitos intérpretes que são capazes de compreendê-los e capazes de fazer as conexões e as inferências, de acordo com os princípios interpretativos relevantes, necessários para gerar leituras coerentes. Tais conexões e inferências podem apoiar-se em pressupostos de tipo ideológico. Na medida em que os intérpretes tomam determinadas posições e automaticamente fazem essas conexões, são assujeitados pelo texto, e essa é uma parte importante do ‘trabalho’ ideológico dos textos e do discurso de ‘interpelação’ dos sujeitos. (Fairclough, 2001, *passim*)

O conceito de hegemonia opera fornecendo para o discurso uma matriz e um modelo. A matriz como forma de analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relação de poder, isto é, avaliar se essas relações de poder reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes; o modelo como forma de analisar a própria prática discursiva como um modelo de luta hegemônica, que reproduz, desestrutura ou desafia ordens de discurso existentes.

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder

sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável'. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meio ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas."(idem, p.122)

Descrever e analisar a linguagem veiculada pelos jornais ora estudados, evidencia, por óbvio, a intenção de estabelecer uma comparação entre seus sistemas de comunicação e, inerente a isso, a de reconhecer o funcionamento das gramáticas lingüístico-discursivas em cada um dos veículos. Da inevitável comparação entre os registros lingüísticos utilizados por cada mídia interessará, neste trabalho, sobretudo no âmbito do vocabulário, por um lado, a consideração do processo de produção e reprodução do uso lingüístico considerado legítimo, e, por outro, a reflexão sobre a existência ou não de correspondência entre diferentes registros lingüísticos que configuram, por sua vez, diferentes sistemas simbólicos para representação dos valores ideológicos.

Mais do que isso ainda, essa comparação de registros implica o questionamento sobre a língua como o lugar em que, seguindo Pechêux (1988) se 'materializa' o encontro possível entre a língua e a ideologia, isto é, sobre os efeitos desse intermitente contato – o interdiscurso – como fonte geradora de significados e de sentidos.

É evidente que existe uma hierarquia fundamental no campo mídia impressa: a que se dirige para as classes médias e populares e a que é oferecida para as classes altas. Essa hierarquia funciona como instância de reprodução social das desigualdades no registro dos fatos e dos acontecimentos. A mídia, na qualidade de mediador simbólico, se constitui num dos operadores cruciais para a produção e reprodução dessa hierarquia social que está inexoravelmente inscrita na materialidade textual, por meio da língua e das imagens.

Com efeito, atribui-se maior valor social aos leitores dos jornais de classe A e menor valor social aos das classes médias e populares. As posições de poder são representadas no registro lingüístico usado pelos diferentes jornais, que,

pressupostamente, se dirigem a leitores pertencentes a diferentes estratos sociais discursivamente representados. Enfim, a desigualdade e hierarquia presentes na estrutura social, aparentemente, se reproduz nos diferentes registros lingüísticos utilizados na mídia.

Seguindo metodologia de análise dos discursos, o princípio de comparação (Verón, 1978) é o primeiro a ser considerado, uma vez que os discursos se singularizam e se especificam fundamentalmente através das relações de sentidos atualizadas na inter-relação dos discursos. Ou seja, acompanhando Foucault (1987) é preciso tratar os discursos no “jogo da sua instância”:

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de suas existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (p. 31)

Um elemento chave do funcionamento discursivo é o pré-construído, noção que, segundo Pêcheux (1988), se constitui num dos pontos fundamentais da articulação da teoria dos discursos com a lingüística. Designa aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, independente, por oposição ao que é “construído” pelo enunciado:

“o efeito do pré-construído como a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito... ao mesmo tempo em que é “sempre-já-sujeito”, destacando que essa discrepância (entre a estranheza familiar desse fora situado antes, em outro lugar, independentemente, e o sujeito indetectável, responsável, que dá conta de seus atos) funciona “por contradição”, quer o sujeito, em toda sua ignorância, se submeta a ela, quer, ao contrário, ele a apreenda por meio de sua agudeza de “espírito”. (p. 156)

É esse elemento que determina também “o que pode ser dito” (Courtine, 1981). Nesse sentido, o pré-construído corresponde à interpelação ideológica, que não só fornece, mas também impõe à ‘realidade’ o seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade. Assim, o pré-construído, entendido como ‘objeto ideológico, representação, realidade’ é assimilado pelo enunciadador e pelo coenunciador no processo do seu assujeitamento ideológico, quando se realiza a identificação entre sujeito enunciadador e coenunciador

com o ‘Sujeito Universal’, aquele que supostamente é a fonte primária da referência da formação discursiva.²⁶

Essa distinção fundamental leva a reconhecer que a língua constitui a condição de possibilidade do “discurso”, pois é uma espécie de invariante pressuposta por todas as condições de produção possíveis em um momento histórico determinado; os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso, e a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido.

Segundo essa perspectiva, o processo discursivo é produção de sentido; o discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações e a prática discursiva, lugar específico da constituição dos sentidos. É a noção que, juntamente com a de condição de produção e prática social, vai constituir uma tríade básica para a fundamentação teórica da análise dos discursos que faço nos capítulos 3 e 4.

O segundo princípio, também inspirado em Véron (1978), que orienta o recorte dos enunciados a serem analisados é o da invariância temática, que visa a garantir uma constância que permita o reconhecimento de estratégias discursivas particulares a cada jornal sem misturá-las com estratégias que sejam determinadas pela natureza do assunto ou do tema.

Consideram-se aqui, principalmente, os seguintes conjuntos de aspectos: (a) a abrangência temática e de assuntos, bem como o grau de profundidade de tratamento dispensado às matérias; b) o preço de cada diário e as estratégias promocionais empregadas para seduzir o leitor; (c) as estratégias de diagramação, que refletem a representação que o enunciador tem do seu leitor; (d) os recursos de imagem e ilustração utilizados tanto para construir o universo discursivo quanto para seduzir o leitor; e) as estratégias discursivas e os registros de língua utilizados na constituição dos enunciados das manchetes, títulos e subtítulos.

²⁶ A noção de formação discursiva (FD) envolve dois tipos de funcionamento: um em que a FD é constituída por um sistema em que enunciados são retomados e reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade; e outro em que os enunciados são embaralhados, em que suas fronteiras são rompidas e a pluralidade e multiplicidade de sentidos são instaladas. Orlandi (1984) contrapõe um sistema a outro denominando-os de paráfrase e de polissemia, atribuindo a esses conceitos opositivos o papel de mecanismos básicos do funcionamento discursivo.

Mouillaud (xerox), com o objetivo de especificar o conceito de informação utilizado em estudo sobre o papel da imprensa na evolução dos hábitos, reconhece três níveis discursivos que, na sua interdiscursividade, fundariam a informação: o nível dos discursos primários, o dos artigos e o dos títulos, considerando este último o mais representativo da especificidade jornalística. Na perspectiva de que a informação jornalística é um produto da interseção do nível dos discursos dos títulos, com o nível dos discursos primários e com o nível dos discursos das reportagens e imagens, busco compreender efeitos de sentidos produzidos pelo interdiscurso que ‘aparece’ como o “já-dito”, o “já-sabido” presente no intradiscurso.

O extrato dos títulos, é, em virtude de sua função eminentemente referencial, constituído por pré-construídos existenciais – lugares e personagens pressupostos no universo do discurso Rio de Janeiro/Brasil/Mundo – que os jornais compartilham com os seus leitores, confirmando contextualização já feita por Pinto (1995). A preponderância dos enunciados títulos sobre os demais enunciados, na análise e interpretação neste trabalho, se fundamenta no entendimento de que os títulos da PP, na mídia impressa, configuram o discurso frontal que o leitor encontra como primeiro sentido da informação (Mouillaud, *idem*), e investem-se, ainda, de extrema importância, por carregarem as marcas discursivas das estratégias que garantem os vínculos entre emissor e receptor.

Os enunciados dos títulos, ao se articularem, horizontal e verticalmente, por um lado, com os textos das imagens e das reportagens, e, por outro, entre si, na série cronológica, tecem um “fio discursivo”, que, na sua aparência e transparência, pela referência única externa que fazem, apagam, esquecem, emudecem, como efeito de sentido, as outras possibilidades de sentido que atravessam o interdiscurso produzido nessa intersecção discursiva.

Esse emudecimento, como um dos efeitos de sentidos interpretáveis, encontra sua motivação na própria natureza do sentido das palavras, que, de acordo com Bakhtin (1979),

“é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser “una”. Ela não se desagrega em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais ela pode se inserir. (...) A

ficção da palavra como decalque da realidade ajuda ainda mais a congelar sua significação”.

É esse possível efeito de congelamento dos sentidos que, do meu ponto de vista, realiza o silenciamento espetacular. Tal silenciamento diz respeito, inicialmente, à peculiaridade da comunicação midiática, que, ao pretender completar o sentido – constituído fundamentalmente na irreversibilidade da interlocução – diante da ausência do outro, o faz ilusoriamente. A noção de silenciamento é pensada na perspectiva formulada por Orlandi (1993) de que “o silêncio não fala, ele significa”. Assim, pensar o silêncio é pensar a solidão do sujeito em face dos sentidos, ou melhor, é pensar a história solitária do sujeito em face dos sentidos.”

Interessa-me descrever os modos pelos quais a presença/ausência do outro se dá ambigualmente, no discurso da imprensa; os modos de existência desses personagens presentificados no discurso midiático através do seu silenciamento. Presentificados por meio de representações que produzem efeitos de realidade – cenários que têm uma incidência direta na percepção da realidade –, no sentido de que a constituição simbólica da realidade é feita por meio de uma dupla vertente: *“como instrumento de visibilização do conflito, visibilidade social como forma indireta (não diretamente coercitiva) de controle social, o que podemos chamar dos efeitos perversos da transparência comunicativa”*. (Imbert, 1993, p.51)

2. OS JORNAIS DE QUALIDADE E OS JORNAIS POPULARES

Informar traduz apenas a fachada da midiocracia. A maioria das novidades veiculadas está no grau zero da informação. A mídia vende o que o cliente deseja e cada vez mais se afasta de preocupações formadoras. Em princípio, a pluralidade dos meios corrigiria esse efeito perverso. Entretanto, a coincidência entre os imaginários dos empresários e jornalistas faz com que a diversidade se converta, aos poucos, em mero discurso sobre o inexistente. (Silva, 2000, p.39)

As pessoas em geral intuem que cada veículo de comunicação, os jornais em particular, tem um estilo, um perfil, que caracteriza sua identidade própria e cativa a fidelidade do seu público. Assim, quando um jornal, por algum motivo, não corresponde à imagem que dele o seu leitor tem, corre sempre o risco de ser 'traído'. O leitor, por sua vez, ao se identificar com o perfil do 'seu' jornal, tem com ele uma relação de fidelidade, construída pelo hábito, que se caracteriza, de acordo com Landowski (1992), numa verdadeira "compulsão de repetição".

Segundo esse autor, o jornal é um objeto de comunicação que, inversamente à maioria dos objetos de consumo, *"solicita de cada indivíduo a compulsão da repetição, favorecendo o hábito ou a rotina, ou, menos disforicamente, uma certa constância – como se, uma vez que alguém elegeu seu jornal, permanecer fiel a ele fosse, em suma, permanecer fiel a si mesmo."* (ibidem, p.119). Ou, ainda, o jornal tem uma imagem de marca, que o identifica no plano da comunicação social: *"é preciso que o jornal se afirme como sujeito semiótico"* (ibidem, p.118).

Os diários estudados inserem-se em práticas sociais diversas, que deverão ser consideradas componentes constitutivos do contexto de enunciação que integram os enunciados das PPs, a fim de que seja possível a articulação entre a prática discursiva, a prática social e o texto da PP, na tentativa de se reconhecerem as relações que vinculam a linguagem à ideologia.

Neste capítulo, faço a descrição da arquitetura das PPs dos quatro jornais, com o objetivo de identificar as características da linha editorial peculiar a cada um, cuja principal função é permitir ao leitor reconhecer, com o máximo de nitidez possível, qual é a posição do jornal quanto aos fatos que noticia e, como o jornal, por meio da adesão de um público consumidor fiel, garante sua permanência e crescimento no mercado de concorrência.

Tradicionalmente, os jornais são classificados em duas categorias, segundo, principalmente, o ponto de vista econômico dos investimentos publicitários. Segundo Bahia (1972), assim se distinguem os dois tipos de diários:

Jornal de qualidade é aquele de informação sóbria, pormenorizada e séria, de conceito editorial de alta renda de publicidade, consumido preferencialmente por leitores das classes A e B, isto é, por industriais, banqueiros, proprietários de terras, comerciantes, profissionais liberais, empresários e altos funcionários. Estes leitores dos jornais "quality" representam para as agências de publicidade o extrato social de mais valia na programação de anúncios. (...)

Jornal popular é aquele cujo principal objetivo se restringe ao número de cópias de cada edição. Um jornal ou revista do tipo popular se dirige menos às classes A e B, buscando a atenção de todas as classes de leitores, especialmente C1, C2 e D e E. São veículos que desprezam a opinião editorial e não se preocupam com linhas de sobriedade ou seriedade. Porque têm uma grande circulação e baseiam sua receita na venda avulsa, não dependem do volume de anúncios. (pp.109 e 110)

A PP é o nosso objeto de estudo semiótico. A notícia, que, segundo definição clássica, "é tudo o que o jornal publica", constitui-se nas unidades de texto que compõem o macrotexto da PP. A notícia na PP caracteriza-se, por sua vez, como 'chamada', isto é:

texto, completado por títulos, fotos e sua legenda, gráficos, mapas etc., que resume a notícia, geralmente as de PP, para atrair o leitor. Embaixo, à direita, encontram-se as indicações do caderno e da página em que a notícia continua. A chamada pode também se constituir de apenas um título ou uma foto comum texto-legenda. (Faria, 1999, p.157)

A chamada, além de ter o objetivo de apresentar o resumo de uma matéria, deve atrair o leitor e remetê-lo para a continuação da notícia no interior do jornal, decorrendo deste último objetivo, o apuro técnico, estético e ético do editor no tratamento dispensado às chamadas nas PPs para as notícias no interior do jornal.

A notícia – a ‘americaníssima news of the day’ – constitui o ponto central, a tônica da informação jornalística. Dizer que ela significa informação transformada em mercadoria nada rende em termos de conhecimento do que realmente é, mas pelo menos implica reconhecer que a informação pública do Ocidente é hoje profundamente marcada pela ordem do valor de troca. (Sodré, 1996, p.131)

Assim, as PPs dos quatro diários serão estudadas com base nas chamadas que as constituem e nos recursos empregados para dar relevância à notícia, tomada como valor de troca. Esses recursos, apontados a seguir, são considerados ‘dispositivos’ de enunciação, conforme entendimento já explicitado:

- títulos: nome do jornal; manchetes, títulos, subtítulos, sobretítulos, chapéu, olho¹;
- editorias: País, Cidade, Política, Economia, Internacional, Polícia, Esporte, Artigos, Charge e Rubricas² diversas;
- diagramação: fios, bordas, localização (A,B,C,D) colunas (1,2,3,4,5), fotos, ilustrações, reproduções de documentos, cores;
- publicidade/propaganda/promoção;

Constituído o *corpus*, foi necessário encontrar um método e um código que me permitissem trabalhar com as PPs como objeto de estudo e de análise. Descrever e analisar a PP implica levar em consideração todos os elementos textuais lingüísticos e imagéticos que a constituem. Isso significa, por exemplo, que a própria localização da notícia na página já é em si um significante que deve ser levado em consideração, pois uma notícia de um mesmo fato, quando localizada na parte superior da PP se reveste de um sentido diferente daquele que tem quando localizada na parte inferior da PP do jornal.

¹ Chapéu: Palavra ou expressão, sempre sublinhada, colocada acima do título de uma matéria, para caracterizar o assunto da notícia; Olho: Tem a mesma função do subtítulo, mas se distribui entre 3 e 5 linhas. É também um intertítulo, pequeno trecho destacado na matéria, em corpo maior, para o arejamento e divisão dos textos longos. (Faria, 1999)

² Rubricas: Título dado a uma matéria. Pode ser o nome de um assunto pontual ou constante ou de determinada seção ou coluna. (Ibidem)

Uma notícia acompanhada de fotos, com o título em letras garrafais e em fundo colorido, diferentemente de sua ocorrência sem nenhum recurso de ênfase, carrega, além do seu conteúdo semântico, valores simbólicos que lhe estão agregados, ressemantizando, assim, o seu conteúdo lingüístico. Portanto, a descrição e classificação das notícias observou um método criado para apreender no seu registro os traços significantes materializados na superfície da PP, como pode ser visto nos Apêndices 8.2.1, 8.3.1, 8.4.1, 8.5.1 e 8.6. Na verdade, a classificação proposta pretende reconhecer a *“arquitetura que vincula os diferentes conteúdos semânticos das diversas matérias significantes”* (Martín-Barbero, 1997, p. 303,) de que se constitui cada notícia.

À tradicional divisão ao meio da PP, que obedece ao dispositivo de circulação e de exposição dos jornais nas bancas, acrescentei uma segunda divisão, que se fez necessária para caracterizar a hierarquia, muitas vezes significativa, entre duas notícias que ocorrem na parte superior, ou inferior da PP.

Para tanto, dividi a superfície vertical da PP em 4 (quatro partes) – A, B, C e D. Essa divisão se mostrou produtiva para todos os jornais estudados, embora não seja observada rigorosamente em todas as edições e seja adotada com peculiaridades por cada diário. Trata-se de um recorte de descrição necessário, a fim de que o procedimento de comparação entre os diários partisse de elementos comuns que, ao receberem tratamento diverso, se revestem de significações particulares.

Essa divisão em quatro partes, na descrição das notícias, permite observar a área que as notícias sobre um mesmo fato ocuparam nos diferentes jornais, e, por conseguinte, considerar a importância que o emissor da notícia atribuiu. A hierarquização da notícia na PP, ao indicar para o leitor que o enunciador atribuiu maior importância às notícias que ocupam maior espaço e que se localizam nas partes superiores, funciona como um metadiscurso. Ou seja, uma notícia que se situa acima de outra está sendo indicada como mais importante do que a que se situa abaixo; uma notícia que ocupa maior área é mais importante que outra que ocupa menor área. Tal classificação se refere a apenas parte da matéria significativa de que se compõe uma notícia. Outros elementos gráficos e lingüísticos devem também ser levados em consideração para que se possa apreender o máximo da materialidade significativa de que se constitui uma notícia na PP.

Ainda em relação à localização da notícia, levei em consideração o número de colunas que ocupou. De um modo geral, o padrão com que trabalhei atribui a utilização de 5 (cinco colunas) na PP. Os jornais, na verdade, não seguem à risca esse padrão. A arte final, na maioria das vezes, não se constrange a essa medida, mas é com base nessa medida que são desenhadas as variações. Portanto, em relação ao número de colunas, também, a consideração do parâmetro de cinco se deveu à necessidade de uma referência comum que permitisse a comparação da ocupação de espaço pelas notícias na PP dos quatro jornais.

Às segundas-feiras, (cf. edições de 1/5 do JB, GLOBO, DIA e POVO, nos Anexos), por exemplo, todos os jornais destinam a localização 'nobre' – parte superior, A e B e, por vezes C – e uma quantidade grande de colunas – 3 a 4 – às notícias sobre esporte, agregando a esses traços outros significantes, como fotos, ilustrações, títulos em letras maiores, o emprego de cores e de fios e bordas. Tal forma para as notícias sobre esporte é prevista, assim como é previsto que a manchete ocupe, em princípio, as cinco colunas e ocorra na parte superior da página. Isso é o previsto: o que disso diferenciar está sendo significado, e é essa resignificação das notícias, por meio de investimento no tratamento dos seus significantes que tentei capturar.

Uma segunda classificação e descrição da PP se refere à natureza comunicacional do texto noticiado. As redações dos jornais se organizam em editorias – política, esporte, país, cidade, internacional, dentre outras. Essa organização por si só já se constitui em dispositivo de in-formar, colocar em forma, o fato. Um mesmo fato pode ser noticiado pela editoria de política de um jornal, pela editoria de polícia de outro ou pela editoria de cidade de um outro, dependendo do tema em que a notícia se inscreve. Há ainda notícias que poderiam, em função da sua forma, originar-se de duas ou mais editorias. Para distinguir as notícias segundo a sua natureza comunicacional, classifiquei-as, numa primeira etapa, segundo as editorias e rubricas oferecidas pelas próprias redações dos jornais, o que pode ser verificado nos Apêndices 8.2.2/3, 8.3.2/3, 8.4.2/3 e 8.5.2/3.

Essa classificação, no entanto, não espelha exatamente aquilo que estou querendo significar quando me refiro à natureza comunicacional da notícia. Numa etapa posterior à da classificação por editorias e temas – já na análise –, as notícias serão discutidas a partir da noção formulada por Bakhtin (1997) de objeto de sentido.

Considerando-se que o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal, no qual está representada tanto a instância do emissor, quanto a do receptor, o objeto de sentido é o seu conteúdo preciso. Isto é, o objeto de sentido do enunciado determina a escolha dos recursos lingüísticos pelo emissor. Em outras palavras, essa noção de objeto de sentido, pretende ancorar-se na concepção de gênero compreendida como “os modos em que se fazem reconhecíveis e organizam a competência comunicativa, os emissores e os destinatários” (Monsiváis, apud Martín-Barbero, 1997, p.302).

Tal entendimento para a noção de objeto de sentido se insere em um quadro teórico que considera a comunicação um processo contínuo, cuja dinâmica reconhece as instâncias da produção e da recepção como suas fontes recorrentes de origem e de destino. O que se quer dizer é que não há como conceber um processo de comunicação que tenha como ponto de partida uma origem de onde se ‘ofertam’ textos e sentidos que serão ‘recebidos’ e acolhidos num ponto de chegada, independentemente das condições de possibilidade da instância da recepção. Ou seja, a produção textualiza do modo como textualiza uma notícia, inserindo-a num determinado universo de referência e escolhendo certos atores sociais como tema e não outros, porque é supostamente desse modo que a recepção pode ler esse texto; a recepção por sua vez, ao acolher ou não o modo textual que lhe é ofertado, está de volta re-in-formando o fato textualizado.

A escolha que cada diário faz dos objetos de sentido, tal como concebido neste trabalho, além de materializar nos enunciados e nas imagens a construção das posições dos sujeitos discursivos – emissor e receptor –, é um dos dispositivos que o jornal utiliza para tentar manter ativado os seus contratos de leitura, que, em última instância, determinam as definições do campo temático e a maneira de abordar os fatos que serão noticiados na PP, conforme pode ser constatado nos trechos das entrevistas abaixo:

O POVO se define basicamente como um jornal comunitário, voltado para os interesses dos moradores de Santa Cruz, das zonas periféricas da Central e da Baixada. Além de ser um jornal comprometido com as necessidades dessas comunidades, o POVO reconhece o descrédito que seus leitores têm da política oficial (Federal, Estadual e Municipal) e, além das matérias de caráter comunitário, estabelece um vínculo de interesses com seus consumidores por meio do noticiário policial e de entretenimento.³

³ Editor do POVO do Rio, Apêndice, 8.7.4.

Mas, porque O GLOBO não quer ser um jornal de crime, com um noticiário pesado, um noticiário de violência, tem muita reação dos leitores, mas O GLOBO não esconde o assunto violência.⁴

É engraçado que o jornal [O DIA] é um pouco irreverente, ele tem umas sacadas menos sérias, menos paletó e gravata, mas o comportamento do leitor choca com coisas que a gente publica. E aí às vezes nem corresponde com o que a gente pensa, mas acaba assumindo uma postura até meio conservadora.⁵

Há casos aqui, eu sou a favor, por exemplo de um leque de opiniões no Jornal. Mas o leitor do JORNA DO BRASIL admite isso até um certo limite. Há casos de colunistas aqui que foram expulsos pelos leitores. Exatamente por ter ido além do que o leitor admitia dentro de uma tradição liberal do jornal. Então, e aí, o caso da PP reflete muito isso. Muito, muito, muito. Com toda crise, o leitor do JORNAL DO BRASIL, ele é muito interativo, ele interage com o JORNAL DO BRASIL, ele cobra muito do Jornal, ele se irrita muito com o Jornal, e com as PPs do Jornal e tal, ele normalmente reage a uma PP página como essa, por exemplo, do 174, ele se assusta. Ela sai do padrão.⁶

2.1 OS TÍTULOS

O olho do leitor percorre os títulos, não se importando com qual informação seja a primeira ou a última. Enquanto no território o habitante é o centro de onde parte a perspectiva, ler o jornal exige do leitor que ele se coloque sob o signo de uma totalidade em que seu lugar é um lugar entre outros. Do leitor, poder-se-ia dizer que ele “é posto no mundo” pelo jornal (seja qual for a escala, planeta ou vilarejo) na medida em que é referido a uma totalidade que o envolve. (Mouillaud, p.69 e 70)

O título deve resumir a notícia e atrair a atenção, dando uma idéia geral dos fatos anunciados. Quanto à posição, tamanho e destaque que ocupam na página, os títulos se dividem, pela ordem de apresentação, em antetítulo, manchete, manchetinha, subtítulo.

O antetítulo precede o título ou manchete; a manchete é o título em letras garrafais – o maior entre todos – que anuncia sempre o acontecimento de maior importância; a manchetinha é o segundo título em tamanho, geralmente em uma linha, na primeira página ou nas páginas internas; os subtítulos são os títulos menores, que vêm logo abaixo dos títulos e indicam detalhes da notícia; os pequenos títulos no meio do texto e que dividem os períodos ou os trechos mais importantes da notícia são chamados intertítulos.

Quando o título ou manchete (caso comum nos vespertinos) aparece no clichê, montado fotograficamente e conjugando com a ilustração um só elemento visual, tem-se a fotomanchete.” (Bahia, 1972, p.79)

⁴ Editor do GLOBO, Apêndice, 8.7.2.

⁵ Editor do DIA, Apêndice, 8.7.3.

⁶ Editor do JB, Apêndice 8.7.1.

Toda PP, por um lado, é de alguma maneira enfática em relação aos modos enunciativos “modo de dizer, mostrar, interagir, seduzir” (Pinto, 1999) e, por outro, é expressiva, quanto às intenções comunicativas de “anunciar, enunciar, pronunciar e denunciar” (Sodré, 1986). Esses diferentes modos enunciativos e intenções comunicativas estão, por meio de vários aspectos textuais (verbais e não-verbais) materializados na PP. Retomando o conceito de dispositivo (Mouillaud, 1997), estou considerando como o dispositivo primordial do jornal a PP, que, por sua vez, contém dispositivos que lhe são subordinados, entre os quais o do sistema dos títulos.

A ênfase de um enunciado é o relevo, a diferença dada a esse enunciado em relação a uma norma, com o objetivo de alcançar, além de uma compreensão objetiva do enunciado, um interesse subjetivo em relação ao seu conteúdo. A ênfase é o conjunto dos processos pelos quais nos atiramos para o outro e pelos quais criamos, nesse outro, um impulso para a mensagem que lhe transmitimos.

Neste estudo, em termos de texto verbal, os títulos, principalmente a manchete, constituem-se nos mais importantes elementos da PP, pois recebem todas as marcas gráficas de destaque e, em princípio, informam, numa hierarquia, que se expressa tanto em qualidades gráficas e de diagramação – localização e espaço ocupado na página, tipos de letras, foto ou ilustração acompanhando –, os assuntos que o jornal considera os mais importantes daquela edição. Isso justifica uma descrição dos enunciados-título, bem como a análise e interpretação discursiva dos títulos de cada um dos jornais estudados, com vistas a que se estabeleçam não só a ‘norma’ peculiar a cada jornal, mas também os recursos utilizados por cada um para a ênfase e expressão dos diferentes modos enunciativos e comunicativos.

Outro fator que age como determinante dos processos lingüístico-discursivos na construção dos enunciados-título é a mútua remissão feita entre as diferentes mídias. É sabido que a televisão, mais que o rádio e muito mais que a Internet, ‘pauta’ o jornal, na medida em que, com seus dispositivos áudio-visuais e sua competência de ‘informar’ o acontecimento com maior instantaneidade, se antecipa à circulação deste. No entanto, é fato também que o jornal, no afã de superar esse atraso no tempo da circulação das notícias, vem desenvolvendo estratégias discursivas que garantam o seu lugar no

mercado da comunicação, conferindo um espaço para não só ‘informar’, mas sobretudo interpretar, analisar, aprofundar e antecipar, conforme será visto no capítulo 4.

A base de descrição aqui adotada é o conjunto de enunciados que, em cada jornal, recebe tratamento de ênfase – títulos, sobretítulos, subtítulos, chapeús e olhos. Considero-os como enunciados marcados pelo modo e pela intenção comunicativa em relação tanto aos demais enunciados constitutivos tanto da PP – legendas, lides e rubricas –, quanto aos das páginas no interior do jornal.

Os títulos são obtidos a partir de um conjunto de fatores levados em conta no momento de sua formulação: mercado, política editorial, apuro estético, valores ideológicos, perfil do público-alvo, conteúdo da notícia, importância da notícia, tema da notícia, processo coletivo ou individual. Eles deixam sua marca no enunciado lingüístico, seja na escolha de estruturação sintática, na seleção vocabular, seja na opção pelos meios gráficos, configurando, dessa forma, um modo discursivo peculiar a cada veículo.

Dever-se-ia dizer que o acontecimento tem um local privilegiado, que é a região dos títulos. É ao nível dos títulos que o leitor se depara com o acontecimento no estado puro. (...)O título está para o artigo como a ponta de uma pirâmide cuja base está cada vez mais expandida no tempo. O jornal aparece então sujeito a uma tensão conflituosa: em sua ponta – o título – ele está na ponta da Atualidade; já sua base tende para a História. Esta tensão corresponde a dois eixos: ao nível dos títulos, o jornal é uma sucessão de acontecimentos que impõe uma leitura linear; ao nível do artigo, a narrativa segue o eixo da coluna que mergulha na profundidade da página. As duas dimensões são as figuras de uma dupla escrita que corresponde a uma dupla compatibilidade do tempo. (idem, p.79, 78)

Os títulos da PP, na mídia impressa, configuram o discurso frontal que o leitor encontra como primeiro sentido da informação. Investem-se, ainda, de extrema importância, na medida em que carregam as marcas discursivas das estratégias que garantem os vínculos entre emissor e receptor. Mouillaud (ibidem), com o objetivo de especificar o conceito de informação utilizado em estudo sobre o papel da imprensa na evolução dos hábitos, reconhece três níveis discursivos que, na sua interdiscursividade, fundariam a informação: o nível dos discursos primários, o dos artigos e o dos títulos, considerando este último o mais representativo da especificidade jornalística. Tal especificidade decorre da função desempenhada pelos títulos de ordenar em uma unidade um “pacote de informações”, resultante da produção de dois níveis discursivos: o nível dos títulos forma um discurso próprio em relação ao nível dos artigos.

Nesta seção, vou apresentar um conjunto de traços que caracteriza a identidade de cada jornal, por meio da descrição do cabeçalho de cada jornal, onde se inscreve o título principal – o nome do jornal – e da seleção de vocábulos, que fazem referência a certas unidades culturais – localidades geográficas; identidades sociais, civis e profissionais; representações políticas; mundo informatizado; representações do mundo do esporte. Essa seleção vai constituir o vocabulário designador das unidades culturais e das categorias-assunto do jornal, que estão inscritas no meio cultural a que o jornal pertence.

2.1.1 O nome do jornal

Do mais geral para o mais particular: O GLOBO, JORNAL DO BRASIL, O DIA e POVO do Rio; ou, então, do mais particular ao mais geral: POVO do Rio, O DIA, JORNAL DO BRASIL e O GLOBO. O nome do jornal se constitui no primeiro enunciado que se oferece à visão do leitor. Ele é sua identidade principal. É para o nome do jornal que convergem as diferentes características lingüísticas, discursivas, diagramáticas e imagéticas, dando forma à singularidade de cada veículo. Nessa perspectiva, tomar o nome do jornal em consideração na descrição comparativa de cada veículo, significa considerar o nome de jornal como um dispositivo significativo na representação de cada jornal.

Seguindo o entendimento de Moiullaud (1997), a noção de dispositivo abrange não somente a natureza material de aparelho tecnológico ou o mero suporte inerte do enunciado: também o local onde o enunciado toma forma é um dispositivo. O nome do jornal é um enunciado ao mesmo tempo mínimo e dominante: porque identifica o próprio jornal e, na presença de nomes dos outros jornais que integram o mesmo paradigma, ele se diferencia dos demais.

O nome do jornal é um dispositivo eficaz na operação da ‘compulsão da repetição’: agrega as características que compõem o ‘perfil’ do jornal e, por meio dessa identidade única, sua eleição se ratifica a cada dia, como se, uma vez que alguém elegeu o seu jornal, deva permanecer fiel, como se isso signifique permanecer fiel a si mesmo.

JORNAL DO BRASIL

FUNDADO EM 9 DE ABRIL DE 1891

Assinamento: 05 255/93270 589-9000

Rio de Janeiro • Terça-feira • 2 de maio de 2000 • Ano CV • Nº 24

MOVIMENTO NAS ESTRADAS PODE FICAR INTENSO HOJE • PÁGINA 20

O GLOBO

Supervisor: RUILO MARINHO

RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 2000 • ANO CV • Nº 24.450 • O GLOBO ONLINE: www.oglobo.com.br

Produtor: ROBERTO MARINHO

O DIA

R\$ 0,50

TERÇA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 2000
ANÚNCIO Nº 17.560
PREÇO: R\$ 0,50
CONTATO: 021-255/93270, 589-9000



O DIA ONLINE: www.odia.com.br

EDIÇÃO METROPOLITANA

Faltam **5** dias para você
ganhar 4 rodas novas.

11 carros 0 km, ar-condicionado, celulares e 250 reais*.



**INFORMAÇÕES,
SUGESTÕES,
DÚVIDAS?**



supervia

Fone
588-9494

É SÓ LIGAR.

GAROTINHO DÁ AUMENTO A POLICIAIS CÍVIS E MILITARES

Página 5

Povo

do Rio

R\$ 0,40

ANO IV • Nº 1623 • Rio de Janeiro • terça-feira • 2 de maio de 2000 • Povo Online: www.povodoria.com.br

Presidente: Alberto Ahmad

Os nomes dos jornais que constituem a amostragem podem ser vistos numa perspectiva decrescente ou crescente de singularização da referência, que cada um faz por meio de sua autodesignação, a um determinado recorte de mundo:

- O GLOBO: corpo esférico, redondo; o globo terrestre, a Terra; representação esférica do sistema planetário.
- JORNAL DO BRASIL: República Federativa do Brasil, a maior nação do mundo latino pela superfície e efetivo demográfico.
- O DIA: Tempo que qualquer corpo celeste leva para descrever uma volta em torno de seu eixo de rotação; atualidade, momento.
- POVO do Rio: Conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e tradições comuns e, nesta acepção, nação; os habitantes de uma localidade ou região; o conjunto das pessoas que constituem o corpo de uma nação, que se submetem às mesmas leis; o conjunto das pessoas pertencentes às classes menos favorecidas; plebe; ralé; grande número; quantidade, gente.

A referência do jornal O GLOBO é uma referência espacial mundialmente totalizante. O JB é uma referência definida territorialmente: o país político, geográfico e cultural. O DIA faz uma referência temporal, cronológica, presentificada sem territorialização definida. O POVO tem no conjunto das pessoas pertencentes a uma mesma comunidade – lingüística, geográfica, política, cultural – o seu referente.

Será uma viagem no globo terrestre a um país, num determinado momento em uma determinada comunidade. Ou, se se preferir, numa determinada comunidade, num determinado momento, em um certo país do globo terrestre. Ou ainda: uma comunidade, num certo país do globo terrestre, num determinado momento. Mas, não é bem assim. As referências não se contêm umas às outras. Não há, na verdade, pertencimento entre elas.

O nome do jornal não tem compromisso com o referente que denotativamente a ele se pode atribuir. O real referente de cada nome de jornal só poderá ser reconstituído no interior do próprio jornal. Não há um exterior ao nome do jornal que o conforme. Ao contrário: o referente do nome do jornal é por ele construído, tecido e urdido nas suas páginas, nas notícias que publica, nos anúncios que veicula, nos títulos que apresenta, na diagramação que oferece. O nome do jornal, mera distinção num conjunto maior de jornais, por um lado, e, por outro, marca de identidade e de identificação do leitor, se

substancializa, efetivamente, a cada edição diária, como resultado do recorte que faz do 'real' informe e contínuo.

Mas, por paradoxal que possa parecer, o nome do jornal é permanentemente referenciado pelo leitor, que é o seu outro, pertencente a um território, a uma comunidade, com uma identidade sócio-econômico-cultural. O nome do jornal é permanentemente referenciado pelo leitor que o lê. O nome do jornal se constitui, assim, no primeiro dispositivo, "limite simbólico", (Mouillaud, 1997) que configura e conforma os textos, os sentidos, os leitores, o 'real'. É na dinâmica da tensão entre o leitor territorialmente situado e o jornal referido a uma totalidade, que se constrói intermitentemente a referência designada pelo nome do jornal.

O nome-de-jornal seria um olho, um local de onde parte a visão? O nome, na realidade, o leitor de jornal não o vê; ele é seu pressuposto. O nome-de-jornal empresta seu olho ao leitor para ver o mundo. O olho do leitor enxerga em seu lugar como um olho mágico, um buraco cujo lugar qualquer olho pode ocupar. O nome-de-jornal é, deve ser, o olhar de todo e qualquer um. O olho do leitor, a partir desse nome, difrata-se sobre o mundo que se torna sua própria visão" (Mouillaud, p.97, 1997)

Passemos a examinar, um a um, os cabeçalhos desses quatro jornais, onde vem inscrito o seu nome, a autoenunciação, e as indicações da identidade do seu público-alvo.

Cabeçalho do JORNAL DO BRASIL (de cima para baixo – fundo branco, caracteres pretos)

De Segunda a Sábado:

- nome do jornal – JORNAL DO BRASIL
- telefone de atendimento ao assinante
- data de fundação – 9 de abril de 1891
- filete preto especial
- local, data, ano e nº. de publicação
- filete simples

Domingo:

fio preto simples, cortado ao meio por retângulo vermelho, com inscrição em letras vazadas de branco: DOMINGO

- nome do jornal – JORNAL DO BRASIL

- telefone de atendimento ao assinante
- data de fundação – 9 de abril de 1891
- filete preto especial
- local, data, ano e nº. de publicação
- fio simples

Cabeçalho do GLOBO (de cima para baixo – cores da bandeira brasileira)

Fundo verde, com chamada em letras vazadas em branco e indicação da página

- filete especial amarelo (3)
- o nome do jornal – O GLOBO – em fundo azul e letras vazadas em branco
- filete preto simples
- fundador: Irineu Marinho; local, data, ano e n. de publicação; publicidade: O GLOBO on: www.OGLOBO.com.br; Presidente: Roberto Marinho
- filete preto especial

Cabeçalho do DIA

- nome do jornal em fundo amarelo letras azuis: O DIA
- preço – R\$ 0,50 (de segunda à sábado) e R\$ 1,00 (aos domingos) –, o dia da semana, o ano e o nº., o presidente – Ary Carvalho – e a Diretora de Redação – Ruth de Aquino – (caracteres pretos)
- selo de autopublicidade, indicando que o jornal é o no. 1 de vendas no Rio de Janeiro e no Brasil aos domingos (fundo laranja, bordejado com fio azul letras azuis, brancas e amarelas)
- publicidade – O DIA ONLINE: www.odia.com.br. (Edição metropolitana em fundo azul, letras brancas)

Cabeçalho do POVO do Rio

- publicidade: Supervia (fundo vermellho e branco, letras pretas, azuis e verdes)

- fundo amarelo, bordejado por filete simples preto, com chamada em letras pretas, indicação da página
- filete especial vermelho (1)
- filetes simples vermelhos (2)
- nome do jornal – POVO do Rio – em letras azuis, preço – R\$ 0,40 em números vermelhos, retângulo vermelho com inscrição em letras vazadas em branco – de Domingo a Domingo
- ano, número, local e data de publicação; publicidade: POVO online www.povodorio.com.br; Presidente: Alberto Ahmed, em caracteres pretos
- filete simples vermelho (2)
- filete especial vermelho (1)

Nos Anexos, nas reproduções das PPs dos quatro jornais, podem ser verificados, a título de ilustração as características de cada jornal, que passam agora a ser descritas.

Dos quatro diários, o JB é o mais ‘sóbrio’ no que se refere a sua autoenunciação: usa letras pretas em fundo branco, a apresentação do seu nome está seguida da data de sua fundação, o que lhe confere a credibilidade. Dirige-se ao seu leitor, o assinante, oferece informações sobre a localidade e a data de cada edição. Trata-se de uma apresentação de identidade indiscutível. Não há recursos ‘apelativos’ ou sedutores. Não há necessidade. O jornal conta com o tempo de publicação para estabelecer-se. O seu contrato é muito claro: é com aqueles que o assinam, não está (pelo menos, nesse nível) em disputa com outros diários na banca. Se impõe por ser o ‘JB’, conforme depoimento do seu editor:

O **JB** tem uma coisa que não foi tirada dele apesar da crise por que ele passou. É um negócio que se chama credibilidade. Isso não é porque eu estou aqui, isso é um aspecto inerente ao Jornal. Ela transcende aos donos do Jornal. Não adianta.⁷

O GLOBO se inscreve nas cores da bandeira brasileira. Conferem-lhe autoridade não a data de fundação, mas o nome do fundador e o nome do seu presidente. A sua apresentação se inscreve em outras ordens discursivas: as que se referem às

representações sociais carregadas pelas identidades de seu fundador e de seu presidente. O jornal se apresenta como meio de utilidade. Uma chamada para o interior do jornal, antecede o seu nome, traz informação, em um fio de linha⁸ verde, quase sempre de caráter de prestação de serviço, isto é, informações de utilidade para o dia-a-dia do seu leitor, que é interpelado por meio de categorias como 'consumidor', 'aposentados', 'proprietários', 'militares', 'motoristas', 'servidores federais', 'acionistas', 'turistas', 'universitários'. Oferece promoções como revistas e CD-Rom, e descontos em joalherias para o dia das mães; configura o universo referencial de interesse do seu público-alvo com informações sobre economia em relação à inflação, custo de vida, PIB, juros ou sobre movimentos sociais em relação a greves, concursos públicos, chamadas essas, em sua maioria, contextualizadas na cidade do Rio de Janeiro e poucas em São Paulo.

É interessante observar que a maioria dos enunciados são antecipativos, isto é, informam algo que ainda acontecerá em futuro próximo ou algo que estará disponível no dia seguinte. São enunciados introduzidos pela expressão 'amanhã nas bancas', quando se trata de promoção, ou por meio de modalizações temporais feitas pelo tempo futuro do presente – 'dará', 'terão', 'perderão', 'abrirá' –, ou de locuções verbais – 'pode ficar', 'anuncia reajuste', 'podem defender', 'deve sair'. Esse recurso de antecipação é claramente uma estratégia para fugar o leitor no sentido de ele manter o interesse no diário. O GLOBO, por meio do nome, cria a topografia do universal; por meio das cores, a do nacional; e, por meio do universo referencial, o dia-a-dia na esfera do custo de vida, do consumo de bens simbólicos, da educação, entre outros, contextualizados espacialmente no eixo Rio-São Paulo.

O DIA, jornal de banca, estampa em destaque, ao lado de seu nome, o preço – menos da metade do do JB e do GLOBO. Sua chancela é conferida pelo selo publicizando sua invencibilidade no mercado de concorrência em todo o Brasil e no Rio de Janeiro: é o n. 1 em vendas, inscrevendo-se dessa forma na topografia nacional e regional. Ainda no cabeçalho autopromove a divulgação do seu endereço online, seguindo-se a regionalização da edição.

⁷ Editor do JB, Apêndice 8.7.1.

⁸ Fio de Linha: Estou designando dessa forma as chamadas que vêm impressas antes do cabeçalho dos jornais, sobre fundo colorido.

O DIA se apresenta como um jornal nacional, do Estado do Rio de Janeiro e das diversas regiões da cidade do Rio de Janeiro. O fundo amarelo vivo, contrastando com as letras azuis, pretas e brancas, faz sobressair o seu nome nas bancas. Embora não faça parte do cabeçalho, há que se associar ao nome do jornal a propaganda diária da promoção “o século da sorte”, que, via de regra, vem imediatamente abaixo do cabeçalho, ou nas laterais do jornal, logo abaixo do cabeçalho, ou, muito raramente, no rodapé em fundo verde, com letras brancas e amarelas, e o selo da promoção em várias cores. No enunciado diariamente um dos articulistas do jornal tem seu retrato estampado, convidando o leitor a ler a sua coluna no interior do jornal, por meio de enunciados modalizados diretivamente: ‘confira’, ‘leia’, ‘veja junto a minha coluna’.

Por meio desses recursos de publicidade e propaganda, o jornal se apresenta ao seu leitor como o diário que, além das notícias do dia-a-dia, vai ofertar-lhe mais, muito mais, e o faz com leveza, colorida e ludicamente: o *site* para os que acessam a Internet, a garantia de ser o melhor, já que é o mais vendido no Brasil e no Rio aos domingos, além de propor uma interação com o seu leitor íntima, direta, expressa no enunciado da promoção: “faltam 5 dias para você ganhar 4 rodas novas.” Essa representação do seu receptor por meio do pronome ‘você’, aproxima, criando intimidade e cumplicidade entre emissor e receptor, além de seduzi-lo com as ofertas. Ademais, o DIA se apresenta como um emissor polifônico, por seu intermédio falam vários articulistas. O DIA, a partir da edição do dia 16, também dá visibilidade aos ganhadores dos prêmios, expondo retrato e informando o nome completo.

O DIA e o JB marcam a diferença entre as edições dos dias de semana e a edição de Domingo. Aquele por meio da ordem de apresentação das suas credenciais, este com uma vinheta com a inscrição ‘Domingo’.

O POVO, ao lado do seu nome, destaca o preço: 0,40 de Domingo a Domingo. É o mais barato – custa a terça parte do dos jornais mais caros – e o único que não tem preço diferenciado no Domingo. Antecede o cabeçalho, diariamente, uma chamada informativa em fundo amarelo. É por meio desse fio de linha que o jornal interpela e configura o seu público-alvo. Enunciados de chamadas para o interior do jornal, marcados no tempo presente, que configuram o receptor, o universo referencial e as instituições formais a que se reporta o jornal – ‘polícia civil’, ‘militar’ e ‘guarda municipal’; ‘caminhoneiros’, ‘sindicalistas’, ‘rodoviários’, ‘jornaleiros’, ‘professores’,

'servidores federais', 'aposentados', 'delegados', moradores das diversas comunidades a que o jornal dá visibilidade, como 'Tijuca', 'Méier', 'Seropédica', 'Acari' fazem referência ao universo discursivo de interesse desses segmentos da sociedade, tais como, 'aumento salarial', 'violência', 'cesta básica', 'atos administrativos municipais e estaduais', 'movimentos de greve', 'concursos públicos', 'reivindicações às administrações municipais e estaduais'; e às representações formais, como Governador, OAB, Prefeitura, Estado.

É interessante observar como os enunciados, em sua maioria, tematizam as diversas categorias como agentes dos processos verbais, ou são representados como alvos interessados. Essa estratégia põe em cena ativamente os segmentos a que se destina o jornal. Parece-me um modo de enunciação bastante interessante em relação à construção do receptor: ele é quem age, ele é o alvo das ações governamentais. Parece significativo também enunciados expressarem, por meio dos lexemas verbais e de outros, o estado de espírito, a emoção desses atores: comemoram, se irritam, não se entendem, se unem contra. Note-se, ainda, o uso da interpelação direta ao jornaleiro, por meio da interjeição e do vocativo, seguido do uso do pronome indicando uma simetria na relação com essa categoria profissional: 'Atenção, jornaleiro, chegou a sua vez.' Conforme depoimento abaixo, o jornaleiro, para os jornais de banca, é peça-chave na engrenagem do negócio, o que justifica a atenção especial que o jornaleiro recebe desse diário na PP.

Que que nós estamos fazendo agora? Nós contratamos uma gerente de marketing, justamente para isso. Então, se o meu passo principal é vender jornal, quem eu tenho que agradar primeiro, quem vende o meu produto? É o distribuidor ou é o jornaleiro? O distribuidor entrega, mas quem vai expor o meu produto é o jornaleiro. Tenho que fazer de forma que o jornal chegue na banca seja bem exposto e tenha da parte do jornaleiro um parceiro. Então o que que nós fizemos? Fizemos campanha, hoje nós temos uma campanha que cada visita que nós fazemos em determinada área, o jornaleiro que tiver com o nosso produto bem exposto, ele ganha uma cesta básica. Então ele vem aqui recebe uma cesta básica, além de camiseta, uma série de coisas que você começa a dar. Já estamos programando coquetel com os capatazes.⁹

Há ainda que comentar a presença do selo de propaganda da Supervia, em cujo enunciado, o usuário é convidado a obter informações, expor sugestões e tirar dúvidas. Trata-se de recurso icônico textual que cria vínculo, por meio dessa prestação de

⁹ Responsável pelo setor de vendas do POVO, Apêndice 8.7.5.

serviço, com um segmento importante do público-alvo do jornal, os usuários das estradas de ferro. Essa publicidade é reforçada no rodapé, por meio de enunciado em modalidade diretiva "Guarde o seu bilhete até o final da viagem", acompanhado do desenho de um trem, em cujos vagões se lêem: rapidez, pontualidade, conforto, segurança e economia, e de selo com a inscrição: "Levando você a sério." No cabeçalho e no rodapé, a propaganda da supervia estabelece um vínculo com o receptor, além de funcionar como recurso na construção de sua identidade, por meio da modalidade diretiva, do uso do pronomes que marca a 2ª pessoa do discurso, 'você' e 'sua', oferecendo informações sobre um serviço fundamental para o dia-a-dia do receptor.

Esse último recurso do jornal POVO deve ser contrastado com os utilizados no jornal GLOBO, nas chamadas que vêm no fio de linha, acima do cabeçalho, referindo-se ao serviço prestado pelo metrô, a motoristas de carros e a usuários de passagens aéreas. Pode-se, portanto, distinguir claramente os dois tipos de usuários: os do POVO, usuários das linhas de ferro; os do GLOBO, usuários das estradas de rodagem, das vias férreas subterrâneas e das vias aéreas.

Em relação ao cabeçalho, o que distingue os quatro jornais em jornais de qualidade e jornais populares é tanto o preço, R\$ 1,20, quanto o fato de os jornais JB e GLOBO não estamparem o preço no cabeçalho, em contraposição ao DIA e POVO – R\$0,50, R\$ 0,40, respectivamente. Embora O GLOBO, O DIA e o POVO empreguem cores para dar destaque ao cabeçalho, pode-se notar maior investimento de recursos gráficos nos dois últimos, os quais, por sua vez singularizam-se, ainda, em relação ao GLOBO e JB, por associarem o seu nome à promoções e publicidades.

2.1.2 O vocabulário

Nesta seção, faço a caracterização de cada jornal, por meio de seleção vocabular. Seguindo a diferenciação já observada nos enunciados dos cabeçalhos e dos fios de linha, fiz um levantamento nos enunciados-títulos das PPs dos quatro jornais de algumas categorias-assunto, que fazem referência ao universo cultural representado nas chamadas, por meio de nomes designadores de: a) identificação social, civil e profissional; b) localidades regionais, nacionais e internacionais; c) noções do mundo informatizado; d) cargos do Poder Executivo do País e do Estado do Rio de Janeiro.

Essa seleção vocabular, além de configurar o perfil de cada jornal, expressou o recorte, comum aos quatro jornais, do mundo, do país e da cidade.

Os nomes das identidades

Com base na Tabela 1, no Apêndice 8.1.1, estabeleci, por jornal, o conjunto de vocábulos referentes a profissões, ofícios, cargos, ocupações etc., com ocorrência exclusiva em cada jornal, conjunto esse que pode ser visto na relação abaixo.

Relação I. Conjunto de vocábulos referente à identificação social, civil e profissional, com ocorrência exclusiva a cada jornal.

JORNAL DO BRASIL	O GLOBO	O DIA	POVO
1. Advogado da união	1. Administrador	1. Adolescente	1. Acadêmico
2. Auditor	2. Agricultor	2. Adulto	2. Bancário
3. Apostador	3. Amador	3. Agiota	3. Banhista
4. Atleta	4. Analista	4. Analista de sistemas	4. Cabeleireira
5. Branco	5. Assentado	5. Astronauta	5. Cabo
6. Cidadão	6. Diretora FMI	6. Babá	6. Camelô
7. Chefe da Abin	7. Diretor do FED	7. Baixinho	7. Cardiologista
8. Construtor do TRT	8. Dono de construtora	8. Banqueiro (bicho)	8. Carente
9. Dançarina	9. Dono do Inkal	9. Comissário	9. Cobrador
10. Desaparecido político	10. Engenheiro	10. Contribuinte	10. Comissária (ONU)
11. Especialista	11. Esquerdista	11. Coroa	11. Concursados
12. Estrangeiro	12. Ex-general	12. Dentista	12. Dono do morro
13. Ex-chefe do SNI	13. Fiscal do Detro	13. Detetive	13. Dono do tráfico
14. Favelado	14. Governante	14. Doméstica	14. Enteada
15. Fotógrafo	15. Grevista	15. Dona de casa	15. Escritor
16. Graduado	16. Grupo radical	16. Dono de imóvel	16. Estagiária
17. Hacker	17. Habitante	17. Dona de bar	17. Fã
18. Inteligência	18. Militante	18. Economista	18. Faxineira
19. Líder sem-terra	19. PMDB	19. Eletricitário	19. Gêmeos
20. Locutor	20. PPB	20. Escrivão	20. Irmã
21. Modelo	21. PSDB	21. Ex-namorada	21. Jornaleiro
22. Mordomo	22. PTB	22. Petroleiro	22. Lutador
23. Parlamentar	23. Sonegador da	23. Fiscal da Comlurb	23. Marinheiro
24. Partido	Previdência	24. Galã	24. Metalúrgico
25. Pessoa de cor preta		25. Garçon	25. Missionária
26. Pesquisador		26. Garota de programa	26. Musicoterapeuta
27. Procurador		27. Gay	27. Oficial
28. PPS		28. Grávida	28. Padrasto
PSTU		29. Homossexual	29. Ricardão
29. Viúva		30. Hoteleiro	30. Sindicalista
		31. Líder do governo	31. Tarado
		32. Major	32. Tatuado
		33. Menino(a)	33. Vidreiro
		34. Morena	
		35. Mutuário	
		36. Noivo	
		37. Passageiro	
		38. Pastor	
		39. Pit boy	

Essa relação revela aspectos interessantes do universo referencial de cada jornal, os quais correspondem aos diferentes estratos sociais. A referência à propriedade é feita em três dos jornais, por meio da noção 'dono', o que os distinguem entre si é a natureza e o tipo de propriedade, que por si sós já expressam a diferença dos segmentos social a que cada jornal se destina. No GLOBO, 'dono da construtora' e 'dono do Inkal; no DIA, 'dono de imóvel' e 'dono do bar'; e, no POVO, 'dono do morro' e 'dono do tráfico'.

As noções representativas das profissões também revelam a identidade profissional dos leitores de cada diário: no JB vê-se pesquisador, especialista, fotógrafo, dançarina, modelo, o *hacker*; no GLOBO, engenheiro, analista, agricultor; no DIA, petroleiro, escrivão, agiota, analista de sistemas, astronauta, babá, banqueiro (bicho), comissário, dentista, detetive, doméstica, garçom, economista, eletricitário; no POVO, vidreiro, musicoterapeuta, metalúrgico, bancário, cabeleireira, cardiologista, escritor, faxineira, jornalista.

Já as noções representativas do estatuto social revelam posicionamento político, *status*, preconceitos, comportamentos, reacionarismos, modismos e caricaturas: no JB, cidadão, favelado, 'pessoa de cor', 'desaparecido político'; no GLOBO, esquerdista, assentado, grevista, militante; no DIA, coroa, galã, garota de programa, morena, pit boy; no POVO, carente, fã, lutador, Ricardão, tarado, tatuado.

São reveladoras também as listas da Relação II, que agrupa os vocábulos comuns aos jornais de qualidade – JB e GLOBO – e da III, que agrupa os vocábulos comuns aos jornais populares. Nessas duas relações, só foram incluídos os vocábulos que têm ocorrência nos pares de jornais, com vistas a se reconhecer a linha divisória entre os dois tipos de diários.

Relação II. Vocábulos com ocorrência exclusiva no JB e GLOBO
Acionista minoritário, Estudante, General, Executivo, Infiel, Manifestante, Ministro, PF, PFL, PT

Relação III. Vocábulos com ocorrência exclusiva no DIA e POVO.
--

Aluno, Aposentado, Bebê, Bombeiro, Capitão, Comunidade, Diretor de escola, Funcionário, Gari, Idoso, Inativo, Infantil, Ladrão, Marido, Mecânico, Multidão, Pensionista, Professor, Químico, Rodoviário, Soldado, Taxista, Torcedor, Vereador

As relações II e III revelam a exclusividade nos jornais de qualidade de vocábulo representativo do universo político – ‘infiel’¹⁰ e partidário, com exceção para ‘vereador’, no DIA, de patente militar e de cargo de alta hierarquia. Nos jornais populares, a exclusividade está na representação de certos segmentos da sociedade – idoso, aposentado, inativo, pensionista –, revelando ser um tema premente para os segmentos que constituem o público-alvo desses jornais e não valorizado pelos dois outros.

Ainda chama a atenção a representação das baixas patentes militares – soldado, capitão –, bem como de vocábulos do campo educacional referentes aos atores sociais mais próximos da vivência na escola de 1º e 2º graus – aluno, Diretor de escola, professor –, em contraposição ao vocábulo estudante, que, no JB e no GLOBO, ocorre em enunciados referentes ao 3º grau. O vocabulário relativo a profissões e ofícios, bastante variado como se viu na Relação I, nos jornais populares dá visibilidade a profissões menos valorizadas e prestigiadas socialmente – bombeiro, mecânico, gari, entre outras.

Outros vocábulos representam as identidades dos atores das notícias, inscrevendo-as no universo próximo da vivência cotidiana e familiar – bebê, marido. Rodoviário e taxista revelam outro segmento integrante do público-alvo dos jornais populares, cujas condições de trabalho, em termos de segurança, salário e apoio de infra-estrutura demandam, na cidade do Rio de Janeiro, constantes reivindicações.

Ainda com base na Tabela 1, no Apêndice 8.1.1, estabeleceu-se o vocabulário comum aos quatro jornais, relacionado no Quadro 1, com número de ocorrência em cada jornal e a respectiva totalização, no conjunto dos quatro diários.

Quadro 1. Vocabulário referente à identificação social, civil e profissional, comum aos quatro diários, com a quantificação, por jornal, e a totalização de ocorrência.

VOCÁBULOS	O GLOBO	JB	O DIA	O POVO	TOTAL
-----------	---------	----	-------	--------	-------

¹⁰ Verificar, no Apêndice 8.1.4, os enunciados em que a noção ocorre, no JB e GLOBO.

aluna			1		1
aluno				5	5
Bandido	2	2	4	1	9
Caminhoneiros	4	2	5	6	17
Comunidade		1	1	4	6
Estudante	2	2		1	5
Família	2	3	5	4	14
Governador	2	4	5	1	12
Guarda Nacional		1	1		2
Guarda Municipal			1	3	4
Homem	2	1	3	1	7
Juiz	1	2	3		6
Juíza			1	1	2
Mãe	2	2	4	5	13
Menor	1	4	2	5	12
Morador	2	3	5	7	17
Motorista	4	2	13	5	24
Mulher	2	1	4	1	8
PM	3	2	7	1	13
PM x Bandido	2	2	7	15	26
Polícia	8	2	8	1	19
Polícia x Bandido	2	1	6	6	15
Polícia Civil			2	1	3
Polícia Federal			2		2
Polícia Militar				1	1
Polícia Secreta	1				1
Policial	1	2	1	1	5
Policial x Bandido		1		1	2
Policial Civil			1	1	2
Policial Federal		1			1
Policial Militar				1	1
Sem-terra	3	4	2	1	10
Servidor	4	2		5	11
Servidor do Rio	1				11
Servidor federal	1		2	4	6
Servidor municipal			1		1
Servidores (estado)			5	1	6
Servidores (união)			4		4
Servidores da União			1		1
Traficante	4	3	5	5	17

Do vocábulos no Quadro I, estabeleci, por ordem decrescente, a hierarquia do universo referencial comum aos quatro diários.

Algumas explicações para o entendimento desse vocabulário comum: a) 'polícia' reúne todas as ocorrências dos vocábulos que se referem a profissionais das instituições de segurança civis e militares nas esferas federal, estadual e municipal; b) 'servidor' reúne todas as ocorrências dos vocábulos que se referem ao funcionalismo público nas esferas federal, estadual e municipal; c) estudante reúne as ocorrências dos vocábulos estudantes e alunos.

O conjunto de vocábulos comuns aos quatro jornais, com o respectivo número de ocorrências, é o seguinte: polícia (97); servidor (40); motorista (24); traficante (17); caminhoneiros (17); morador (17); família (14); menor (12); governador (12); estudante (11); sem-terra (10); bandido (9); mãe (9); mulher (8); juiz (8); homem (7); comunidade (6).

A frequência e a respectiva ordem de ocorrência com que os vocábulos ocorrem nos enunciados, que têm ênfase nas chamadas das PPs dos jornais, revela aspectos interessantes quanto ao universo de referência social representado, durante o período estudado. Os termos motorista, caminhoneiro, sem-terra e mãe revelam a 'atualidade' naquele mês; polícia, servidor, traficante, morador, menor, governador, estudante, bandido e juiz, revelam os estatutos civis da sociedade; e, comunidade e família os agrupamentos em que se organizam os indivíduos da sociedade; e mulher e homem palavras que pertencem ao vocabulário geral da língua.

Devo ainda destacar que o vocábulo 'comunidade', no JB, refere-se à comunidade de informação, e, nos jornais O DIA e POVO, às comunidades residentes nos morros e bairros periféricos da cidade do Rio. Exatamente porque o vocábulo comunidade, por meio da especificação 'de informação', faz um recorte diferente no universo sociocultural, pareceu-me oportuno trazer à luz as duas acepções de comunidade, por refletirem, com bastante propriedade, as distâncias existentes em nossa sociedade, em decorrência das transformações políticas e econômicas resultantes da globalização do mercado e do neoliberalismo, fomentadas pelas inovações tecnológicas.

A esse respeito, é oportuno trazer à baila o resultado do reconhecimento da representação do mundo informatizado, feito com base nos enunciados que contêm vocábulos que fazem referência a esse tema. Do conjunto de enunciados em que ocorrem vocábulos representativos desse universo temático – Internet, informática, vírus, negócio e empresa virtual, micro, rede, *Nasdaq*, *Microsoft*, supervírus, *site*, *on-line* –, ver Apêndices 8.1.5, temos o seguinte resultado: no JB, 16; no GLOBO, 11 e, no DIA, 28, além da publicidade diária do serviço *on line* nestes dois últimos e no POVO. Este último não contém nem uma ocorrência de vocábulo referente a noções do universo informatizado.

Complementando essa seleção, quantifiquei as ocorrências dos nomes referentes aos dirigentes maiores do País e do Estado, a fim de verificar a pertinência da tese de que os jornais populares não têm interesse sobre o universo da política institucional. Os resultados obtidos, apresentados no Quadro 2, baseiam-se na relação dos enunciados de cada jornal (ver Apêndices 8.1.4), em que ocorrem os seguintes nomes: FH, presidente, governo, governador e Garotinho:

Quadro 2. Por jornal, nomes referentes aos cargos máximos de poder no País e no Estado do Rio de Janeiro.

Nomes	JB	GLOBO	DIA	POVO	Total
FHC				1	1
FH			7		7
Fernando Henrique	14	11			25
Presidente	1		2		3
Governo (Federal)	11	16	7		34
Garotinho	7	6	7	6	26
Governador	3		2	1	6
Governo (Estadual)			1		1

Com base nessas ocorrências, pode-se dizer que, de fato, nos jornais populares a representação dos agentes do poder oficial, sobretudo no âmbito federal, tem menos visibilidade na PP do que nos jornais de qualidade. Sobre essa seleção, é necessário destacar que parte da frequência de ocorrência de referência ao Governador Garotinho se deve ao fato de a ele ter sido dada visibilidade, nas PPs dos quatro jornais durante três dias, em decorrência de uma internação médica de urgência.

Os nomes de lugar

A seleção vocabular que representa o universo geo-político comum aos quatro jornais, foi extraída do conjunto dos vocábulos que fazem esse tipo de referência, conforme pode ser verificado no Apêndice 8.1.2. A diversidade de nomes de bairros nas chamadas do DIA e do POVO, por um lado, e a diversidade de países referidos pelo JB e pelo GLOBO, por outro, além da diferenciação do recorte que é feito na cidade, representado pelos nomes de lugares referidos nos jornais de qualidade e nos jornais

populares, também indicam a extrema segmentação do público-alvo de cada jornal a que corresponde a estratificação da sociedade.

No Quadro 3, relaciono os vocábulos, comuns aos quatro jornais, que configuram o universo referencial da geografia política da PP dos diários estudados.

Quadro 3. Vocábulos referentes às localidades, nos quatro jornais, com a quantificação de ocorrência, por jornal, e a respectiva totalização.

Locais	O GLOBO	JB	O DIA	POVO	total
Argentina	4	4	1		9
Bangu	1		1	1	3
Barra	1		4	2	6
Brasil	5	9	3	2	19
Centro	1		5	4	10
Cidade	1		3	2	8
Copacabana	1	3	3	6	13
EUA	4	5	2		11
Favela	6	2	6	1	13
Ipanema		1	1	1	3
País (BR)	3	1	2	1	6
Rio	22	16	17	10	65
São Paulo	6	3	5		14
Tijuca		1	2	3	6
Zona Sul		3	3	2	8

Como pode ser verificado no Quadro 3, apenas três vocábulos ocorrem nos quatro diários – Rio (65 vezes), Brasil/País (25 vezes) e Copacabana e favela (13 vezes). Os demais vocábulos ocorrem apenas em três dos quatro diários: Centro e cidade (18), São Paulo (14), EUA (11), Argentina (9), Zona Sul (8), Tijuca (6), Barra (6), Ipanema (3) e Bangu (3), reforçando a imagem de que o Rio é uma ‘cidade partida’, o Brasil é o ‘eixo Rio-São Paulo, e os EUA e a Argentina, o mundo.

Nessa seleção, não foram considerados, como já foi dito, os enunciados dos lides e das legendas dos jornais, caso contrário, a frequência de ocorrência do vocábulo favela não teria sido apenas uma, no POVO. No entanto, o próprio fato de esse termo ocorrer apenas uma vez nos enunciados com ênfase nesse jornal, que é o que mais dá visibilidade às ‘guerras do tráfico’, diferentemente, sobretudo do GLOBO, em que ocorre seis vezes, revela que favela se reveste de sentidos diferentes, a serem tratados no capítulo 4, em um e outro jornal.

Com relação às interpretações orientadas com base nesses levantamentos vocabulares, cabe ressaltar que outras inferências poderiam ter sido feitas, caso se considerassem outros aspectos discursivos constitutivos dos enunciados em que esses vocábulos ocorrem. O objetivo da seleção, no entanto, é apenas o de configurar o universo referencial de cada jornal nas PPs, pois, caso se quisesse fazer um estudo interpretativo com base no vocabulário, seria necessária uma amostragem maior e mais representativa do que a que se construiu neste trabalho.

A identificação do vocabulário, peculiar a cada jornal, referente às localidades, às noções representativas dos estatutos social, civil e profissional dos atores sociais, ao mundo informatizado e ao universo da representação política oficial, referidos nos enunciados das chamadas das PPs, além de reforçar a descrição inicialmente feita dos cabeçalhos dos jornais, em que já se verificara uma extrema segmentação do público-alvo a que cada um se dirige, não só contribui para o delineamento do perfil dos jornais populares e dos de qualidade, como também revela a visão de mundo, de país, de cidade e de sociedade que a mídia impressa diária, como um todo, reproduz e que, ao mesmo tempo, singulariza cada jornal.

2.2 AS EDITORIAS E OS TEMAS

A Redação dos jornais se organiza em unidades básicas pela produção e pela edição de material noticioso de um determinado campo temático, isto é, por seções especializadas. Essas seções nem sempre têm chamadas de suas notícias publicadas na PP, e algumas delas constituem cadernos suplementares, cuja periodicidade de publicação pode ser diária ou semanal, variando de jornal para jornal, de seção para seção.

Neste trabalho, é bom lembrar, reconheceram-se as editorias a partir da ocorrência das respectivas chamadas, com base nos enunciados que por recursos de diagramação têm maior visibilidade, como títulos, sobretítulos, subtítulos, chapéus e olhos, considerando-se apenas a sua ocorrência na PP. Logo, o resultado a que chegamos, quanto à diversidade de editorias, representa a priorização que cada jornal

faz dos campos temáticos e, não, necessariamente, o total de editorias em que se organiza a Redação de cada diário, nem o total de editorias que têm notícias publicadas no interior do jornal, e, nem tampouco, as editorias que se atualizam nos textos dos lides de das legendas.

2.2.1 O País, a Cidade e a Polícia

As chamadas dos quatro jornais foram organizadas de dois modos: a) por semana e por editoria, com o objetivo de deixar visível a periodicidade de publicação na PP das chamadas das diferentes editorias (ver nos Apêndices 8.2.3, 8.3.3, 8.4.3 e 8.5.3); e b) por editorias, reunindo todos títulos, com vistas a se conhecer a quantidade e a diversidade de chamadas por editoria (ver nos Apêndices 8.2.2, 8.3.2, 8.4.2 e 8.5.2)

Editorias do JB

O JB apresenta as seguintes editorias: diariamente, País, Internacional, Cidade, Esporte, Economia e Caderno B; uma vez por semana, cada uma em um dia da semana, Internet, Revista Programa, Idéias, Vida, Carro e Moto, Viagem e Revista de Domingo. Além dessas editorias regulares, outras, sem previsão, como Artigos assinados por colonistas do Jornal e notícias sobre Ciência e Cultura podem, esporadicamente, vir na PP.

As editorias comuns aos quatro jornais analisados são Cidade, País, Esportes e Internacional. No Quadro 4, pode-se ver quantas chamadas, ao longo de 31 dias, se referiam a cada uma dessas quatro editorias, bem como a localização que receberam na PP do JB.

Quadro 4: Por editoria, número de chamadas e localização na PP do JB

Localização	Cidade	País	Esportes	Internacional
A	Ø	6	Ø	4
B	10	8	Ø	1
C	13	17	5	1
D	16	12	6	3
AB	6	18	4	4
ABC	3	4	1	Ø
ABCD	Ø	Ø	1	Ø
BC	10	19	3	7
BCD	Ø	1	2	Ø
CD	11	12	8	3
Total	69	97	30	23

Editorias Globo

O GLOBO apresenta as seguintes editorias (cf. Relação, no Apêndice 8.3.2): Cidade, País, Internacional, Esporte, Informática, Economia, Segundo Caderno, Publicidade, Promoção, Serviços e Obituário, Informática (segundas), Prosa & Verso e Ela (sábados), Morar Bem, Revista da TV, Jornal da Família e Planeta Globo (domingos), Ciência, Megazine, Carro, (quartas), Boa Viagem (quintas), e Rio Show (sextas).

No Quadro 5, pode-se ver quantas chamadas, ao longo de 31 dias, se referiam a cada uma das quatro editorias comuns aos quatro diários analisados, bem como a localização que receberam na PP.

Quadro 5: Por editoria, número de chamadas e localização na PP do Globo.

Localização	Cidade	País	Esporte	Internacional
A	Ø	1	1	0
B	Ø	3	0	0
C	3	15	3	4
D	4	18	8	7
AB	6	19	2	7
ABC	2	4	5	0
ABCD	Ø	1	0	0
BC	13	13	2	2
BCD	5	2	0	1
CD	9	8	6	4
Total	42	84	27	25

Com base nos quadros 4 e 5, podemos afirmar que não há diferença significativa entre os dois jornais, tanto no que se refere à localização das chamadas relativas às Editorias, quanto no que respeita ao número de ocorrências de chamadas por editorias e por localização. A diferença numérica de ocorrência de chamadas se deve ao fato de o GLOBO representar na PP uma diversidade maior de editorias do que o JB e, sobretudo, porque o GLOBO faz muito mais publicidade na PP que o JB: enquanto há 4 chamadas de publicidade no JB, no Globo, além de 4 chamadas de Promoção, há 25 de publicidade.

Editorias do DIA

O DIA apresenta as seguintes editorias (cf. Relação, no Apêndice 8.4.2): diariamente, Cidade, País, Polícia, Esporte, Internacional, O DIA D, Você é o juiz, Economia, VipVupt, Religião e Fé, Mundo/Ciência e Saúde, Informática, Empregos, Publicidade e Promoção; uma vez por semana, Estrelas Gospel Especial, Televisão, D+Mulher, Dshow&lazer, Imóveis, Automania, Educação, Obituário, Como guardar e gastar/Defenda seu bolso e Coluna do Servidor.

No Quadro 6, pode-se ver quantas chamadas, ao longo de 31 dias, se referiam a cada uma das quatro editorias comuns aos quatro diários analisados, bem como a localização que receberam na PP.

Quadro 6. Por editoria, número de chamadas e localização na PP do DIA

Localização	Cidade	País	Polícia	Esporte	Internacional
A	7	2	0	0	0
B	6	6	5	3	2
C	16	8	5	6	2
D	40	16	16	10	0
AB	10	6	4	1	0
ABC	1	0	1	7	0
ABCD	Ø	0	0	0	0
BC	4	1	4	15	0
BCD	Ø	0	0	3	0
CD	15	5	3	13	0
Total	99	44	38	59	4

A comparação entre os três jornais já considerados começa a revelar diferenças significativas entre os jornais de qualidade e os jornais populares: inverte-se a quantidade de chamadas nas editorias de Cidade e País, aumenta significativamente o número de chamadas da Editoria de Esportes, diminui drasticamente a quantidade de chamadas da editoria Internacional. Mas a grande diferença está na existência de chamadas da editoria Polícia, na PP, no DIA

Por outro lado, a mesma comparação nos leva a aproximar o GLOBO do DIA: os dois jornais apresentam uma quantidade expressiva de chamadas pelas editorias Publicidade e Promoção, o que já os aproximou, quando do estudo dos cabeçalhos e, aqui, os diferencia do JB. Algumas características, no entanto, separam o DIA dos dois outros, além da editoria Polícia. As editorias Empregos, Como guardar e gastar/Defenda

o seu bolso e Você é o juiz, e o caráter eminentemente interativo que essas duas últimas editorias apresentam – marcadas pelo uso dos pronomes ‘você’ e ‘seu’ e pelo modo verbal imperativo; a editoria Religião e Fé, que recorta no universo cultural uma referência à vivência religiosa muito presente nos segmentos que integram o público-alvo dos jornais populares.

Há ainda a editoria VipVupt, que trata fundamentalmente de artistas, principalmente da televisão e, especialmente, da Rede GLOBO. No GLOBO, os mesmos artistas têm visibilidade garantida na PP – é bem verdade que com menos frequência, por meio das chamadas da editoria do Segundo Caderno, que inclui a programação da emissora GLOBO. No JB, os artistas, que têm visibilidade bem menos frequente que a que lhes é dada nos diários anteriores, são, de um modo geral, do universo da música, cinema, teatro e literatura.

Editorias do POVO

O POVO apresenta as seguintes editorias sem periodicidade regular: Cidade, País, Polícia, Esporte, Internacional, Rio Alegre, Saúde, Educação, Emprego, Obituário, Publicidade e Promoção.

No Quadro 7, pode-se ver quantas chamadas, ao longo de 25 dias, se referiam a cada uma das quatro editorias comuns aos quatro diários analisados, bem como a localização que receberam na PP.

Quadro 7: Por editoria, número de chamadas e localização na PP do POVO.

Localização	Cidade	País	Esporte	Polícia	Internacional
A	Ø	0	0	0	0
B	8	2	2	3	0
C	27	4	5	24	0
D	78	11	1	32	0
AB	5	0	1	18	0
ABC	1	0	0	1	0
ABCD	Ø	0	0	0	0
BC	4	2	4	1	0
BCD	3	1	0	0	0
CD	8	0	2	2	2
Total	134	20	15	81	2

A comparação entre os quatro jornais, em relação às principais editorias que caracterizam os jornais populares e os jornais de qualidade revela três características

que mantêm a diferença entre esses dois tipos de diário. Nos jornais populares, a editoria Cidade é mais representada que País, há representação da editoria Polícia e a editoria Internacional é bastante inexpressiva.

O jornal POVO, além dessa diferença em relação aos demais, destaca-se pelo pequeno número de editorias, o que faz pensar ser esse um reflexo das suas condições de produção noticiosa e de inserção no mercado jornalístico. O POVO, jornal atualmente de vendagem inferior a 20.000 exemplares diários – JB, 80.000; O GLOBO, 300.000; O DIA, 350.000 – não se constitui em empresa com porte financeiro e administrativo para manter infraestrutura de Redação e de setores de apoio que permitam diversidade muito grande na sua organização por setores editoriais. Além disso, o POVO é um jornal que se autocaracteriza como jornal policial, o que, sem dúvida, é confirmado pela expressividade que a editoria Polícia tem nas suas PPs.

Em relação às demais editorias, verificou-se que os jornais apresentam a seguinte ordem, quanto à maior diversidade de editorias representadas nas PPs: O DIA, O GLOBO, JB e POVO, o que pode ser visto no, quadro 8.

Quadro 8: A posição das editorias em relação ao número de chamadas, nos quatro jornais.

Editorias	JB	DIA	GLOBO	POVO
País	1	3	1	3
Cidade	2	1	2	1
Esporte	3	2	3	4
Internacional	4	5	4	5
Polícia	0	4	0	2

A Editoria de Esporte é outra característica que mistura os jornais de qualidade com os jornais populares, embora tenha menos representatividade no POVO. Mas, mesmo sendo bastante expressiva, pelo menos em três deles – JB e GLOBO e DIA – acaba sendo restritiva quanto à diversidade de cobertura seja de tipos de esportes, seja dos atores, times, campeonatos e lugares em que acontecem.

Apesar do fenômeno Guga, o tênis não “pega”: o futebol é definitivamente o esporte ‘nacional’. Mas são poucos os jogadores e times que têm excesso de visibilidade, como é o caso de Romário, na crônica caricatural feita por Silva (2000):

Apenas os esportes de massa, como o futebol, podem viver descansados.
A lógica da cobertura futebolística contraria todas as regras da

“seriedade” jornalística. Segunda-feira: “Lesionado, Romário está fora da decisão do próximo domingo”. Terça-feira: “Romário tem ligeira melhora, mas não deve jogar”. Quarta-feira: “Romário pode ser a surpresa do clássico”. Quinta-feira: “Médicos descartam possibilidade de Romário jogar”. Sexta-feira: “Romário ainda sonha com a decisão”. Sábado: “Romário faz tratamento intensivo”. Domingo: “Romário concentrou”. (p. 42)

Da Tabela do Apêndice 8.1.3, em que constam, por jornal, a quantidade das ocorrências das imagens e dos vocábulos designativos de esportes e atletas, nos quatro jornais, selecionei, para compor o Quadro 9, apenas aqueles que são comuns aos quatro diários.

Quadro 9. Vocábulos e imagens referentes a categorias-assunto da editoria Esporte, por jornal.

Categorias	Jornal do Brasil		O Globo		O Dia		POVO	
	Título	Imagem	Título	Imagem	Título	Imagem	Título	Imagem
Flamengo	10	4	9	3	20	4	5	4
Fluminense	2	2	4	-	14	-	2	3
Vasco	7	1	4	3	10	1	4	2
Botafogo	1	-	2	-	10	2	2	1
Seleção	1	2	2	2	3	1	2	-
Athirson	1	2	2	1	2	4	-	-
Edmundo	1	3	2	-	3	3	-	-
Pelé	-	2	1	1	-	1	-	-
Romário	3	5	4	2	7	7	2	4
Ronaldinho	-	1	1	1	-	3	-	-
Guga	5	3	3	2	3	2	4	2

Mesmo reconhecendo-se, em relação aos Esportes, uma concentração de enunciados e imagens – é a lógica do mercado, o produto que vende deve ser bem publicizado –, se formos considerar o esporte com base no vocabulário sobre o tema, comum aos quatro jornais, há apenas Guga, Romário, Botafogo, Vasco, Fluminense e Flamengo. As outras categorias só ocorreram em três dos jornais.

A Tabela, nos Apêndices 8.1.3, mostra que o DIA é o que mais diversidade apresenta no tema. No entanto, o POVO, apesar de ser o jornal em que a Editoria de Esporte é menos representativa, é o que melhor cobre o hipismo, talvez ainda um resquício de outras épocas, em que o turfe representava um setor importante da editoria

de Esporte, ou, sobretudo nesse jornal, pela prática de reportagem que aproxima o universo policial ao universo do turfe, conforme descreve Amaral (1978, p. 93): *“Às vezes o trabalho exige do repórter de turfe algumas incursões pela área do repórter policial para descobrir no mundo dos dopadores e apostadores as razões de vitórias e derrotas de favoritos.”*

Em segundo plano – e talvez isso nem se coloque como questão –, está o papel formador do jornal em apoiar, estimular, cultivar o desenvolvimento dos esportes e o crescimento de times e jogadores, num país onde em cada esquina há um time de futebol, precisando de bola e de chuteira. A lógica é a do mercado globalizado que paga milhares de dólares a pouquíssimos e não oferece qualquer colocação no mercado de trabalho a milhões, no mundo inteiro. Aqui não poderia ser diferente.

2.2.2 O leitor e a notícia nos temas

Essa classificação das chamadas nas PPs, pelas Editorias de cada jornal, no entanto, não representa os pontos de vista do emissor e nem a perspectiva da recepção em relação ao universo referencial constituído pelos enunciados verbais e imagéticos de cada notícia, que deve reunir interesse, importância, novidade e veracidade. Para Spencer (apud Bahia, 1972, p.175), *“notícia é qualquer fato, acontecimento ou opinião que interessa ou afeta um grande número de pessoas em uma comunidade e que é capaz de ser por ela entendida”*.

Com o objetivo de tentar representar com mais propriedade o modo como cada jornal recorta a realidade, concebendo-a em diferentes universos temáticos, considere alguns critérios e fatores na produção e recepção das chamadas, para definir uma outra classificação temática, que, conforme será visto na seção sobre diagramação, constituiu-se em dispositivo importante para o estabelecimento da hierarquização das notícias por cada diário. Com essa nova classificação, pretendo demonstrar que o que interessa não é bem o que é noticiado, mas como a notícia é percebida e qual vai ser sua influência na formação da opinião pública.

Segundo Amaral (1978), de um modo geral, a escala dos interesses humanos, que é sobretudo de natureza sentimental, é a seguinte: 1) o próprio leitor – experiência cotidiana, trabalho, ambiente, acontecimentos dos quais participa ou participou ou dos

quais gostaria de ter participado, ambições, curiosidades, sonhos; 2) seus próximos – família, vizinhança, acontecimentos locais e regionais, comunidade nacional, países vizinhos ou ligados ao seu por qualquer laço; 3) pessoas conhecidas – personalidades locais, regionais ou mundiais, artistas de cinema rádio e de televisão, políticos em evidência, cabeças coroadas, heróis de toda natureza; 4) os homens em geral – sentimentos e preocupações de valor universal, mitos, grandes problemas, acontecimentos de interesse mundial; 5) os animais – animais domésticos, animais de certo comportamento humano, animais sociais, a caça, outros animais; 6) Os vegetais e as coisas – plantas cultivadas ou cultiváveis, coisas utilizadas ou utilizáveis, curiosidades (sobretudo antropomórficas), meteoritos.

Ainda segundo o mesmo autor, os temas que se revestem de maior interesse são os acontecimentos mais carregados de valor emotivo, agrupados da seguinte maneira e nesta ordem: a) sexo – casamentos, nascimentos, divórcios, crimes passionais e histórias picantes; b) morte – falecimento de personalidades e todas as mortes violentas (crimes, suicídios, acidentes), doenças e operações cirúrgicas; c) destino – catástrofes (inundações, incêndios, tempestades), prodígios e fatos surpreendentes, monstros; d) dinheiro – alta e baixa dos preços, impostos, juros, dólar, falências, escroquerias; roubos, fortunas, loterias, herança; e) tempo – fenômenos extraordinários, o tempo que está fazendo; f) generosidade – doações espetaculares, obras de caridade, donativos, salvamentos, grandes benfeitorias da humanidade; g) piedade – história de crianças, sobretudo quando elas são infelizes, histórias de animais, grandes sofrimentos, casos absurdos e emocionantes.

Segundo Lazarsfels (1942, *apud* Augras, 1970), a preferência e a ordem de importância de leitura nos diários das notícias é a seguinte: I) desenhos (incluindo histórias em quadrinhos e fotografias); II) noticiários; III) esporte (para os homens); IV) modas, divertimentos e necrológios (para as mulheres); V) editorial.

Ainda, Kimball Young (*apud* Augras, 1970), estudando os interesses revelados por artigos de jornal, assinala os seguintes, em ordem de importância decrescente: 1) lutas, conflitos (guerras, agitações, etc.), 2) sexo e assuntos correlatos (casamentos, crianças, divórcios); 3) o extraordinário, o chocante; 4) novas descobertas; 5) modas e “VIPS”; 6) situações que provocam sentimentos de simpatia, 7) diversos.

Quanto à retórica do jornalismo, Nilson Lage, considera que, além da elevada taxa de informação, a empatia é o fator mais importante para a identificação do leitor com a notícia, de acordo com a seguinte ordem: i) notícias sobre pessoas notáveis, os olímpicos – universais, nacionais e regionais; ii) notícias sobre personagens que correspondem a estereótipos sociais, como o malandro que engana a todos, o vingador destemido, o homem que se fez por si mesmo ou o herói revolucionário ou romântico; iii) notícias que buscam vencer a barreira social através de relações existenciais ou de dramas exemplares, independentemente das posições de classe; iv) notícias que se articulam, em torno de personagem que corresponde à aspirações coletivas, àquilo que as pessoas gostariam de ser – mais alegres, mais saudáveis, mais ricas.

Reunindo e articulando essas diferentes características presentes modo de enquadramento das notícias, estabeleci a seguinte classificação temática, segundo um conjunto de critérios que espelhassem os seguintes fatores, considerado o interesse do leitor: 1) a escala dos interesses humanos; 2) os temas mais tocantes; 3) a ordem de preferência de leitura e 4) a identificação resultante da empatia com o assunto.

O caráter simbólico das notícias determina que a sua classificação em campos temáticos, seja feita considerando-se tanto o universo do real a que fazem referência, como o modo como recortam esse real. Assim, um tema como ambiente urbano se impôs para recobrir notícias sobre explosão de bueiros, a insegurança de vida numa cidade como o Rio de Janeiro, a beleza do Cristo Redentor iluminado, etc., que não cabiam em outras classificações. Tampouco a sua inclusão pura e simplesmente na classificação por editoria revelaria o real objeto de sentido de que tratam os enunciados que tematizam o ambiente urbano.

Também o tema Condor, assunto exclusivo do JB, por ter ocupado espaço priorizado neste jornal em suas manchetes, acabou tendo relevância na PP do Globo, seu concorrente imediato. Assim, ao se identificarem as principais chamadas no Globo, notícias sobre o assunto Condor se incluem entre as 5 mais relevantes. Terra Nostra (ver Anexo 7.40), apesar de não ter migrado para o principal jornal concorrente ao Globo, figurou com destaque neste jornal, sob uma perspectiva que faz crer existir esse lugar, título de novela, bastante noticiada no Dia.

O tema 'Movimentos sociais' abarca as greves, paralisações, reivindicações,

protestos, realizados por sindicatos, categorias profissionais, grupos de instituições ou manifestações de rua capitaneadas por partidos, representações estudantis e outros.

Alguns temas, ainda, destacam-se por revelarem a atualidade naquele período – maio/2000. Transporte faz referência às situações legais envolvendo motoristas de automóveis particulares e de taxistas, que ganharam bastante visibilidade no jornal DIA.

Relação IV. Os temas das chamadas que recebem ênfase

1. **Alimentação** – consumo de alimentos, receitas, dietas, fiscalização etc.
2. **Ambiente urbano** – segurança, limpeza, patrimônios culturais, espaços públicos etc.
3. **Comportamento** – preconceitos, tendências ou novidades.
4. **Condor** – universo político
5. **Roubo** – corrupção, escroqueria, furto, sonegação;
6. **Dinheiro** – orçamentos, receitas, salário, custo de vida, preços, juros, dólar, câmbio.
7. **Educação** – escolas, universidades, concursos, outros.
8. **Emprego** – vagas, concursos públicos, demissões etc.
9. **Entretenimento** – segundos cadernos de cada jornal, as revistas, as chamadas sobre televisão, sobre cultura, cinema, teatro, música e museu, os cadernos de moda, os programas do fim de semana.
10. **Esporte** – todas as chamadas relativas aos diferentes esportes, jogos, disputas, campeonatos etc.
11. **Humor** – charge e caricaturas referentes a acontecimentos imediatos, geralmente políticos, veiculando crítica; features.
12. **Infraestrutura** – manutenção e abastecimento dos serviços básicos como alimentos, energia, combustível, assistência médica, habitações, instituições escolares etc
13. **Internet** – informática, vírus, computadores etc.
14. **Internacional** – comércio, relações diplomáticas, acontecimentos em países vizinhos ou com os quais se mantém vínculos políticos, econômicos e culturais etc.
15. **Movimentos sociais** – greves, paralisações, reivindicações, protestos etc, **organizados** por toda sorte de representação.
16. **Olimpianos** – vida privada de políticos, nacionais ou internacionais, artistas, atletas e outras personalidades públicas.
17. **Pessoas** – comportamentos e vida privada de pessoas não públicas.
18. **Poder Executivo** – atos administrativos de autoridades das esferas Federal, Estadual e Municipal.
19. **Poder Representativo** – Igreja, Sindicatos, Ordens profissionais,
20. **Política** – partidária, fofocas, disputas de poder, negociações entre forças políticas.
21. **Promoção** – anúncio de gratuidade.
22. **Propaganda** – anúncio para venda de algum produto.
23. **Publicidade** – anúncio pago para venda de alguma idéia.
24. **Tempo/Meio ambiente** – tempo cronológico e questões ambientais
25. **Terra Nostra** – universo ficcional
26. **Tráfico** – universo social
27. **Transporte** – Leis, multas, trânsito, motoristas, veículos etc
28. **Violência** – lutas, assassinatos, abandono, assalto, rebelião, revolta etc
29. **Religião** – santos, orações, crenças etc.
30. **Saúde** – doenças, tratamentos, terapias, instituições.

Essa tipologia temática foi definida com base no universo constituído pelas cinco chamadas, por jornal e por dia, marcadas com recursos de ênfase, indicando serem, do ponto de vista do emissor, as mais importantes. Isso talvez justifique a ausência de alguns temas, sobretudo temas mais eufóricos como festas, descobertas, conquistas, entre outros.

A seguir, descrevo os principais recursos de ênfase, para, juntamente com a classificação por editoria e por tema, reconhecer o metadiscurso produzido pela hierarquização feita nas PPs.

2.3 A DIAGRAMAÇÃO E OS RECURSOS DE ÊNFASE

A diagramação “conjunto de elementos técnicos e artísticos conhecidos como ‘proporções’, ‘contrastes’, ‘equilíbrio’, ‘ritmo’ e ‘unidade’, em que entram tipos de letras, formatos, ornamentos, linhas dominantes, cortes de fotografias, *doublês*, *grisês*, chapados, negativos e encaixe (...). A arte da apresentação gráfica, aliando harmonia e técnica. É o design – o objeto da comunicação visual obtido pela disposição das fotos, desenhos, textos e título na página – em termos de importância e sensibilidade. (Bahia, 1972, pp. 202p.204)

Os recursos de diagramação – espaços, as imagens (fotos, cenários, desenhos, foto-montagem etc), as aspas, a utilização das cores e dos tipos, os recursos gráficos de desenhos, boxes, olhos – constituem-se em recursos tão fundamentais quanto os enunciados lingüísticos, para a operacionalização e materialização da proposta editorial e da hierarquização das notícias em escala de importância, segundo a intenção comunicativa do emissor que espelha a projeção da preferência do leitor. Esses recursos podem concorrer em maior ou menor grau para a construção de uma efetiva cumplicidade entre emissor e receptor. A diagramação e as imagens das fotos e das ilustrações são elementos que, juntamente com os enunciados verbais, concorrem para a construção dos sentidos e dos lugares de interação propostos pelo veículo de comunicação.

Em outras palavras, a diagramação faz a marca do jornal: marca de ordem, de articulação forte ou fluida entre os elementos constitutivos do texto e das imagens; das

posições de enunciações, dosando o grau de distanciamento entre os interlocutores; da possibilidade de se enunciarem dois ou mais discursos ao mesmo tempo (um por meio de textos e outro por meio de imagens); da construção de uma cumplicidade em torno de uma visão de mundo que ao mesmo tempo constrói e reconstrói a realidade.

A PP está para o jornal assim como a capa está para a revista. É o seu cartão de apresentação em todos os sentidos: apresentação do enunciador, dos assuntos que serão tratados, da importância que se deve dar a eles, da importância que o destinatário tem para o enunciador, do grau de intimidade e de formalismo que se pretende seja mantido entre os interlocutores, das referências que permitem inserir o suporte num contexto maior de comunicação, entre outros.

Dessa forma, a diagramação torna-se um dispositivo por meio do qual o emissor faz escolhas quanto ao modo de se apresentar ao leitor e de propor um tipo determinado de interação que esteja consoante com as intenções de comunicação pretendidas por aquele veículo. Essa interação pode tender para maior ou menor simetria, para maior ou menor participação do leitor na construção dos sentidos e na construção de uma cumplicidade quanto ao compartilhamento do mesmo universo cultural e de valores. Pode-se dizer mesmo que essa interação interfere na construção de uma atitude ética, conforme instrução no Manual de Redação do O GLOBO:

a maioria das decisões de natureza ética depende das circunstâncias de cada caso. E nem sempre são decisões sobre publicar ou não publicar: as considerações éticas começam com o comportamento do repórter na busca de notícias e podem determinar a extensão do texto e o destaque gráfico, porque influem na importância dada pelo jornal a determinados assuntos. (p.113)

Outra função da diagramação é a de constituir-se em metadiscurso que orienta o leitor em relação à hierarquização das chamadas na página. As chamadas que ocupam área maior, acompanhadas de foto ou impressas com letras maiores são as consideradas pelo enunciador como as mais importantes e, portanto, devem ter essa ordem seguida pelo receptor ao lê-las. No entanto, sabe-se que, dependendo do grau de escolaridade do leitor, do sexo, do universo sociocultural, e de outros fatores que escapam ao controle a ao conhecimento dos estudiosos, o leitor faz a sua hierarquização apesar das indicações que o jornal dá da sua hierarquia, por meio dos diferentes recursos.

2.3.1 As manchetes, mancheteinha e fios de linha

A priorização absoluta que o jornal faz está indicada pela manchete, que, em todos os jornais, figura na metade superior (AB), com destaque, por meio do tamanho aumentado das letras, quando não vem acompanhada de outros recursos, como sobretítulos, subtítulos, olhos, sublinhados.

As manchetes do JB

No JB, além da manchete principal que, de um modo geral, ocupa a posição logo abaixo do cabeçalho, pode ocorrer uma segunda chamada, a mancheteinha (ver Anexo 7.16), na metade inferior, ocupando o mesmo número de colunas que a manchete principal, e ainda pode haver uma chamada que receba relevância por vir acompanhada de imagem, ocupando grande área da metade superior, e recebendo outros recursos gráficos como bordas, olhos etc.

As manchetes do JB estão listadas no Quadro 10, com a classificação por editoria e tema.

Quadro 10: Manchetes do JB classificadas por editoria e tipo temático

Dia	Jornal do Brasil	Editoria/Tema
01	Esporte tem um dia de festa com sol e emoção –	Esporte/Ambiente Urbano
02	Fracassa greve de caminhoneiros –	País/Movimento Social
03	Sem-terra invadem 18 capitais	País/ Movimento Social
04	Petrobras fura bloqueio e abastece postos do Rio -	País/Poder Executivo
05	FH mexe na legislação agrária para conter MST –	País/ Poder Executivo
06	Sem-terra deixam prédios mas não param as invasões	País/ Movimento Social
07	Uso da ‘lei do arbítrio’ contra MST é condenado	País/ Poder Executivo
08	EXCLUSIVO – Ex-chefe do SNI confirma ações da operação Condor	Exclusivo/País/Condor
09	PF usa código contra 14 sem-terra	País/ Poder Executivo
10	Governo e PFL isolam ACM	País/Política
11	Operação Condor começa a ser investigada no Brasil	País/Condor
12	Pesquisa indica 93% de racismo entre brasileiros	País/Comportamento
13	Sino se oferece para depor sobre a morte de João Goulart	País/Condor
14	Garotinho deixa hospital hoje	Cidade/Olimpianos
15	Newton Cruz vincula Condor a estado-maior das 3 armas	País/Condor
16	Justiça abrirá arquivos militares	País/Condor
17	Militares brasileiros participaram da tortura de advogado paraguaio	País/Condor
18	PT sela acordo com o PFL para fazer reforma política	País/Política
19	EXCLUSIVO – General Cardoso: ‘O governo vai investigar morte de João Goulart’	País/Condor
20	Arquivos militares só serão abertos se a lei for mudada	País/Condor
21	Militares brasileiros deram aula de repressão e tortura	País/Condor
22	Documento prova que Exército já omitiu informações sobre a Condor	País/Condor
23	Governo vai criar lei de defesa do Estado para sepultar a LSN	País/Condor
24	Governo indenizará as famílias de argentinos desaparecidos no Brasil	País/Condor
25	Igreja salvou 5 mil estrangeiros da repressão da Condor no Rio	País/Condor

26	Dia de violência amedronta o Rio	Cidade/Violência
27	Aeronáutica confirma documento que o Exército afirma não existir	País/Condor
28	Apoio de políticos facilita ação de traficantes no Rio	Cidade/Tráfico
29	IR vai isentar o saldo médio da caderneta	País/Dinheiro
30	Sindicatos ameaçam parar Argentina	Internacional
31	Fujimori sob pressão dos EUA e da Europa	Internacional

As manchetinhas do JB, classificadas por editoria e tipo temático, durante o mês de maio/2000 são as seguintes:

Quadro 11: Manchetinhas do JB, classificadas por editoria e tipo temático

Dia	Manchetinha	Editoria/Tema
3	Menos de 5% de caminhões em greve	País/Movimento social
5	Rolagem feita às pressas	Economia/Dinheiro
11	Aprovado o mínimo de R\$ 151	País/Dinheiro
12	CPI quer ouvir Narcisa	Cidade/Olimpianos
14	General duvida que Condor existiu	País/Condor
16	'Brasil vai de mal a menos mal'	País/Política
17	PF enquadra 9 sem-terra na LSN	País/Poder Executivo
18	Governo quer criar Guarda Nacional	País/ Poder Executivo
24	FH premia estado que unificar policiais	País/ Poder Executivo
25	Governo faz cerco final ao cigarro	País/ Poder Executivo
26	Arquivo do SNI cita Operação Condor	País/Condor
27	Ciro alcança Lula na corrida presidencial	País/Política

O JB, em seus títulos principais, prioriza a editoria País e o tema Poder Executivo, o que reflete a projeção de interesse do público-alvo desse jornal, e o caracteriza, pelo menos desse ponto de vista, como um jornal de qualidade, voltado para os interesses institucionais da nação. Tal priorização à editoria de País é de alguma maneira compensada pela ênfase em outras chamadas por meio do recurso da imagem, como poderá ser visto adiante.

As manchetes do GLOBO

O GLOBO, além da manchete principal, dá relevo a chamadas no fio de linha, situado no topo da PP antes do cabeçalho. No Quadro 12, estão relacionadas a principais manchetes do mês de maio/2000, classificadas por editoria e tema.

Quadro 12: Manchetes do GLOBO classificadas por editoria e tipo temático

Dia	O GLOBO/manchete	Editoria
01	Governo monta operação para evitar bloqueio de estradas	País/Poder Executivo
02	Governo e caminhoneiros divergem sobre adesão à greve	País/ Poder Executivo
03	MST desafia Governo e invade prédios públicos	País/Movimento social
04	Governo e sem-terra reabrem negociações	País/ Poder Executivo
05	FH usa exército e MST decide recuar	País/ Poder Executivo
06	PF indica 28 do MST e enquadra 2 na Lei de Segurança Nacional	País/ Poder Executivo
07	Radicalização do MST preocupa Governo e PT	País/ Poder Executivo
08	Governo vai cobrar do MST prejuízos das ocupações	País/ Poder Executivo
09	'Quem votar contra o mínimo está fora do Governo', diz FH	País/Política
10	CNBB negocia diálogo entre Governo e MST	País/Política
11	Governo aprova no Congresso o salário-mínimo de R\$ 151	País/ Poder Executivo
12	Economia cresceu 3,08% no trimestre	Economia/Dinheiro
13	Exame definirá se Garotinho vai ter que operar o coração	Cidade/Olimpiano
14	Brasil estruturou polícia secreta de Pinochet	País/Condor
15	Brasal terá relação com governos investigada	País/Roubo
16	Moradores de favela fecham ruas e param Copacabana	Cidade/violência
17	Alta de juros nos EUA criam dilema para BC no Brasil	País/Dinheiro
18	Câmara aprova projeto que dá cadeia a mau governante	País/ Poder Executivo
19	Detran: 10.720 motoristas já não podem dirigir hoje	Cidade/Transporte
20	Detran não vai Ter como reciclar motorista punidos	Cidade/Transporte
21	Operação Condor coordenou guerra psicológica no Cone Sul	País/Condor
22	Confrontos em favelas voltam a assustar o Rio	Cidade/violência
23	FBI vai ajudar a polícia do Rio a rastrear armas	Cidade/Poder Executivo
24	Mais dois conflitos em favelas acabam em tumulto nas ruas	Cidade/violência
25	Câmara aprova prisão para sonegador da Previdência	País/Roubo
26	Traficantes fazem família de refém em guerra na favela	Tráfico
27	Senador é dono da construtora que desviou 169 milhões em SP	País/Roubo
28	PDV pagará a servidor 1,3 salário por ano trabalhado	País/dinheiro
29	Cortes no orçamento afetarão obras no Rio	Cidade/dinheiro
30	Bancada do Rio tentará impedir corte de verbas	Cidade/dinheiro
31	Garotinho e Conde anunciam pacote de obras para o Rio	Cidade/Poder Executivo

O GLOBO é um jornal que também prioriza a editoria País em suas manchetes, mas nos enunciados do fio de linha, como se pode ver a seguir (Quadro 13), as chamadas, claramente, têm caráter de serviço, isto é, tratam de informações diretamente relacionadas ao dia-a-dia dos leitores, que têm interferência direta na sua vida cotidiana.

Quadro 13: Classificação das chamadas do fio de linha no GLOBO

1. Amanhã, nas bancas, por mais R\$ 2,90, a sexta revista 'Dever de Casa'	Propaganda
2. Movimento nas estradas pode ficar intenso hoje	Trânsito
3. Órgãos de defesa do consumidor contestam capitalização de juros	Dinheiro
4. Prefeitura dará abono de 30% para quem não se aposentar	Dinheiro
5. Inflação no comércio do Rio é a menor desde janeiro de 99	Dinheiro
6. Inflação de Abril em São Paulo é a menor desde 1947	Dinheiro
7. Prefeitura fixa gabaritos para construções em favelas	Infraestrutura
8. Receita dá nova chance a quem usou programa antigo do IR	Dinheiro
9. Militares de patentes mais baixas terão aumento maior	Dinheiro
10. Caixa Econômica vai vender 20 mil imóveis pela internet	Infraestrutura

11. Ligações internacionais estão 20% mais caras	Dinheiro
12. Detran notifica hoje 10 mil motoristas que perderão a carteira	Transporte
13. Joalherias dão descontos para o Dia das Mães	Dinheiro c
14. Os preços dos imóveis no Rio em real e em dólar - Morar Bem	Dinheiro
15. Amanhã nas bancas a sétima revista da coleção dever de casa	Propaganda
16. Servidores federais em greve terão ponto cortado	Emprego
17. DNER anuncia aumento de pedágio e ministro critica	Dinheiro
18. Pão francês pode ficar 5% a 6% mais caro	Dinheiro
19. Governo autoriza reajuste no metrô e novo preço deve sair hoje	Dinheiro
20. Nas bancas, por mais R\$ 6,90, o primeiro CD-Rom da 'Coleção Multimídia	Propaganda
21. Como avaliar o futuro de uma nova empresa virtual - Boa Chance	Dinheiro
22. Como acionistas minoritários podem defender seus direitos	Dinheiro
23. O GABARITO DA UERJ As respostas das 80 questões na página 14	Educação
24. Bilhete do Metrô passará em um mês para R\$ 1,20	Dinheiro
25. Como evitar o golpe das falsas passagens aéreas	Transporte
26. Metroviários anunciam que farão hoje greve de 24 horas	Transporte
27. Juros altos comprometem crescimento do PIB este ano	Dinheiro c
28. Concorrência faz clubes de compras darem descontos	Dinheiro
29. Franquias terão linha de crédito e convênio com Sebrae - Boa Chance	Dinheiro c
30. Amanhã na Megazine: como se preparar para a redação da UFRJ	Propaganda
31. Hoje nas bancas - a oitava revista da coleção Dever de Casa	Propaganda
32. Governo Federal abrirá concursos para preencher 3.728 vagas	Emprego

São chamadas originadas nas principais editorias do jornal, País e Cidade, incluídas, majoritariamente, no tema Dinheiro, que, sem dúvida, é um dos temas mais tocantes no contexto econômico-político de congelamento salarial e de escassez de emprego em que se situam as notícias ora estudadas.

Manchetes do DIA

No Quadro 14 estão relacionadas as manchetes principais do jornal o DIA. Houve, no dia 10, uma única manchete, em todo o mês de maio de 2000. Por se tratar de ocorrência única durante o período estudado, não se pode configurar como dispositivo regular.

Quadro 14: Manchetes do DIA por editoria e tema.

Dia	Manchete	Editoria
01	Lotéricas recebem poupança	Cidade/Dinheiro
02	Veja os novos salários da polícia	Cidade/Dinheiro
03	Gasolina começa a faltar	País/Infraestrutura
04	Quadrilha rouba clientes de banco através da Internet	Polícia/Roubo

05	Lixo na rua dá multa de R\$ 1.064	Cidade/Infraestrutura
06	Preso 'My Thor'	Polícia/Tráfico
07	Militares terão aumento de 11%	País/Dinheiro
08	Rio joga remédio grátis no lixo	Cidade/Infraestrutura
09	Estado dá 33% ao Servidor	Cidade/Dinheiro
10	Polícia ganha menos	Polícia/Dinheiro
10	É proibido protestar (manchetinha)	Cidade/Poder Executivo
11	União recua no corte de salário	País/Dinheiro
12	Governo engaveta reajuste militar	País/Dinheiro
13	Garotinho é internado	Cidade/Olimpiano
14	Delegado compra droga na Internet	Polícia/Tráfico
15	Rio terá 25 mil novos empregos	Cidade/Emprego
16	Guerra em Copacabana	Cidade/violência
17	Garantido aumento para militares: 30%	País/Dinheiro
18	Polícia abre 1.398 vagas	Cidade/Emprego
19	Saiba como reduzir o saldo da casa própria	Serviço/Dinheiro
20	Mais de 5.000 mil vão perder a carteira	Cidade/Transporte
21	Internet oferece 50 mil vagas	Internet/Emprego
22	Agiotas exploram servidor	Cidade/Dinheiro
23	EXCLUSIVO- Justiça antecipa aposentadoria para 150 mil	Cidade/Emprego
24	Detran adia a cassação de carteiras	Cidade/Transporte
25	União tem plano de demissões	País/Emprego
26	Motorista só vai perder carteira com 30 pontos	Cidade/Transporte
27	EXCLUSIVO – Mutuário terá desconto no Imposto de Renda	País/Dinheiro
28	EXCLUSIVO – Rio vai demitir 32 mil servidores	Cidade/Emprego
29	Rio vai ter ligações telefônicas de graça	Cidade/Dinheiro
30	Polícia constrói favela para treinar soldados	Polícia/Infraestrutura
31	Tráfico ameaça Garotinho	Cidade/Tráfico

Nas manchetes do DIA, predomina a editoria Cidade. No entanto, essas manchetes têm, em sua maioria, o mesmo caráter se serviço já verificado em relação às chamadas no fio de linha do jornal GLOBO. No DIA, as manchetes abrangem uma variação temática maior que a dos enunciados nos fios de linha do GLOBO. Essa visibilidade conferida a assuntos relacionados ao dia-a-dia do leitor é mais um fator de aproximação entre GLOBO e DIA.

No Dia, o recurso à imagem é constitutivo das chamadas; talvez, por isso, o jornal não dê ênfase a outro tipo de enunciado título. O jornal efetivamente usa a imagem para indicar a relevância da chamada, o que pode ser constatado na codificação das PPs do DIA, no Apêndice 8.4.1 e nas reproduções das PPs dos dias 1, 2, 3, 4, e 5 de maio, nos Anexos, onde se vê a produtividade no emprego desse recurso de ênfase nas chamadas. O critério parece ser o seguinte, com base na frequência com que as chamadas vêm acompanhadas de imagem: esporte em geral; artistas diversos; programas de televisão e outros entretenimentos; fatos da atualidade na cidade ou no país que figuram nas manchetes do GLOBO e do JB, tais como, greves, movimentos

sociais, doença do Governador, tumultos urbanos; e ainda, fatos como imperícia médica, fofocas de emergentes etc.

Claramente, o DIA integra a imagem ao enunciado verbal, articulando a informação num texto colorido, ilustrado e comentado pelos enunciados que intitulam as fotos e categorizam o assunto da chamada, por meio do chapéu, além do uso de freqüentes citações, dando relevo às personagens noticiadas, construindo uma interlocução bastante simétrica e informal com os seus leitores, além de criar uma ilusão discursiva de veracidade sobre os fatos enunciados, o que é atestado por trecho da entrevista com o Editor do DIA, abaixo transcrito:

A gente aqui trabalha com uma coisa que a forma e o conteúdo são muito integrados, no DIA. Eu já trabalhei em outros jornais, eles pensam as coisas muito isoladamente, e aqui a gente pensa muito o conjunto da forma visual. A forma do jornal, a diagramação, ela leva você a ter uma coisa mais direta. A manchete ou o título funcionam dentro do contexto da página. A gente acabou com o subtítulo ou o sobretítulo, que a gente chamava de sutiã, era uma linha de apoio. Para jornal de banca isso geralmente não funciona, porque você não enxerga, precisa ver mais o título, o preto sobre o branco.¹¹

Manchetes do POVO

O POVO, além da manchete principal, dá relevo às chamadas por meio da manchetinha (ver edições das PPs dos dias 1,2,4 e 5 de maio, nos Anexos), como o JB, e dos fios de linha, como o GLOBO, e por meio de imagens ilustrando os títulos. No Quadro 15, estão relacionadas as manchetes principais, seguidas das respectivas editorias e temas.

Quadro 15. Manchetes do POVO, com editoria e tema.

Dia	Povo	Editoria
01	PM fuzilado na hora do jantar	Polícia
02	Polícia dá cobertura à desmanche	Polícia
04	Marido manda Ricardão para o inferno	Polícia
05	AIDS mata Sandra Bréa	Obituário
06	My Thor cai mandando bala no Catete	Tráfico
07	Atentado em Seropédica	Política
08	Bonde mata na madrugada	Tráfico
09	PM rechaçada a bala em Santa Teresa	Tráfico
10	Ratinho vai parar na delegacia cheio de cocaína	Tráfico
11	Tráfico resiste nos Prazeres	Tráfico

¹¹ Editor do DIA, Apêndice 8.7.3.

13	Pó leva missionária angolana para cadeia	Tráfico
14	Arma de guerra apreendida no Urubu	Tráfico
15	Balão do CV com homenagem a escadinha	Tráfico
16	Guerra campal em Copacabana	Polícia
17	Vingança causou guerra em Copacabana	Polícia
18	Tiros, pânico e morte no Centro	Polícia
19	Terror acaba em tiros e morte na Linha Amarela	Tráfico
20	Tráfico mata e deixa só cabeça e mãos	Tráfico
21	Tumultos, pancadaria e tiros depois do basquete	Polícia
22	Povo desafia o Jornal do Brasil/Editorial – Tiroteio e confronto no Jacarezinho	Tráfico
23	Revolta e tumulto no Trevo da Macumba	Polícia
24	Protesto e pancadaria na Ilha	Polícia
25	Três mortos na guerra em Osvaldo Cruz	Tráfico
26	Terror na Nova Holanda	Tráfico
27	Faxineira expulsa da Nova Holanda	Tráfico

As manchetes do POVO indicam um interesse do jornal em dar visibilidade às vicissitudes por que passam as comunidades submetidas ao narcotráfico e vulneráveis à ação da polícia, o que determina que os enunciados das manchetes focalizem, no âmbito da editoria de Polícia, o tema comunidade. Esse tratamento revela uma outra face da cidade do Rio de Janeiro que não vem à luz nos demais jornais. Assim, segmentei a Editoria Polícia de acordo com a focalização feita pelas chamadas para mostrar as diferentes formas de violência a que os moradores dos morros e de bairros da zona norte, baixada e das periferias da cidade estão submetidos.

Em relação às chamadas constantes do fio de linha, no Apêndice 8.5.2, que apresentam, também como no GLOBO, caráter eminentemente de serviço, segmentei a Editoria Cidade em duas: a Cidade, relativa a fatos de interesse mais geral – **Garotinho dá aumento a policiais civis e militares, OAB vai à Justiça contra proibição de manifestações** –, e Cidade/Bairros, relativa a fatos de relevância para os moradores de bairros – **Água desaparece de Thomás Coelho e irrita os moradores, Prefeito entrega títulos à comunidade de Fernão Cardim**, entre outros. Essa subdivisão também visou a mostrar o interesse do jornal em dar visibilidade a segmentos da sociedade carioca sem espaço nos outros diários nas PPs. O Quadro 16 relaciona a quantidade de chamadas nos principais títulos do POVO, por editoria e tema.

Quadro 16: As chamadas nos principais títulos do POVO, por editoria e tema

Editoria	Manchete	Fio de Linha	Manchetinha
Polícia/Comunidade	5	-	-
Polícia/Política	1	1	-

Polícia/Esportes	1	-	-
Polícia/ Tráfico	12	-	7
Polícia	5	-	19
Editorial	1	-	-
Obituário	1	-	-
Cidade	-	17	9
País	-	6	2
Cidade/Bairros	-	6	-
Esportes	-	-	2
Promoção	-	-	2

No Quadro 17, a comparação, por editoria, da quantidade de manchetes nos quatro jornais, evidencia a editoria priorizada por cada diário. Com base nesses dados, pode-se confirmar a identidade de cada diário: o JB prioriza a editoria País e assume, nessa editoria, uma campanha política – Operação Condor; o GLOBO prioriza a editoria País; o DIA, a Cidade; o POVO a Polícia.

Quadro 17. Por editoria, a quantificação das chamadas nas manchetes dos 4 jornais.

MANCHETE	JB	O GLOBO	O DIA	O POVO
Cidade	3	10	18	-
País	12	17	7	-
Internacional	2	-	-	-
País/Condor	13	2	-	-
Polícia	-	-	5	13
Esportes	1	-	-	-
Economia	-	1	-	-
Tráfico	-	1	-	12
Internet	-	-	1	-
Serviço	-	-	1	-
Obituário	-	-	-	1

Observe-se ainda que a expressividade da editoria de Esportes, quando se compara a quantidade de chamadas por editoria e por jornal, não se repete no âmbito das manchetes. Mas como será visto adiante, as chamadas dessa editoria são as de maior ênfase e relevo por meio dos outros recursos de hierarquização. Na maioria das vezes, vem acompanhada de fotos e ocupa posições privilegiadas nos quatro jornais, além de ser a única editoria que tem lugar nobre cativo na PP – às segundas-feiras.

Já com relação à priorização temática nas manchetes, constata-se que o JB mantém o tema Condor em evidência, seguido de Política Executiva; o GLOBO,

prioriza o Poder Executivo, seguido de Dinheiro; o DIA, Dinheiro, seguido de Emprego; e o POVO mantém a priorização absoluta dos temas Tráfico e Violência. Mais uma vez, observa-se uma aproximação entre o GLOBO e o DIA, por um lado, e, por outro, uma clara especialização do jornal POVO na editoria Polícia e nos temas Tráfico e Violência, contrapondo-se à especialização, no JB, na editoria País e nos temas Condor e Poder Executivo.

2.3.2 O esporte, o entretenimento e a violência

Até agora, vimos a priorização que cada jornal faz das editorias nos seus principais títulos – a manchete, a manchetinha e o fio de linha. Além desses dispositivos para dar ênfase a uma chamada, há outros, que articulados entre si, marcam a chamada conferindo-lhe relevância em relação às que não estão marcadas pelos recursos de ênfase.

O primeiro recurso da diagramação para indicar a hierarquia na priorização das chamadas é a localização na metade superior da página, páginas A e B. O segundo é a existência de imagem acompanhando a chamada. O terceiro é a localização na página, em relação ao hábito de leitura e ao movimento dos olhos nas regiões de interesse da folha impressa¹². O quarto reúne outros recursos gráficos tais como fios, molduras, cores, diferentes tamanhos e tipos de letras, ou ainda vinhetas e títulos.

Do conjunto de chamadas das PPs dos quatro jornais, identifiquei, por jornal, a cada dia, excluídas as manchetes, manchetinhas e os fios de linha, as 5 chamadas, mais marcadas pelos recursos de ênfase – maior área ocupada na página; imagem; títulos; cores, fios e bordas –, a fim de aplicar articuladamente os diferentes recursos de ênfase das chamadas, usados pelos quatro jornais, no reconhecimento do metadiscorso indicando a hierarquia e a priorização das notícias em cada jornal. Tal classificação representa, com base nos critérios aqui definidos, os traços discursivos que configuram o perfil semiótico dos diários estudados.

¹² Edmond Arnold, apud Bahia, 1972, p.204, distingue três zonas visuais: a zona ótica primária, aquela área superior esquerda que retém, em primeiro lugar, a atenção do leitor; a zona terminal, para onde se move a vista, numa diagonal de leitura de cima à esquerda, para baixo à direita, e as zonas mortas ou cantos sem atração.

As chamadas que receberam ênfase em cada diário foram consideradas segundo a ordem de grandeza em relação à área ocupada – A, B, C e D e o número de colunas – e aos recursos empregados – fotos, cores, tamanho das letras, fios e bordas – e foram classificadas segundo o conjunto de tipos temáticos definidos em 2.4.2.

No quadro 18, pode-se ver quantificação, por tema, das cinco chamadas mais enfáticas de cada jornal:

Quadro 18. Por tema, a quantificação das chamadas em cada jornal.

Tipologia Temática	JB	GLOBO	DIA	POVO	Total
1. Alimentação		1		1	2
2. Ambiente urbano	6	1			7
3. Comportamento				1	1
4. Condor		7			7
5. Dinheiro	4	10	6	2	22
6. Educação	4	1			5
7. Entretenimento	12	11	27	17	67
8. Esporte	15	11	18	12	56
9. Humor		19			19
10. Internet	5	1			6
11. Internacional	3	2		1	6
12. Movimentos sociais organizados	7	5	7	11	29
13. Olimpianos	7	7	5	4	23
14. Pessoas				3	3
15. Poder Executivo	6	5	9	6	26
16. Política	5				5
17. Promoção			2		2
18. Propaganda		5			5
19. Publicidade	2				2
20. Religião			2	2	4
21. Saúde	1				1
22. Tempo/Meio ambiente	3		2	1	6
23. Terra Nostra		2			2
24. Tráfico	3	3	9	9	24
25. Transporte		2	6		8
26. Violência	6	2	10	26	48

Muito poderia ser comentado, analisado e interpretado sobre esse resultado, no entanto, nesta seção, o objetivo é caracterizar, por meio dos temas, a diferença entre os jornais de qualidade e os populares. No entanto, alguns comentários gerais cabem como complementares à informação numérica.

Outro tema enfatizado no GLOBO e no DIA, Dinheiro, está ilustrado pela reprodução do dia 16 de maio, GLOBO (cf. Anexo 7.34). Essa chamada, em que se vê a queda no chão da Diretora do FMI, ilustra a vitalidade de uma das formas de

editorializar as notícias bastante características nos veículos de comunicação, o humor crítico, verificada nos jornais GLOBO, DIA e JB, seja por meio de títulos de fotos – JB e DIA –, seja por meio de charges (que podem ser vistas nas edições de 1, 2, 3, 4 e 5 de maio dos jornais GLOBO e DIA, nos Anexos) e de *features* – GLOBO e DIA. O que se pôde verificar é que o humor ocorre na PP como substituto de tomadas de posicionamento crítico pelo emissor que se faz representar pelo nome do jornal. Por meio das charges do Chico, O GLOBO, diariamente assume posicionamento crítico em relação aos fatos que estão sendo noticiados pelas chamadas que recebem mais ênfase.

Embora apenas no GLOBO o tema Humor tenha figurado entre as chamadas mais enfáticas na PP – o DIA é o outro jornal que traz três vezes por semana charge na PP –, julguei ser importante dar a ver essa característica do jornal, uma vez que configura uma estratégia discursiva bastante expressiva do ponto de vista da heterogeneidade discursiva na configuração do emissor.

Com o fito de ilustrar alguns dos temas mais enfáticos, que ocorreram com mais frequência nas PPs, além dos sobre tráfico e violência que serão analisados no capítulo 4 e dos relativos aos movimentos sociais, no capítulo 3, inclui nos Apêndices algumas reproduções de chamadas bastante típicas dos temas. As edições dos dias 12 e 31 de maio, do GLOBO e do DIA, respectivamente, mostram como uma novela da GLOBO, *Terra Nostra*, pode ocupar espaço nobre nas PPs. O país da ficção é mais real que o real do país.

E, por último, inclui(cf. Anexo 7.31) uma ilustração do POVO, dia 14 de maio, de chamada em que o tema Religião é enfatizado. A religião, como se constatou no levantamento das chamadas mais enfáticas é uma prática social bastante presente no cotidiano das pessoas, em geral, e particularmente entre os segmentos pertencentes ao públicos-alvo dos jornais populares, que contam a presença de chamadas na PP e têm uma editoria semanal. É claro que não estou esquecendo do papel decisivo que a televisão tem nessa popularização de vários credos, seja por meio da concessão de uso de canal televisivo por certos ‘pastores’, seja pela simples cobertura de missas e outras práticas religiosas ao vivo, sistematicamente. Mas, o que me faz ilustrar o tema, chamando a atenção para a sua produtividade nos jornais DIA e POVO, é a ausência de ênfase dada ao tema pelos jornais de qualidade.

Os quatro quadros (19, 20, 21 e 22) que se seguem mostram a hierarquia em que ocorrem os temas, com a respectiva totalização de chamadas, em cada jornal:

Quadros 19 (JB), 20 (GLOBO), 21 (DIA) e 22 (POVO), por editoria, demonstrando a hierarquia e respectiva totalização das cinco chamadas mais enfáticas.

Quadro 19 - Temas no JB	
1. Esporte	15
2. Entretenimento	12
3. Movimentos sociais /Olimpianos	7
4. Ambiente urbano/Poder Executivo/Violência	6
5. Política /Internet	5
6. Educação/	4
7. Tempo/Meio ambiente/Tráfico/Internacional	3
8. Publicidade	2

Quadro 21: Temas no DIA	
1. Entretenimento	27
2. Esporte	18
3. Violência	10
4. Tráfico/Poder /Executivo	9
5. Movimentos sociais	7
6. Dinheiro/Transporte	6
7. Olimpianos	5
8. Promoção/Religião/Tempo/Meio Ambiente	2

Quadro 20- Temas no GLOBO	
1. Humor	19
2. Esporte /Entretenimento	11
3. Dinheiro	10
4. Olimpianos /Condor	7
5. Poder Executivo Movimentos sociais /Propaganda	5
6. Tráfico	3
7. Violência /transporte/Terra Nostra/Internacional	2
8. Alimentação /Ambiente Urbano/Internet/Educação	1

Quadro 22 - Temas no POVO	
1. Violência	26
2. Entretenimento	17
3. Esporte	12
4. Movimentos sociais	11
5. Tráfico	9
6. Poder Executivo	6
7. Olimpianos	4
8. Pessoas	3
9. Religião/Dinheiro	2
10. Alimentação/Comportamento/ Internacional/Meio Ambiente	1

Dos 26 temas abrangidos, apenas 8 são comuns aos quatro jornais. A totalização do número de chamadas, por jornal e por tema em ordem decrescente de frequência de ocorrência pode ser vista no Quadro 23.

Quadro 23: Os 8 temas comuns aos quatro jornais, por ordem decrescente de frequência de ocorrência nos quatro jornais.

Temas	JB	GLOBO	DIA	POVO	TOTAL
Entretenimento	12	11	27	17	67
Esporte	15	11	18	12	56
Violência	6	2	10	26	48
Movimentos sociais organizados	7	5	6	11	29
Poder Executivo	6	5	9	6	26
Tráfico	3	3	9	9	24
Olimpianos	7	7	5	4	23
Dinheiro	4	10	6	2	22

As totalizações no quadro 23 refletem a hegemonia do entretenimento nas PPs dos jornais cariocas, principalmente se agruparmos sob esse tipo temático as ocorrências relativas aos temas Esporte e Olímpicos, o que, sem dúvida, corrobora a aguda crítica feita à mídia por Debord, 1997, p.171):

O espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos. Frequentemente, os donos da sociedade, declaram-se mal servidos por seus empregados midiáticos; mais ainda, censuram a plebe de espectadores pela tendência de entregar-se sem reservas, e quase bestialmente, aos prazeres da mídia. Assim, por trás de uma infinidade de pseudodivergências midiáticas, fica dissimulado o que é exatamente o oposto: o resultado de uma convergência espetacular buscada com muita tenacidade. Assim como a lógica da mercadoria predomina sobre as diversas ambições concorrenciais de todos os comerciantes, ou como a lógica da guerra predomina sobre as freqüentes modificações do armamento, também a rigorosa lógica do espetáculo comanda em toda parte as exuberantes e diversas extravagâncias da mídia.

A hierarquização das chamadas feita pelos recursos de ênfase – diagramação e imagem – subverte a hierarquia das editoriais feita pela quantidade de ocorrência das chamadas na PP. No âmbito das manchetes e da classificação por editoria, caracterizam-se como de qualidade, JB e GLOBO, e como populares, DIA e POVO. No entanto, no âmbito da diagramação e da classificação temática, desfaz-se a diferença entre a qualidade e o popular: JB, GLOBO, DIA e POVO se valem dos mesmos dispositivos.

Com base na quantidade das cinco chamadas que receberam ênfase, as principais chamadas são sobre os temas entretenimento e/ou esporte, com exceção do POVO, em que o tema violência rivaliza com esses dois, como se vê nos quadros de 24 a 27. JB e o GLOBO dão o primeiro lugar Esportes; DIA a entretenimento; e POVO a violência.

Quadros 24 (JB), 25 (GLOBO), 26 (DIA) e 27 (POVO), por tema, mostram a hierarquização e respectiva quantificação das chamadas que receberam mais ênfase..

Quadro 24 - JB	
1. Esporte	15
2. Entretenimento	12
3. Movimentos sociais	7
3. Olimpianos	7
4. Poder Executivo	6
4. Violência	6

Quadro 26 - DIA	
1. Entretenimento	27
2. Esporte	18
3. Violência	10
4. Tráfico	9
4. Poder Executivo	9
5. Movimentos sociais	7

Quadro 25 - GLOBO	
1. Esporte	11
1. Entretenimento	11
2. Olimpianos	7
3. Poder Executivo	5
3. Movimentos sociais	5
4. Tráfico	3

Quadro 27 - POVO	
1. Violência	26
2. Entretenimento	17
3. Esporte	12
4. Movimentos sociais organizados	11
5. Tráfico	9

Além dos recursos de ênfase já apontados, o JB e o DIA dão relevo às notícias, marcando sua originalidade e sua interação mais direta com seu público-alvo, por meio da vinheta **EXCLUSIVO**, cujas ocorrências na amostragem estudada são as seguintes, por Editoria: no DIA, dois na editoria Cidade – **Caixa negocia dívida de 177 mil mutuários; Rio vai demitir 32 mil servidores** –, um na editoria Polícia – **Microcâmera vai vigiar traficantes nos morros** – e três na editoria País – **Militares terão aumento de 11%; Justiça antecipa aposentadoria para 150 mil; Mutuário terá desconto no IR** –; e no JB, dois na editoria País – **General Cardoso: ‘O governo vai investigar morte de João Goulart’; Ex-chefe do SNI confirma ações de Operação Condor**.

As chamadas acima apenas reforçam a prioridade conferida por cada jornal no âmbito das manchetes, à editoria Cidade, no DIA, e à editoria País, no JB, assim como aos temas, Dinheiro e Emprego, no DIA e Condor, no JB. Seria necessário uma pesquisa, com base em amostragem que abordasse um período maior e então descontinuado, para que fosse verificada a tendência de o JB assumir campanhas editoriais sobre assuntos específicos, como forma de renovar, periodicamente, o seu ‘contrato de leitura’ com seus assinantes.

2.4 A PUBLICIDADE E OS "ANABOLIZANTES"

Propaganda é "qualquer forma remunerada de apresentação não-pessoal de idéias, mercadorias ou serviços, por parte de um patrocinador identificado" e Publicidade é "a divulgação de qualquer notícia de significação comercial sobre um produto, uma instituição, serviço ou pessoa, desde que tal notícia não seja paga pelo seu patrocinador".

Embora propaganda e publicidade não sejam exatamente a mesma coisa, nem sempre é possível distinguir-se uma e outra. A propaganda, agente da compra e venda, pode chegar a determinar a demanda e a dinâmica do mercado consumidor. A publicidade, por sua vez, representa todos os aspectos da divulgação comercial de natureza editorial. Conforme definição da Associação Brasileira de Agências de Propaganda,

Uma agência de propaganda, na definição mais conhecida, é uma pessoa jurídica independente, especializada na ciência, arte e técnica publicitárias, que, através de técnicos, estuda, concebe, executa e distribui propaganda a veículos de divulgação, por ordem e conta de clientes-anunciantes, com o objetivo de promover a venda de produtos e serviços, difundir idéias ou informar o público a respeito de organizações ou instituições que estão a seu dispor. (apud Bahia, p.128).

A publicidade é um dos elementos que constituem a receita dos veículos de comunicação. Sobretudo os jornais de qualidade compõem com cerca de 60 a 70% da sua receita com a publicidade que se dá por meio das agências de propaganda. A venda avulsa e a carteira de assinantes representam cerca de 30% da receita. Os jornais que estudamos não são subvencionados e, portanto, dependem da publicidade para comporem sua receita, mesmo os jornais ditos populares, como é o caso do POVO, que ainda não contam com uma participação expressiva da publicidade, vêm sentindo cada vez mais a necessidade de adequar o seu produto às exigências do mercado, para ingressarem no império do marketing, e, assim, poderem garantir a sua permanência no universo de concorrência simbólica da mídia impressa.

A publicidade (anúncios em geral) e os leitores (venda avulsa e assinantes) constituem as tradicionais formas de sustentação econômica de um jornal na sociedade ocidental, com base na livre concorrência e na iniciativa privada, sem interferência ou rígido controle do Estado. (Bahia, p. 129).

vende 30 a 40 mil, para 300 mil do **DIA**. É uma covardia. A média é 300 mil e 500 mil aos domingos. Tem assinantes, mas muitos poucos. Cerca de 12 mil, é mais mesmo nas áreas em que não são atendidas por bancas: Barra da Tijuca. Há lugares em que não tem banca. Para você comprar um jornal, você tem que sair de casa. Aí a gente facilita esse tipo de coisa. Mas é um projeto do jornal (ampliar a carteira de assinantes). O grosso da nossa venda é feita na banca, Ela é feita em cima da PP, não só do hábito do leitor comprar o jornal. Todo dia, você tem que ir lá e tentar conquistar ele.¹⁴

O setor de assinaturas do jornal é um dos mais antigos serviços da imprensa ao leitor. O controle interno das assinaturas assume, em grandes empresas, características de divisão, gerência ou departamento prioritário na estrutura econômica. A assinatura, setor prioritário em alguns jornais, como é o caso do **JB** e até do **GLOBO**; a venda avulsa, no caso do **DIA** e do **POVO**.

Mas a publicidade é setor fundamental na configuração da receita do jornal. Conforme pode ser constatado no conjunto das chamadas das editorias Publicidade, Propaganda e Promoção, em cada jornal (Apêndices 8.2.2, 8.3.2, 8.4.2 e 8.5.2), o **JB** é o que menos dá visibilidade na PP a essas editorias. Isto não significa dizer que esse jornal não venda espaço, páginas inteiras, a diversos anunciantes. Apenas a estratégia é diferente, pois se destina a uma fatia do universo de consumidores bem definida e que não se confunde com a dos outros jornais. Trata-se de mais uma estratégia consciente, conforme atesta o editor do **JB**, quando lhe perguntei sobre a composição da receita, se o **JB**, era um jornal que disputasse leitor pela venda em banca.

Não. Tanto que a nossa preocupação, com algumas exceções, não é fazer uma PP apelativa para que o leitor que passa, ver e ter que comprar. Nós não temos isso. A questão da PP ela é mais sensível do ponto de vista da perspectiva da venda no jornal popular, que não tem assinatura. O que não é o caso do **JB** e nem do **GLOBO**, embora o **GLOBO** tenha uma característica mais popular que o **JB**. Às sextas-feiras, no Rio e Grande Rio o **JB** vende em banca mais que o **GLOBO**, por causa da revista "Programa" e da revista de "Domingo". Normalmente eles vendem mais que a gente. No Domingo, eles vendem mais, porque têm o que a gente chama de anabolizantes: a panela, a Bíblia, a régua, o lápis escolar.¹⁵

¹⁴ Editor do **DIA**, Apêndice 8.7.3.

¹⁵ Editor do **JB**, Apêndice 8.7.1.

Mas não é isso que as PPs do JB dizem. As estratégias “apelativas” e os “anabolizantes” se revestem dos mais variados disfarces. Isso reforça a tese de que os discursos jornalísticos não se destinam apenas a seus leitores, mas também, e até em proporcionalidade maior aos seus anunciantes. Considerando-se que os anunciantes se dirigem a consumidores, pode-se vislumbrar uma dinâmica de relações de determinação bastante complexa e contraditória, em que o leitor, o consumidor, ora parece dominar, ora parece estar subsumido pela ordem discursiva do marketing. Deve ser esse o sentido do consenso de que os meios de comunicação e o marketing são os responsáveis por “fazer a cabeça do leitor”.

É exatamente essa suposta determinação dos discursos midiáticos e publicitários sobre as práticas sociais que está em jogo, quando se estuda a PP dos jornais, porque, tanto para os jornais ditos ‘de banca’ como para os jornais ‘de assinatura’, seduzir o leitor é fundamental: para o jornal alcançar a sua cota de publicidade, os leitores têm de responder consumindo o que é anunciado, e a PP é o que o jornal vende, e é o como vende.

Talvez esteja aí a explicação para a tendência, verificada na hierarquização dos temas das chamadas mais enfáticas nas PPs, de os jornais de qualidade e os populares se igualarem, fazendo do esporte e do entretenimento vitrine, para ‘venderem’ a notícia e, quiçá, a informação.

Quando o cliente é rei, ninguém pode contestá-lo. A informação como mercadoria total assume várias formas e modelos, inclusive o do entretenimento. Não se trata de modificar o comportamento ou a bagagem cultural de alguém através de dados que possam fornecer uma nova ou mais complexa visão de mundo, mas unicamente de satisfazer as necessidades de identificação, de empatia, do sujeito com um objeto. Toda contestação aparece como resistência reacionária ou nostálgica ao esquema pertinente e atual, cuja demonstração é o resultado, a audiência, o faturamento. (Silva, 2000, p.126)

3. O SENSACIONALISMO, A CREDIBILIDADE E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – a história não nos cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (Foucault, 1996, p. 10)

Neste capítulo, vou proceder à análise dos discursos veiculados nos textos – imagens e enunciados verbais – de algumas das notícias comuns aos quatro diários nas edições de maio de 2000, orientada pelos princípios de comparação e de invariância temática, ambos inspirados em Véron (1978b), conforme exposto na seção 1.5.

Não tenho a pretensão de realizar uma leitura exaustiva dos discursos materializados nos textos que constituem as amostras selecionadas, nem tampouco a de construir uma teoria geral de análise dos discursos. Por se tratar de análise detalhada de alguns traços textuais materializados nos discursos, as amostras selecionadas no *corpus* tiveram de ser reduzidas e giram em torno de questões que propiciam a percepção das diferenças discursivas de cada diário.

A intenção é tão somente, com base no quadro teórico para análise dos discursos já esboçado na introdução, e mediante o emprego de uma metodologia de leitura construída no processo mesmo da análise e da interpretação dos textos, aplicar conceitos e procedimentos de análise que possibilitem o reconhecimento dos traços discursivos deixados pela produção e das pistas interpretativas que orientam a recepção.

O mapeamento dessas marcas é feito com o objetivo de realizar uma leitura que estabeleça a relação entre os efeitos discursivos e as práticas discursivas e sociais no contexto sócio-histórico de origem e destinação dos textos estudados – Rio de Janeiro/Brasil –, uma leitura ideológica do conjunto textual estudado. Como afirma Véron, isto equivale a dizer que, “só há o ideológico nos discursos.” (1978b, p.73).

Texto, nesse sentido e ainda de acordo com esse autor, está sendo aqui considerado como uma noção descritiva e não como um conceito teórico:

Os textos produzidos e difundidos no interior de uma formação social dada (e são esses os textos que nos interessam) são por assim dizer os lugares de manifestação de uma pluralidade de sistema de *contraintes*, eles são “atravessados” por leis que se sobressaem de ordens diferentes de determinação de funcionamento. (Véron, 1978b, p.74)

Não será demais também lembrar que defino os discursos como práticas sociais, o que, de acordo com Pinto (1999, p. 24), implica que

(...) a linguagem verbal e as outras semióticas com que se constroem os textos são partes integrantes do contexto sócio-histórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais. (...) pois é por meio dos textos que se travam as batalhas que, no nosso dia-a-dia, levam os participantes de um processo comunicacional a procurar ‘dar a última palavra’, isto é, a ter reconhecido pelos receptores o aspecto hegemônico do seu discurso.

Os textos estudados são complexamente constituídos por enunciados verbais, imagens, variados recursos gráficos, todos, por sua vez, arquitetados por uma diagramação que, longe de ser acabamento final, como pode fazer supor a denominação dada ao processo como ‘arte final’, configura-se como poderoso dispositivo de enunciação, cujas estratégias concorrem significativamente para os efeitos discursivos operados em nível da produção e da interpretação ativa desses textos.

Assim, este processo de análise é, e não poderia ser de outra forma dado o seu objeto de estudo, bastante complexo: metodologia de análise, interpretação e teorização se imbricam a cada passo, ou melhor, a cada enunciado e a cada imagem. Portanto, a leitura diária de algumas notícias comuns aos quatro jornais aqui apresentada explicitará – sempre que se fizer necessário ao entendimento da argumentação –, elementos da teoria que lhe dá suporte, que incluem categorias lingüísticas e discursivas.

A análise das notícias comuns aos quatro jornais sobre o MST (Movimento dos Sem-terra) será cotejada com a análise das notícias sobre a Greve dos Caminhoneiros e com as sobre a data comemorativa do Dia 1º de Maio. Organizei o desenvolvimento nessa seção pela data dos jornais e, em cada dia, por assunto, seguidos pelo enunciado e descrição da imagem a serem analisados e interpretados, antecidos pela sigla do jornal.

3.1 “1º DE MAIO COMEÇA COM GREVE” – POVO (1 de maio de 2000)

• JB: Caminhoneiros devem afetar abastecimento. (cf. Anexo 7.1)

Como sempre, na edição de segunda-feira, a primazia da notícia fica para o esporte. O enunciado em questão constitui-se na segunda chamada da PP, na parte A, 5ª coluna, sem nenhum recurso de ênfase, a não ser a sua posição na hierarquia da diagramação, segunda chamada depois da manchete, acompanhada de lide, conforme o padrão de chamadas nesse jornal. O enunciado modalizado pelo verbo ‘dever’, tematiza a categoria profissional ‘caminhoneiros’, o que indica uma avaliação sobre a consequência do movimento social: o ‘comprometimento do abastecimento’. O tema está inscrito num universo de referência que remete à questão do abastecimento e não ao movimento grevista.

Pode-se dizer, por um lado, tratar-se de uma abordagem despolitizada, que encontra justificativa na própria prática discursiva que caracteriza a imprensa diária, qual seja, a de construir uma representação do seu coenunciador de alguém ‘ligado’ nos meios de comunicação e que, por isso, já sabe do que se está ‘falando’. Por outro, a construção desse universo de referência – o abastecimento – se justifica pelo universo de concorrência em que se insere o jornal diário: os outros jornais também vão falar desse assunto a que já foi dada visibilidade nos meios áudio-visuais no dia anterior. Trata-se, então, de um ponto de vista diferente para focalizar o assunto.

São essas injunções peculiares à prática social do fazer jornalístico que têm ressonância na sua prática discursiva, cuja consequência mais imediata é o emissor falar do movimento grevista sem enquadrá-lo explicitamente num universo de referência político de

greve. Esse universo de referência é tomado como pressuposto, ficando a cargo do trabalho interpretativo do leitor o resgate da informação.

A pressuposição não é necessariamente empregada com objetivo de manipulação, mas, em virtude do conteúdo implícito, pode realizar esse efeito. O pressuposto é uma possibilidade de inferência inscrita no enunciado, em que se faz uma distinção entre dois níveis de conteúdo: um nível de primeiro plano, o posto, e um de segundo plano, o pressuposto. Os conteúdos, dependendo do plano em que são colocados, não recebem o mesmo estatuto interpretativo. Os postos são apresentados como aquilo a que se refere o enunciado e, portanto, estão submetidos a eventual contestação; os pressupostos lembram de maneira lateral elementos cuja existência é apresentada como óbvia, os pré-construídos. Tal dissimetria possibilita ao intérprete a focalização do posto e a assimilação natural do pressuposto. Há dois tipos de implícitos: o pressuposto, inscrito na materialidade lingüística, e o subentendido, cuja decifração é sempre incerta, pois que é inferido de um contexto particular. O pressuposto é inferido a partir do enunciado; o subentendido, a partir da enunciação.

O uso da perífrase modalizada 'deve afetar abastecimento' constrói um objeto de sentido outro que não a greve. O objeto de sentido é o que precisa o conteúdo do enunciado, O objeto de sentido recorta o conteúdo do enunciado, organizando a competência comunicativa de enunciadores e coenunciadores, levando-os a se reconhecerem na escolha do vocabulário e do tipo de enunciado que tematizará o assunto. A informação nova, o possível efeito no abastecimento, é o foco. O tema, caminhoneiros, metonimicamente e anaforicamente retoma o assunto 'a greve dos caminhoneiros', e os caminhoneiros passam a ser, no enunciado, agente causador. O enunciador, ao optar por assumir a posição do sujeito que dá visibilidade à consequência da greve, cala a posição do sujeito que considera o efeito da recusa de negociação do governo com a categoria em greve. Aqui é dada a voz a uma das fontes envolvidas no movimento: a da administração do Estado, responsável pelo abastecimento em geral. O sujeito discursivo assume a posição hegemônica dos dirigentes, que zelam pela manutenção da ordem. Verifica-se o apagamento da voz de um dos atores do processo.

- **GLOBO: Governo monta operação para evitar bloqueio de estradas.** (cf. anexo 7.2)

Manchete, ocupando apenas duas colunas, situada nas partes A e B, marcada por borda fina acompanhada de subtítulo e de lide em duas colunas, disputando a importância com as notícias referentes ao esporte. Tematiza o poder governamental em enunciado enquadrado por meio de ação metaforizada como estratégia de combate – ‘monta operação’ e ‘evitar bloqueio de estradas’, com foco na perífrase, ‘bloqueio de estradas’, eufemismo para o termo greve. O emprego da oração subordinada adverbial final ‘para evitar bloqueio de estradas’, no título, hierarquiza a informação contida no enunciado, marcando o tema como a informação nova.

Aqui, também, verifica-se tanto a pressuposição de que o receptor já está informado do assunto ‘a greve dos caminhoneiros’, como a estratégia de antecipação do fato, com vistas a noticiar um novo viés da notícia original. Mais uma vez, verifica-se, em nível do título, a ausência de politização do fato, ao inscrevê-lo no universo de referência que o remete para o trânsito livre nas estradas. Essa atenuação da tematização e da ação verificada no enunciado da manchete, no entanto, é desfeita no subtítulo: **Greve dos caminhoneiros será vigiada por 8.500 policiais**. Explicita-se aí a ‘operação do Governo’: 8.500 policiais vigiando, embora não esteja absolutamente clara a proporção entre 8.500 e a quantidade e os pontos de bloqueios das estradas. É também explicitada a ação focalizada na manchete – ‘greve dos caminhoneiros’, informação já dada, já sabida – que passa a tema no subtítulo. Fala-se da greve dos caminhoneiros, ela ocupa a posição de tema do enunciado; mas é um tema apassivado, apresentado numa construção passiva com verbo no futuro: a ação ainda não se realizou, o fato não ocorreu.

Aqui, o apagamento da voz do governo, subsumida pela do enunciador, alinha este último na mesma posição de sujeito supostamente assumida pelo governo: a de ameaça ao movimento grevista. A posição do sujeito no campo da recepção indica um destinatário que espera do seu jornal a imparcialidade no enfoque da notícia, por meio da visibilidade dada às diferentes fontes envolvidas no acontecimento, mas, também, indica um receptor alinhado com o governo, no sentido de que este garanta o direito legítimo de todo cidadão

de ir e vir. Essas posições de sujeitos se inscrevem numa prática social em que predomina o entendimento de que não há espaço político para movimentos grevistas, uma vez que o sistema vigente, o neoliberalismo do mercado de capitais, funciona por meio da 'livre' negociação entre patrão e empregado. O objeto de sentido que se atualiza no título e subtítulo é o da repressão: monta operação; bloqueio de estrada; será vigiada. Trata-se, em última instância, de um caso de polícia e não de política.

• **DIA: Polícia usa força contra caminhoneiros.** (cf. anexo 7.3)

Segunda chamada, na parte C, ocupando 4 colunas sem lide. O tema é a instituição 'polícia', o processo é eufemizado pela perífrase 'usar força contra', que indica um lugar de disputa de sentidos ou de resistência, apontando para o processo de recepção. 'Usar força' é perífrase que substitui o vocábulo reprimir. A informação nova é o 'uso da força contra os caminhoneiros'. Aqui, o poder está representado pela instituição mais próxima do dia-a-dia do cidadão-leitor, a polícia.

Nesse enunciado também se verifica a pressuposição do conhecimento sobre o assunto por parte dos leitores, bem como o recurso da antecipação do fato. Apesar do emprego do presente no verbo do enunciado-título, que claramente responde à gramática dos títulos, sua antecipação está explicitada pelo emprego do futuro do presente no enunciado do subtítulo **Veículos que bloquearam as estradas na greve, hoje, serão apreendidos e os motoristas multados**, que dá uma formulação mais explícita para o enunciado do título. No enunciado do subtítulo, o processo de enquadramento do fato como infração de trânsito fica mais explícito: há uma transformação do objeto de sentido – a greve – em mera circunstância – 'na greve' –, e o conteúdo passa a versar sobre os 'veículos que bloquearam as estradas', isto é, além de uma despolitização total do fato, há uma despersonificação que corrobora a despolitização. Os motoristas – que deixam de ser grevistas, para serem condutores dos veículos que bloquearam as estradas –, serão multados por terem infringido uma lei de trânsito.

As posições de sujeito aqui construídas, principalmente no nível do subtítulo, concordam com as posições construídas pelo Globo e se utilizam da mesma estratégia de representação indireta da voz da fonte governamental. O enunciado do subtítulo é

claramente uma ameaça em que o castigo está anunciado. O objeto de sentido atualizado aqui também é o da repressão e não o do movimento social.

No jornal O POVO, a greve dos caminhoneiros não se constitui como tema: o jornal elege tematizar o 1º de Maio, Dia do Trabalho, como se verá a seguir.

- **POVO: 1º de Maio começa com greve.** (cf. anexo 7.4)

Manchetinha, ocupando 4 colunas, em cores e letras grandes na parte D, localização prevista na hierarquia da PP do POVO para uma segunda manchete. O enunciado tematiza **a data comemorativa do o Dia do Trabalho** e dá como informação nova o início de uma greve. Explicitamente o enunciado relaciona o dia comemorativo dos trabalhadores com o movimento grevista, politizando tanto o dia comemorativo como o movimento grevista, que é foco no enunciado.

Aqui, o enunciador antecipa o fato, alinhando-se à voz dos atores responsáveis pelo movimento grevista. O objeto de sentido é o da mobilização social. O emissor não corrobora com a posição hegemônica de que não há espaço no neoliberalismo para movimentos grevistas. O enunciado cria um efeito de interdiscursividade, por meio do qual se fazem presentes os sentidos referentes às mobilizações históricas do 1º de maio, que antes de ser transformado pelo Estado populista em “dia de festa”, evocava a “Tragédia de Chicago”¹, simbolizando a luta do trabalhador oprimido, do “operariado” contra o capital (Lima, 1990).

Os dois únicos jornais a noticiarem o 1º de Maio foram o POVO e o JB. Este o faz em uma chamada, hierarquicamente a 3ª, na parte B, ocupando uma coluna sem nenhum elemento de ênfase, imediatamente abaixo da chamada sobre os caminhoneiros, com o seguinte título: **Rio terá 1º de maio festivo e com protesto**. Esse enunciado, claramente, inscreve o 1º de maio no universo referencial de festa, comemoração, que, conforme dissemos acima, estabelece uma relação de interdiscursividade com o período do Estado

Novo, em 1938, quando “Getúlio Vargas se dirigiu aos trabalhadores no dia 1º de Maio e transformou esse dia em ‘dia de comemoração da cooperação entre empregados e os empregadores’, ‘dia de confraternização’, ‘dia cheio de alegrias’... em celebração oficial da cooperação do trabalho e do capital.” (ibidem, pp.73 e 74). Adiante poder-se-á ver a ressonância desse interdiscurso.

3.2 “GOVERNO E CAMINHONEIROS DIVERGEM SOBRE ADESÃO À GREVE” – GLOBO (2 de maio de 2000)

- JB: Fracassa greve de caminhoneiros. (cf. anexo 7.5)

Manchete, na parte A ocupando as 5 colunas. Por meio da operação de topicalização do verbo, a mensagem é modalizada expressando juízo de valor sobre o processo enunciado. A manchete julga o acontecimento, marcando-o disforicamente. O efeito interpretativo é a sedução do leitor para que este compartilhe com o enunciador dessa visão que se coloca como hegemônica, uma vez que é reforçada pelo enunciado do subtítulo: **Houve pouca adesão nos principais estados e alguns incidentes no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.**

O enunciador, ao não citar a fonte responsável pela avaliação da adesão assume o enunciado e o torna hegemônico. O emprego dos modificadores ‘pouca’ e ‘principais’, ambos de referência imprecisa e relativa, trai o envolvimento do emissor com o conteúdo do enunciado. Ainda o emprego de ‘principais’ modalizando ‘estados’, exclui os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, explicitamente citados no enunciado, o que trai a visão hegemônica a que a mídia em geral está subsumida de que Rio de Janeiro e São Paulo são o Brasil. Mais uma vez, a topicalização do verbo modaliza o enunciado que está marcado expressivamente pelos adjetivos ‘pouca’ e ‘principais’ que reforçam o julgamento disfórico do enunciador em relação ao movimento grevista. Note-se que o termo ‘greve’ ocorreu no enunciado da manchete como informação dada e com valorização

¹ As lutas pela jornada de 8 horas começaram em Chicago em 1884, terminando com a declaração de greve geral em 1º de maio de 1886. (A Voz do Trabalhador, ano VII, no. 70, ‘Primeiro de Maio’, 1914, pp. 2 e 4, apud Lima, 1990.)

negativa. Há que se notar ainda a construção discursiva de um compartilhamento de saber, entre enunciador e coenunciador, de quais sejam os estados principais, e que esses estados principais são termômetro para avaliação do sucesso do movimento.

Aqui também se pode verificar a inserção do fato não numa matriz social discursiva política, mas numa matriz de cotidiano em que os acontecimentos decorrentes de um movimento grevista – confronto entre polícia e movimento, efeitos como paralisação de certos serviços que têm repercussão negativa para a sociedade – são considerados como incidentes. A leitura aqui proposta não se esgota no âmbito da manchete. Como se sabe, o gênero jornalístico impresso, e a PP por excelência, é, talvez, o mais ilustrativo do que se pode entender por ‘pacote’ significativa (Véron, 1981). Nele se entrelaçam vários tipos de discursos, expressos por diferentes matérias significantes, promovendo, via de regra com muita eloquência, um coro de vozes sonantes e dissonantes ao mesmo tempo.

Tal heterogeneidade enunciativa pode e deve ser apreendida pelo trabalho ativo da interpretação, tanto no nível da intertextualidade manifesta quanto no nível da interdiscursividade constitutiva desses discursos. O olho do leitor, ao percorrer os enunciados da manchete e do subtítulo, é, inevitavelmente, dirigido para a foto localizada logo abaixo (ver fot 3, Anexo 7.5). Trata-se de aceder à organização proposta, pela diagramação, na arquitetura da PP, além, é claro, de corresponder à preferência, que, segundo estudiosos do uso da imagem (Lazarsfeld, 1942, apud Augras, 1970), as ilustrações têm na ordem de importância na leitura dos jornais.

A imagem, intitulada de **Festa...**, nas partes A, B e C da página, mostra em toda a área da foto, que é de plano profundo, uma multidão participando de show comemorativo promovido pela Força Sindical, diante de palanque adornado por faixas com inscrições de palavras de ordem, reivindicações e *slogans* do universo discursivo de referência dos movimentos sindicais. Vozes dissonantes falam nessa relação textual entre imagem e enunciados. A oposição entre ‘fracassa’ e ‘festa’ instaura a leitura contraditória, com base na qual é constituída discursivamente a isotopia da inoperância da organização sindical quando em movimento reivindicatório, mas sua eficiência quando em promoção festiva. Tal leitura é corroborada pela chamada na parte C, cuja imagem, a outra da página, colocada diagonalmente em relação à anterior na direção da zona visual primária para a

zona terminal², intitulada **...Protesto**, mostra manifestante de costas, correndo, com as calças arriadas até os joelhos deixando à mostra as nádegas, e sendo observado por policiais em fila, armados e protegidos com escudos e capacetes. Aqui se abrem outras interdiscursividades, promovidas entre imagens de rebeliões, protestos e manifestações que vêm, desde os anos 60/70, usando o corpo nu como o máximo da irreverência, mais contemporaneamente ainda, como meio de atrair os meios de comunicação, não necessariamente em expressões de protesto engajadas em movimentos de cunho político.

Na legenda da foto **Um manifestante contra o capitalismo abaixa as calças e corre em frente à fila de policiais em Londres**, o acontecimento está contextualizado internacionalmente, o que amplia a isotopia construída: os movimentos reivindicatórios, mundialmente, se fazem por meio de festas ou de irreverências comportamentais, mas fracassam em seus objetivos políticos. A legenda da foto principal **Show da Força Sindical, com sorteio de casas carros, juntou um milhão de pessoas**, não contextualiza a região do país em que ocorreu, enquadrando o acontecimento no universo de referência de promoção de prêmios e de festa. Fica a cargo da interpretação ativa do leitor o investimento de sentidos, que pode ser feito com base nos enunciados exibidos pelos cartazes expostos na imagem.

• JB: Festa supera protesto no 1º de Maio

A chamada relativa à foto principal em seu enunciado-título **Festa supera protesto no 1º de Maio** é mais um fio discursivo nesse tecido da isotopia da falência dos movimentos sociais. Aqui também a não localização do acontecimento, caracterizando uma tendência dos ditos jornais de referência à universalidade e ao tratamento mais abstrato dos acontecimentos, diferenciando-os dos chamados jornais populares que tendem à referência local, o que caracteriza uma abordagem do acontecimento mais subjetiva na medida em que mais próxima da realidade do leitor. Voltando às imagens e a seus títulos, as reticências seguindo 'festa' e antecedendo 'protesto' estabelecem a coesão entre os dois textos que

² Segundo estudos realizados com o hábito de leitura, obviamente na nossa cultura ocidental e até que estudos mais recentes levem em consideração a evolução no emprego das tecnologias visuais na imprensa e na mídia em geral, é esse o movimento dos olhos nas regiões de interesse da folha escrita ou impressa. (Bahia, 1972, p. 204, nota)

cortam diagonalmente a área da página intitulada pela manchete 'Fracassa greve dos caminhoneiros', que por sua vez é capitaneada pelo nome do jornal.

- GLOBO: **Governo e caminhoneiros divergem sobre adesão à greve.** (cf. anexo 7.6)

Manchete, acompanhada de lide. O tema não marcado, 'governo e caminhoneiros', agente do processo, representa os dois atores sociais em simetria, por meio da coordenação, que é desmanchada pelo verbo divergir. O foco do enunciado não é mais a greve, sua plataforma, suas conseqüências sociais, mas uma questão de avaliação do sucesso do movimento – a adesão à greve –, que é reforçado pelo subtítulo: **Líder prevê 100% de paralisação hoje, Ministro atribui fraco movimento a feriado.** Esse enunciado é típico dos enunciados do gênero jornalístico. Há o confronto de fontes de informação situadas em posições de poder opostas – o líder do movimento e o Ministro –, que concorrem para a heterogeneidade discursiva, no caso operada pelo discurso indireto, construído com verbos *prever* e *atribuir*, do campo semântico de *dizer*. Esses dois verbos, por seu próprio significado lexical, modalizam expressivamente o enunciado, que é conotado ainda pela avaliação – 100% e fraco – das noções 'paralisação' e 'movimento'.

Por outro lado, essa mesma estratégia de confronto discursivo, além do reforçar a suposta posição neutra do enunciadador em relação à avaliação da adesão à greve já enunciada na manchete, concorre para a construção do cosmos discursivo dominante: trata-se principalmente de não dar visibilidade ao movimento, mas de inserir o acontecimento num esquema referencial de disputa de avaliação política do movimento. Trata-se de julgar antes que informar. Ainda, a hierarquização do enunciado, por meio da operação de justaposição das duas orações, além de reforçar a posição do enunciadador na manchete de pouca proximidade com a mensagem, uma vez que são explicitados os agentes do processo mental 'de divergência' enunciado, não especifica o tipo de relação semântica que se dá entre as proposições, marcando o enunciado como polêmico quanto à sua hegemonia de sentido e construindo um lugar para o leitor na inferência desse sentido.

De fato, o enunciado se abre a interpretações contraditórias: por tratar-se, de certa forma, de uma formulação do enunciado da manchete, que fala da divergência entre os dois

atores sociais, a vírgula entre as duas proposições pode ser interpretada com um sentido aditivo, adversativo, concessivo, ou mesmo outros. Tais possibilidades de sentido são reforçadas pela aspectualização do enunciado feita pelo advérbio 'hoje', que se contrapõe 'a feriado', que pode ser lido, na cronologia do jornal como ontem. Um dos sentidos possíveis é a não divergência entre as avaliações do líder e do ministro; ontem, feriado, a adesão foi fraca, mas hoje, dia seguinte ao feriado a adesão será de 100%. O que de fato parece ser significativo nesses dois enunciados é, mais uma vez, a despolitização do acontecimento, mais que isso, é o não acontecimento. De fato, de fato, nada é noticiado. Nada é informado. Trata-se de considerações sobre a avaliação de um movimento grevista sem reivindicações, sem acontecimentos. Tais estratégias retóricas têm como efeitos coisas ditas e coisas ocultas, a partir de deslocamentos de esquemas referenciais para objetivos opostos de enunciações requeridas e proibidas.

Pode-se dizer que tais efeitos concorrem fortemente para a construção de um discurso hegemônico do poder, uma vez que os enunciados, ao dar visibilidade ao que se insere no escopo do cômputo do êxito ou do não-êxito político do movimento grevista, deixa de dar visibilidade àquilo que o movimento tem de sua natureza intrínseca, que é o conjunto de reivindicações que, do seu ponto de vista, justificam e motivam o próprio movimento. É o fato de a mediação do discurso jornalístico se fazer por meio de dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido e a direção da ação do movimento, impondo a visão dominante sobre o evento noticiado, que permite dizer que os discursos jornalísticos podem ser vistos como discursos ideológicos. Tal noção de ideológico tem fundamento naquilo que Pinto (1988) denomina de "postulado da economia política do significante", pela qual são consideradas as condições de produção e de recepção dos discursos sociais.

Diferentemente do JB, o GLOBO estabelece uma clara hierarquização entre as notícias, orientando o seu leitor em relação à prioridade que deve ser dada na ordem de leitura da PP, mesmo que, muitas vezes – e esse me parece ser o caso em relação a essas

notícias –, como afirma um dos editores, “praticamente, toda a PP podia ser manchete. Mas você tem que optar por uma”³.

Separando graficamente uma notícia da outra, há um fio especial, que reforça o emolduramento por um fio simples da notícia-manchete. Assim, parece que o diário não propõe uma relação mais estreita entre uma notícia e outra, diferentemente do que foi operado no JB, que, mais que não utilizar recursos de diagramação para estabelecer uma não-articulação, vale-se da diagramação, da contigüidade e seqüencialidade das notícias, bem como da ordem preferencial de leitura, reforçada pela coesão estabelecida pelas reticências, para estabelecer a relação intertextual entre as três notícias: a da greve dos caminhoneiros, a do dia 1º de Maio no Brasil e a do protesto em Londres.

• GLOBO: Show e protesto marcam 1º de Maio

Enunciado título da chamada no GLOBO, **Show e protesto marcam 1º de Maio**, tem traços de proximidade e de distanciamento com a chamada no JB: **Festa supera protesto no 1º de Maio**. Esta leitura comparativa leva em conta a interpretação ativa feita pelos leitores compradores de jornal nas bancas. Subestimar os recursos de diagramação e a intencionalidade em seu emprego pelas editorias dos diários, conforme foi descrito no capítulo 1, levaria, com toda certeza, o analista a não entender o funcionamento dos dispositivos de enunciação peculiares ao gênero jornalístico e particularmente ao tipo discursivo da PP da imprensa diária.

A proximidade dos enunciados questiona a diversidade de enfoques de cada veículo, mas corrobora a ‘tese’ de que a técnica jornalística é tão apurada que os títulos saem iguais “para júbilo dos profissionais” (Silva, 2001) e desinformação do público-alvo que, no caso desses dois diários, é em parte coincidente. O enunciado do JB é avaliativo, modalizado expressivamente pela seleção do verbo ‘superar’ que conota disforicamente o caráter de protesto das comemorações. Já o enunciado do GLOBO (Show e protestos...), à semelhança do enunciado da manchete do GLOBO – Governo e caminhoneiros ... –, utiliza o recurso retórico da coordenação aliás, como se verá, bastante produtivo como dispositivo de enunciação nesse diário, operando uma ‘mescla dos inconciliáveis’. Assim,

³ Editor do Globo

aparentemente se exime de manifestar uma posição. Constrói uma posição de sujeito em que a neutralidade e imparcialidade do enunciator vai ao encontro da 'credibilidade' que seu leitor nele deposita.

A leitura semiológica da PP determina que se articule aos títulos das chamadas o título-mor do jornal: seu nome. O Globo, conforme se descreveu no capítulo 1, aponta para uma referência que transcende a sua referência de origem local. Assim, no subtítulo **Dia do trabalho motiva atos violentos no mundo; Força Sindical reúne 600 mil em São Paulo**, dá corpo à referência global que é feita pelo título-nome, que, por sua vez, serve de referência pressuposta às informações veiculadas no interior de cada enunciado título.

Procedendo-se à leitura do enunciado no subtítulo, vê-se que a hierarquização promovida pela junção sem conectivo entre as duas orações abre para uma interpretação ativa em que um dos efeitos possíveis é a comparação entre as manifestações no mundo e as manifestações no Brasil, metonimicamente representadas por São Paulo: mais uma vez, é a hegemonia dos estados "principais" representando os demais, deformação já indicada, operada pelos veículos que se propõem a um alcance nacional. 'Atos violentos no mundo' está em coesão com 'protesto' e 'reúne 600 mil em São Paulo' com 'show'.

Essa leitura está corroborada pelas imagens que seguem os enunciados. São cinco imagens, em cujas legendas se identifica a localização dos acontecimentos a que se dá visibilidade: **São Paulo: 600 mil pessoas participam de festa promovida pela Força Sindical na Praça Campo de Bagatelle; Rio de Janeiro: Integrantes do grupo Conexão fazem show para cem mil pessoas na Quinta da Boa Vista; Grã-Bretanha; Manifestantes enfrentam a polícia em Londres; Cuba; Fidel, de farda e tênis, marcha pela volta do menino Elián e Coréia do Sul; Estudantes atiram bombas incendiárias.** Por um lado, essas imagens reforçam a interpretação de que, no Brasil, as manifestações são festivas – leitura essa que promove a interdiscursividade com todos os textos de cunho sociológico ao longo da história social deste país, em que se louvou a temperança do povo brasileiro. Ora, os efeitos ideológicos dessa 'temperança' são bem conhecidos, tornando, portanto, desnecessário qualquer comentário a esse respeito, em oposição à truculência das manifestações no restante do mundo. Essa leitura também abre a interpretação de que, no

Brasil, as coisas não estão tão ruins quanto parecem estar, ou, pelo menos, não estão tão ruins quanto estão no resto do mundo.

Por outro lado, no campo da intertextualidade entre os diários e no campo da constituição de um efeito hegemônico no que concerne ao processo de produção de notícias jornalísticas, pode-se aproximar a leitura proposta anteriormente para os enunciados – texto e imagem – das chamadas do JB sobre os mesmos acontecimentos e de uma leitura para esses enunciados do GLOBO: no Brasil, a Força Sindical e os trabalhadores têm fôlego para shows, mas há divergências quanto ao êxito do movimento grevista. A diferença de ênfase no juízo, a meu ver, se deve entre outros fatores, à estratégia de promover, por meio da coordenação, a simetria entre os opostos, o que promove uma ambivalência aparente de posicionamento, ambivalência esta que, segundo a leitura aqui proposta, se desfaz em função do julgamento categórico enunciado por meio das imagens.

Considerando o plano das práticas sociais, é possível interpretar os enunciados acima descritos como sinais de que a sociedade não esteja organizada no âmbito sindical, de forma a dar visibilidade aos movimentos sociais não festivos. Ou seja, os enunciados em questão podem ser interpretados como sinal dos efeitos de um sistema político marcado pela fragmentação e despolitização dos trabalhadores, levados cada vez mais a trabalhos informais, quando não ao desemprego. A força sindical depende de emprego, de regime de trabalho, de relação patrão x empregado. O silenciamento, a não visibilidade de um ator desse cenário trabalhista é um sinal de que há algo acontecendo, por causa mesmo da ordem discursiva hegemônica que se impõe. Há ainda a leitura interdiscursiva já feita, por meio da qual o show e a festa são resquícios de uma política populista que investiu na aproximação dos inconciliáveis: trabalhador e capital.

• **DIA: Caminhoneiros recusam proposta do Governo.** (cf. anexo 7.7)

Chamada 3 na parte C, ocupando 4 colunas. O tema, o já sabido, é a classe profissional, o enunciator 'diz' no lugar dos caminhoneiros que eles recusam a proposta do Governo; o foco é a nominalização, 'proposta do Governo', que torna pressuposta uma informação não dada, a de que o governo teria feito uma proposta ao movimento grevista.

A nominalização é recurso de modalização do enunciado bastante produtivo nos enunciados dos títulos. Sem dúvida, deve-se ressaltar que parte dessa produtividade se deve à sua importância para a estruturação textual em si, uma vez que o seu emprego permite a compreensão de um texto com encaixamentos múltiplos. Esse recurso, por tornar mais curto o texto em que há a articulação de maior número de informações, facilita a leitura. Pode-se associar a frequência de sua utilização ao próprio 'dispositivo' de produção dos enunciados dos títulos, que seleciona, na totalidade dos recursos da língua escrita, alguns que são mais afins, por se prestarem às enunciações curtas. É preciso, entretanto, reconhecer que tal recurso tem a peculiaridade de corresponder a um certo padrão de acontecimentos aos quais as nominalizações se submetem. A nominalização deve ser compreendida como matriz em que se inscrevem os textos, permitindo a referência a processos verbais independentemente da enunciação de instâncias particulares dos eventos, tais como a dos actantes – agente, paciente, alvo –, da temporalidade e da espacialidade.

O acontecimento é enunciado pelo viés da recusa, da ação negativa dos atores caminhoneiros em relação à proposição – ação enunciada afirmativamente – do ator social Governo. O subtítulo – **Criação de vale-pedágio não foi aceita e movimento pode aumentar preços dos produtos no Rio em até 150%** – modalizado expressivamente tanto pelo verbo poder, que trai a proximidade do enunciadador em relação à proposição enunciada, quanto pela atribuição do papel de agente ao movimento (grevista), responsabilizado pelo aumento dos preços dos produtos no Rio, confere um efeito de sentido negativo à não-aceitação da proposta feita pelo Governo, interpretação essa que fica a cargo do leitor. Tal modalização expressiva é reforçada também pela hierarquização feita por meio da conjunção 'e', que realiza uma relação de causa-efeito. Implicitamente, o enunciadador responsabiliza o movimento grevista pelas conseqüências nefastas que o cidadão carioca viverá em decorrência da greve. Além disso, o recurso da nominalização em 'criação do vale-pedágio' substantiva uma suposta intenção do Governo de criar o vale-pedágio, como resposta às reivindicações do movimento grevista.

Embora nesses enunciados a informação veiculada tenha como referentes os caminhoneiros (a categoria), o movimento (a greve), o Governo (o poder), as modalizações operadas nos enunciados atualizam o objeto de sentido 'custo de vida', emitindo

implicitamente um juízo de valor negativo em relação ao movimento grevista e conotando positivamente a 'ação' do agente governamental: a proposta de criação do vale-pedágio. Os enunciados não informam sobre as reivindicações, deixando subentendido que uma delas seria a do vale-pedágio, que seria, então, inexplicavelmente recusada.

A chamada sobre o 1º de Maio, conforme dispositivo do DIA, é feita por meio da articulação integrada entre imagem e enunciados verbais. Consiste na imagem que recorta uma cena em que é mostrada multidão em torno de estande de dois andares, sobre o qual estão dispostos cerca de oito carros que estão sendo sorteados, juntamente com apartamentos, conforme legenda, aos participantes do show promovido na zona norte de São Paulo, pela Força Sindical. **Multidão disputa prêmios no dia do Trabalho** é o enunciado do título da foto, que estabelece uma relação de equivalência retórica orientada da imagem para o texto, comentada na legenda: **Isca. Em São Paulo, a Força Sindical atraiu mais de 1 milhão de pessoas (foto) com sorteio de carros, apartamentos e show de artistas famosos, na Zona Norte.** A interpretação ativa da chamada deve estabelecer a coesão entre a legenda, 'isca', e o título da imagem: a multidão mordeu a isca oferecida pela Força Sindical e compareceu à comemoração do dia do trabalho. Fica subentendido que, se não houvesse a isca, não haveria multidão. Há algumas relações de intertextualidade com os diários anteriormente analisados: no DIA também a visibilidade é dada ao evento realizado em São Paulo, o recorte da cena é o da multidão, e o objeto de sentido atualizado é o da comemoração. No nível da prática social, o enunciado do DIA também reforça a interpretação de que o movimento sindical esteja organizado em São Paulo, mas para festas, reforçando a interpretação do sentido hegemonicamente produzido de que o Brasil é o eixo São Paulo-Rio-Brasília.

- **POVO: Greve começa parar o Brasil** [sic.] (cf. anexo 7.8)

Chamada, acompanhada de foto, ocupando 4 colunas na parte D e foto nas partes B, C e D. O tema é a greve, o foco é a ação dirigida de paralisação e o objeto é o país, Brasil. Em que pese o descuido com o registro formal da modalidade escrita – traço da prática discursiva que revela a imagem que o enunciador tem de seu receptor como pouco exigente quanto ao uso do código legítimo, o que, por sua vez, corrobora o processo de produção e

reprodução do uso lingüístico legítimo e do considerado ilegítimo –, trata-se do primeiro enunciado, nesses dois dias, que insere o acontecimento no universo de referência política. É também o enunciado que aponta para uma continuidade do movimento e para a continuidade nas edições que virão na seqüência narrativa, por meio da aspectualização operada pelo verbo ‘começar’.

Do ponto de vista do discurso enunciado, há uma conotação positiva do movimento, com a apresentação de ação orientada para uma continuidade no sentido de atingir o seu objetivo como movimento grevista. Além disso, atribui ao movimento uma abrangência em âmbito nacional, qualificando-o no plano da política nacional. No subtítulo **Os caminhoneiros estacionaram nos postos de abastecimento e cruzam os braços em todo o País**, há uma formulação do enunciado da manchete em que é explicitada a ação grevista por meio do emprego da perífrase ‘cruzar os braços’ e da circunstancialização ‘em todo o País’, que ratifica o objeto de sentido político, além de também reforçar a representação positiva da ação dos caminhoneiros por meio do verbo ‘estacionar’, que eufemiza a noção de paralisação e não conota nenhum valor negativo, como é o caso de ‘bloquear’. A imagem mostra inúmeros caminhões estacionados, estabelecendo uma relação direta com o enunciado título da chamada.

O fato de o POVO ter sido o único diário a produzir a notícia da greve com o recurso da imagem deveria ser interpretado como produção do efeito visado pelos jornais populares de articularem os sentidos preferencialmente por meio de imagens e não de textos, numa clara construção do seu coenunciador, que deve ser visto como público-alvo menos letrado e menos dado à reflexão, que teoricamente seria preferencialmente propiciada por meio de enunciados verbais? Ou tratar-se-ia ainda do dispositivo dos jornais considerados sensacionalistas que dão primazia à visualização – títulos em letras garrafais e preponderância do peso e do papel da fotografia na página – para impactar e mais rapidamente atingir subjetivamente o seu leitor, deixando para segundo plano o alvo do intelecto?

Tais questões, já desgastadas e até rejeitadas por alguns teóricos (Véron, 1981), parece não darem conta de um dos efeitos de sentido que se impõe na leitura comparativa que aqui proponho. Como vimos, os demais diários não dão visibilidade, por meio de

imagem, ao movimento grevista; na verdade, não dão visibilidade nem por meio dos enunciados, uma vez que atualizam um outro objeto de sentido, inserindo-os em outros esquemas referenciais que não o da greve. O que está sendo discursivizado pelo jornal o POVO – diário de baixa tiragem, de caráter eminentemente policial e de serviço, voltado para um público-alvo local –, ao usar o dispositivo da imagem – e é o único a fazê-lo, como também o único a enunciar explicitamente a dimensão nacional do movimento? Não há aqui uma indicação de que o enunciador fala de um outro lugar e fala para um coenunciador que tem expectativas outras, não traduzidas pelos enunciados dos outros diários? Esta é uma questão de fato. Não se trata de uma questão retórica: precisa ser investigada.

Via de regra não se estudam jornais que, como o POVO, são pouco representativos dos segmentos da sociedade formadores de opinião, quer pela sua baixa tiragem, quer pelo tom sensacionalista. Parece que, por já ser rotulado, esse tipo de diário nem precisa ser estudado. Com isso, não se formulam questões novas, que possam ensejar respostas novas e que talvez nos levem ao encontro de realidades que os discursos hegemônicos não nos dão a conhecer.

Um dos sentidos do enunciado fala pela legitimação, pelo reconhecimento do movimento. Fala pela pertinência da relação inclusiva das lutas do popular, do povo, em âmbito nacional. Fala pela sensibilidade sim, e aí está o subjetivo, que preside a objetividade de um movimento grevista que se coloca em cena afirmativamente por meio inclusive da imagem. O adversário, o Governo, não tem espaço, não tem visibilidade na cena construída pelo POVO. Trata-se em última instância da construção simbólica de um imaginário nacional que inclui os excluídos. Ainda, considerando-se a dimensão ideológica na construção dos sentidos, aponta para a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, “uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação.” (Fairclough, 2001, p. 117)

Ainda nessa linha de raciocínio, proponho que se passe, nesse mesmo diário, à leitura comparativa das outras chamadas que têm o 1º de Maio como objeto de sentido. **Dia do trabalhador passa na maré mansa em toda cidade.** Mais uma vez, a ausência do

artigo denuncia o pouco cuidado com a modalidade escrita e trai a construção do coenunciador. A imagem anteposta ao enunciado verbal mostra banhista deitada de costas na areia da praia, e a cena metaforiza o conteúdo do enunciado. A 'maré mansa' é estar na 'praia'. Como não poderia deixar de ser, dá-se, nessa imagem, visibilidade e preponderância à parte do corpo feminino que está em alta, as nádegas. Afinal, cada diário tem o seu contrato de leitura com o seu público-alvo. Faz parte da gramática da PP do POVO atrair e seduzir os seus leitores pelo mito do corpo feminino. Recurso esse também presente nos textos dos outros veículos, embora sem o mesmo peso entre os recursos empregados para a sedução do seu leitor. Pode-se ler nessa chamada o discurso centralizador e hegemônico de que a cidade é a zona sul – praia –, de que o lazer do cidadão carioca é o lazer do morador da zona sul, de que todo trabalhador tem seu dia de descanso. Construção mítica que certamente corresponde ao desejo, legítimo, de poder ser esse trabalhador, e não o que trabalha-a-dor. Deste se tem notícia nas chamadas que figuram, sem imagem, na parte D: **Patamo estraga a festa do trabalhador na Cidade de Deus; Passagem de trem deixa entrada para Zoo mais em conta e CUT promove ato público contra FHC e os 500 anos**. Como pode ser verificado, nesses enunciados, dá-se visibilidade a outra realidade, a outra comemoração do dia do trabalhador. Aqui fala a população que, na Cidade de Deus [!], não tem paz para comemorar o feriado; o 'diabo' a polícia, patamo, sempre em confronto com os cidadãos; dá-se visibilidade ao lazer possibilitado pela diminuição do valor do transporte que traz do subúrbio para a zona central o trabalhador e a família para o Jardim zoológico e, por incrível que pareça, dá-se visibilidade a um ato de protesto que não se faz pela irreverência nem é internacional: é nacional, é capitaneado por representação legítima dos trabalhadores e é oportunamente e eminentemente político, é contra o Presidente, no que ele representa o poder estabelecido e é contra a comemoração dos 500 anos de um povo que não se reconhece incluído entre os que comemoram. Chamadas, como se diria, curtas e grossas, situadas referencialmente, constituindo um mapa de uma cidade, de cidadãos e de anseios e desejos que não encontram espaço nos jornais de referência, nos jornais de credibilidade. O universo de referência é o do dia-a-dia, é o da proximidade com o leitor, funciona como mediação entre o universo de referência constituído pela mídia impressa de qualidade e o segmento da

população que é dele excluído. O POVO, em suma, fala do dia to trabalhador e não do dia do trabalho.

Nesse sentido, creio podermos falar que um dos papéis, dissonantes sim, que o jornal POVO desempenha no contexto da mídia na cidade do Rio de Janeiro é o de ser articulador, como verdadeiro mediador, da relação tensa entre segmentos excluídos e marginalizados cultural, social, econômica e politicamente e os setores da sociedade que detêm o poder hegemônico.

3.3 "SEM-TERRA INVADEM 18 CAPITALAIS" – JB (3 de maio de 2000)

Malditas sejam
todas as cercas!
Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam
de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
amanhadas por poucas mãos
para ampararem cercas e bois
e fazer da terra, escrava
e escravos os humanos!⁴
(D. Pedro Casaldágia, apud Aquino, 2000)

• JB: Sem-terra invadem 18 capitais. (cf. anexo 7.9)

Manchete, nas partes A e B, ocupando 4 colunas, acompanhada de 2 fotos. Enunciado com tema, sem-terra, não marcado, em oração transitiva. **Ministro da Justiça, José Gregori, acusa MST de 'desvio de conduta' e acena com o rigor da lei**, subtítulo em enunciado representando o discurso relatado no modo indireto, que reproduz acusação do poder qualificando o movimento dos sem-terra de ter praticado desvio de conduta. O enunciado modalizado *autonimicamente* (Authier-Revuz, 1998) por meio das aspas simples, usadas para destacar as palavras do ministro, ao mesmo tempo que marca o

⁴ Versos de D. Pedro Casaldágia, bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, apud Aquino, 2000, p.886

distanciamento do enunciador em relação ao conteúdo do enunciado, que representa a ameaça de sanção à ação empreendida pelos sem-terra, trata do mesmo conteúdo em relação ao enunciado posto pela manchete. Isto é, o enunciador, por meio desse recurso de "heterogeneidade mostrada" (idem, 1990), está repetindo a sanção em relação aos sem-terra. O enunciado do subtítulo opera um deslocamento do assunto para outro objeto de sentido: o da justiça. É desse enquadre que deve ser interpretado o acontecimento, qualificado como desvio de conduta e merecedor do rigor da lei. Aqui se pode arriscar que o enunciador, ao construir esse esquema de referência, está ao mesmo tempo operando a construção de um leitor que compactua com a punição proposta. O enunciador se alinha com os latifundiários.

Contramarcha, título das 2 fotos, acompanhadas de única legenda **Os PMS, depois de interceptarem a marcha dos sem-terra com cães, gás e balas de borracha, obrigaram todos a deitar com as mãos na cabeça** antecipa o que é o rigor da lei. A aplicação do rigor da lei está justificada, uma vez que houve 'desvio de conduta' (agora é a minha vez da citação autonímica). As imagens mostram os sem-terra no campo, subjugados pelos policiais empunhando armas. As imagens tematizam o rigor da lei – policiais empunhando armas, acompanhados de cães – sendo aplicado ao desvio de conduta – sem-terra interceptados durante a marcha no campo, deitados de bruços com as mãos nas cabeças, sob a mira dos policiais. As imagens enunciam o controle da situação pela polícia. Os enunciados verbais enunciam o desvio de conduta do movimento. Pode-se dizer que há uma relação de equivalência retórica orientada que se dá do enunciado da legenda para a imagem, ao mesmo tempo que as imagens em relação ao enunciado do subtítulo representam a ameaça atribuída ao Ministro, ao mesmo tempo que mostram a eficiência da ordem representada pelos policiais subjugando os sem-terra. Três atores sociais são colocados em cena:

- os sem-terra, actantes ativos no enunciado verbal. Mas o cenário mostrado nas imagens, o campo, não corresponde ao cenário referido – 18 capitais – no enunciado da manchete. São condenados no enunciado do subtítulo, acusados de "desvio de conduta" e subjugados nas imagens;
- o Ministro da Justiça, actante ativo, no enunciado do subtítulo;

os PMs, actantes ativos nas imagens.

De frente para trás, de trás para a frente, a aparente heterogeneidade discursiva entre os enunciados dos textos verbais e os das imagens: os sem-terra invadindo a capital, embora não haja imagem atestando a ocupação à força (é esse o significado do verbo invadir) de 18 capitais, por integrantes do MST; os PMs subjugando os sem-terra à força de armas e cães (as imagens atestam o que a legenda descreve); e o Ministro ameaçando com o rigor da lei (sem qualificação para o que consubstancia nem o rigor da lei nem o desvio de conduta). Um discurso hegemônico é, no entanto, construído e está representado pelo título das imagens: *contramarcha*. *Contramarcha* é marcha dos PMs contra a dos sem-terra, mas pode ser também a dos sem-terra contra a lei. Não há espaço para a luta do MST, a luta pela reforma agrária. Não há, aparentemente, visibilidade para o MST. Digo, aparentemente, por estar seguindo o fio discursivo tecido pelos enunciados e imagens. Porque, se considerarmos a contradição que preside o próprio fato de o movimento dos sem-terra invadir capitais, veremos que, mesmo tendo cutucado com vara curta os guardiães da lei, o MST acaba conseguindo atuar na direção do movimento, conforme a avaliação de Fernandes (2000): *“A ocupação de terras cria um fato para negociar com o governo. Se a negociação emperra, então é preciso abrir o que eles chamam de conjuntura, ocupando outros espaços de pressão, que nesse caso são os prédios públicos.”* E a mídia teve de aceder ao acontecimento, mesmo fazendo o enquadramento que lhe é possível.

• **JB: Menos de 0,5% de caminhões em greve.**

Segunda manchete, localizada na parte D, acompanhada de foto na parte C, e de lide em uma coluna na parte D. Enunciado nominal atribucional, fortemente marcado pela operação de quantificação ‘menos de 0,5%’, que expressa um juízo negativo do estado de coisas – os ‘caminhões em greve’ –, que modaliza o enunciado revelando a adesão afetiva do enunciadador, concorrendo para o reforço da visão hegemônica sobre movimentos grevistas (função de sedução). Note-se que o objeto de sentido desse enunciado é político, mas – e talvez por isso –, com avaliação negativa para o movimento. No subtítulo **Com apenas 5.000 da frota de 1,2 milhão de veículos, paralisação pode causar desabastecimento**, a avaliação negativa é reforçada e ainda realiza uma ameaça: o

desabastecimento como efeito da paralisação. **Marcha lenta**, título da foto, é uma formulação para o enunciado da manchete, também de caráter avaliativo. Mais uma vez, a noção 'greve' é atualizada no enunciado manchete modalizado negativamente. O enunciado tem valor categórico, trata-se de uma modalização objetiva em que não há marca de subjetividade e, portanto, favorece que a perspectiva avaliativa assumida no enunciado seja recebida como uma perspectiva universal, hegemônica. No eixo do juízo de valor representado pelo enunciado, pode-se dizer que é expressivamente modalizado: descreve-se um estado de coisas fracassado. O enunciado da legenda, **Policiais e caminhoneiros fazem plantão em frente à Reduc, mas não houve confrontos**, estabelece uma relação de equivalência retórica orientada do texto para a imagem como da imagem para o texto. Caminhões e viaturas policiais estacionados em ponto de estrada, supostamente a Reduc, mostrando em vários trechos a circulação de transeuntes e, em primeiro plano, dois policiais sem empunhar armas em atitude de observação.

O título da imagem na chamada sobre a greve dos caminhoneiros, **Marcha Lenta**, conforme se disse anteriormente, além de corroborar o juízo disfórico em relação ao movimento, estabelece uma relação de proximidade com o título da foto da manchete principal **Contramarcha**, que acompanha a matéria sobre o MST. Dessa forma, o leitor é constituído como um receptor desejante de ver a ordem estabelecida. O Movimento dos Sem-terra está sob o controle da PM e está ameaçado pelo rigor da lei, e o movimento dos caminhoneiros está em descenso, também controlado pela polícia. Não há como não estabelecer essa relação intertextual operada por essas estratégias retóricas verificadas entre os enunciados dos títulos e os das fotos.

Mas não há também como não estabelecer a intertextualidade e interdiscursividade que se constituem entre essas duas notícias – MST e caminhoneiros – e a chamada mais importante depois das duas manchetes, na hierarquia estabelecida pela diagramação na página, sob o título **Exército brasileiro vigiava argentinos**. Esse enunciado tematiza a instituição militar brasileira, atualizando-a em processo marcado temporalmente no passado 'vigiava'. É o retorno do recalcado. Trata-se de fazer falar o regime da ditadura em plena era democrática. Essa matéria está acompanhada de reprodução de documento, datado de

outubro de 1975, o qual funciona como testemunho de autoridade para a declaração categórica enunciada no título.

O exército vigiava argentinos e hoje vigia brasileiros. Os brasileiros que cometerem desvios de condutas estão sujeitos ao rigor da lei, à vigilância do exército. Fica estabelecida uma analogia entre três processos sociais, historicamente distanciados e com motivações políticas diferentes, que, no entanto, no nível do discurso constituído estão aproximados. Os dois movimentos reivindicatórios são enquadrados na isotopia da subversão ao regime estabelecido, o que autoriza a utilização de mecanismos autoritários. A legenda que acompanha o documento **O documento: Exército citado como fonte confiável**, pretende marcar, por meio do recurso do discurso indireto, a isenção do enunciador quanto à confiabilidade do testemunho. No entanto, a modalização do enunciado por meio da passivização, expressa pelo adjetivo, recurso que opera o ausentamento do agente da ação, torna o enunciado um recurso testemunhal fraco, porque duplamente modalizado: a transformação passiva de que o adjetivo resulta e o discurso indireto, que, polifinicamente, como se sabe, opera contraditoriamente como recurso para marcar a isenção do enunciador em relação ao que é enunciado. Nos termos interpretativos propostos por Fairclough (2001), a prática discursiva reproduz o modelo da ordem de discurso do regime ditatorial como um modelo de luta hegemônica.

- **GLOBO: MST desafia Governo e invade prédios públicos.** (cf. anexo 7.10)

Manchete em letras garrafais em enunciado transitivo tematizando MST e tornando Governo alvo da ação, modalizado hierarquicamente pela coordenação de uma oração que se torna foco do enunciado em que fica explicitado o conteúdo do verbo da oração principal 'desafia'. Prédios públicos alinha-se a governo, ambos alvos do agente ativo MST. O papel temático do agente MST, relacionado aos verbos desafiar e invadir é de actante ativo das ações realizadas. A seleção do verbos no contexto do enunciado se reveste de expressividade, uma vez que está presidida pelo todo do texto da notícia que não se esgota no enunciado verbal. Segue-se ao enunciado da manchete, o subtítulo **No Paraná, choque com PM deixa cem feridos, um em estado grave**, que por sua vez é seguido por uma imagem ocupando 4 colunas e toda a área B e parte da C, mostrando no primeiro plano

inúmeras foices enfileiradas e algumas bandeiras vermelhas do MST no chão de terra, à frente nove policiais de costas vigiando inúmeros militantes sentados no chão, diante de uma pequena construção centralizada em um campo aberto. Imagem altamente estetizada, que metaforiza o assujeitamento pacífico dos militantes pela polícia com suas armas na cintura. Essa imagem estabelece relação complementar, mas contraditória com enunciado do subtítulo, que, em contraste com o da manchete, está impresso em letras bem menores, uma vez que o enunciado verbal tematiza o choque com PM, focalizando cem feridos, com um em estado grave.

O GLOBO apresenta essa tendência retórica de construir enunciados que dão visibilidade aos contrários, operando um efeito de neutralidade e de objetividade. No entanto, é impossível não atribuir alguma proximidade do enunciador com o objeto de sentido, já que o recorte que é feito e o enquadramento da cena fotografada mostram uma ação pacífica, enquanto o enunciado da manchete atribui responsabilidade pelo 'choque', enunciado no subtítulo, ao MST que desafiou e invadiu prédios públicos. Fica evidenciado o simulacro quando relacionamos esses enunciados, os verbais e a imagem, a outra imagem que acompanha a chamada: em primeiríssimo plano, a sigla BNDES em letras garrafais, estabelecendo coesão com os 'prédios públicos' da manchete; atrás das letras da sigla estão concentrados militantes do MST que, segundo a legenda **Com bandeiras e faixas, militantes do MST ocupam a entrada do prédio do BNDES, no Centro do Rio**. A invasão dos prédios públicos é a ocupação da entrada do prédio do BNDES, no Centro do Rio. Por que a manchete não enunciou o texto da legenda? A que leitor se dirige o texto da manchete?

O Movimento dos sem-terra roubou a cena. O movimento dos caminhoneiros, que na edição do dia anterior freqüentou a manchete, hoje ocupou apenas 1 coluna, em uma chamada de uma medida à esquerda da manchete. É a lógica da mídia em funcionamento: a primazia da velocidade e da atualidade impulsionada pelo mercado da concorrência legitimada num jornalismo que se satisfaz com a informação rápida e entra no mercado do consumo. O leitor, convidado por essa lógica, consome a notícia que assim é a origem e o destino do acontecimento. Do real, restam as vicissitudes de cada um e de todos. A reflexão

do real não pode ser retida nessa malha tecida e urdida pela lei do consumo, da concorrência e do imediatismo.

- **GLOBO: Pode faltar gasolina a partir de amanhã.**

Chamada na parte A, ocupando 1 coluna. Enunciado modalizado pela topicalização do verbo *faltar*, por sua vez, modalizado pelo verbo *poder*. O tema está marcado, uma vez que tais operações representam afinidade do enunciador em relação à proposição do enunciado. Sem outras especificações, o receptor é convidado a inserir na matriz do dia-a-dia, falta de combustível, o assunto 'greve de caminhoneiros'. Trata-se de estratégia de despolitização do tema e de conotar negativamente o objeto de sentido, uma vez que, aos olhos do leitor, não lhe é favorável a falta de gasolina. A não-explicitação do agente causador do processo concorre para a interpretação do leitor desse jornal, em cujas edições anteriores já havia sido negativamente conotado o movimento.

Tal efeito interpretativo se deve à escolha da representação do processo como um evento e não como uma ação dirigida, que requereria uma oração transitiva em que ocorressem os actantes agentes e objeto. O enunciador se isenta de identificar o actante causador do estado de coisas descrito. Trata-se de estratégia que, por meio da ausência da devida contextualização do acontecimento, contribui para a construção de uma visão negativa do movimento, uma vez que *faltar gasolina* é negativo para a sociedade. Em última instância, contribui-se para a ideologia dominante, para a qual qualquer perturbação da ordem social é negativa.

- **DIA: Gasolina começa a faltar.** (cf. anexo 7.11)

Manchete localizada na parte B, ocupando 5 colunas, acompanhada de sobretítulo e de subtítulo. O tema 'gasolina' substitui o assunto original 'greve dos caminhoneiros'. Já não se está pautando mais o movimento social, mas a consequência do movimento em relação ao dia-a-dia das pessoas. Os desdobramentos do movimento social saem de cena – na verdade não chegaram a entrar –, e o que é pautado é a falta de combustível. O processo está marcado aspectualmente, indicando o início de um processo que tem repercussão

negativa para a sociedade e, como já se disse anteriormente, antecipa a continuidade da narrativa da edição do dia seguinte.

O sobretítulo já antecipa a conotação negativa investida no enunciado: **Greve dos caminhoneiros prejudica também o abastecimento de alimentos**. O enunciado emite um juízo de valor negativo em relação à greve por meio da seleção lexical do relacionador ‘prejudicar’ intensificado pelo advérbio ‘também’. O sobretítulo, enunciado a que se segue a manchete e que com ela estabelece coesão por meio exatamente do advérbio ‘também’ contamina o enunciado da manchete aparentemente neutro, não valorativo. O ‘querer-dizer’ do enunciador é a consequência negativa da greve dos caminhoneiros. Esses enunciados, por estarem modalizados expressivamente por meio da seleção lexical atuam persuasivamente ao estarem influenciando na interpretação. O subtítulo **Bloqueio das refinarias só permite saída de caminhões que atendem a serviços essenciais. Impasse nas negociações continua** aparentemente muda o objeto de sentido. Marcado por nominalizações: ‘bloqueio das refinarias’, ‘saída de caminhões’ e ‘impasse nas negociações’, o enunciado anula os actantes agentes e marca a afinidade do enunciador pela seleção do advérbio ‘só’, reforçando o juízo negativo enunciado no subtítulo e na manchete. O impasse nas negociações pode ser interpretado como se referindo ao universo de referência mais imediato de liberação ou não do abastecimento de combustível, isto é, um esquema de referência de serviço e não mais ao universo de referência do movimento grevista. Assim, verifica-se aqui também uma despolitização do objeto de sentido desses enunciados: a questão principal dos enunciados.

3.4 “TENSÃO TOTAL” – DIA (4 de maio de 2000)

A miséria do jornalismo brasileiro deriva do fato de que os veículos ditos nacionais (excetuadas a cadeias de televisão) são, na verdade, regionais e voltados em grande parte ao interesse dos estados ou das cidades aos quais pertencem. (...)O nacional converte-se em regional por subtração. (Silva, 2001, p.100)

- **JB: PF prende 22 líderes sem-terra em dois estados.** (cf. anexo 7.12)

Chamada em duas medidas, nas partes B e C. A normalização dos serviços compete com o restabelecimento da segurança nacional, *mutatis mutandi*, o que se impõe é um único discurso: o da vigência das leis ‘democráticas’ que deve ser garantida pelo governo, afastando os ‘perigos’ que ameaçam a sociedade. O ‘rigor da lei’ antecipado na edição anterior se concretiza. Muda-se o objeto de sentido, já não se trata da questão agrária, mas da questão legislativa. Polícia Federal prende 22 líderes, em demonstração de força em regime democrático, o qual, de acordo com Benjamim (1998), é um regime de “democracia restrita”.⁵

- **GLOBO: Governo e sem-terra reabrem negociações.** (cf. anexo 7.13)

Manchete acompanhada de foto, ocupando as partes A, B e C, seguida do subtítulo **Bala de chumbo matou assentado do MST em confronto com a PM.** O enunciado da manchete tematiza dois atores - governo e sem-terra -, por meio de hierarquização operada pela coordenação, que, conforme já foi visto anteriormente - Governo e caminhoneiros divergem sobre adesão à greve. - promove a conciliação dos contrários reforçada pelo verbo ‘reabrir’, que manifesta o pressuposto de que houve negociação que estivera aberta antes (do quê?) e fora fechada (por quê?), talvez pelo motivo enunciado na manchete do dia anterior: MST desafia Governo e invade prédios públicos. E agora ‘reaberta’ talvez pelo motivo enunciado no subtítulo: morte de assentado.

Essa leitura, que pode ser verificada na reprodução da PP, também se fundamenta na orientação dada pela diagramação, que permite ao leitor relacionar diretamente o enunciado do subtítulo com a imagem, e esta com o subtítulo e o enunciado da manchete. A imagem mostra, em primeiro plano, um caixão coberto pela bandeira do movimento e acompanhado pela esposa do morto, cujo rosto aparece transfigurado. Estão ainda visíveis dois fotógrafos e mais três homens. Observe-se a tematização, no papel de agente, da lexia ‘bala de chumbo’ numa oração transitiva. É claramente um recurso retórico que evita a explicitação do agente real da ação, ou porque se desconheça, ou porque não se deseja

⁵ “Boa parte do nosso noticiário político gira em torno das tensões resultantes de um sistema estruturalmente incapaz de satisfazer as expectativas que, não obstante, tem que continuar difundindo. (...) Uma democracia sem participação, sem igualdade de oportunidades e que não serve de instrumento para diminuir distâncias sociais constrangedoras é uma caricatura de si mesma. Por isso chamamos de “democracia restrita” ao sistema político brasileiro atual”. (Benjamin, César et al., 1998, p.117)

mesmo explicitar. Na legenda, lê-se: **Maria Sebastiana acompanha a saída do corpo do marido, o assentado Antônio Tavares Pereira, coberto com a bandeira do Movimento dos Sem-Terra, do IML de Curitiba.** Como se pode constatar, a legenda mantém uma relação de equivalência orientada em relação à imagem, que está conotada fortemente por conteúdo dramático – se se quiser, “melodramático” e sensacionalista –, uma vez que o “enquadramento” seleciona cena em que aparece a viúva retratada com a fisionomia desfigurada pela dor e com traços evidentes (os olhos avermelhados e inchados) de sofrimento. Recurso altamente persuasivo, que, além de tocar na subjetividade do leitor, envolve-o com o drama familiar, distanciando-o do drama político.

Ainda uma última interpretação, calcada na seleção vocabular: a escolha do vocábulo ‘assentado’ nessa chamada se investe de alta expressividade, uma vez que, no conjunto dos textos estudados nos quatro diários sobre o acontecimento em pauta, apenas o GLOBO, nessa edição e na do dia, referindo-se ao militante morto, emprega o termo ‘assentado’. Bakthin (1997) teorizou com bastante propriedade sobre a expressividade do gênero discursivo na palavra:

As significações lexicográficas das palavras da língua garantem sua utilização comum e a compreensão mútua de todos os usuários da língua, mas a utilização da palavra na comunicação verbal ativa é sempre marcada pela individualidade e pelo contexto. Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como **palavra neutra** da língua e que não pertence a ninguém; como **palavra do outro** pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como **palavra minha**, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. Sob estes dois últimos aspectos, a palavra é expressiva, mas esta expressividade, repetimos, não pertence à própria palavra: nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que atualiza através do enunciado individual. Neste caso, a palavra expressa o juízo de valor de um homem individual (aquele cuja palavra serve de norma; o homem de ação, o escritor, o cientista, o pai, a mãe, o amigo, o mestre, etc.) e apresenta-se como um aglomerado de enunciados.” (p.313)

‘Assentado’, palavra neutra da língua, usada para designar membro de assentamento. ‘Assentamento’, outra palavra neutra, significa, no dicionário Aurélio, ato ou

efeito de fixar-se, de estabelecer residência em determinado lugar. 'Assentado', como palavra do outro, significa aquele que foi assentado em uma área de terra em decorrência de um processo de reforma agrária; como palavra do enunciador do texto em questão, aquele militante que, embora já assentado invadiu prédios públicos e foi morto em confronto com a polícia. Ou – e aí é uma leitura, assumo, bastante tendenciosa, mas legitimada pelo 'aglomerado de enunciados' que nela ecoam – assentado porque morreu, e, de fato, o militante será assentado na terra, sepultado.

- **DIA: Sem-terra acusa PM por morte no Paraná.** (cf. anexo 7.14)

Sobretítulo da fotomanchete, que mostra o corpo necropsiado do sem-terra sobre mesa do IML, sendo observado pelo senador Eduardo Suplicy-PT/SP. O título da fotomanchete é **Tensão total**, cuja interpretação só pode ser feita com base na leitura articulada da imagem da foto, com o sobretítulo e com o a legenda: **Para o MST, o corpo de Antônio Pereira, 38 anos, (na foto, observado pelo senador Eduardo Suplicy – PT/SP) é o de um novo mártir na luta pela reforma agrária. Mas o confronto com a PM na BR-277 virou uma guerra de versões. A polícia garante que o militante não participou do conflito.**

Como já vimos ao comentar um trecho da entrevista com o Editor, no cap. 1, o DIA oferece ao leitor um verdadeiro pacote signifiante, cuja interpretação pressupõe a interpretação intertextual entre os textos verbais e imagéticos que constituem a chamada. O que, de imediato, captura o olho do leitor, sem dúvida, é a imagem, tanto pelo seu realismo, claro recurso criando o efeito de sensacionalismo, quanto pelo enunciado inscrito na superfície da foto. A imagem só pode ser decodificada como relacionada ao MST por meio do título, que faz um enquadramento do acontecimento num universo de referência de confronto entre polícia e sem-terra, em que o enunciador seleciona como informação nova – não há outro indício na imagem que faça essa articulação –, o tema 'sem-terra', investido de responsabilidade pela enunciação do conteúdo que é o foco, qual seja, a acusação da responsabilidade da PM pela morte, consequência do conflito.

Essa chamada é um exemplo bastante eloquente do tratamento retórico dado à imagem na construção discursiva do jornal, com vistas aos efeitos de sentido que pretende

construir no nível da recepção. A tensão total, com base no título e na imagem, não é só entre sem-terra e PM, é também, de forma subentendida, entre governo e oposição. O posto permite inferir o pressuposto de que o PT, partido da oposição, esteve presente e testemunhando o fato, e o governo esteve ausente. O enunciador, claramente, lança mão de estratégia discursiva que opera marcando tanto o enunciado do título, quanto o enunciado da legenda, pela heterogeneidade mostrada, ou, nos termos de Fairclough, intertextualidade mostrada. Em sem-terra 'acusa' e em 'Para MST', o enunciador faz falar em seu enunciado a voz do movimento, numa estratégia enunciativa já nossa velha conhecida de não comprometimento com parte do conteúdo do enunciado. Como também já sabemos, tal estratégia marca a enunciação ambigualmente quanto ao lugar do sujeito discursivo, pois ao mesmo tempo que atenua o envolvimento ou mesmo a responsabilidade do enunciador com relação ao conteúdo do enunciado, o envolve, por ser ele o seu porta-voz. Essa ambigüidade e ubiqüidade de posição de sujeito está reforçada pela imagem que mostra o senador do PT, partido de oposição cuja presença ao lado do corpo parece claramente funcionar como testemunho da denúncia feita no título, e qualificada pelo enunciador, por meio do enunciado da foto.

Mas o coro de vozes é ampliado pela última frase do enunciado legenda: **A polícia garante que o militante não participou do conflito**, em que o enunciador atribui a declaração a outro ator social: a polícia. Com base nesse último enunciado, pode-se interpretar que o enunciador deixa implícito que não foi a PM que matou o sem-terra, conforme acusação feita pelo MST, e deixa subentendido que, no conflito, o sem-terra pode ter sido morto por outro sem-terra. Aliás, tal interpretação está antecipada no próprio texto da legenda em que se lê: **Mas o confronto com a PM na BR-277 virou uma guerra de versões**. E aqui não se pode deixar de observar o efeito discursivo obtido por meio do conectivo 'mas', que claramente refuta parte do conteúdo do enunciado anterior, **é o de um novo mártir na luta pela reforma agrária**.

A construção da posição do sujeito da recepção se faz na direção de um receptor desejoso de depositar credibilidade em seu jornal e que é municiado com todas as versões sobre o fato passadas pelo sujeito enunciador, ficando o jornal neutro. Assim, o texto, por

meio de abertura a inferências assujeita o leitor, mas o faz apoiando-se, inexoravelmente, em pressupostos ideológicos.

- **POVO: MST continua na sede do BNDES** (cf. anexo 7.15)

Chamada ocupando 1 coluna na parte C, acompanhada de foto, mostrando um grupo de militantes do movimento, sentados sob a bandeira desfraldada do movimento, em frente à entrada da instituição. O verbo ‘continuar’, por sua carga semântica, permite a inferência por parte do leitor de que há um ‘apesar de’ não enunciado, sobretudo pelo fato de a informação nova, o foco do enunciado, ser o evento ‘continua na sede do BNDES’. Tal enunciado pressupõe que o leitor conheça antecedentes sobre o fato que justificam tanto a continuação do movimento como justificariam a sua não continuidade.

O JB antecipa o fim do movimento ao formular ‘PF prende 22 líderes sem-terra em dois estados’, além de enquadrar o fato na matriz social do discurso jurídico, da segurança nacional. O GLOBO aponta para uma negociação entre as partes “Governo e sem-terra reabrem negociações”, por meio de tema que postula simetria entre os dois atores sociais, inscrevendo o fato na matriz social da negociação política, o que permite ao leitor inferir sobre o “bom andamento” do movimento grevista e o “bom desempenho do governo”, quanto à solução da questão agrária. O DIA, por sua vez, investe pesadamente na competência que o seu leitor tem de chegar a conclusões com base nas versões oferecidas, embora não compactue com a aura de harmonia que o enunciado do GLOBO deixa subentender, ao contrário, inscrevendo as diversas versões numa matriz social de acirramento político, por meio do enunciado ‘tensão total’. O Povo, como se viu, dá visibilidade apenas ao movimento e afirma sua continuidade.

- **JB: Petrobras fura bloqueio e abastece postos do Rio.** (cf. anexo 7.12)

Manchete, acompanhada de foto e lide, ocupando 4 colunas nas partes A e B. O enunciado tem como tema não modalizado o sujeito agente, cuja referência é a empresa estatal Petrobras, que substitui o ator social Governo. O processo transitivo ‘furar bloqueio’ deixa pressuposto que havia bloqueio, que sendo uma nominalização, torna o processo ‘alguém bloqueia algo’ em estado abstrato sem a explicitação dos actantes. São operações –

a nominalização e a tematização da Petrobras –, que permitem enunciar como já dado um objeto de sentido que, mais uma vez, escamoteia a questão da greve. Além disso, ao focalizar a segunda oração coordenada, que está circunsctancializada espacialmente no Rio, reduz a amplitude do movimento grevista ou mesmo do bloqueio à circunscrição de um único estado. Mais uma vez, verifica-se a despolitização do objeto de sentido, ao ser substituído por um objeto de amplitude estadual, regional, e não nacional. Tal enunciado antecipa o desfecho do movimento descaracterizando-o de sua conotação política.

A retórica discursiva adotada pelo JB em relação ao acontecimento 'greve dos caminhoneiros', desde os enunciados do dia 1, construiu um universo de referências que circunscreve o acontecimento no âmbito dos "principais" estados, sem explicitar quais sejam, na prática social de abastecimento, com uma avaliação negativa do movimento 'fracassar' e 'menos de 0,5%', localizando-o, por fim, em um único estado, supostamente um dos "principais", o Rio, e, finalmente, transformando a questão numa questão de bloqueio de abastecimento dos postos, a qual pôde ser resolvida pelo poder estatal (pelo menos por enquanto!), da Petrobras.

A tendência à hegemonia dos sentidos, que pode ser verificada nessa leitura proposta, é confrontada com a matéria assinada, ainda no dia 4, pelo Ministério dos Transportes, que ocupa uma área semelhante à ocupada pela matéria que é manchete. Dessa Nota Oficial, é significativo reproduzir o 1º parágrafo: **"Em reunião realizada ontem (03 de maio) no Ministério dos Transportes, os caminhoneiros tomaram conhecimento das medidas adotadas, pelo governo, em resposta às solicitações mais importantes da categoria, ainda não atendidas, durante nove meses de negociações e que estão retratadas nos seguintes atos:"** Nessa nota, fica recolocada a dimensão política da questão. Faz-se necessário que o leitor articule as informações oficiais nela contidas com as (des)informações contidas nos enunciados das manchetes e das chamadas ao longo dos dias. Note-se a substituição de 'reivindicações' por 'solicitações' no texto oficial. A quem se dirige a Nota Oficial? Aos caminhoneiros, à população, ao próprio poder constituído, que, assim, presta contas a si mesmo de se ter desincumbido da responsabilidade de garantir o bom funcionamento dos serviços. Não há espaço garantido, isto é, vendido, à fala dos caminhoneiros.

E é preciso que o leitor, em sua interpretação ativa, articule a informação constante na parte inferior do jornal com a manchete e reinterprete o furo do bloqueio pela Petrobras. O jornal, na ânsia do furo de reportagem, tematizou na manchete a ação diligente da estatal, titulou a imagem que representa descritivamente o enunciado no texto da manchete de **Perigo afastado**. Trata-se mais uma vez de enunciado avaliativo, modalizado expressivamente pela seleção do substantivo nominalizado 'perigo', reforçando o "tom de factividade do evento nominalizado, deixando ausente os actantes agente e objeto da ação de causar perigo, que (foi) afastado, passivização da ação expressa pelo adjetivo que implica o agente e o paciente da ação verbal. O apuro na estetização do enunciado em sua relação com a imagem prevalece ao empenho pela informação completa. A imagem mostra, da greve dos caminhoneiros, um caminhão(!) da Petrobras abastecendo um posto de gasolina da Petrobras.

- **GLOBO: Rio já enfrenta falta de gasolina.** (cf. anexo 7.13)

Chamada número 3, acompanhada de lide, na parte C, ocupando 4 colunas. O tema faz referência à cidade. Já não se trata mais da greve, mas das vicissitudes pelas quais os cidadãos estão passando em decorrência da greve. O processo transitivo metaforiza, por meio do verbo enfrentar, uma atitude ativa por parte dos cidadãos, mascarando, assim, a questão principal que é o verdadeiro enfrentamento entre a categoria dos caminhoneiros e o Governo. Mais uma vez o recurso da nominalização, 'falta de gasolina', a serviço do apagamento dos actantes, reais atores sociais do acontecimento. O enunciado, modalizado pelo advérbio 'já', expressa a afinidade do enunciador com a causa, recurso para seduzir o leitor: o enunciador é porta-voz do cidadão, que sofre com a falta de combustível. O subtítulo **Governo libera pedágio por uma semana para tentar acabar com greve dos caminhoneiros** precisa ser articulado ao enunciado da manchete pela interpretação ativa do leitor, a fim de que este infira que a responsabilidade pela falta de combustível é pelo menos compartilhada com o Governo, o qual colocado como tema do enunciado, que está modalizado hierarquicamente pela oração reduzida de infinitivo, por sua vez modalizada pelo verbo 'tentar', retrata um empenho por parte do actante Governo de pôr fim ao problema que ocasiona distúrbios sociais, a greve dos caminhoneiros, a ponto de 'liberar' o pedágio. A greve dos caminhoneiros é, nessa construção sintática, o foco do enunciado.

A greve dos caminhoneiros é o agente que está omissa na nominalização feita na manchete ‘falta de gasolina’. É claro, dirão os meus leitores, que o receptor dispõe de todos os meios para estabelecer a coerência e a coesão necessárias à interpretação de que a falta de gasolina é consequência da greve. Mas convenhamos que o sentido produzido seria diferente caso a manchete enunciasse algo como: *Governo não atende reivindicações de caminhoneiros: Rio já enfrenta falta de gasolina*, ou, *Caminhoneiros e Governo não chegam a um acordo: Rio já enfrenta falta de gasolina*. Parece-me que o verdadeiro objeto de sentido a ser enunciado é a questão política entre Governo e a categoria profissional. Mas esse objeto não seduz, esse objeto não vende, não é serviço; não merece a manchete, ou não pode e não deve ser enunciado. Aqui ainda poder-se-ia colocar em questão o caráter anafórico dos títulos para justificar ou, antes, explicar a contingência cada vez mais determinante de a imprensa estar previamente pautada pela mídia áudio-visual e pelo “universo de concorrência” inter/intra- mídias.

- **DIA: Greve dos caminhoneiros (chapéu). Rio fica sem gasolina e sem tomate.** (cf. anexo 7.14)

Chamada 4, acompanhada de lide nas partes C e D. O chapéu enquadra o assunto numa pauta prevista. Esse é um dispositivo do jornal, produtivo para vários tipos de assunto. É como se fosse mais um capítulo da história que ainda não terminou. A chamada tematiza a cidade que vive um processo relacional. Aqui também não há transitividade, não há ação. O foco do enunciado está no predicativo ‘sem gasolina e sem tomate’, que se inscreve no universo de referência do dia-a-dia, é o jornal de serviço. O cidadão sofre a consequência da greve: fica sem alimento e sem combustível. O outro ator social não é mencionado. O objeto de sentido não é a greve, que colocaria em cena os dois atores sociais – os caminhoneiros e o Governo –, mas a cidade desabastecida.

Em uma sociedade de massas, as pessoas não têm acesso aos fatos, mas às versões sobre os fatos. (Benjamim, 1998, p.115)

- **POVO: Greve dos caminhoneiros: Ceasa resiste mas combustível começa a faltar no Rio.** (cf. anexo 7.15)

Chamada 5, na parte C ocupando 3 colunas, acompanhada de foto, que mostra o interior do mercado Ceasa, com comerciantes e compradores. O enunciado inicial funciona, da mesma forma que no jornal DIA, como o indicador da pauta prevista. O tema do enunciado que se segue é a Ceasa, novo ator no enredo, a que é atribuído papel de actante agente pelo relacionador 'resistir'. A hierarquização operada pela oração coordenada adversativa, focaliza a falta de combustível no Rio. A aspectualização incoativa operada pelo verbo 'começar' indica uma perspectiva de continuidade do movimento – enunciado como rubrica do assunto –, marcando a continuidade da narrativa, que é assim induzida estruturalmente pela simples distribuição da informação em seqüências. As ações representadas pelos verbos e locução verbal 'resistir' e 'começar a faltar', como 'continuar', no enunciado sobre o MST, em função do enquadramento dessas notícias no jornal POVO, constroem uma posição de sujeito para o enunciador de crédito no fôlego do movimento grevista, projetando uma recepção de acolhimento do movimento grevista. Esses enunciados não conotam disforicamente, para a sociedade, as conseqüências do movimento grevista. Atribuindo a atitude de resistência a um dos atores sociais atingidos pela greve de certo modo projeta a mesma atitude para os seus leitores.

3.5 "MORTE E VIDA SEVERINA" – JB (5 de maio de 2000)

Morte e Vida Severina
(auto de natal pernambucano)
João Cabral de Melo Neto (1954–1955)

Encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de :
"Ó irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu que matei não!

– A quem estais
carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa
rede?
Dizei que eu saiba.
– A um defunto de
nada,
irmão das almas,
que há muitas horas
viaja

à sua morada.
– E sabeis quem era
ele,
Irmãos das almas,
Sabeis como ele se
chama
Ou se chamava?
– Severino
Lavrador,
irmão das almas,
Severino Lavrador,

Mas já não lavra.
– E de onde o que
estais trazendo,
irmãos das almas,
onde foi que
começou
vossa jornada?
– Onde a Caatinga é
mais seca,
Irmão das almas,

Onde uma terra que
não dá
Nem planta brava.
– E foi morrida essa
morte,
Irmãos das almas,
Essa morte foi
morrida
Ou foi matada?
– Até que não foi
morrida,

irmão das almas,
esta foi morte
matada,
numa emboscada.

– E o que guardava
a emboscada,
Irmãos das almas,
E com que foi que o
mataram,

Com faca ou bala?
– Este foi morto de
bala,
irmão das almas,
mais garantido é de
bala,
mais longe vara.

– E quem foi que o
emboscou,
irmãos das almas,
quem contra ele
soltou

essa ave-bala?
– Ali é difícil dizer,

irmão das almas,
sempre há uma bala
voando
desocupada.

– E o que havia ele
feito
irmãos das almas,
e o que havia ele
feito

contra a tal pássara?
– Ter uns hectares
de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia
lavada
que cultivava.

– Mas que roças que
ele tinha,
irmãos das almas,
Que podia ele
plantar

Na pedra avara?
– Nos magros lábios
da areia,

irmão das almas,
dos intervalos das
pedras,
plantava palha.

– E era grande sua
lavoura,
irmãos das almas,
lavoura de muitas
covas,
tão cobiçada?

– Tinha somente dez
quadras,
irmão das almas,
todas nos ombros da
serra,
nenhuma várzea.

– Mas então por que
o mataram,
irmãos das almas,
mas então por que o
mataram

com espingarda?
– Queria mais
espalhar-se,

irmão das almas,
queria voar mais
livre
essa ave-bala.

– E agora o que
passará,
irmãos das almas,
que é que
acontecerá

contra a espingarda?
– Mais campo tem
para soltar,
irmão das almas,
tem mais onde fazer
voar
as filhas-bala.

– E onde o levais a
enterrar,
irmãos das almas,
com a semente do
chumbo

que tem
guardada?(...)

• **JB: Morte Severina.** (cf. anexo 7.16)

Título da foto, ocupando área central da página em 4 colunas, mostrando o cortejo fúnebre do sem-terra morto no Paraná, acompanhado por centenas de sem-terra. O enunciador tem em vista um receptor sofisticado, capaz de fazer várias leituras com base nas relações interdiscursivas que se oferecem a partir da imagem e de seu título. Ao mesmo tempo, o leitor é convidado a estabelecer uma leitura metafórica dessa imagem e título. A morte do sem-terra é a metáfora da morte do movimento, pelo menos nesse embate. Ou, se se quiser, é a contenção do movimento, conforme enunciado na manchete.

A seguir, transcrevo os enunciados relativos às chamadas sobre o MST, nas edições a partir do dia 5 até o dia 13 de maio, último dia do mês em que o movimento teve visibilidade nas PPs, para comentar alguns aspectos que se sobressaem como pistas de tendências no plano discursivo que apontam para indícios de transformações nas práticas sociais.

▪ **5 de maio** (cf. anexos 7.16, 7.17 e 7.18)

JB: Manchete: FH mexe na legislação agrária para conter MST e Su: Estados ganharão competência para realizar projetos de reforma agrária.

GLOBO: Manchete: FH ameaça usar exército e MST decide recuar e Su: Sem-terra desocuparão prédios públicos hoje para reabrir o diálogo

DIA: Ti: FH endurece e MST prepara a retirada e Ch: Exército entra na briga

▪ 6 de maio

JB: M: Sem-terra deixam prédios, mas não param as invasões e Ti: CNBB quer ser intermediária de encontro com FH

GLOBO: M: PF indica 28 do MST e enquadra 2 na Lei de Segurança

Nacional e Su: Sem-terra desocupam prédios mas ameaçam fazer novas invasões

DIA: Ti: MST prepara nova rodada de invasões e Ch: Agora é no campo

POVO: Ti: MST desocupa BNDES mas acampa nos jardins do prédio

▪ 7 de maio

JB: M: Uso da 'lei do arbítrio' contra MST é condenado e Ti: Federação de Policiais pede que delegados não cumpram ordem de FH

GLOBO: M: Radicalização do MST preocupa Governo e PT e Su: Militantes invadem terra até de pequenos agricultores

▪ 8 de maio

JB: Ti: Governo pede cadeia para líder da UDR e Ti: MST conversa até Quarta ou volta a invadir e Ti: FH, com seu passado não poderia utilizar o entulho autoritário

GLOBO: M: Governo vai cobrar do MST prejuízos das ocupações e Su: General Cardoso diz que é contra o indiciamento de militantes pela LSN

▪ 9 de maio

JB: M: PF usa código contra sem-terra e Su: Delegado só admite Lei de Segurança Nacional em caso de quebra da ordem democrática

GLOBO: Ti: FH reforça rede de informações do Governo

DIA: Ti: FH usa 'araponga' contra os sem-terra e Ch: Inteligência X MST

POVO: Ti: Bandeira serve de abrigo para MST no Centro

Desse conjunto de enunciados, chama a atenção o emprego do verbo ‘mexer’ referindo-se a uma ação em relação ao universo discursivo jurídico. Aliás, o emprego de certos verbos cuja denotação remete para um universo referencial não específico em relação a atos de poder se mostra produtivo nas notícias referentes a atos repressivos do governo em relação aos movimentos sociais, como, por exemplo, o verbo ‘usar’ na manchete da edição do dia 5, do GLOBO: **FH ameaça usar Exército e MST decide recuar; Uso da ‘lei do arbítrio’ contra MST é condenado**, na manchete da edição de 7 de maio do JB; **PF usa código contra 14 sem-terra**, na edição do dia 9 do JB; **FH usa ‘arapongas’ contra os sem-terra**, na edição de 9 de maio do DIA. Ou ainda o verbo ‘pedir’ nos enunciados **Federação de Policiais pede que delegados não cumpram ordem de FH e Governo pede cadeia para líder da UDR**, nas edições dos dias 7 e 8, respectivamente do JB.

Pelo menos duas interpretações podem ser ativadas a partir da seleção desses verbos. Uma fala por uma estratégia discursiva do emissor de – ao selecionar verbos que relexicalizam os domínios de significado da arbitrariedade e da repressão, que naturalizam as ações inserindo-as numa modalidade de informalidade e de não observância da ritualização inerente àquelas práticas – estar denunciando a atitude do agente da ação de dispor das leis e dos dispositivos de repressão a seu bel-prazer.

Esta leitura pode ser corroborada tanto pela interpretação de crítica a esses atos aludidos nas charges do GLOBO e do DIA, quanto pelos outros enunciados, além do do dia 7, no JB e GLOBO, que têm como objeto de sentido exatamente a crítica feita por personalidades públicas, jurídicas e militares ao ‘uso’ arbitrário e à ‘mexida’ da lei, por FH, como em: **CNBB quer ser intermediária de encontro com FH**, no dia 6 de maio, no JB; **Federação dos Policiais Federais pede que delegados não cumpram a ordem de FH**, no subtítulo do dia 7, no JB; **General Cardoso diz que é contra o indiciamento de militantes pela LSN**, no subtítulo da edição do dia 8, do GLOBO; **FH, com seu passado, não poderia utilizar o entulho autoritário**, na citação da chamada do artigo de colunista, na edição de dia 8, no JB; **Delegado só admite Lei de Segurança Nacional em caso de quebra da ordem democrática**, no subtítulo da manchete do dia 9, do JB.

Em relação a esses enunciados, além do emprego dos verbos ‘usar’ e ‘mexer’, que serão considerados a seguir, cabe enfatizar o emprego da representação indireta na

representação dos discursos relatados, que, como já se viu anteriormente, torna ambígua a responsabilidade da enunciação, ao fundir, em uma voz, a voz do emissor e a do enunciador do discurso relatado. ‘Ameaça usar’, ‘uso é condenado’, ‘pede que’, ‘só admite’ e ‘diz que’, nos põem diante de uma ambivalência de voz, principalmente nos casos em que a oração relatadora não está explicitada, a não ser pelo recurso autonímico das aspas.

A outra interpretação leva em consideração justamente essa ambivalência de vozes que, aliada à relexicalização operada por aqueles verbos, se reveste de estratégia discursiva eficaz em representar os grupos de poder como se falassem na linguagem que os próprios leitores poderiam ter usado. Esse recurso discursivo funciona como um facilitador para que o leitor adote os sentidos propostos. Essa interpretação está de acordo com Fairclough (2001), quando afirma que “a mídia de notícias efetiva o trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta” (p. 144).

▪ 10 de maio

GLOBO: M: CNBB negocia diálogo entre Governo e MST e Ti: Planalto anunciará pacote para beneficiar agricultores da Contag

POVO: Ti: MST promove missa na porta do Banestado

▪ 13 de maio

JB: Ti: Vítimas de protesto: Acidente e protestos de taxistas, sem-terra e militância étnica deram um nó no trânsito do Centro do Rio

DIA: Ti: Protestos dão outro nó no trânsito e Ch: De pernas para o ar

O movimento já foi sepultado nas PPs. A Igreja como mediadora entre o céu e a terra e entre os homens donos e os excluídos das terras. O movimento, juntamente com protestos de outros desassistidos se transforma em obstáculo à cidade. Mais uma vez o a interdiscursividade faz outras vozes ecoarem. **De pernas para o ar**, ecoa os versos do poema *Levantados do chão*, de Chico Buarque de Holanda, cantado por Milton Nascimento⁶:

Como então? Desgarrados da terra?
Como assim? Levantados do chão?
Como embaixo dos pés uma terra
Como água escorrendo da mão

⁶ “Levantados do chão”, in: *Nascimento*. CD-Rom, Nascimento/Tribo Produções, 1997

Até aqui, analisei traços discursivos que me conduziram a uma interpretação dos enunciados relativos ao MST, principalmente, no JB e no GLOBO, que indicam uma posição dominante de sujeito, assumida pelos emissores desses diários, em consonância com a ordem de discurso hegemônica, que não inclui os movimentos sociais. Agora, as pistas discursivas me levam a ler, nesses mesmos diários, uma posição de sujeito que denuncia o arbítrio em relação ao movimento social.

Como já disse anteriormente, não há hegemonia que domine incessantemente. Se há hegemonia, há a luta contra a sua manutenção. Há, é verdade, várias formas de se lutar contra o poder estabelecido. Essas lutas se travam na prática social, efetivamente na realidade, e nas práticas discursivas, que, por sua vez, atravessam textos heterogêneos e ambíguos, os quais absorvem as contradições e os embates dessas lutas, mesmo que predomine a ordem discursiva dominante.

A pequena fresta que se abre, a partir desses enunciados de denúncia do arbítrio, é, dentre outros fatores, requerida pela recepção. O público-alvo desses diários é também heterogêneo. Os emissores desses diários se imaginam comprometidos com as instituições democráticas tal como certos segmentos do seu público-alvo. Entre controlar discursivamente a ascensão de um movimento por reforma agrária e ser conivente com o afrontamento das leis democráticas, vai uma distância grande: a distância que separa a ordem da ditadura, da tortura, da perseguição política da da construção de uma sociedade orientada por instituições democráticas.

O embate é outro. Não é, do ponto de vista do emissor, e, por sua construção, do ponto de vista do receptor, apenas um embate entre latifundiários e desempregados ou desterrados do campo, mas é um embate entre a sociedade como um todo e um setor da sociedade que está no poder e pode dele abusar, principalmente, porque se abriga 'no rigor da lei'. Trata-se, ainda bem, de reconhecer o papel importante e até fundamental que a imprensa tem de denúncia, na qualidade de um dos poderes que ainda afrontam o poder oficial. A ruptura da ordem democrática, na verdade, não interessa nem àqueles que defendem a internacionalização do capital. O percurso democrático do país não pode ser

interrompido, sob pena de os recursos repassados pelas nações guardiães dos 'direitos humanos' minguaem.

É claro que outras interpretações podem ser efetivadas se levarmos em conta outras dimensões do poder e da inserção de cada veículo de comunicação no cenário político nacional. Denunciar o presidente, acusando-o de arbitrário e de autoritarismo, pode ser resposta a outros discursos e pode ser uma atitude endereçada não ao público-alvo, mas a determinados setores, e, aí, não necessariamente segmentos da recepção do veículo, mas outros interlocutores, outras fontes com quem a empresa jornalística mantém vínculos.

Essas possibilidades de leitura vêm confirmar não só o caráter polifônico dos discursos em geral e, particularmente, da mídia, como também a produtividade da análise dos discursos para a interpretação dos discursos sociais. A mídia impressa tem de conquistar leitores em um contexto de mercado altamente competitivo. Os traços discursivos podem ser pistas de que os produtores desses textos, ao informarem da forma como in-formam os acontecimentos, estejam ansiando por atender às aspirações de seus leitores-consumidores.

Seja qual for a diversidade da natureza e da origem, tudo "o que ocorre" no mundo, existe sob uma forma de hegemonia mais invisível e mais radical do que aquela da interpretação dos fatos, o que se poderia chamar de "a colocação em fatos". (...) O dispositivo não comanda apenas a ordem dos enunciados, mas a postura do leitor. (Mouillaud, 1997, P. 32)

O que pretendo é interpretar os discursos histórica e dinamicamente, em termos de como as mudanças nos processos discursivos constituem e refletem os processos sociais mais amplos. A análise dos discursos não tem compromisso apenas com a interpretação das relações de poder inscritas nos discursos, tem também com o modo como essas relações de poder e as lutas de poder configuram e transformam as práticas discursivas de uma sociedade ou instituição.

Os enunciados dos três jornais acima descritos mostram a 'contenção do movimento do MST' tanto na realidade como nas PPs, conforme a própria manchete do JB do dia 5

enuncia. Em seguida a esta análise, apenas cito os enunciados dos quatro jornais, visando a demonstrar como o MST foi contido pela 'lei do arbítrio'. A luta pela terra, iniciada com a invasão simbólica de prédios públicos deságua na discussão não da reforma agrária, mas na discussão da reforma da legislação agrária, ou, ainda, mais propriamente falando, na 'mexida na lei de segurança nacional'.

A disputa do poder, do poder ser assentado contra o poder dos latifundiários, passa para a disputa entre grupos de poder e setores da sociedade que lutam pela vigência das leis democráticas contra o autoritarismo, como a CNBB, a Polícia Federal, entre outros. Essa luta torna propícia outras lutas nos intestinos da política partidária. O GLOBO continuará a usar a sua estratégia discursiva de, por meio da coordenação, aproximar os opostos no plano discursivo, encenando uma harmonia que na realidade não se sustenta, como, por exemplo, em **CNBB negocia diálogo entre Governo e MST e Radicalização do MST preocupa Governo e PT**, no dia 10, no GLOBO. O DIA aproveita e enquadra o acontecimento como objeto de sentido subversivo e encena a 'briga': **FH endurece e MST prepara a retirada e Exército entra na briga**, no dia 6, **MST prepara nova rodada de invasões e Agora é no campo**, no dia 7 e **FH usa 'araponga' contra os sem-terra e Inteligência X MST**, no dia 8.

Além dessa estratégia discursiva, esses enunciados, seguindo sua característica de jornal popular, aproximam ao máximo a sua linguagem da que supostamente é usada pelo seu público-alvo, com ecos das modalidades enunciativas que freqüentam as notícias das editoriais de polícia e de esporte. Afinal, é esse o universo de referência que supostamente capta o interesse do seu leitor já acostumado ao vocabulário e aos enredos da trama polícia e bandido. E, no caso em questão, não é difícil identificar quem faz o papel de polícia – quando efetivamente não é esta que entra em cena – e o de bandido. Não é só por meio do 'uso da LSN' que, mais uma vez, se verifica interdiscursivamente o retorno do recalcado, a ditadura. O emprego do vocábulo 'araponga' traz para o presente os resquícios do autoritarismo. O uso do termo sugere um efeito irônico, também peculiar dos enunciados desse diário.

Seguindo-se o elenco dos enunciados reproduzidos abaixo, poder-se-á observar também como vai se dando a morte severina nas PPs. Do MST, passa-se à reforma da LSN,

e os últimos estertores do movimento já têm um enquadramento completamente diferente, em que um novo objeto de sentido fala dos sem-terra: o trânsito. No dia 13, o JB e o DIA resumem a ópera: o trânsito é a real vítima. Essa ressemantização do objeto de sentido original, na verdade, está endereçada ao público-alvo dos jornais, que não reside no campo, mas na cidade. Todos os protestos, reivindicações e manifestações contra os poderes estabelecidos, seja em nível Federal, Estadual ou Municipal, são colocados no mesmo balaio: 'protestos'. A partir desse dia, estamos conversados e não se fala mais de MST.

Mas, conforme já dissemos e repetimos, os discursos são heterogêneos e a sua seleção para análise e interpretação deve ser representativa da diversidade de práticas, como forma de evitar a homogeneização da interpretação. É nessa perspectiva de heterogeneidade discursiva que os enunciados do POVO são considerados. Em **MST desocupa BNDES mas acampa nos jardins do prédio**, 6 de maio; **Bandeira serve de abrigo para MST no Centro**, 9 de maio (cf. anexo 7.28); e **MST promove missa na porta do Banestado**, 10 de maio, outras ordens discursivas estão atualizadas.

No enunciado do dia 6, a conjunção 'mas' hierarquiza fortemente a oração foco marcando-a argumentativamente, recurso que também tem um efeito polifônico. A primeira oração do enunciado afirma a retirada do MST, a segunda, articulada pelo mas, nega a conclusão que o receptor poderia ter, no sentido de que o MST suspenderia a invasão, e afirma com força argumentativa a sua permanência. A orientação discursiva desse enunciado é eufórica em relação ao movimento e disfórica em relação ao poder hegemônico.

O enunciado do dia 9 tem um valor expressivo simbólico muito forte por estar articulado à imagem da Bandeira do Brasil. Enunciado e imagem metaforizam uma realidade ainda utópica, mas certamente correspondente a um suposto desejo dos receptores desse jornal: a de que o Brasil abrigue o MST. Finalmente, o enunciado do dia 11 presta uma homenagem póstuma ao assentado morto no confronto com a polícia, afirmando a presença do movimento no ato realizado na frente de um prédio público. Essa interpretação em direção de um discurso contra-hegemônico se sustenta também na vitalidade maior que o MST demonstrou ter na PP do POVO e na relação com a imagem fortemente conotada de

nacionalismo e de inclusão de um segmento da sociedade que está historicamente excluído da sociedade brasileira.

A limitação do poder da mídia depende da capacidade de estruturação política dos atores sociais. Quanto mais filtros aparecem (organizações sociais de todos os tipos), mais a influência da mídia encontra contrapoderes. Quanto mais a escola forma homens críticos, mais a mídia e o mercado são obrigados a reformar-se. (Silva, 2000, p.27)

4 O SEQUESTRO DA MÍDIA

“A televisão faz a capa, o assunto e o sucesso dos jornais” (Silva p. 93)

A televisão foi seqüestrada pela violência urbana. A televisão seqüestrou os telespectadores, a mídia eletrônica, radiofônica e impressa. Arrisco dizer que a televisão seqüestrou o seqüestrador – tornando-o protagonista, e suas vítimas, coadjuvantes de um filme que costuma estar em cartaz nos ônibus que circulam por locais menos nobres da cidade – e fez a polícia de refém. Seqüestrador e polícia, sob testemunho, retardaram a conclusão do seqüestro: um levando às últimas conseqüências a exibição da tortura, outro retardando uma ação eficaz de resgate. Somos todos seqüestrados, somos todos reféns. Quem é o algoz? A pergunta cala.

A mídia, no dia 13 de junho de 2000, mais uma vez silencia – é silenciada –, pela sua própria lógica espetacular, pois, ao mesmo tempo em que, eloqüentemente, denuncia, enuncia, mostra, interage, seduz, ofertando à visibilidade uma hiper-realidade, faz calar “outras realidades” e preside o acontecimento.

Mas, assim mesmo, e apesar disso, a cidade revelada é a anticidade: a PP revela desta cidade o seu inverso, os que dela são excluídos e a conseqüente trama policial.

Onde o espetacular concentrado domina a polícia também domina. (ibidem, p.182)

4.1 “TERROR E MORTE NO 174” POVO (13 de junho de 2000)

JB (cf. Anexo 7.20)

T: INCOMPETÊNCIA E MORTE

Su: Quatro horas de terror, dois mortos e dúvidas

In: Presidente critica a ação da polícia

O GLOBO (cf. Anexo 7.21)

T: UM ERRO FATAL

Su: Polícia tem ação desastrada e jovem inocente é morta após ser atingida por cinco tiros.

O Dia (cf. Anexo 7.22)

T: BASTA!

Su: Fugitivo faz passageiros de reféns em ônibus e pára cidade.

Erros da PM provocam a morte de professora no fim do resgate.

TV mostra bandido preso sem ferimentos. Ele chegou morto ao hospital.

Ci 1: "Parece-me que há uma evidente atração da imprensa pela violência" (Governador Anthony Garotinho)

Ci 2: "Uma ação mais rápida poderia ter evitado a morte de uma inocente." (Presidente Fernando Henrique)

POVO do Rio (cf. Anexo 7.23)

T: TERROR E MORTE NO 174

At: Assalto a ônibus com reféns na Rua Jardim Botânico termina com dois mortos

Os enunciados das quatro manchetes são de diferentes maneiras anafóricos, pois remetem para referentes não explicitados nos textos, indicando, por essa via, que o fato noticiado já é de conhecimento do leitor. Sem dúvida alguma, nesse caso, o seqüestro do ônibus 174 foi mais do que intensamente noticiado pela mídia televisiva e radiofônica, foi coberto em tempo real, com exclusividade pela rede GLOBO de televisão, situada em endereço muito próximo do local em que o seqüestro ocorreu.

A frase nominal de caráter avaliativo, enunciado da manchete do JB, **Incompetência e Morte**, ao explicitar um julgamento sobre o fato ocorrido, deixa, no nível do enunciado verbal, o referente implícito, mas o explicita no nível do enunciado das imagens, em que cenas gravadas pela televisão e outras fotos tiradas *in loco* são reproduzidas no âmbito da notícia que é manchetada.

Trata-se de exemplo bastante ilustrativo do dispositivo de construção textual da PP dos jornais, em que o texto se constitui por meio de várias matérias significantes e por meio de uma rica intertextualidade, cuja significação depende ativamente do trabalho interpretativo do leitor, que, no caso em pauta, já estava, ao ler o jornal, bastante informado sobre o fato. Esse último aspecto revela ainda a intertextualidade entre as diferentes mídias e, por conseguinte, entre os diferentes enunciados divulgados pela mídia, sobre o acontecimento. O leitor é um dos coenunciadores; ele já recebeu no dia anterior vários textos, e, às suas perguntas e respostas novos textos proliferam com questionamentos, críticas e 'novidades' sobre o acontecimento. Isso leva a mídia impressa não a noticiar o fato, mas a criar fatos novos que sejam notícias.

Responder à provocação da televisão reveste-se de um dos investimentos ideológicos mais conscientes dos editores ao acionarem o dispositivo da PP. O comentário do editor do JB revela parte da interpretação, a que é consciente, que justifica a irrupção do acontecimento do 174 nas PPs.

Mas se há alguma coisa que mexe com a vendagem do jornal é quando um assunto é coberto intensamente pela televisão. Isso é uma relação. Naquele dia, todos os jornais esgotaram. O GLOBO, O DIA e o JB também. Agora, você veja bem que as revistas também tiveram isso. No meu caso, no caso do JB, a decisão foi mostrar toda, é a ação da polícia era nosso foco.(...) O despreparo da polícia. Tanto que tem um título que bate muito nisso. Da indignação e de reagir à incompetência policial que se manifesta cotidianamente, principalmente em relação à população mais pobre, né? Então foi esse o objetivo nosso de querer mostrar o despreparo da polícia e o fato de você ser levado a botar o assunto na PP pela intensidade da cobertura dada pela televisão. Porque o leitor no dia seguinte quer mais informação daquele fato que tomou tanto tempo na tela da TV.¹

Esse trecho é bastante ilustrativo de alguns dos procedimentos que constituem as condições de produção da PP. Mostra a influência da televisão pautando a PP e a intenção do editor ao criar o objeto de sentido – ‘o despreparo da polícia’ – que, por sua vez, já faz parte da agenda do Jornal.

Essa antecipação da notícia pela televisão determina que a informação veiculada no jornal impresso seja supostamente nova, e será por isso que ela terá valor. Tal imperativo na prática social da produção dos discursos jornalísticos resulta numa busca incessante da distinção. A informação nova tem que ser distinta da do dia anterior e das que vão circular nos outros diários. Como consequência dessa concorrência intermédias, observa-se uma tendência do jornalismo opinativo em detrimento do informativo, ou, em outras palavras, uma tendência para o ‘sensacionalismo’ em lugar da ‘objetividade’. A necessidade do jornal de noticiar ‘fatos da atualidade’ o leva, muitas vezes, a não ‘poder’ privilegiar a objetividade da notícia, que já foi difundida pela televisão e pelo rádio. É claro que isso não é porque não sobraria nada ao jornal para noticiar, mas porque, inserido em um acirradíssimo mercado de concorrência, a sua PP, sobretudo, deve ser vendável e, portanto, bastante sedutora e persuasiva.

A manchete do GLOBO, **Um erro fatal**, também pressupõe um acontecimento que está sendo julgado, apesar do emprego do artigo indefinido que efetivamente realiza

¹ Editor do JB, Apêndice 8.7.1

uma referência catafórica, isto é, remete à informação subsequente: o jornal vai 'informar' a novidade, que consiste na explicação de por que o acontecimento culminou num erro fatal. Do seqüestro, o que se noticia, o que se ilumina é o erro cometido pela ação desastrada da polícia. O jornal se antecipa e julga a ação da polícia, sem se sentir implicado na trama, embora lá estivesse durante, pelo menos, três horas, pilotando, juntamente com a televisão e o rádio, os dispositivos da mídia, tornando seqüestrador, reféns e polícia, personagens de uma fita que se confundia com a realidade.

Nos jornais de qualidade, os enunciados das manchetes, por meio de uma referência anafórica, fazem um julgamento implícito à atuação da polícia, que é avaliada disforicamente – 'erro' e 'incompetência' – atribuindo-lhe a responsabilidade pelo desfecho do seqüestro – 'fatal' e 'morte' –, responsabilidade essa que, no caso da manchete do JB, é atribuída à polícia, julgada incompetente, por meio da coordenação com a conjunção 'e' – 'incompetência' e 'morte' –, estratégia hierarquizante que modaliza a mensagem sem, contudo, explicitar a relação semântica entre as duas proposições, deixando para a leitura interpretativa do leitor a conclusão sobre o valor semântico a ser atribuído à conjunção. Trata-se de marca, que caracteriza a recepção ativamente, e de recurso sedutor e persuasivo, pois, dessa forma, o enunciador está interpelando o receptor e convocando-o a coenunciar, complementando as informações. O receptor, no caso do 174, foi testemunha do acontecimento e, portanto, ele também tem o que dizer, o que informar.

Verifica-se um desdobramento do acontecimento. É preciso que outros acontecimentos sejam produzidos, uma vez que o acontecimento origem já quase cumpriu o seu ciclo – captação, construção, distribuição –, não fossem as providências da mídia em transformar a etapa do seu 'desuso' em novos acontecimentos.

No DIA, a manchete também transcende em sua referência ao fato ocorrido na véspera. **Basta!** remete anaforicamente tanto para o fato do dia anterior, que está referido no enunciado do subtítulo, quanto para acontecimentos anteriores que permanecem impunes. Esse enunciado pretende ser ele mesmo um acontecimento, ou melhor, a repetição de um acontecimento já ocorrido no dia anterior, conforme se verá adiante.

Essas manchetes não permitem a identificação da singularidade do acontecimento que está subentendido nos enunciados, mas a expressão de sentimento vivenciado pela população. Pode-se dizer que se trata de recurso enunciativo que tenta driblar a concorrência com as outras mídias e mesmo com os outros jornais, ao buscar sobressair-se, evitando redundâncias no modo de enunciação. E, claramente, todas se revestem de efeito sensacionalista, uma vez que apelam diretamente para a sensibilidade e emoção do receptor.

No entanto, parece que não há como escapar à lógica maior que preside as reais condições da recepção de acontecimentos como aquele do 174. É a imposição da lógica, da matriz da recepção, que, desse modo, seqüestra a mídia, fazendo ecoar nos seus títulos, roubando a cena da PP, a sua vivência, a sua experiência. Os enunciados do JB, do GLOBO e do DIA, na verdade, não se reportam exatamente ao fato ocorrido na véspera, mas a um conjunto de fatos que podem ser classificados como relativos à “incompetência da polícia”, em que o fato, o seqüestro do 174, se inclui. O julgamento faz parte da operação pela qual é construída a classe que define o acontecimento, isto é, o enunciador avalia no interior do próprio título. O julgamento é feito à atuação da polícia, que errou e foi incompetente.

O enunciado do GLOBO, ao antepor o artigo indefinido ‘um’ em “Um erro fatal”, remete à informação que será dada no enunciado subsequente: **Polícia tem ação desastrada e jovem inocente é morta após ser atingida por cinco tiros**. Nesse enunciado, se verifica uma atenuação ou uma ambigüidade quanto à responsabilidade no julgamento realizado na manchete, por meio da seleção do adjetivo ‘desastrada’, por meio da passivização que omite o agente da ação, ‘é morta’ e ‘ser atingida’, o que de alguma forma também orienta o julgamento que o leitor fará no seu processo interpretativo.

No JB, o enunciado do subtítulo **Quatro horas de terror, dois mortos e dúvidas**, assume outras posições de sujeitos: há uma aproximação do enunciador em relação à vivência dos reféns do seqüestro e à percepção dos leitores e telespectadores: ‘quatro horas de terror’ e ‘dois mortos’ e ‘dúvidas’. No caso do JB, o enunciador não atenua o julgamento, ao contrário, acirra-o ao descrever uma cena em que a polícia não se faz presente, enfatizando-o por meio do sentido subentendido a partir do vocábulo ‘dúvidas’. Não devemos nunca esquecer que a intertextualidade e a interdiscursividade

atravessam os textos e o percurso de leitura do receptor. No relato desse caso, outros casos semelhantes, que podem ser incluídos na mesma categoria de incompetência e erro da polícia, são evocados. As 'dúvidas', sem dúvida, remetem para as ações desastradas da polícia.

Quanto mais estão ausentes as referências espaciais, temporais e relativas aos protagonistas do acontecimento, mais suspense e expectativa se criam em relação às informações que ainda serão colhidas no restante do texto nos outros enunciados e nas imagens. Esse tipo de estratégia, em que o emprego da nominalização e da frase nominal são particularmente produtivas, favorece um efeito sensacionalista na mensagem, uma vez que convocam o leitor a investir, na interpretação, suas vivências e emoções. Ele se torna um receptor ativo e, por isso, ativado em suas possibilidades perceptivas, sensoriais, emocionais e intelectuais, que são extremamente acirradas pelo acionamento das imagens, que reproduzem no papel o que já foi sofrido no dia anterior ao acompanhar o seqüestro pela televisão.

No JB, a evocação de posições de sujeitos diferentes continua no enunciado do intertítulo, **Presidente critica a ação da polícia**, que se alinha aos enunciados anteriores, na medida em que explicita o julgamento contido no enunciado da manchete. Aqui se atualiza outro recurso de modalização por meio da representação indireta do discurso relatado, em que a seleção do verbo 'criticar' trai a adesão do enunciador ao conteúdo do enunciado; o emissor funde a voz do JB com a do Presidente, ao traduzir a crítica feita pelo Presidente para a sua própria linguagem.

A manchete do DIA, **Basta!**, por meio de um enunciado interjetivo, está expressivamente marcado pela modalidade diretiva e assume a posição do sujeito identificado com a sociedade que clama por justiça. Na verdade, o **Basta!** foi lançado pelo DIA, no domingo 11 de junho, no enunciado **Basta! O fim da impunidade**, título da chamada 3 (ver Apêndice 8.6), constituída do retrato de uma vítima de ação fatalmente 'desastrada' de um médico e da citação de sua fala "**Quando mataram meu filho, tiraram um pedaço de mim. Quero justiça.**" Dessa forma, o DIA se antecipa ao próprio acontecimento do seqüestro, uma vez que, por meio da repetição da frase interjetiva, já enunciada dois dias antes, coloca-se como ator, nesse drama e em outros, em que a sociedade é vítima das várias impunidades, clamando juntamente com a população, pelo fim da impunidade.

Essa leitura intertextual é corroborada pela semelhança do título daquela chamada do dia 11, no Dia, **Um erro fatal**, referindo-se ao erro médico, com o título do dia 13, no GLOBO, referindo-se ao erro da polícia. A categorização dos acontecimentos já é prevista pelo dispositivo dos títulos.

Conforme já se descreveu anteriormente, os recursos da citação e da modalidade diretiva são estratégias enunciativas adotadas pelo DIA como meio de aproximar-se do seu leitor, criando cumplicidade e intimidade entre os sujeitos discursivos, o emissor e o receptor. Também o enunciado da manchete do DIA é avaliativo. Aliás, é mais que avaliativo, pois a exortação que faz deixa pressupor uma avaliação e um julgamento de um fato. Também nesse caso, o julgamento é sobre a ação da polícia. A intertextualidade entre os enunciados do dia 11 e o da manchete do dia 13 autoriza inserir o **Basta!** do dia 13 no mesmo universo de referência do dia 11, o da insegurança, o da falta de punição, o da injustiça.

Comparando as manchetes dos três jornais já considerados, pode-se dizer que as do JB e as do GLOBO cumprem predominantemente a função emotiva, e a do DIA, além da emotiva, a conativa, uma vez que se dirige a um outro que teria a competência de acabar com a impunidade. Característica do jornal popular que constrói uma interação com seu leitor o menos assimétrica possível, a ponto de fundir totalmente as duas vozes – emissor e receptor – numa mesma exclamação.

No enunciado do subtítulo do DIA, **Fugitivo faz passageiros de reféns em ônibus e pára cidade. Erros da PM provocam a morte de professora no fim do resgate**, observa-se a construção de um texto atendendo à norma clássica da construção da notícia: Quem, fugitivo; o quê, faz passageiros de reféns; como, seqüestrando ônibus; que, consoante os dispositivos enunciativos desse jornal na PP, não usa lides, mas opta pelos enunciados títulos que podem ser lidos nas bancas, por serem escritos em letras grandes e acompanhados de ilustração.

Outra característica do jornal é a referência aos protagonistas do fato noticiado por meio de termos que indiquem de alguma forma a sua inserção na sociedade civil: passageiros, professora e PM. Quanto ao seqüestrador, foi o único jornal a fazer referência à sua condição de fugitivo da polícia, o que, por um lado, torna mais referencial e objetiva a notícia, pois dá ao leitor uma informação que, da perspectiva

jurídica e ética dos valores de nossa sociedade, isenta o receptor de julgar e condenar o seqüestrador, pois ele já está condenado. E, por outro lado, dá conteúdo ao julgamento crítico que é feito à polícia, que deveria ter mantido o fugitivo na cadeia, por já ter cometido outros erros.

O DIA e o JB alinham-se à voz do presidente: no JB, **Presidente critica a ação da polícia**, na citação do DIA, **“Uma ação mais rápida poderia ter evitado a morte de uma inocente”**. No primeiro, isso se faz por meio de um enunciado duplamente modalizado – pelo discurso indireto e pelo uso do verbo criticar no lugar do ‘diz que’ – e, no segundo, o alinhamento se dá por meio do discurso direto representado pelas aspas, configurando o acontecimento no âmbito da nação: é assunto que diz respeito ao chefe maior do Estado, e os enunciadores deixam de ser um para serem dois: o jornal e o presidente. Aqui se vê a articulação promovida pelo emissor entre as esferas políticas e partidárias de poder. Outro item da agenda dos jornais cariocas é ativada: a da incompetência e inoperância da polícia do Rio de Janeiro, o que implica a sanção do governador pelo presidente, posição essa que os jornais assumem ao traduzirem por meio dos seus dispositivos enunciativos o julgamento feito pelo presidente. Trata-se de um novo objeto de sentido extraído do acontecimento: a oposição político-partidária, a disputa do poder.

Tal interpretação em confronto com o conteúdo da citação do Governador **“Parece-me que há uma evidente atração da imprensa pela violência”**, acirra a crítica ao governador, que, num movimento de defesa, criticou a mídia, que, na voz do DIA, em vez de explicitamente responder, usou a estratégia de citação e expôs a posição do governador à do presidente e à de toda a nação que, mediatizada pela mídia, foi testemunha da violência, que, de tão espetacularizada, de fato assumiu dimensões de crime hediondo. Isto é, o enunciador do DIA, ao dispor contiguamente as duas citações, a do presidente e a do governador, que contêm avaliações em direções opostas, além de encenar uma oposição entre os dois dirigentes – o presidente critica a segurança do estado e o governador critica a visibilidade dada ao acontecimento, em atitude defensiva – sem assumir a enunciação do conteúdo das duas críticas, investe a fala do governador de um efeito de ridículo, por mais que se possa concordar com ele sobre a evidente atração da imprensa pela violência.

Aqui a intertextualidade e a interdiscursividade se fazem presentes no efeito de sentido resultante da contraposição das críticas enunciadas pelo presidente, com a eloquência das imagens veiculadas nos diários e no dia anterior pela TV e com a consideração crítica feita pelo Governador, que desqualificou tanto o acontecimento, quanto a cobertura feita pela mídia.

Na manchete do POVO, **Terror e morte no 174**, verifica-se a anáfora pelo emprego do artigo definido, que remete o sintagma 'no 174' ao fato ocorrido no dia anterior e já noticiado por outras mídias. Trata-se, entre as quatro, da manchete mais referencial e, se se quiser, mais objetiva. É a única que explicitamente faz referência a um dos aspectos constitutivos do fato – o onde –, além de ser um enunciado descritivo e não só avaliativo.

O que está sendo enunciado é a descrição da experiência de terror por todos que foram reféns do seqüestro ocorrido no ônibus 174: as vítimas, os telespectadores, a mídia, a polícia, e por que não dizer, o Brasil, já que o fato teve cobertura nacional, ao vivo. Há, sem dúvida, a expressão emotiva do enunciador, quando descreve o que ocorreu como terror, que é amplificado pela morte, mas não há julgamento.

Em relação ao jornal POVO, cabem outras considerações que dizem respeito à prática discursiva que lhe é peculiar. Como vimos no capítulo 2, o jornal POVO é um jornal eminentemente policial e destinado a segmentos de baixa renda, residentes em localidades do subúrbio e da periferia da cidade, por um lado, e, por outro, não está inserido no mercado de concorrência da mesma maneira que os outros diários. O POVO é jornal vendido em banca e não se coloca em concorrência direta com nenhum dos outros três, seja em vendagem, seja em relação aos anunciantes; o seu público-alvo constitui-se de um segmento que não interessa aos demais diários. O trecho abaixo revela a consciência do editor sobre essa injunção na produção noticiosa desse diário:

[O DIA e o Extra] Esses jornais tentam chegar aos segmentos consumidores do POVO, mas por terem vergonha de assumirem de fato uma editoria policial não são competitivos realmente. O POVO é o único jornal que assume que o seu público-alvo é o segmento da zona norte, mais especificamente, de Santa Cruz, Baixada e bairros periféricos da Central do Brasil.²

² Editor do POVO, Apêndice 8.7.4.

Além disso, violência, guerra de tráfico, guerra entre polícia e bandido, infelizmente, está no cotidiano dos leitores do jornal, o que, de certo modo, naturaliza, para esse jornal, o acontecimento do 174, conforme pode ser constatado pelos títulos transcritos, a seguir, de edições do mesmo mês de junho de 2000. Esses aspectos, constitutivos dos discursos produzidos por esse diário, pode-se dizer, explicam o fato de a manchete do dia 13 não ser diferente da do dia 12 – **Terror e morte no Cascadura-Nova Iguaçu** –, em que só muda a linha do ônibus; e nem ser muito diferente da do subtítulo da chamada do dia 15 – **Terror atinge passageiros do 154 em Copacabana, na troca de tiros entre policial e assaltante** –; e nem tampouco do texto do subtítulo dessa mesma chamada – **Três bandidos já tinham assaltado o ônibus 125 (Central-Praça General Osório) e uma padaria quando entraram no 154 (Central-Ipanema) na Rua Barata Ribeiro, altura do Posto 5.**

O fato de esse jornal não dispor dos recursos empresariais que caracterizam os demais, de certa forma, configura os seus dispositivos de enunciação, resultando que a sua PP e a sua titulação permaneçam dentro das categorias previstas, que, infelizmente, contemplam a lógica desse tipo de acontecimento. Portanto, por paradoxal que possa parecer, o seqüestro do 174, típico acontecimento policial e sujeito a todos os requintes propícios a um tratamento sensacionalista, no jornal POVO, recebeu um tratamento, para os padrões do próprio jornal e comparado ao tratamento dado pelos demais, mais próximo da objetividade.

A esse respeito, é interessante notar a produtividade do conceito de objeto de sentido que está sendo utilizado neste trabalho. Como explicitamos na seção relativa à fundamentação teórica, considero objeto de sentido o conteúdo preciso do enunciado que se vincula à natureza do acontecimento tanto na perspectiva da produção, quanto na perspectiva da recepção. O gênero dos discursos jornalísticos, ao se apropriar do gênero dos discursos orais, mais emocionais e subjetivos, porque vinculados às situações concretas de comunicação verbal espontânea e viva, assimilam inexoravelmente as suas peculiaridades, transportando-as para o seu interior. As unidades temáticas de um enunciado são indissociáveis do gênero discursivo em que são atualizadas, mas são, ao mesmo tempo conformadoras dos estilos dos enunciados.

Assim, justificam-se, também nos jornais de qualidade, o emprego do vocabulário expressivo, a construção sintática nominal, reproduzindo a linguagem viva

nos enunciados e as modalidades avaliativas e diretivas na discursivização de um objeto de sentido, que, necessariamente, é captado pela mídia a partir da percepção emotiva e emocional dos receptores, que – principalmente os que integram o público-alvo dos jornais populares – experienciam os acontecimentos relatados pela mídia no dia-a-dia.

Adiante, para tornar mais claro o raciocínio acima exposto, vou relacionar o modo enunciativo usado nos quatro jornais para discursivizar sobre o acontecimento do 174 com o modo enunciativo peculiar aos enunciados cujo objeto de sentido é a violência e, mais particularmente, a violência em consequência do tráfico, que gera a guerra infinda entre policial e bandido.

Considerando a premissa de que o JB e o GLOBO são jornais mais ‘objetivos’ e que o DIA e o POVO, mais este do que aquele, sensacionalistas, o esperado é que os dois primeiros, ao tratarem de qualquer tema, o façam segundo um estilo de objetividade, mais referencial, enquanto os dois últimos deveriam fazê-lo segundo um estilo menos objetivo, mais subjetivo e mais sensacionalista. Não é, no entanto, o que nos mostram as imagens e enunciados de legendas e títulos que acompanham as imagens nos diários de credibilidade, a seguir dispostos em colunas para facilitar a correspondência entre eles.

O GLOBO

Le 1: Após a ação da PM, o bandido resiste a entrar no camburão: morte a caminho do hospital, segundo a polícia

Le 2: Gravemente ferida, Geisa Firmo Gonçalves, de 20 anos, é levada para o hospital após receber cinco tiros

Ol: 16h40m: A ameaça

Le: Com a arma para fora do ônibus o bandido atira em direção aos PMS

tf: 17h: Por que não atiraram antes?

Le: Atirador de elite da PM monta guarda no muro do Parque Lage

tf: 17h30m: A tortura

Le: O seqüestrador enfia o cano do revólver na boca de sua vítima

tf: 1850h: O desfecho

Le: Policial parte para atirar no bandido; uma inocente acaba morta

O GLOBO- Imagem

Close de 4 policiais empurrando o seqüestrador para dentro do camburão (Folha Imagem)

Close de bombeiro, ajudado por policial, carregando a vítima

ensanguentada, aparentemente desfalecida e apenas ferida. (foto)

Cineminha: Close de refém olhando pela janela do ônibus de onde o seqüestrador aponta a arma para fora do ônibus. (foto)

Close da janela do ônibus, em cujo vidro estão escritas a batom as reivindicações do seqüestrador, de onde se vê o seqüestrador enfiando o cano de revólver na boca da vítima (foto)

Close de atirador de elite de costas, protegido por muro, apontando arma para o ônibus (foto);

Detalhe do seqüestrador escudado pela vítima, já fora do ônibus, cercado por policiais apontando armas, e mirado por um policial protegido pelo ônibus. (Agência Estado)

O DIA

Ft1: Erro mortal

Ba1: Geisa Gonçalves, moradora da Rocinha, morta com cinco tiros.

Ba 2: Bandido desce do ônibus com a arma engatilhada.

Ba 3: Cel. José Penteado, comandante do Bope, foi o negociador.

Ba4: Atirador da PM se prepara para atacar o seqüestrador.

Ba 5: Sérgio entra andando no camburão.

Le: Terror. Bandido engatilha a arma e ameaça a passageira.

Depoimento: Janaína Lopes Neves, 23 anos, estudante de Administração da PUC.

Ft: 'Ele blefou'.

Ci: "Ele me obrigou a procurar dinheiro na bolsa de todas as mulheres. Só tinham R\$ 10. Quando botou o cano do revólver na minha boca, pensei que ia morrer. Ele me mandou ajoelhar, jogou um lençol sobre mim e atirou perto do meu pé. Foi um blefe."

O DIA Imagem

JB

Le 1: Vivo e gritando, o seqüestrador é posto no camburão de onde foi retirado morto.

Le 2: Aterrorizada, Geisa foi torturada pelo bandido e pode ter sido morta pela polícia.

Le 3: Vencido, o seqüestrador usa Geisa como escudo e sai do ônibus. Quando tudo parecia resolvido, um PM se aproxima e dispara....

POVO

Su: Armado com um revólver 38, um ladrão manteve oito reféns num ônibus da linha Central-Gávea interceptado pela Polícia em frente ao Parque Lage. Ele exigia duas pistolas, duas granadas e mil reais e ameaçava matar os reféns o tempo todo, mas chegou a libertar três homens e uma mulher. O seqüestro acabou com o ladrão baleado e morto junto com uma refém por um policial.

le: Veja a seqüência completa na Página 5

Fotomontagem: 1- Close da refém já fora do ônibus, 2-com o seqüestrador segurando sua nuca por trás e com a outra mão encostando o revólver em sua cabeça, ambos sendo observados 4- por policial protegido pelo ônibus, 3- com close de comandante do Bope segurando alto-falante diante do seqüestrador e, abaixo, outro 5-close de dois policiais empurrando o seqüestrador para dentro do camburão.

Close de passageira dentro do ônibus, com expressão de terror no rosto sendo ameaçada pelo seqüestrador empunhando arma.

Close da estudante sorrindo e falando ao telefone.

JB - Imagem

Close de dois policiais empurrando o seqüestrador para dentro do camburão (reprodução da TVE)

Close do seqüestrador dentro do ônibus, com o revólver na boca da vítima, vistos através da janela do ônibus, em cujo vidro lê-se, escritas a batom por uma das reféns, as reivindicações do seqüestrador. (fotógrafo)

Cineminha: O seqüestrador usando a refém como escudo, saindo do ônibus, cercados por policiais; o seqüestrador de costas, com a refém a sua frente, cercado por policiais; policiais cercando os dois e acudindo a refém que cai baleada. (as duas primeiras de fotógrafo e a terceira reprodução da TVE)

POVO - Imagem

Foto 1 - cena em movimento, da refém caindo ao ser atingida por bala, cercada por policiais armadas e mirada por atirador deixando a posição de tiro; broche mostrando detalhe da rua, em que se vê o ônibus de frente parado, ao lado de costas um camburão da polícia, e várias pessoas atrás do ônibus

Quanto às imagens, além de se constatar a redundância absoluta entre os quatro jornais, constata-se também o mesmo tipo de tratamento, particularmente em relação aos jornais JB, GLOBO e DIA. Esses três se igualaram quanto à procura de ângulos que retratassem de perto as expressões faciais do seqüestrador e dos reféns. Os três jornais ofereceram detalhes das cenas já vistas na televisão, congelando os instantes mais

expressivos do terror imposto pelo seqüestrador e vivido pelas vítimas, por um lado, e, por outro, a inação da polícia, a não ser no memento em que a polícia dispara e a refém cai baleada.

Observa-se uma construção discursiva complementar entre os enunciados verbais e as imagens. Aquilo que está pressuposto e implícito nos enunciados das manchetes e subtítulos, está explicitado no nível das imagens, as quais, por sua vez, vêm acompanhadas de legendas que reenviam ao leitor as incertezas sobre o acontecimento, abrindo assim a perspectiva para a edição do dia seguinte, pois a informação contida nos textos das legendas é impreciso e incompleta e posta em dúvida pelo próprio emissor. A relação entre as imagens, suas legendas e os enunciados das manchetes e subtítulos do JB e do GLOBO sugere o julgamento e a acusação de que o policial matou a refém e o seqüestrador.

- Em relação à refém:

JB: Aterrorizada, Geisa foi torturada pelo bandido e pode ter sido morta pela polícia.

Quando tudo parecia resolvido, um PM se aproxima e dispara...

GLOBO: Gravemente ferida, Geisa Firmo Gonçalves, de 20 anos, é levada para o hospital após receber cinco tiros.

Policial parte para atirar no bandido, uma inocente acaba morta.

O DIA: Geisa Gonçalves, moradora da Rocinha, morta com cinco tiros.

Atirador da PM se prepara para atacar o seqüestrador.

- Em relação ao seqüestrador:

JB: Vivo e gritando, o seqüestrador é posto no camburão de onde foi retirado morto.

O GLOBO: Após a ação da PM, o bandido resiste a entrar no camburão: morte a caminho do hospital, segundo a polícia

O DIA: Sergio entra andando no camburão.

Observe-se, nesses enunciados e nos das legendas transcritas mais acima, a expressividade dos jornais JB e GLOBO e DIA tanto no que se refere à seleção vocabular, que prima pela adjetivação, quanto no que diz respeito ao modo de representar as cenas — ‘aterrorizada’, ‘torturada’, ‘terror’, tortura, ‘vivo e gritando’, ‘enfia o cano de revólver na boca da vítima’. Os três jornais colorem de sensacionalismo os enunciados já ressemantizados pelas imagens bastante sensacionalistas.

Quanto ao jornal POVO, duas fotos são apresentadas, sem muita nitidez, dos dois momentos cruciais do seqüestro: o do policial atirando e o da refém caindo atingida pelo tiro. No subtítulo, o enunciador assume com todas as letras a responsabilidade do policial pela morte da refém: **O seqüestro acabou com o ladrão baleado e morto junto com uma refém por um policial**. Também no nível das imagens e do enunciado do subtítulo, o POVO foi, entre os quatro, o mais objetivo e referencial. Ao enunciar a responsabilidade da morte da refém imputando-a ao policial, o jornal não estava construindo um outro acontecimento, como se verificou em relação aos demais jornais.

Os enunciados **Aterrorizada, Geisa foi torturada pelo bandido e pode ter sido morta pela polícia**, do JB; **Policial parte para atirar no bandido, uma inocente acaba morta**, do GLOBO e **Geisa Gonçalves, moradora da Rocinha, morta com cinco tiros**, do DIA, marcados por diferentes recursos de modalização – o do JB, com o verbo ‘poder’; o do GLOBO, por meio da coordenação assindética que não explicita o valor semântico da junção entre as duas orações, e o do DIA, por meio da passivização realizada pelo particípio ‘morta’, implicando o agente da ação – deixam em aberto a responsabilidade da morte da refém, seduzindo o leitor para que ele também participe desse questionamento e investigação, mantendo-o ligado ao veículo. Como se diz, é uma forma de “esquentar o assunto”. No dia seguinte, os jornais, e a mídia televisiva e radiofônica, vão prestar contas das diligências, que já fazem parte da pauta da imprensa: a impunidade e ineficiência da polícia no Rio de Janeiro.

Essa leitura comparativa aponta para duas direções principais de interpretação: uma que fala pela indiferenciação de tratamento sensacionalista pelos jornais populares e os de qualidade, a outra que, ao revelar um grau menor de sensacionalismo no jornal considerado mais sensacionalista pelo senso comum e mesmo pelos entendidos, fala pela naturalização desse tipo de acontecimento nas regiões da cidade do Rio de Janeiro cobertas pelo POVO e ignoradas pelos jornais de credibilidade. O trecho abaixo reforça essa interpretação, demonstrando, inclusive, o grau de consciência que os agentes produtores da mídia têm desse condicionamento na seleção das notícias que freqüentam as PPs:

Evidentemente, uma coisa que tem que ser dita com muito cuidado, mas que não deixa de ser uma verdade, o caso do 174, tendo sido no Jardim Botânico, ali na frente de tudo, evidentemente, teve muito mais repercussão do que se tivesse ocorrido numa região mais distante(...)

Agora a gente não pode esquecer que a Zona Sul é o coração do Rio de Janeiro.³

Essa segunda interpretação reforça uma das hipóteses que está sendo desenvolvida neste trabalho: a de que os jornais populares, ao assumirem – mesmo que contraditoriamente e mesmo que por modos e meios considerados sensacionalistas – o ponto de vista do segmento da sociedade a que se destinam, estão, por cumprirem um papel de denúncia ou por darem a ver o que os outros veículos ocultam, contribuindo para a construção de outras ordens discursivas que desestabilizam a ordem discursiva hegemônica que faz calar aqueles que não podem bancar o preço da mercadoria. No trecho da entrevista abaixo transcrito, pode-se identificar um certo grau de consciência desse efeito discursivo como resultado das condições de produção dos discursos sociais no universo concorrencial midiático:

Tenho amigos estrangeiros, que quando vêm ao Brasil, acham o jornal do tipo do POVO e a NOTÍCIA, jornais muito mais interessantes do que esses. Acho que eles vêem ali uma verdadeira face do País ou do Rio. Agora o público que consome esse tipo de coisa, em termos do negócio jornal, ele é muito desqualificado, ele não acompanha, ele não pode pagar o preço de capa. Ele acaba sendo excluído do processo. Ele vai cair na televisão. Ele também prefere ver um Ratinho do que comprar o POVO todo dia. O POVO vende 10 mil jornais por dia, no máximo.⁴

E estes outros trechos confirmam o papel perverso que a mídia impressa vem exercendo na sociedade: o de ser reprodutora e legitimadora do processo crescente de exclusão social de segmentos da população da cidade do Rio de Janeiro. A mídia dita de qualidade não entende como função sua noticiar fatos cotidianos trágicos e desumanos que ocorrem com os indivíduos que não habitam a zona sul da cidade. Os jornais populares, por sua vez, não se vêem no papel de informar sobre os acontecimentos políticos nacionais e institucionais, pois o seu público-alvo, população de baixa renda e moradora de bairros de subúrbios e da baixada, não está interessada nisso e já não acredita nos políticos, até porque esses assuntos não têm repercussão direta na sua vida. Uns e outros usam o mesmo argumento, a mesma lógica: só noticiam na PP aquilo que, supostamente, o seu leitor quer ler e o que o anunciante paga.

O POVO, além de ser um jornal comprometido com as necessidades dessas comunidades, o POVO reconhece o descrédito que seus leitores

³ Editor do GLOBO, Apêndice 8.7.2

⁴ Editor do DIA, Apêndice 8.7.3

têm da política oficial (Federal, Estadual e Municipal) e, além das matérias de caráter comunitário, estabelece um vínculo de interesses com seus consumidores por meio do noticiário policial e de entretenimento.⁵

O DIA luta há alguns anos para tentar se livrar um pouco desse estigma. Se você der um cadáver na PP, automaticamente, você já sente todo o preconceito que tinha contra ele. Isso aí são coisas estratégicas. A gente tem que pensar duas, três, quatro, cinco, seis vezes diante de um crime e a maneira como vai dar ele na PP. Até porque, o DIA, com essa reforma que tem sido feita nos últimos dez anos, ele conquistou bastante anunciante, que se sente incomodado em .. Por exemplo, o jornal o POVO, que é mais policial que o DIA e que o EXTRA, por exemplo, você não vê anúncio. Ele se sustenta só de banca. E a receita do DIA não é só de banca, não é só de circulação. Hoje deve ser 60% publicidade e 40% circulação. É uma proporção assim. Ou 70/30.⁶

Mas, porque O GLOBO não quer ser um jornal de crime, com um noticiário pesado, um noticiário de violência, tem muita reação dos leitores, mas O GLOBO não esconde o assunto violência. A gente não trata com o viés sensacionalista que talvez os jornais populares tratem.⁷

porque há quem se surpreenda, e até com razão, que um assunto desse setor possa ocupar a PP do JB. Mas vamos caracterizar. Primeiro, sem dúvida nenhuma, foi na Zona Sul, esse é o primeiro dado. No caso da gente, o que nos motivou muito foi a ação da polícia, a ação desastrada da polícia, botando em risco, além de ter cometido um assassinato, botando em risco... A intenção foi mostrar o despreparo da polícia para lidar com o cidadão.⁸

Com isso o leitor da classe A e de parte da B, desconhece a realidade dos que estão à margem da sociedade. A imprensa de qualidade reproduz essa exclusão quando não noticia as barbáries cotidianas dos lugares não prestigiados da cidade. A imprensa popular reproduz essa exclusão quando não noticia sobre os assuntos relativos à política nacional e restringe o universo do seu leitor ao imediatismo e à inexorabilidade da realidade política-econômica e cultural que sobre ele se impõe.

Retornando ao 174, os quatro jornais, apesar de guardarem suas peculiaridades quanto ao emprego dos recursos de diagramação e quanto à gramática da titulação, igualam-se na representação da ordem de discurso que deve ser representada: a de punição do seqüestrador. Nas imagens reproduzidas, a primeira cena, por ordem da esquerda para a direita – a que o olho ocidental percorre na página –, mostrada tanto pelo JB, quanto pelo GLOBO, é a do seqüestrador sendo empurrado para dentro do

⁵ Editor do POVO, Apêndice 8.7.4

⁶ Editor do DIA, Apêndice 8.7.3

⁷ Editor do GLOBO, Apêndice 8.7.2

⁸ Editor do JB, Apêndice 8.7.1

camburão, e, no DIA, essa cena, também à esquerda, está inserida num broche sobre a fotomontagem. A interpretação que faço dessa ‘coincidência’ vai na direção de passar para o leitor a idéia de punição do torturador, mesmo que, contraditoriamente, os mesmos jornais, em nome dos Direitos Humanos, cobrem a verdade sobre a morte do seqüestrador, já pré-julgada nas edições do dia 13 e reforçada nas edições dos dias subseqüentes.

O JB, sobriamente, não utiliza nenhum outro recurso de diagramação além da disposição dos textos e das imagens que ocupam 3/4 da página. A outra matéria, seguindo a priorização das chamadas da PP, no quarto inferior, trata de assunto de crime político envolvendo corrupção na reeleição do presidente. O GLOBO, didaticamente, separa e hierarquiza os textos e as fotos, por meio de bordas, fios de linha e títulos, que registram a hora precisa dos fatos, ocupando 4/5 da página. No quinto inferior, reforçando a importância quase absoluta do assunto, no espaço diário da charge do Chico, lê-se: **Peço desculpas aos leitores, mas pela primeira vez em 32 anos de trabalho não consegui sintetizar com humor os fatos do dia.** Seguem-se as chamadas para o segundo caderno e para Megazine.

O DIA usou dos recursos costumeiros: (a) citações diretas com aspas – do Governador, do Presidente e do refém do seqüestro – aproximando o leitor dos fatos e misturando-se aos atores reais dos acontecimentos; (b) balõesinhos, para didaticamente facilitar a leitura e interpretação das imagens; (c) letras garrafais e exclamação na manchete, em clara identificação com o clamor da população, em 3/4 da página. No quarto restante, verticalmente, chamada sobre acidente que matou quatro nadadores do Flamengo, chamada do Ataque, com destaque para os atletas Edmundo e Guga, e duas chamadas da rubrica de educação.

As peculiaridades dos projetos editoriais de cada jornal ainda se fazem presentes em traços lingüísticos nos enunciados. No JB, o seqüestrador só é referido por meio do vocábulo ‘seqüestrador’, e a refém pelo nome próprio, Geisa. No GLOBO, o seqüestrador é referido pelos vocábulos ‘bandido’ e ‘seqüestrador’, e a refém por meio do nome próprio, Geisa Firmo, do vocábulo ‘vítima’ e sintagma nominal ‘jovem inocente’. O tratamento dado pelo GLOBO é mais apelativo, uma vez que, ao empregar esse vocabulário está expressando seu sentimentalismo, o que é uma estratégia de

sedução empregada – por que não dizer? – para dar um tratamento sensacionalista ao acontecimento.

O DIA caracteriza cada ator do acontecimento com traços da sua identidade civil, profissional e de ocorrência policial. O seqüestrador é referido como ‘fugitivo’, ‘bandido’ e Sérgio (sic); a refém, como ‘professora’, Geisa Gonçalves e ‘moradora da Rocinha’. Trata-se de característica dos jornais populares de ao identificarem os atores, situando-os e circunstancializando os fatos, torná-los mais próximos dos leitores, além de criarem um universo de referência mais verdadeiro, porque mais objetivo, favorecendo o reconhecimento pelo público-alvo dos elementos referenciados.

Mas os quatro jornais, apesar de resguardarem suas peculiaridades, pelo fato de acolherem, quase com exclusividade, o acontecimento do 174, projetaram um receptor que já não é mais o público-alvo diferenciado de cada jornal, mas um público homogêneo, igualado pelo mesmo sentimento de cobrança e de julgamento da ineficiência das instituições, no caso, a polícia. Trata-se de transbordamento dos limites entre os diferentes segmentos a que cada jornal se destina. O seqüestro do 174 fez romperem-se as barreiras que separam a sociedade em classes econômicas, culturais, sociais, ou o que mais se quiser. Somos todos reféns da violência urbana, da imperícia da polícia, das imagens ofertadas pela mídia.

Debord (1997) sintetiza com propriedade e agudeza o papel que a imagem vem desempenhando na formação da percepção de mundo ofertada pela mídia em geral:

No plano das técnicas, a imagem construída e escolhida por outra pessoa se tornou a principal ligação do indivíduo com o mundo que, antes, ele olhava por si mesmo, de cada lugar aonde pudesse ir. A partir de então, é evidente que a imagem será a sustentação de tudo, pois dentro de uma imagem é possível justapor sem contradição qualquer coisa. O fluxo de imagens carrega tudo; outra pessoa comanda a seu bel prazer esse resumo simplificado do mundo sensível, escolhe aonde irá esse fluxo e também o ritmo do que deve aí manifestar-se, como perpétua surpresa arbitrária que não deixa nenhum tempo para a reflexão, tudo isso independente do que o espectador possa entender ou pensar. Nessa experiência concreta de submissão permanente encontra-se a raiz psicológica da adesão tão unânime ao que aí está; ela reconhece nisso, *ipso facto*, um valor suficiente. O discurso espetacular faz calar, além do que é propriamente secreto, tudo o que não lhe interessa mostrar. O que ele mostra vem sempre isolado do ambiente, do passado, das intenções, das conseqüências. (p.188)

O transbordamento da delimitação do público-alvo de cada jornal é contaminado pela imprensa sensacionalista. Além de se verificar, na imprensa de referência, no nível do vocabulário, as características enunciativas que tematizam objetos de sentido do campo semântico da violência são constatadas sobretudo pela disseminação da imagem.

No JB, o enunciado do subtítulo **Quatro horas de terror, dois mortos e dúvidas** apresenta a mesma estrutura temática, sintática e de vocabulário dos enunciados dos títulos mais característicos da editoria de polícia do jornal POVO, dos quais alguns seguem abaixo, para efeito de comparação.

1. Bombeiros ladrões **tocam terror** na Feira de S. Cristóvão
2. Bonde do Turano **aterroriza** Rua do Bispo
3. **Terror** acaba em tiros e morte na Linha Amarela
4. **Terror** na Nova Holanda
5. **Morte** misteriosa em termas de Copacabana
6. Tiros, sangue e **morte** no Macacos
7. Crime passional por trás da **morte** de bicheiro
8. Tiros, pânico e **morte** no Centro

O enunciado do JB apresenta estruturação sintática semelhante à dos enunciados 6 e 8 acima, além de utilizar seleção lexical do mesmo campo semântico na construção do objeto de sentido. Nessa amostragem, verifica-se também a frequência da ocorrência dos vocábulos 'terror' e 'morte' na construção do universo referencial apresentado pelo jornal POVO. A diferença está na maneira de construir a interação com o leitor. No JB, o vocábulo 'dúvidas' faz toda a diferença. O jornal lança a dúvida e lança um novo acontecimento, construindo para o receptor uma posição de sujeito desejante do esclarecimento dos fatos e da justiça. Nos enunciados do POVO, a posição de sujeito condiz com um receptor que é espectador e vítima de uma trama que se repete a cada dia.

No nível da imagem, o que se observa, nos jornais de referência, é uma apropriação do registro sensacionalista, que é integrado ao modo enunciativo peculiar de cada jornal. Uma boa ilustração desse tipo de assimilação de registro são as imagens selecionadas para as notícias sobre conflito entre grupos armados nos morros, entre si, ou entre esses grupos e a polícia, ou ainda entre moradores dos morros e a polícia.

Na amostragem deste trabalho, são poucas as matérias sobre violência envolvendo grupos ligados a tráfico, moradores de morros e de favelas e a polícia, que têm visibilidade na PP dos jornais GLOBO, JB e DIA. Conteí, num conjunto de 31 dias, 5 chamadas para o GLOBO; 6, para o JB; 4, para o DIA; e, para o POVO, num conjunto 25 dias⁹, 21 chamadas. A seleção abaixo relaciona apenas as notícias comuns aos quatro jornais.

9 de maio (cf. Anexos 7.28 e 7.29)

POVO

M: PM rechaçada a bala em Santa Teresa
Su: Traficantes, entrincheirados no alto do Morro dos Prazeres, impedem polícia de ocupar a favela

DIA

Ti: Prova de Fogo
Tf: Traficantes expulsam PM do morro dos Prazeres a tiros
Le: Terror

JB

Ti: Santa Teresa sob fogo cruzado
Su: A disputa pelo tráfico de drogas deixa os moradores em pânico
Le: Turistas descem do bonde e assistem à confusão envolvendo PMs e traficantes dos morros em Santa Teresa

GLOBO

Não publica a matéria na PP

Imagem

Cena de 10 policiais militares com as armas voltadas para baixo, em atitude de espera, e dois carros de polícia parados em frente à entrada para a favela dos Prazeres em Santa Teresa, em cuja esquina estão afixados vários cartazes da Prefeitura com propaganda sobre o Favela Bairro.

Imagem

Em primeiro plano um menino e uma mocinha correndo, descendo a rua que dá acesso ao morro e, ao fundo, dois policiais em posição de tiro mirando na direção contrária à dos meninos.

Imagem

Em primeiro plano, grupo de 6 turistas andando e observando o carro de polícia estacionado ao fundo, em frente a um ponto de ônibus onde há várias pessoas;
Detalhe de três policiais militares armados e em posição de tiro, mirando um alvo.

⁹ Apesar de todos os esforços junto ao jornal POVO do Rio, foi impossível obter as edições dos dias 3, 27, 28, 29, 30 e 31. Como não se trata de análise quantitativa, mas de estudo de tendências demonstradas pelas diversas marcas discursivas, não há propriamente prejuízo a ausência das referidas edições, uma vez que a amostragem obtida é suficiente para caracterizar as peculiaridades discursivas desse jornal em comparação com as dos demais estudados.

Em relação a esse acontecimento, no caso do JB, Santa Teresa é considerado um bairro nobre, uma vez que é ponto de atração turística, além de ser local de moradia de personalidades das artes, cultura e política. É interessante notar que, mesmo abrindo espaço para o objeto de sentido do campo do tráfico, no JB o acontecimento é o bairro de Santa Teresa, tornado tema e alvo do enunciado no título e, no âmbito do subtítulo, o foco é o estado dos moradores, expresso por meio da locução **'em pânico'**. Em uma das imagens, o tema é representado pelo grupo de turistas e, na outra, por três policiais em ação. As imagens intituladas de **'Violência'** enunciam a ação da polícia contra **'traficantes'**, que não têm visibilidade, em defesa dos turistas.

No DIA, o mesmo acontecimento, além da expressiva chamada – só possível de ser decodificada se relacionada à imagem – que dá visibilidade a dois moradores de Morro dos Prazeres fugindo do tiroteio e a dois policiais em ação, o enunciado do título representa o mesmo objeto de sentido: trata-se da **'guerra entre polícia e bandido'**. **'Traficantes'** é o tema agente, e PM o alvo. A legenda enquadra a cena sob a expressão **'Terror'**. A perspectiva do jornal popular é a dos moradores da favela, a do jornal de referência é a dos moradores do asfalto de Santa Teresa e a dos turistas.

No POVO, a chamada da notícia tem o estatuto de manchete em enunciado tematizando PM, em posição de alvo de verbo modalizado por passivização com o apagamento do actante agente, e Santa Teresa passa a circunstancializador espacial. No enunciado do sobretítulo, o conteúdo da manchete é reformulado e fica explicitado o actante agente que passa a tema. A imagem reproduz o conteúdo dos dois enunciados. Nesse jornal, a perspectiva é da polícia contra os traficantes não visíveis e entrincheirados no morro, cujos moradores são reféns dessa guerra.

Os enquadramentos são diferentes, o objeto de sentido é o pânico, a violência e o terror. No jornal popular, a metáfora da guerra representa o conflito entre policial e traficante, por meio de vocabulário e das imagens. No jornal de qualidade, as imagens tematizam os turistas espantados e os policiais em ação.

16 de maio (cf. Anexos 7.35 e 7.36)

JB

Ti: Tiroteio mata 5 em Copacabana

Tf: Força e instinto

Le: Enquanto PMs atiram para o alto do morro, a mãe protege a filha e foge da creche

Imagem

GLOBO

M: Moradores da favela fecham ruas e param Copacabana

Su: Manifestação, que resultou em cinco mortos, começou após ação da PM

Le: Violência na boca do Túnel Sá Freire Alvim: moradores, inclusive crianças, apedrejam um ônibus na Raul Pompéia.

Le: Na rua Sá Ferreira, perto de um dos acessos ao Pavão-Pavãozinho, manifestantes tentam virar um automóvel

DIA

M: Guerra em Copacabana

5 mortos

Tf: Tráfico obriga moradores de três morros a fechar ruas em protesto contra ação da PM em favela

Le: Moradores do Pavão-Pavãozinho se uniram aos do Cantagalo para fechar o trânsito. A PM deu tiros para o alto.

POVO

M: Guerra campal em Copacabana

At: PM sobe o Pavão-Pavãozinho e mata cinco. Comunidade reage fechando ruas da zona Sul.

Em primeiro plano, mulher com filha pequena no colo correndo, em segundo plano policiais armados correndo em direção oposta.

Imagem

Cena de mulheres e crianças apedrejando ônibus que sai do túnel empurrando caçambas de lixo que serviam de barreira.

Cena de rapazes tentando virar um automóvel, em primeiro plano, e, em segundo, fotógrafos e transeuntes observando.

Imagem

Em primeiro plano, cinco policiais em movimento de afastamento de uma mulher, que, segurada por outras, se lança contra eles. Em segundo, carros saindo de túnel na direção do grupo.

Imagem

Em primeiro plano, muitas caçambas da Comlurb deitadas formando barricada em rua, de onde, em segundo plano, muitas pessoas estão observando algo que acontece antes da barricada.

Os jornais populares usam a metáfora da guerra para enunciar o conflito entre moradores de favela e a polícia. A versão da guerra é diferente para os jornais de qualidade.

Para o JB, o acontecimento foi um 'tiroteio' em Copacabana, bairro da zona sul. Para o GLOBO, foi a manifestação de 'moradores de favela'. Nas imagens, o sensacionalismo, explorando o emocional e o pieguismo, envolvendo crianças, é acentuado no JB, que, curiosamente, reproduz a mesma enunciação feita pela imagem do DIA em relação à notícia do dia 9 de maio. O DIA, por sua vez, nesse dia 16, apresenta uma imagem em que os atores são os policiais e os moradores em pleno conflito, tematizando a "guerra".

No GLOBO, são apresentadas duas imagens, nas quais se vêem apenas os 'moradores da favela' atuando violentamente contra ônibus e automóveis. E, no POVO, o que se vê são os moradores atrás de trincheira formada por caçambas de lixo em atitude defensiva de algo, a polícia, que os ameaça e que está fora do campo visual. O objeto de sentido é o mesmo. Os enquadramentos são diferentes, pois endereçam-se a segmentos diferentes da recepção.

26 de maio (cf. Anexos 7.37 e 7.38)

JB

M: Dia de violência amedronta o Rio

Su: Bandidos aterrorizam favela, policial mata assaltante na Gávea e menor é morto em ônibus

Tf: Desespero

Le: Homem grita segurando sua filha, ambos reféns no barraco da Favela Nova Holanda

IMAGEM

Close, em tamanho grande, de morador gritando abraçado à filha com expressão de medo, atrás de grades de uma janela em um barraco.

GLOBO

M: Traficantes fazem família refém em guerra na favela

Su: Polícia é aplaudida ao chegar à Nova Holanda e consegue rendição e bandidos

Le: Refém, Eduardo, com a filha Andruza, pede que a polícia não atire.

Le: Policial mira a janela da casa invadida pelo traficante do Timbau.

Le: Após onze horas como refém, a família deixa a casa, tendo atrás o advogado dos traficantes e um policial.

IMAGEM

Close, em tamanho pequeno, de morador gritando abraçado à filha com expressão de medo, atrás de grades de uma janela em um barraco.

Detalhe de policial mirando janela onde refém está

Close da família seqüestrada deixando o local acompanhada do advogado e de um seqüestrador.

DIA

Tf: 11 horas de Terror

Tf: quatro bandidos mortos, sete presos, dois PMs feridos e uma família refém

Ct: "Minha filhinha chorava e gritava: mamãe, eu vou morrer."

IMAGEM

Close de quatro policiais mirando a janela em que o refém estava, que é apresentada em detalhe ao alto na imagem central. Vê-se o refém gritando e com o braço estendido para fora da grade da janela.

POVO

M: Terror na Nova Holanda

An: Guerra entre Comando e Terceiro Comando explode no Complexo da Maré

IMAGEM

Primeiro plano de rua da favela com multidão e policiais

Primeiro plano de 9 policias protegidos atrás de postes em posição de tiro

Jurandir Freire (2000) sintetiza com muita propriedade essa tensão social, a que a mídia não pode deixar de dar visibilidade:

A imagem da realidade social, uníssona na aceitação de uma mesma visão de mundo, tem algo de verdadeira. O desastre histórico dos regimes totalitários de esquerda reuniu povo e elite em torno de idéias neoliberais, fortemente defendidas e difundidas pelos meios de comunicação. As elites desfrutaram de uma tranquilidade ideológica que não tinham antes. Livres da oposição política de esquerda, dos combates dos sindicalistas e da contestação de jovens e intelectuais, elas, por fim respiram. Tudo parece em ordem, na paz do mercado do consumo. O desemprego, o aumento da miséria a decadência da vida urbana ou a situação do campo e dos sem-terra são definidos como etapas infelizes porém provisórias no inevitável e correto rumo do desenvolvimento. (...)

Da mesma forma que, para as elites, a vida dos mais pobres não têm nenhum valor, para o *lumpen* das cidades a vida dos privilegiados tornou-se mero objeto de barganha. A massa de pivetes assaltantes, bandidos de aluguel, seqüestradores e traficantes de cocaína vê nos "ricos" apenas consumidores de droga ou corpos que podem ser friamente assaltados, estuprados, seqüestrados e assassinados em troca de dinheiro. A sociedade brasileira tornou-se uma réplica dos piores momentos das sociedades ocidentais. (pp.82 e 84)

Os traços lingüísticos se reproduzem: terror, desespero, violência. O GLOBO, entre os quatro, é o jornalismo mais *light*, tanto no nível dos enunciados quanto no nível das imagens. Na edição do dia 26, ao privilegiar, em tamanho maior, a cena em que a família refém deixa o cativo acompanhado do advogado do seqüestrador, inscreve o enunciado na ordem dos discursos do restabelecimento da lei e da justiça. O detalhe do refém com a filha, apesar de ser uma fotografia diferente da que foi publicada em tamanho grande, a única, no JB, é uma tomada, provavelmente com diferença de segundos, da mesma cena – do homem segurando uma criança, gritando e acenando para fora da janela em sinal de pedido de socorro. Essa mesma cena, também, provavelmente, com diferença de segundos entre as tomadas feitas pelo JB e GLOBO, é reproduzida no DIA, apenas com a presença do homem.

Essa coincidência da seleção da mesma cena pelos três jornais é um exemplo eloqüente desse traço da estratégia sensacionalista, por meio das imagens, contaminando os jornais, independentemente da classe a que se destinam. A assinatura diferente dos fotógrafos indica serem fotos diferentes. A escolha da mesma cena para ser publicada na PP indica o uso pelos jornais da mesma gramática enunciativa ao tratar de tema relativo à violência, conseqüente do conflito social, que é metaforizado, principalmente pelo POVO, como 'guerra'.

Essa lógica me parece ser determinante. A imagem é metafórica da situação em que sem encontram as comunidades residentes nos bairros periféricos e nos morros da

cidade do Rio de Janeiro. Por mais que o GLOBO tematize nos enunciados das manchetes que a confusão é de responsabilidade dos moradores da favela ou que a 'guerra é na favela', o que não deixa de corresponder a parte da realidade, o transbordamento para as PPs da mesma imagem atesta a guerra social que faz reféns no asfalto, no morro, no Rio de Janeiro. O terror do seqüestro do 174 não é isolado. Ele resulta de práticas sociais já constantes em segmentos da sociedade excluídos dos sistema hegemônico, tendendo a um acirramento cada vez maior.

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. (ibidem, p.14)

Não é meu objetivo neste trabalho discutir as causas dessas manifestações e expressões de reação, que geram conflitos sociais e põem em cena a corrupção, a impunidade e todo o despreparo e ineficácia da polícia. Tudo isso decorre certamente da mesma dinâmica social que resulta do despreparo e da ineficiência das outras instituições públicas, sobretudo, as de representação política.

O caminho de construção de uma ordem democrática no Brasil tem encontrado resquícios – ainda não tão resquícios – do autoritarismo, do arbítrio e da violência que imperaram durante décadas – na ditadura do Estado Novo (37 a 45), na experiência democrática ainda com heranças autoritárias do Estado Novo (45 a 64), principalmente na legislação trabalhista da ditadura e nas instituições políticas; na ditadura militar (64 a 85), as práticas aterrorizantes do arbítrio e da violência. Hoje a criminosa exclusão social resultante do sistema político-econômico agravou as injustiças e contradições sociais e é caldo de cultura, seja do lado do sistema dominante, para as diferentes formas de violência e marginalização, seja do lado dos segmentos que fazem do narcotráfico o mercado de 'trabalho' dos, cada vez em maior número, excluídos pelo sistema neoliberal.

Outrora, a lógica que armava os grupos que se opunham a ordem hegemônica do capital era a de um ideal por uma sociedade mais justa e mais igualitária, hoje é a lógica do capital que financia o armamento a arremedos de 'exércitos', dirigidos por 'inominados', que gozam do poder político e financeiro, e por 'inomináveis' do submundo das rotas do narcotráfico, vitimando a sociedade como um todo.

Desses, apenas ficamos conhecendo alguns dos inomináveis atores do mundo do tráfico pelos jornais populares, por meio dos nomes próprios ou das alcunhas por que são conhecidos, como também algumas das organizações que controlam o negócio nos morros do Rio de Janeiro.—, *My Thor*, *Beira-Mar* e *Celsinho Vintém Carlinhos*, *Pará*, *Escadinha*, *UÊ*, *Marcinho VP* e *Fernandinho*, e as organizações *Terceiro Comando*, *Comando Vervelho (CV)* e *Amigos dos Amigos (ADA)*. Desses nomes, apenas *Beira-Mar* e *VP* freqüentaram as PPs do GLOBO, e, mesmo assim, não como temas agentes nos enunciados, mas como alvos de ações punitivas, como **Traficante que ajudou VP é preso no Rio e Cúmplice do Beira-Mar é preso**, nos dias 6 e 31 de maio, respectivamente, no GLOBO. No JB, a referência é feita por meio do genérico ‘traficante’, também como actante não agente: **Traficante pode ficar sem 97 bens; Josias ordena combate total a traficantes**, nos dias 6 e 10 de maio, respectivamente, numa representação da tentativa poder enunciar a contenção da ação do narcotráfico.

No DIA, os enunciados – **Fita de vídeo pode aumentar pena de ‘VP’ (1); Preso ‘My Thor’ (3); Beira-Mar tem 30 imóveis e 36 contas (9); PMS emprestam até camburão para a segurança de traficante (7); Traficantes expulsam PM do morro dos Prazeres a tiros (16); Beira-Mar abastece Miami de cocaína (11); Igreja ajuda ‘Beira-Mar’ a lavar dinheiro; Microcâmeras vai vigiar traficantes nos morros**; – representam as diferentes relações de poder entre os traficantes e outros atores da sociedade, demonstrando a vitalidade do negócio.

Por outro lado, no JB tem-se notícia dos inominados: **Apoio de políticos facilita ação de traficantes no Rio**, dia 28 de maio; **Cabral exige nome de quem apóia tráfico**, dia 30 de maio, no JB, e, no GLOBO, **Traficante morto serviu no Exército**, dia 17 de maio. A leitura que faço dos jornais me leva a relacionar a essas notícias às chamadas que percorreram as PPs do JB e do O GLOBO, no mês de maio, sobre a repressão na ditadura militar e a Operação Condor (cf. capítulos 2 e 3).

Como pôde ser verificado no quadro das manchetes, seção 2.3.1, o assunto Condor teve visibilidade durante vários dias, o que fala pelo projeto editorial do JB, sempre buscando nichos de assuntos que agradem os seus leitores desejosos de ver o restabelecimento das instituições democráticas no Brasil, conforme atesta trecho da entrevista com o editor desse jornal:

Curiosamente, eu vinha hoje conversando com o Editor chefe, e disse para ele assim “E quando acabarem as denúncias no Brasil, que jornal a gente vai fazer?” Pois é, e tal, mas no Brasil, vai demorar, vai demorar. Há pressão do leitor nesse sentido. Há tanta, que eu acho que a **Folha** pressionada por isso criou uma chamadinha de PP chamada “Boa notícia”, ou coisa parecida. Você vê que não é uma coisa nova. Eu acho que o **GLOBO** tem uma preocupação em tentar dar coisas mais positivas que o **JB**, mas eu acho que eles não escapam muito dessa regra não. Eu acho que a gente talvez tenha um leitor, um conjunto de leitor mais politizado, capaz de entender isso. Eu me permito a encomendar um artigo, para dizer o que foi a sede do DOPS transformada em arquivo, que para nossa memória não existe nada. É uma função que eu acho que a gente tem que fazer. Do ponto de vista de sucesso, não é nenhum. Tem o leitor do **JB**, uma parte do leitor que fica feliz com isso e tal. Mas do ponto de vista de venda, de atração dos jovens e tudo, aquilo não funciona. A gente pode fazer isso aqui.¹⁰

4.2 “A VERDADE DO 174” – POVO (14 de junho de 2000)

Não se pense, no entanto, que a ‘contaminação e o transbordamento’ se dê somente em uma direção: dos jornais sensacionalistas para os de credibilidade. O contrário também ocorre.

Voltando mais uma vez ao seqüestro do 174, as edições do dia 14 de junho, em mais um dia em que 4/5 das PPs são tomados pelo caso, todos os quatro jornais, mais uma vez, manchetaram o seqüestro, construindo outro objeto de sentido: a verdade sobre as mortes da refém e do seqüestrador.

O POVO, com um dia de atraso, publicou as imagens já exibidas na véspera pelos outros jornais, claramente traindo as injunções dessa empresa jornalística que não dispõe dos mesmos recursos humanos e materiais para competir em igualdade de condições com os demais. Mesmo assim, a manchete do POVO, **A VERDADE do 174**, dois dias depois do dia em que aconteceu o seqüestro, já sintetizara o conteúdo das manchetes dos outros jornais, numa clara ilustração da dinâmica que caracteriza o campo midiático.

O POVO entrou na concorrência e rendeu-se à hiper-lógica da mídia: os jornais de credibilidade são seqüestrados pela lógica da violência – o sensacionalismo –, que é

¹⁰ Editor do JB, Apêndice 8.7.1

seqüestrada pela lógica do espetáculo que domina a mídia, à qual o jornal popular e sensacionalista capitula enfim. Aquilo que o POVO noticia diariamente, de forma já sensacionalista, foi hiper-sensacionalisticamente noticiado pelos demais jornais, retornando ao POVO num novo registro: o do espetáculo.

O espetáculo põe em suspenso o que é a verdade. Faz-se necessário que a própria mídia recrie a verdade dos fatos. A mídia cria e recria o real continuamente, em nome do seu compromisso ético com a verdade, com o propósito de permanecer em evidência no mercado de concorrência.

JORNAL DO BRASIL (cf. Anexo 7.24)

T: Que Polícia é essa? PM provocou morte de refém e assassinou bandido

Su: Governador critica policiais, demite comandante e prende guarnição

O GLOBO (cf. Anexo 7.25)

T: Sucessão de absurdos

Su: Primeiro tiro em Geisa foi da polícia; Bandido não levou um tiro sequer; Policiais estrangulam seqüestrador no camburão

O DIA (cf. Anexo 7.26)

T: Policial acertou refém na cabeça e bandido foi asfixiado no camburão

An: Garotinho demite comandante-geral da PM e prende cinco soldados do BOPE

POVO do Rio (cf. Anexo 7.27)

M: A VERDADE DO 174

Su: Tanto o seqüestrador quanto a PM mataram a refém Geisa Firmo Gonçalves, grávida de dois meses

O seqüestrador Sandro do Nascimento foi espancado e morto por estrangulamento no camburão

Demitido o comandante geral da Polícia Militar. Os PMs que mataram o bandido já estão presos.

Diferentemente do POVO, que reproduz imagens já conhecidas, os outros três jornais acompanham a manchete com novas imagens apelativas à emoção e piedade dos receptores. O JB, num trabalho bastante estetizado, reproduz em seis imagens pequenas, três de cada lado, as cenas principais dos episódios do acontecimento, e, ao centro, em tamanho maior, sob o título **A Pergunta**, um detalhe do local onde Geisa morreu, ornado com flores e marcado por um cartaz em que se lê: **Geisa no céu, Sergio no inferno e a polícia?** O jornal devolve a pergunta **Que polícia é essa?** ao receptor. É parte da sua missão exercer o controle das instituições sociais, mas os modos discursivos pelos quais cumpre esse papel são eletivos.

O GLOBO também edita imagem do mesmo local, só que de ângulo e distância que dão visibilidade, além das flores, a aglomerado de pessoas observando a homenagem. Acompanham duas imagens retratando uma das reféns sorridente, sendo beijada pelo pai, e uma foto de Geisa em seu trabalho na Rocinha. O enunciado implícito pelas imagens permite inferir-se a comparação entre as duas jovens, e a inconformidade em aceitar-se que uma jovem inocente – como a outra que está sendo recebida pelo pai – tenha de pagar com a vida pelo absurdo dos erros cometidos pela polícia.

O DIA, também reproduz a cena da refém sendo baleada pela polícia, com o requinte de circular o local na cabeça da refém em que a bala entrou; mostra, de outro ângulo e em tamanho menor, a mesma cena mostrada pelo JB e pelo GLOBO do local da morte, e, em tamanho grande, fotografia de corpo inteiro da Geisa sorrindo, com a seguinte legenda: **Alegria antes do fim. O sonho de ser mãe durou pouco. “Ela estava superfeliz”, diz uma amiga. A professora, 20 anos, saíra para ir ao banco. Ela dava aulas de artesanato na Rocinha. Era adorada pelas crianças. Abaixo são mostradas três imagens de três sobreviventes sorrindo, dois dos quais acompanhados de familiares.**

Transformar em notícia a tristeza dos parentes e amigos das vítimas dos sinistros que se tornam públicos é a estratégia cada vez mais presente na mídia. Não se pode mais restringir esse dispositivo à imprensa sensacionalista, pois essa prática na mídia de explorar aspectos da vida privada de personalidades públicas, bastante produtiva no jornalismo televisivo, nos jornais de credibilidade pode ser verificada no investimento que é feito nas imagens de familiares de personalidades públicas em notícias sobre os mais variados assuntos.

O jornalismo sensacionalista sempre existiu. A novidade é a tentativa de fazer crer que se trata de algo sério. O esforço legitimador termina sempre em sonantes gargalhadas. (Silva, 2000, p.34)

Um exemplo dessa tendência para o tratamento sensacionalista foi o tratamento dado pelo JB, no dia 14 maio (cf. Anexos 7.32), à internação do Governador do Rio de Janeiro, retratando cena em que a sua esposa rodeada de amigos e parentes rezava do lado de fora do hospital enquanto aguardava o resultado dos exames do marido, em confronto com o tratamento dado pelos demais jornais. No JB, a imagem está antecedida pelo seguinte enunciado que é manchete: **Garotinho deixa hospital hoje, e**

com a seguinte legenda: **Rosinha Matheus disse que Garotinho leu trechos da Bíblia e que ele se internou 'só para um check-up'**. O agenciamento da fé e da religião, o título mais importante, a manchete, e o espaço ocupado pela imagem, falam pelo tratamento sensacionalista do fato.

O GLOBO, no dia 15, com um dia de atraso, publica foto do governador abraçado à esposa, ambos sorrindo, dentro de um carro, sob o título: **Alívio: Garotinho recebe alta de clínica**, já num enquadramento mais próximo do do JB, em que a estratégia de envolvimento de familiares e de exploração dos aspectos melodramáticos das situações se faz presente. O DIA, também no dia 15, publica foto, tirada em momento diferente da do GLOBO, mas na mesma situação: vê-se o governador osculando sua esposa na testa, sob o título **De volta ao lar: Garotinho tem alta e já está trabalhando**. A expressão 'de volta ao lar', estabelece um enquadre semelhante ao feito pelo adjetivo 'alívio'.

O POVO, considerado o mais sensacionalista, no mesmo dia, publicou uma foto do governador, com o dedo em riste segurando uma caneta, sob o título: **Garotinho tem alta e vai para casa**. O jornal foi o mais referencial e objetivo, tanto no que respeita ao enunciado, quanto em relação à imagem, contrariando, assim, as expectativas de emprego, por parte dos jornais populares, de estratégias sensacionalistas.

No JB, outro exemplo de uso da imagem com efeito sensacionalista refere-se à imagem é a imagem sobre o tema Dia das Mães, na edição de 14 de maio (cf. Anexo 7.33), mostrando um menino de rua dormindo na calçada por onde transeuntes passam indiferentemente, intitulada **Dia sem mãe**. Uma leitura possível para essa seleção de imagem vai no sentido de interpretá-la como denúncia do abandono em que vivem milhares de crianças em nossa sociedade, mas uma denúncia feita por meio de um recurso sensacionalista que atua diretamente sobre a percepção emocional dos receptores. Em confronto mais uma vez com o jornal POVO, que publicara uma imagem de pessoas formando fila em frente a uma churrascaria, sob o título: **Fila marca Dia das Mães nos restaurantes, a imagem do POVO é mais referencial e objetiva**. Trata-se, sem dúvida, de uma clara representação do anseio do público-alvo desse jornal de poder subverter a ordem do seu cotidiano, e as filas não serem mais pela procura de uma vaga para emprego. O lide dessa chamada: **PMs tiveram outra missão ontem, nas ruas: distribuir flores para as mães no Rio**. 'Outra' em clara relação de

intertextualidade e interdiscursividade, faz ecoar os textos e os discursos que retratam diariamente nas PPs desse diário a saga dos moradores e das comunidades dos morros e dos bairros da periferia da cidade em freqüente confronto com a polícia, que no lugar de flores distribui tiros.

O GLOBO e o DIA aproveitam a oportunidade do dia e homenageiam a rainha do espetáculo: a Xuxa. Afinal, como diz Silva (2000),

Na terra onde não existe pecado, Xuxa concilia os opostos e brilha como a sensual recatada: aguça o erotismo das crianças, libera as fantasias dos adultos e encarna os valores da família. (p.52)

Seja qual for a interpretação para os enunciados veiculados pelas imagens e textos lingüísticos, o que não pode ser negado é o uso do dispositivo sensacionalista pelo JB e o uso do dispositivo da objetividade e da referencialidade pelo POVO, ao tratarem de assuntos que já prevêm, na gramática enunciativa da mídia, abordagem com ênfase, por tratar-se um de doença de personalidade pública, e outro do dia representativo do 'amor' mais ocidentalmente unânime.

Não estou querendo dizer, contudo, que o POVO não use e abuse do sensacionalismo, que, afinal é peculiaridade sua por Direito adquirido. A diferença é que no POVO tal estratégia é constitutiva de sua gramática, que, conforme vimos no capítulo 3 e neste, contém também a forma da objetividade. Para ilustrar o feitio sensacionalista por excelência no Povo, vou me referir à notícia que freqüentou as PPs no dia 5 de maio de 2000: no JB (cf. anexo 7.16), em chamada na coluna 5, parte D, em título de três linhas, sem qualquer recurso de ênfase, **Sandra Bréa morre de Aids aos 47 anos**; no GLOBO (cf. Anexo 7.17), em chamada na parte C, coluna 1, sob título da rubrica 'Obituário', vê-se close de rosto da Sandra Bréa rindo, **Sandra Bréa, atriz, morre no Rio aos 48 anos**; no DIA (cf. Anexo 7.18), em chamada na parte A, colunas 1 e 2, foto intitulada **Câncer mata Sandra Bréa**, em que se vê meio corpo da atriz sorrindo com as mãos em posição de oração, seguida de legenda-lide, em que se lê: "A atriz, portadora do vírus da Aids, tinha 47 anos e fez sua última novela Zaza, em 97. Desde o casamento do filho adotivo, há três anos, morava sozinha, em Jacarepaguá. O câncer no pulmão foi descoberto pelos médicos no fim do ano passado"; no POVO (cf. Anexo 7.19), com a página branca de fundo, foto da atriz de corpo inteiro, vestida apenas com mantô aberto na frente, em pose glamourosa, ocupando 4/5 da página, como

se estivesse em terceira dimensão, lêem-se a manchete, em letras garrafais e sublinhada, **Aids mata Sandra Bréa**, e o subtítulo **Atriz morre aos 47 anos de parada respiratória**, seguidos de lide, em que, depois de breve resumo da história da doença, há informação sobre o enterro.

Esse caso ilustra muito bem a gradação em escala crescente que vai do jornal de credibilidade, o JB, passando pelo ainda de referência, o GLOBO, e pelo popular, O DIA, e chegando ao sensacionalista por excelência, O POVO. Comentários sobre o grau maior de informação e de objetividade entre os quatro jornais com base nos enunciados escritos poderiam ser feitos e se verificaria que, apesar do sensacionalismo da foto e da manchete, o POVO, contraditoriamente é o mais referencial, apesar das interpretações que se abrem para a leitura da manchete como uma condenação. No entanto, interessou-me mostrar, sobretudo, que há maneiras e maneiras de se fazer sensacionalismo, e cada uma delas, tem um sentido, a partir da articulação feita com a prática social em que se insere o discurso produzido.

Essas são mais algumas ilustrações de que o sensacionalismo não é mais uma estratégia discursiva peculiar apenas dos jornais populares, mas, em tempo de concorrência acirrada entre as mídias, em que há assuntos que só são vendáveis se bem envolvidos, o sensacionalismo passa a ser dispositivo extremamente eficiente.

Quando o acontecimento irrompe na PP dos jornais, ele já vem envolvido na forma do gênero enunciativo de que deriva da ordem primária dos discursos. O acontecimento irrompe na PP e rompe com o estilo objetivo: os jornais de referência são seqüestrados pela ordem discursiva que dá corpo ao acontecimento. E, mais que isso, 'o real' fura as barreiras discursivas que contêm os jornais de qualidade e se derrama sobre a PP. É a lógica do acontecimento que carrega na sua enunciação a lógica que não pode e não deve ser enunciada nos jornais de qualidade. É o sensacionalismo, na sua mais pura expressão, seqüestrando os jornais de credibilidade.

O medo, o terror, o desespero e o pânico são sentimentos cada vez mais presentes em nossa sociedade. Sabemos que vivemos uma mudança profunda, que não é apenas tecnológica, mas abrange todas as esferas da vida social, cujas alarmantes manifestações – a violência urbana, as depressões econômicas, o desemprego e o desamparo dos segmentos rurais da sociedade – se refletem nos modos como os

discursos sociais representam essa nossa realidade. Uma realidade transformada freqüentemente em verdadeira crise, nos leva a cada vez mais sermos tomados pelo pânico diante das situações de luta e de manifestação do limite de suportabilidade desse estado de coisas.

Poesia, minha tia, ilumine as certezas dos homens e os tons de minhas palavras. É que arrisco a prosa mesmo com balas atravessando os fonemas. É o verbo, aquele que é maior que o seu tamanho, que diz, faz e acontece. Aqui ele cambaleia baleado. Dito por bocas sem dentes e olhares cariados, nos conchavos de becos, nas decisões de morte. A arcia move-se nos fundos dos mares. A ausência de sol escurece mesmo as matas. O líquido-morango do sorvete mela as mãos. A palavra nasce no pensamento, desprende-se dos lábios adquirindo alma nos ouvidos, e às vezes essa magia sonora não salta à boca porque é engolida a seco. Massacrada no estômago com arroz e feijão a quase palavra é defecada ao invés de falada.

Falha a fala. Fala a bala. (Lins, 1997 P.23)

8 CONCLUSÕES

Como acontece com muitos estudos, este também partiu de uma espécie de intuição, de que havia muito a se dizer das cotidianas aglomerações diante das bancas de jornais, das sensações que nos vêm quando, de manhã, nosso olhar, às vezes temeroso, às vezes desprevinido, encontra, no chão a metade superior da primeira página. Numa perfeita metonímia, ali pode estar o nosso dia, o nosso ano, a nossa vida...

O próprio objeto de estudo – a primeira página dos diários – foi se delineando concomitantemente com o percurso investigativo. Quando ingressei no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação Social da UFRJ, pretendia traçar um roteiro de viagem que me permitisse estudar os discursos sociais. Feitas as malas – leituras e os créditos nas disciplinas cursadas –, ‘peguei carona’ em alguns postulados teóricos e conceituais das análises dos discursos para descrever e mapear alguns pontos de passagem nos textos das primeiras páginas dos jornais que, eu pressentia, revelam as tramas dessa malha discursiva. Fui atropelada, juntamente com toda a sociedade, pelo ‘174’.

O horror que nos imobilizou, nos paralisou, a sensação, no dia seguinte, de que as diversas primeiras páginas se haviam tornado filmes de terror acabou me empurrando de vez para este mergulho no estudo da sintaxe, dos pressupostos, das intenções das primeiras páginas. O estabelecimento da amostragem teve, pois, como ponto de partida a explosão do acontecimento do 174 nas primeiras páginas dos jornais. A partir dessa verbosidade discursiva, constitui o corpus com as edições dos quatro jornais dos meses de maio e junho de 2000. O objetivo era captar e descrever, com base numa sequência mínima dos jornais, as regularidades da produção noticiosa e as características textuais e discursivas que conferem identidade a cada diário, para tentar explicar o apagamento dos contornos da sua singularização no mercado midiático.

Essa descrição teve como base alguns pressupostos: 1) a mídia, um dos campos de força que constituem a formação da sociedade, é produtora e veiculadora de discursos que se originam dos conflitos e das contradições sociais e que, por isso, são efeito de processos complexos de transformações e mudanças; 2) veículos de comunicação que se utilizam das mesmas matérias significantes produzem diferentes discursos em função de seu público-alvo e/ou em função do universo de concorrência em que se inserem; 3) veículos de comunicação precisam desenvolver estratégias que

permanentemente conquistem a fidelidade do segmento da sociedade ao qual se destinam, garantindo assim sua permanência no mercado da comunicação; 4) a produção discursiva das notícias, em função da diferenciação socioeconômica de seu público-alvo, concorre para a produção e reprodução da estratificação social; 5) a análise dos discursos constitui-se em método privilegiado para a análise e interpretação dos discursos sociais em sua relação com a prática social; 6) o 'sensacionalismo' é usado como estratégia de marketing nos jornais populares, em contraposição ao compromisso com a objetividade dos jornais de qualidade, que, em virtude disso, gozariam de maior credibilidade.

Tais pressupostos configuram o funcionamento discursivo da mídia como uma rede, por meio da qual impõe-se ao mundo uma interpretação hegemônica dos acontecimentos e, sobretudo, a própria forma do acontecimento. Os procedimentos analíticos e interpretativos adotados visaram ao reconhecimento das posições dos sujeitos discursivos, com vistas ao reconhecimento dos discursos ideológicos, os da ordem hegemônica e aqueles que apontam para uma ordem contra-hegemônica.

Com base nos postulados teóricos da análise dos discursos, estabelecidos no capítulo 1, segui o princípio de comparação – os discursos se singularizam e se especificam fundamentalmente através das relações de sentidos atualizadas na sua interação –, e o da invariância temática – a garantia da constância temática permite o reconhecimento de estratégias discursivas particulares a cada jornal sem misturá-las com estratégias que sejam determinadas pela natureza do assunto ou do tema –, analisei e interpretei, principalmente, os seguintes conjuntos de aspectos nos enunciados verbais e nas imagens.

- no capítulo 2, com base nas primeiras páginas, (a) o título principal – o nome do jornal –, o vocabulário designador das unidades culturais e das categorias-assunto do jornal, que estão inscritas no meio cultural a que o jornal pertence; b) o preço de cada diário e as estratégias promocionais empregadas para seduzir o leitor; (c) a predominância de chamadas por editoria e por tema na caracterização dos jornais de qualidade e dos populares; (d) a hierarquia das chamadas, por meio de recursos de diagramação e de seleção de imagens, que refletem a representação que o enunciador tem do seu leitor;
- no capítulo 3, com base nas chamadas sobre movimentos sociais, (a) as estratégias discursivas, nos modos de interagir e de seduzir os receptores, por meio das quais são constituídos os objetos de sentido, os discursos hegemônicos e contra-

hegemônicos representativos de constantes lutas sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas;

- no capítulo 4, com base nas primeiras páginas sobre o seqüestro do 174, (a) a determinação da televisão na produção noticiosa da mídia impressa, (b) a contaminação das estratégias sensacionalistas usadas nos modos de anunciar, enunciar, pronunciar e denunciar, como marketing no universo de concorrência inter-mídias; (c) a irrupção na mídia de qualidade do universo social de parte dos segmentos constitutivos do público-alvo dos jornais populares.

Assim chegamos, na caracterização dos quatro jornais, ao reconhecimento de algumas marcas discursivas que representam os efeitos de tendências de mudanças nas relações de força da sociedade:

- JB e GLOBO se diferenciam do DIA e do POVO, quanto ao preço, à priorização de assuntos da editoria País, à tematização de acontecimentos do universo político, e quanto ao vocabulário, que atualiza as noções que recortam o universo referencial, por meio de atitudes enunciativas de denúncia, crítica e questionamento, ao priorizar os modos argumentativos e avaliativos nos relatos dos acontecimentos.
- O GLOBO se aproxima do DIA e do POVO quanto à utilização de estratégias promocionais, a veiculação de notícias de serviço e o investimento em imagens e notícias sobre a televisão;
- O DIA se distingue dos demais pela construção de notícias em verdadeiros pacotes semióticos – em que enunciados e imagem se integram constituindo uma unidade significativa – e por assumir a atitude de anúncio dos acontecimentos, num registro de língua próximo do oral e coloquial, por meio de frases feitas, clichês, citações e de modos diretivos de linguagem, criando um simulacro de simetria entre receptor e emissor;
- O Dia e o POVO se distinguem dos outros dois pela priorização da editoria Cidade e pela inclusão da editoria de Polícia, e de outras temáticas, como religião, por exemplo, que retratam aspectos da prática social dos segmentos que integram o seu público-alvo;
- O POVO se distingue dos três outros, por investir mais na editoria de Polícia e menos na de Esporte e por dar visibilidade às vicissitudes das comunidades vitimadas pelo submundo do narcotráfico – temas tráfico, violência e comunidade –,

atualizando muitas vezes traços lingüísticos do registro oral, coloquial, por meio de gírias, de 'desvios da norma culta' e dramatizando os fatos noticiados, num modo narrativo e descritivo, que aproxima o mundo noticiado do da cotidianidade experienciada pelos segmentos que constituem o seu público-alvo;

- *Jornal do Brasil, O Globo, O Dia e o Povo do Rio* se aproximam ao utilizarem os temas do entretenimento, incluído aí o tema dos olímpianos, e dos esportes como estratégia de marketing para garantir sua fatia no mercado publicitário e por assumirem estratégias discursivas sensacionalistas que, contraditoriamente, funcionam como instrumento de visibilização dos conflitos sociais – temas movimentos sociais, violência e tráfico –, uma vez que dão visibilidade (não diretamente coercitiva) do controle social, o que, em última instância, é resultado dos efeitos perversos da transparência comunicativa.

A determinação dos discursos midiáticos e publicitários sobre as práticas sociais está em jogo, tanto para os jornais ditos 'de banca' como para os 'de assinatura', quando se estuda a PP dos jornais: não escapam da imperiosa necessidade de seduzir o leitor, lançando mão de estratégias discursivas que preferencialmente atuam causando sensação, por meio de efeitos que causem surpresa ou grande impressão, devidas a acontecimentos raros, incomuns, espetaculares e formidáveis. Divulgando e explorando, nas matérias capazes de emocionar ou escandalizar, o que é sensacional, criam o espetáculo.

A certificação de maior ou menor credibilidade e confiabilidade a cada diário decorre de fatores nem sempre aferíveis no nível dos textos e enunciados materializados nas PPs. A rede de informações, complexamente constituída por diversas fontes situadas em diferentes escalas de prestígio e poder político, social e econômico, detém a responsabilidade por parte das "verdades" divulgadas pelos jornais. O mercado publicitário, por sua vez, força o enquadramento dos discursos na direção da informação mais rentável.

Os movimentos sociais, por mais que tenham visibilidade no âmbito temático, não encontram na mídia, em geral, ecos e *locus* para uma prática discursiva que afrente a ordem hegemônica. A mídia é um poder e como tal funciona pela seleção e pela exclusão. O selo da credibilidade parece, com base no estudo realizado, estar mais vinculado ao prestígio social de fontes e empresas jornalísticas e menos à objetividade e veracidade da matéria jornalística.

O poder da mídia está diretamente relacionado à capacidade de organização política dos atores sociais. A transformação da mídia e do mercado, no sentido de que certas formas ideológicas de contra-hegemonia ganhem força e atuem, integradas aos fenômenos de massa, está na proporção direta da ampliação e estruturação das organizações sociais de todos os tipos e da quantidade e qualidade de cidadãos críticos que a escola venha a formar. Isso é parte do sonho de construção de uma sociedade humana e justa.

“Arquitetos em sonhos, riscamos – somos riscados – o desenho do percurso diurno em cujo labirinto nos perderemos. E nosso traço é signo e liberdade, invenção sem constrangimento, galope infrene numa campina sem fronteira. Os pesos que nos achatam, os túmulos que nos encerram, as veredas e furnas por onde nos buscamos – tudo é invenção e liberdade. Uma casa sonhada é um abrigo onde as paredes somos nós, as portas e beirais são nosso segredo brotando de si – para si mesmo. Se estamos presos, soltos, alegres, vivos ou mortos – pouco importa. A casa é nosso corpo feito de cal, cimento e areias. Dentro de suas câmaras – e antecâmaras – o drama, a tragédia e a existência transcorrem como jogo, cujos menores caprichos nos revelam – porque são nossos ossos.

Assim, deslembados e alertas, falamos dos íntimos silêncios de carne, de que somos feitos. O sonho, com seu rosto eidético, é lâmina de significação que nos trespassa, de um lado a outro. Por isto, em sua materialidade, tem um peso de rocha – ou de destino. Acontece que nós, humanos, nas lajes do chão que nos suporta, somos signo e linguagem, enraizados no coração selvagem da vida. É dessa floresta, cheia de rumores confusos, que nos virá o alfabeto pelo qual vamos tentar a decifração do mundo. Um bloco de granito pode ser a matéria que vou talhar para, de seu tutano, extrair o barco de pedra que me levará ao naufrágio. Ou a lápide do meu túmulo, se me disponho a morrer em terra. Ou o monumento por cujo intermédio grito para o mundo minha utopia – ou minha revolta. Seja como for, leio o granito a partir do meu sonho, é este que o decifra – e o trabalha.”

(Pellegrino, p. 146, 147.)

6 Referências Bibliográficas

- ALMEIDA MAGALHÃES, João Paulo et al. (org.) *Vinte anos de política econômica*. Rio de Janeiro : Contraponto, 1999.
- ALVES DE ABREU, Alzira et al. *A imprensa em transição*: Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1996.
- AMARAL, Luís *Jornalismo Matéria de Primeira Página*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, INL, 1978.
- AQUINO, Rubin Santos Leão de et al. *Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais: da crise do escravismo ao apogeu do neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- AUSTIN, J. L. *Como hacer cosas con palabras*. Barcelona : Paidós, 1988.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas; as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- _____. "Heterogeneidade(s) enunciativas(s)", in: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 19. Instituto de Estudos da linguagem, Unicamp, 1990.
- AZEREDO, José Carlos de *Fundamentos de Gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2000
- BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BAHIA, Juarez *Jornal, história e técnica*. São Paulo : IBRASA, 1972
- BAKHTIN, Mikhail. *O Marxismo e a filosofia da linguagem*, São Paulo : HUCITEC, 1979.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1985.
- BASÍLIO, Margarida *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes Ltda., 1980.
- _____. *Teoria léxica*. ed. São Paulo: Ática, 1987
- BENJAMIN, César et. Al. *A opção brasileira*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1998a.
- _____. *Hélio Luz: um xerife de esquerda*. Rio de Janeiro : Contraponto : Relume – Dumará, 1998b.
- _____. et. Al. (org.). *Visões da Crise*. Rio de Janeiro : Contraponto, 1998c.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- _____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BERGER, Christina. "Em torno do Discurso Jornalístico" In: Fausto Neto, A & Pinto,

M.J.

(Orgs.). *Mídia e Cultura. Rio de Janeiro*, Diadorim/COMPÓS, 1996.

BERLO, David K. *O processo da comunicação*. São Paulo: Fundo de Cultura, 1960

BONDIM, Renata G. *Rio, a cidade partida pelo silenciamento espetacular da mídia: Estratégias discursivas na construção da imagem social do carioca e da cidade do Rio de Janeiro*. Mimeo. UFRJ, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas: O Que Falar Quer Dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. & EAGLETON, Terry. "A *doxa* e a vida cotidiana: uma entrevista. IN: ZIZEK, Slavoj. (Org.). *Um mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996.

_____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. 2. Ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: VOZES, 1996.

CHAFE, Wallace. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. in: OLSON, D. et alii (Ed.) *Literacy, language and learning*. Cambridge : Cambridge University Press, pp. 105-123, 1986.

COURTINE, J. "Analyse du discours politique". In: *Langages*, 62, Paris, Larousse, 1981.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEYFRUS, Hubert L., Michel Foucault, *uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DIJK, Teun Adrianus Van. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1996

DUCROT, Oswald *Princípios de Semântica Lingüística (dizer e não dizer)*. São Paulo : Editora Cultrix Ltda., 1977.

_____. *O Dizer e o Dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987 .

DUPAS, Gilbert. Os excluídos do neoliberalismo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1999. Caderno Idéias, p.2.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo, Contexto, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília : Editora Universidade De Brasília, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio et. Al. (org.) *Brasil : Comunicação, Cultura & Política*. Rio de Janeiro : Diadorim, 1994.

- _____. *O Impeachment da televisão: como se cassa um presidente*. Rio de Janeiro, Diadorim, 1995.
- FEITOSA, Vera C. *Redação de textos científicos*. Campinas : Papirus, 1991.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989.
- _____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo : Editora Ática, 1996.
- FOLHA DE SÃO PAULO *Manual da Redação*. Folha de São Paulo, São Paulo : Publifolha, 2001.
- FOUCAULT, Michel, *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves,. 3. ed., Rio de Janeiro. Forense- Universitária, 1987.
- _____. *A Ordem do Discurso. Aula Inaugural, no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- GARCIA, Luiz (Org.) *O Globo: Manual de redação e estilo*. São9 Paulo : Globo, 2000.
- GÓMEZ, Hernán E. "Las noticias como ámbitos de construcción de hegemonia discursiva". In: *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, CEBELA, Volume IV, No I, nova série, janeiro-Abril 1997.
- GUIMARÃES, Eduardo et alli (org.) *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas, SP : Pontes, 1996.
- _____. *Os Limites do Sentido: Um Estudo Histórico e Enunciativo da Linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP : Pontes, 1989.
- _____. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- IMBERT, Gerard. *Le Discours du Journal*. Xerox.
- _____. e VIDAL-BENEYTO, J. (orgs.), *Métodos de análises de la press*. Madri, Casa de Velázquez, 1987.
- _____, 1993
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo : Editora Cultrix, 1970.
- _____. *Linguística, poética. Cinema*. São Paulo: Editora Perspectiva, Coleção Debates, 1970.

- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'implicite*. Paris : Armand Colin Éditeur, 1986
- KOCH, Ingedore. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1995
- _____ *A coesão textual*. São Paulo : Contexto, 1994.
- _____ *A coerência textual*. São Paulo : Contexto,
- LANDOWSKI, Eric. *A Sociedade Refletida: ensaios de sociosssemiótica*. São Paulo: EDU/Pontes, 1992.
- LAURIAN, Anne-Marie Loffer. "A ênfase na Imprensa". In: LOBATO, Maria Lúcia e outros (org.) *Análises Lingüísticas*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- LIMA, Maria Emília ^a T. *A construção discursiva do povo brasileiro : os discursos de I. de Maio de Getúlio Vargas*. Campinas : Editora da UNICAMP, 1990.
- LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989
- _____ *Elementos da lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____ *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)*. São Paulo : Cultrix, 1979.
- _____ *A galáxia de Gutemberg*. São Paulo, Editora Nacional, 1977.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 1997.
- MARTINS, Eduardo. *O Estado de S.Paulo. Manual de redação e estilo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1990.
- MATEUS, M.H.M. et alli. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Almedina, 1983.
- MEDINA, Cremilda de Araujo. *Profissão jornalista: responsabilidade social*. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1982.
- MESSEDER, Pereira Carlos Alberto. *Em busca do Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.
- MERLEAU-PONTY. *O olho e o espírito*. Lisboa, Veja, 1997.
- MOUILLAUD. M. "Problèmes et méthodes". Xerox.
- _____ & Porto, S.D. (Orgs.) *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília, Paralelo 15, 1997.
- NAGAMINE Brandão, H.H. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Editora

- da UNICAMP, 1996.
- NIETZSCHE, F. *Da Retórica*. Lisboa: Veja, 1995.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- JORNAL DO BRASIL *Normas De Redação*. Jornal do Brasil, 1988.
- O DIA *Manual de Redação e Texto Jornalístico*. Rio de Janeiro : O DIA, 1996.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.) *Palavra, Fé, Poder*. Campinas, SP : Pontes, 1987.
- _____. (org.) *Discurso e leitura*. Campinas, SP : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.(Coleção Passando a limpo)
- _____. *As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos*. 2. Ed. Campinas: São Paulo, Editora UNICAMP, 1993.
- ORLANDI (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 1997
- _____. *A leitura e os leitores*. Campinas, SP : Pontes, 1998
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP : Pontes, 1999.
- Estado de S. Paulo. *Manual de redação e estilo*. São Paulo : O Estado de S. Paulo, 1990.
- PARRET, Herman *Enunciação e pragmática*. Campinas : Editora da UNICAMP, 1988
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.
- _____. "A análise automática de discurso: três épocas". In: Gadet, F. & Hak, F. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso – Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1990.
- PELLEGRINO Hélio, "A construção da alegria", in: *A burrice do demônio*. Rio de janeiro, Rocco, 1988.
- PERELMAN, Chaim. *Tratado da argumentação*. São Paulo : Martins Fontes, 1996.
- PINTO, M.J. *Comunicação e Discurso: Introdução à análise de discursos*. São Paulo : Hackers Editores, 1999.
- _____. *As marcas linguísticas da enunciação. Esboço de uma gramática enunciativa do Português*. Rio de Janeiro, Numen, 1994.
- _____. "Semiologia e imagem". In: Braga, J.L., Porto, S.D. & Fausto Neto, A (Orgs.).

- A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política.* Rio de Janeiro, Diadorim/COMPÓS, 1996a.
- _____. "Contextualizações". In: Fausto Neto, A & Pinto, M.J. (Orgs.). *Mídia e Cultura.* Rio de Janeiro, Diadorim/COMPÓS, 1996b.
- REBELO, José *O Discurso do Jornal, o como e o porquê.* Lisboa, Editorial Notícias, 2000.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHAFF, Adam. *A Sociedade Informática.* São Paulo :UNESP/Editora Brasiliense, 1990.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- SCHAFF, Adam. *A sociedade informática.* São Paulo: Unesp e Editora Brasiliense, 1990.
- SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia.* Petrópolis, RJ ; Vozes, 2000.
- SILVA, Telma Domingues da,. "Referências de leitura para o leitor brasileiro na Imprensa escrita." IN: ORLANDI, Eni Puccinelli, *A leitura e os leitores.* Campinas, SP : Pontes, 1998.
- SODRE, Muniz. *Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil.* Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.
- _____. *Reinventando @ Cultura: a comunicação e seus produtos.* Petrópolis, RJ, Vozes, 1996.
- _____. *A comunicação do grotesco.* Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- _____. *O texto nos meios de comunicação.* Rio de Janeiro, F. Alves, 1987. (e Maria Helena Ferrari)
- _____. *Técnica de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística.* São Paulo : Summus, 1986.
- _____. VELHO, Gilberto *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.* Rio de Janeiro : Zahar Ed., 1994.
- TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structurale.* Paris: Éditions Klincksieck, 1976.
- VÉRON, E. "Le Hibou". In: *Communications*, 28, Paris, Seuil, 1978.
- _____. "Sémioses de l'idéologie et du pouvoir." In : *Communications*, 28, Paris, Seuil,

1978.

_____ *Construire l'événement: Les médias e l'accident de three Mile Island. Paris Minuit, 1981.*

_____ *A produção de sentido. São Paulo, Cultrix/USP, 1981.*

_____ "Quand lire c'est faire: l'énonciation dans le discours de la presse écrite". In: *Sémiotique II*, Paris. IREP, 1983.

_____ "L'Analyse du "Contrat de lecture": une nouvelle methode pour les etudes de positionnement des supports presse. In: *MÉDIAS Experiences Recherches actuelles Applications* – Paris, IREP, juillet, 1985.

VOGT, Carlos. *Linguagem Pragmática e Ideologia*. São Paulo : HUCITEC ; Campinas, SP: FUNCAMP, 1980

7 anexos

7.1 Jornal do Brasil 1/5

foto 1: Autódromo: acidente de Servia

foto 2: Hipódromo

foto 3: Flamengo

foto 4: desfile naval com caravela

foto 5: cineasta Paulo Thiago (caderno B)

7.2 Globo 1/5

foto 1: atacante Viola no jogo

foto 2: Leandro e Reinaldo comemorando

foto 3: Roberto Brum festejando

foto 4: caravela no desfile pela orla do Rio
charge

7.3 Dia 1/5

foto 1: foto de gol por trás da rede

foto 2: viola driblando o goleiro

foto 3: caravela na orla do rio

7.4 Povo 1/5

foto 1: regata na orla com moças de biquine em primeiro plano

foto 2: 3 fotos de jogos de futebol

foto 3: médico atendendo na Atlântica por oferecimento do Lions

foto 4: campanha para aumentar o consumo de maçãs no Rio

7.5 Jornal do Brasil 2/5

foto 1: show da Força Sindical no 1º de maio

foto 2: manifestante contra o capitalismo baixando as calças

foto 3: mulher com um martelo ("mulheres em fúria" - caderno B)

7.6 Globo 2/5

foto 1: manifestação da Força Sindical em SP no 1º de maio

foto 2: manifestantes na Grã-Bretanha no 1º de maio

foto 3: marcha em Cuba no 1º de maio

foto 4: show no Rio no 1º de maio

foto 5: estudantes na Coréia do Sul no 1º de maio

charge

7.7 Dia 2/5

foto 1: Vera Fisher / Marília Gabriela / Rejane Alves

foto 2: detalhe de multidão na festa da Força Sindical

foto 3: Júnior Baiano / Vasco

charge

7.8 Povo 2/5

foto 1: caminhoneiros em greve nos postos de abastecimento

foto 2: mulher na praia no dia do trabalhador

foto 3: retrato do Romário (esportes)

O GLOBO

President: ROBERTO MARINHO

Grandes vencem na primeira rodada

O ATACANTE VIOLA dribla o goleiro Alex. do Madureira, para marcar o primeiro gol do Vasco, na vitória de 3 a 1, em Curitiba, no Gabola

o Flamengo, Fluminense e Vasco confirmaram sua condição de favoritos na abertura da Taça Rio. No Maracanã, o Flamengo goleou o América por 4 a 1. Nas Laranjeiras, o Fluminense ganhou do Friburguense por 3 a 2. E, em Conselheiro Galvão, Romário não marcou, mas o Vasco venceu o Madureira por 3 a 1. O Claret derrotou o Americano e também é líder.

« No autódromo de Jacarepaguá, o mexicano Adrián Fernández venceu o GP Rio 200 de Fórmula Indy. O brasileiro mais bem colocado foi Cristiano da Matta, que ficou em quarto lugar.



LEANDRO E REINALDO comemoram um gol do Fla



ROBERTO BELUM destaca o 1º ano do Fluminense

Governo monta operação para evitar bloqueio de estradas

**Greve dos caminhoneiros será
vigiada por 8.500 policiais**

• O Governo destacou 8.500 homens da Polícia Rodoviária para evitar que os caminhoneiros, que anunciam greve para hoje, façam bloqueios nas estradas. A PM estará de prontidão nos estados, anuncia o Governo, que montou um centro de informações para acompanhar os acontecimentos do 1º de Maio. Se a greve

viagar, poderá afetar o abastecimento de alimentos e combustíveis. Os postos de gasolina do Rio têm estoques para 48 horas e o estado recebe de outras regiões do país 90% do que consome de alimentos. No comércio de São Paulo, a preocupação é que a greve atrapalhe as vendas no Dia das Mães. Páginas 3 e 4

Políticos loteiam cargos no DNER

PMDB, de Eliseu Padilha, tem 15 diretorias; PSDB, PFL, PTB e PPB dividem as restantes.

• Com a responsabilidade de administrar mais da metade dos R\$ 3,6 bilhões que o Ministério dos Transportes destina para investimentos este ano, o DNER teve seus cargos loteados entre os partidos que apóiam o presidente Fernando Henrique Cardoso. O PMDB, partido do

Detro é acusado de retirar fiscais das ruas

* Funcionários do Detran, órgão responsável pela fiscalização dos ônibus intermunicipais, acusam a direção de desviar 85 fiscais das ruas para serviços burocráticos, poupando, assim, empresas de ônibus do pagamento de multas. Presidente

te do órgão à época da decisão, Raul de Bonis diz que queria reordenar a fiscalização. "Sempre soube que o Detran só perde para a bandeira podre da polícia", admite o atual secretário estadual de Transportes, Luiz Alfredo Salomão. **Página 1**

SEGUNDO CADERNO

* Ao ganhar o Prêmio Jabuti de ficção, o desconhecido Menalton Braff se tornou a sensação da Bienal do Livro, em São Paulo.

INFORMATICA 976

• Richard Stallman, idealizador do movimento do software livre, esteve no Rio e falou por que é contra os programas proprietários.

LOTERIAS

SUPORTE = 30;
1 sorbo
 $12 + 4 = 16$; $16 + 28 = 44$ Quasimodo
2 sorbo
 $36 + 16 = 52$; $52 + 36 = 88$
3 sorbadas con el agua de la ducha
MICA: 5298 = 237
 $100 - 10 = 90$; $90 - 55$ acumulados
Q = 48; 682
 $100 - 4 = 96$; $96 - 14 = 82$ la mala oscuridad
LOTARIA = 31
 $100 - 1 = 99$; $99 - 11 = 88$; $88 - 24 = 64$
 $64 - 12 = 52$; $52 - 54 = -2$; $79 - 79 = 00$
1 sorbada

PARADA NAVAL: Caravela no mar do Rio

A caravela "Boa Esperança", seguida por veleiros, participou ainda do desfile de navios brasileiros e estrangeiros pela orla do Rio, em comemoração aos 500 anos de Lisboa.



O DIA

R\$0,50

Nº 1
OPERAÇÃO
NO BRASIL
DOMINGOS

EDIÇÃO METROPOLITANA

ATÉ O FIM DO ANO AS LOJAS TAMBÉM VÃO PAGAR ABONOS, RENDIMENTOS DO PIS E SEGURO-DESEMPREGO

Lotéricas recebem poupança

A partir de amanhã, a rede de 6,2 mil casas em todo o País passa a receber depósitos de clientes da Caixa Econômica.

Bebê é abandonado em ônibus na Zona Sul

SURPRESA DE PASSAGEIROS

Um menino recém-nascido, com 2,9 quilos, foi deixado por uma mulher na poltrona do ônibus da linha 173 (Flebotom-Rodoviária), ontem, por volta das 12h. A criança, de apenas um dia, foi encontrada a esmo no Miguel Couto e passou bem.



Grupos como o dos Garotos Riches não são novidade no Brasil. Letras do DIA enloquecem Hanson (foto)

Fita de vídeo pode aumentar pena de 'VP'

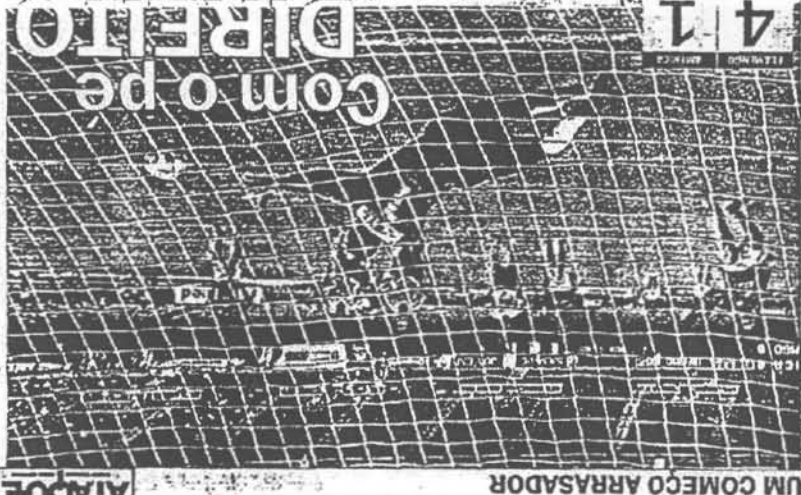
TERRORE NO DONA MARTA

A Direção de Repressão a Criminosidade vai usar a fita de vídeo, divulgada pelo DIA ontem, como prova contra o traficante, como pode render até 11 anos de prisão em sua porta.

Estrelas gospel: A pastora é POP

A cantora evangélica Ludmila Faber (foto) atraiu a mídia, ao aparecer no estúdio de um programa de rádio.

SAÚDE NATURAL
Aromaterapia é um bom remédio para insônia. Óleos essenciais, entre eles o de eucalipto, ajudam a combater doenças e a cuidar da saúde.



UM COMEÇO ARRASADOR

Com o pé DIREITO

Vasco vence

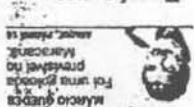
sem fazer muita força

Com um gol de Vitor (foto) e da taga Guaraná, o campeão do Rio de Janeiro, o Vasco venceu o Flamengo, em Cordeiro, ontem, por 3 a 1.



GOLEADA: O atacante Vitor marcou o primeiro gol e abriu o placar

Flu sofre, mas estreia com vitória
Adnan Fernandez ganha a Rio 200



Foi uma goleada para o Flamengo, de 3 a 1, no jogo de ontem, no Maracanã.

Polícia usa força contra caminhoneiros

Veículos que bloqueiam as estradas na greve, hoje, serão apreendidos e os motoristas, multados.



PARADA NAVAL PARA COMEMORAR OS 500 ANOS

ESPECTÁCULO. Durante quatro horas e meia, 28 navios brasileiros e estrangeiros navegaram pela orla do Rio como parte dos festejos do Descobrimento.

estágios
Um por todos, todos por um. Saber se relacionar em grupo é fundamental no trabalho. Como garantir e garantir as vantagens de concorrer a vagas de emprego?

VIVA MAIS E MELHOR
Embarque livre e direito dos idosos.



Faltam 6 dias para acabar o seu mundo sem um carro novo.

11 carros 0 km e centenas de prêmios.

**INFORMAÇÕES,
SUGESTÕES,
DÚVIDAS?**



supervia

Fone
588-9494
É SÓ LIGAR.

MORADORES DA TIJUCA COMEMORAM ANIVERSÁRIO DE UM BURACO

Linha Amarela
Páginas 2

Povo

R\$
0,40

DE DOMINGO
A DOMINGO


ANO IV • Nº 1682 • Rio de Janeiro • segunda-feira • 1 de maio de 2000 • Povo Online • www.povodo.com.br

Presidente: Alberto Ahmed

Durante encontro com vereador de Paracambi, o cabo Luiz Carlos Terra foi assassinado antes da sobremesa

PM FUZILADO NA HORA DO JANTAR

Três homens entraram no restaurante onde o policial militar jantava com o vereador Sebastião Pereira e dispararam várias vezes. Três tiros espalharam os miolos da vítima sobre a mesa. A Polícia acredita que a execução foi uma vingança. Página 7



Regata desfila na orla e deixa a praia mais bonita

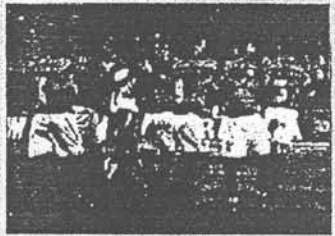
PÁGINAS 3 E 4

Esportes



Estréia de muitos gols no Estadual

Os grandes clubes estrearam com o pé direito no segundo turno do estadual. Exceto o Botafogo, que ficou no 0 a 0 com o Bangu. Ontem, o Vasco venceu o Madureira por 3 a 1. Nas Laranjeiras, o Fluminense teve que suar para chegar aos 3 a 2 contra o Friburguense por 3 a 2. Já o Mengão goleou o América, no Maracã, por 4 a 1.



Lions oferece consultas de graça na Avenida Atlântica

PÁGINA 3



Campanha quer aumentar o consumo de maçãs no Rio

PÁGINA 2

1º DE MAIO COMEÇA COM GREVE

PÁGINA 2

Bonde do Mal fecha Linha Amarela durante falsa blitz

Página 6

Traficantes deixam um carbonizado em Costa Barros

Página 6

Gás lacrimogênio causa tumulto em boate da Zona Sul

Página 6

Violência baixa expectativa de vida do carioca

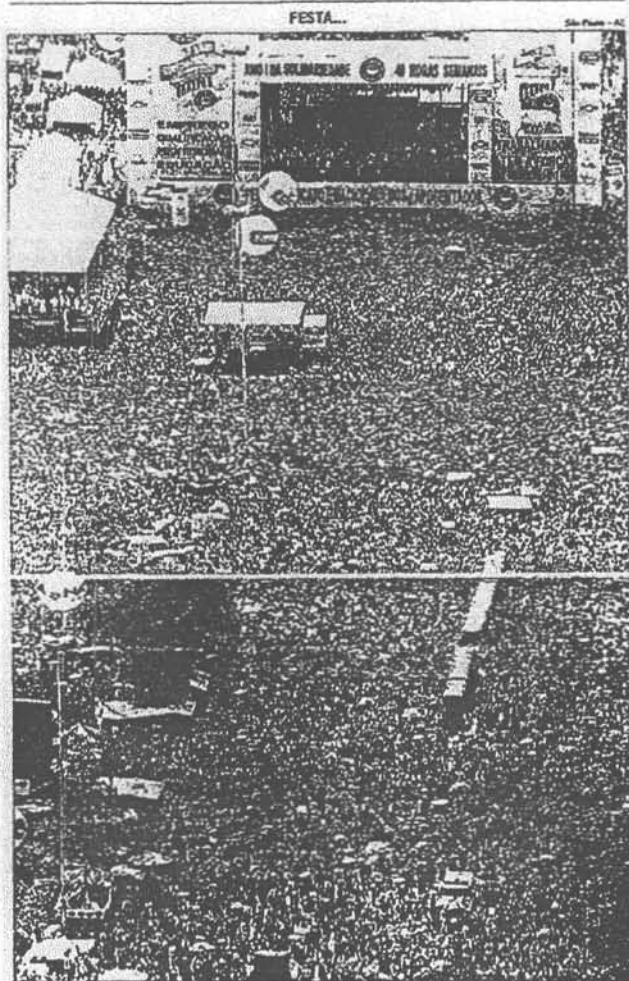
Página 4

Guarde o seu bilhete até o final

supervia

Fracassa greve de caminhoneiros

Houve pouca adesão nos principais estados e alguns incidentes no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.



Show da Força Sindical, com sorteio de casas e carros, juntou um milhão de pessoas

Garotinho confirma mínimo de R\$ 400 e reajusta polícia

O governador Anthony Garotinho assinou ontem decreto confirmando o salário mínimo de R\$ 400 para os servidores estaduais. A medida beneficia 78.353 funcionários da ativa e aposentados. Policiais civis, militares e bombeiros também receberão o reajuste, que, em função das mudanças nos últimos anos, fará um subte-

nente homem, com aumento de 10,30%, receber R\$ 1.606,75, mais do que o 2º tenente, cargo ao qual é subordinado. A medida, que eleva a folha em R\$ 137,5 milhões, não alcança os 54 mil pensionistas. Eles não foram beneficiados porque, segundo Garotinho, "há uma lei específica que regula as pensões". (Página 20)

Condor ajudou a matar grupo do Uruguai

O organograma de um pequeno partido de esquerda uruguaio, o PVP, encontrado no chamado Arquivo do Terceiro do Paraguai, prova que a ação de repressão coordenada das ditaduras do Cone Sul — concebida como Operação Condor — era afirmada por dois países: o Uruguai e o Paraguai. O organograma ilustra a organização de quase toda a atuação do PVP em ações na Argentina, Chile, Espanha e no Brasil (pág. 13).



Mulheres em fúria

Aridas e profissionais da rede
imagens feministas que dominam
pegas, livros e experiências

Page 1 of 2

Metrô junto a túnel preocupa a prefeitura

O subprefeito do Centro, Augusto Ivan, pediu informações ao Metrô sobre a extensão da Linha 2 até a Praça da Cruz Vermelha. Segundo ele, a galeria subterrânea passará muito próxima dos cabos encasturados que fixam o piso da tábua Martin de Sá, na Rua Frei Caneca. O Metrô garante, no entanto, que tal proximidade não traz nenhum risco para o túnel. (Pag. 21)

Nas primeiras 24 horas, a greve nacional de caminhoneiros fracassou. Não houve adesão nos principais estados da federação. A participação de 70% da classe, atendida por Nelson Bonelio, presidente do Movimento União Brasil Caminhoneiro, para a Polícia Rodoviária Federal reflete o hábito de a categoria parar nos feriados. Os incidentes registrados foram em Três Cachoeiras, Rio Grande

do Sul, onde um cartumoneiro foi preso, e em Sombrio, Santa Catarina, quando Acleto Santos da Silva fureu o bloco e foi batendo no maxilar. Na Bahia, próximo a Vitória da Conquista, houve um bloqueio à tarde, rapidamente desfeito pela Polícia Rodoviária. O ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, anunciou que será editada medida provisória criando o vale-pedágio. (Pág. 41)

EUA acusam Brasil de proteger pirataria

Os Estados Unidos estão pressionando o Brasil de permitir a pirataria de produtos americanos e vão entrar com processo contra o país na Organização Mundial do Comércio (OMC). O governo americano reclama ainda da sobrevalorização imposta pelo Brasil aos produtos têxteis via-

dos dos EUA. Segundo o Itamaraty, a legislação brasileira sobre patentes é compatível com os acordos firmados junto à OMC, e o governo não pretende alterar a lei. Quanto aos efeitos, admite verificar casos isolados em que pode ter havido prejuízo para exportadores americanos. (Página 19)

Romário no Fla só com US\$13 milhões

Se quiser ter mesmo Rômulo de volta, o Flamingo vai precisar de US\$ 13 milhões. O clube tem duas dívidas com o craque (trabalhista e de contrato de integral) no valor de US\$ 7 milhões, e necessitaria de outros US\$ 6 milhões para pagar multa rescisória no Vasco e fazer novo contrato com o

casque. A possível contratação do goleiro paraguaio Chilaveri ameaça de estabilizar mais uma vez o ambiente na Galva. Enquanto o superintendente Rodi Simoes se reune com Chilaveri, os diretores astorianos e até o vice de futebol Walter Osquima se movem para contra a contratação. (Pág. 26)

Festa supera protesto no 1º de maio

Foram mais de festa do que de protesto as comemorações de 1º de maio. No Rio, houve atividades na Quinta, concerto na Central e um show na Lapa. Em São Paulo, a Força Sindical reuniu um milhão de pessoas. A CUT e o PT fizeram protestos em São Bernardo. (Páginas 6, 7 e 21)

Luiz Eduardo liga Quintal ao Doi-Codi

Em entrevista ao programa *Repórter Vivo*, o ex-coordenador de Segurança Luiz Eduardo Soares disse que o "credo" de Segurança, Josias Quintal, foi "colaborador do Doi-Codi". Luiz Eduardo falou sobre a relação do documentarista João Sallet com o traficante Murcinho VP. (Página 20)

...PROTESTO



Um manifestante contra o capitalismo abaixa as calças e corre em frente à fila de policiais em Londres. (Pág. 13)

COTACÕES

[illegible]

PRECO

\$5.120

2^o Indicação

1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 26

1974 *pp.* 27-28. EQL.

O GLOBO

Fundador: WILHELM MARIANO

RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 2000 • ANO LXXXV • Nº 24.352 • O GLOBO ON: www.oglobo.com.br

Presidente: ROBERTO MARINHO

Mínimo de servidor do Rio sobe para R\$ 400

Com dois decretos, o governador Anthony Garotinho reajustou ontem para R\$ 400 a remuneração mínima do funcionalismo estadual, incluindo aposentados, e concedeu gratificações de 9% a 46,33% para todos os 40 mil policiais civis, militares e bombeiros da ativa. O decreto do mínimo, excluindo apenas pensionistas, beneficia 78.253 pessoas. O secretário de Administração, Hugo Leal, calculou que a folha mensal de pagamentos do estado subirá de R\$ 490 milhões para R\$ 521 milhões. **Página 18**

Retardatários ainda podem declarar IR

O contribuinte que não entregou a declaração do Imposto de Renda ainda pode usar a internet, o Recolhimento ou procurar as delegacias da Receita para ficar em dia com o Fisco. Quem tem imposto a pagar no mesmo mês de restituição pagará multa mínima de R\$ 165,74. **Página 25**

Saúde tem nomeações de políticos

Indicações políticas prevaleceram na escolha de coordenadores da Fundação Nacional de Saúde. O PSDB do ministro José Serra nomeou nove coordenadores regionais; o PFL, quatro. Serra agora está tentando mudar o critério e tem feito nomeações técnicas. **Página 13**

EUA vão à OMC contra o Brasil

Os Estados Unidos vão à Organização Mundial do Comércio contra o Brasil na Organização Mundial do Comércio. Em seus países, os EUA acusam o país de negligência na proteção de direitos de propriedade intelectual. Em outra ação, reclamam das taxas aduaneiras sobre produtos têxteis. **Página 21**

CLASSIFICAÇÃO
534-4333
ANUNCIE

21.000
R\$ 1,20
R\$ 1,20

Governo e caminhoneiros divergem sobre adesão à greve

Líder prevê 100% de paralisação hoje. Ministro atribui fraco movimento a feriado

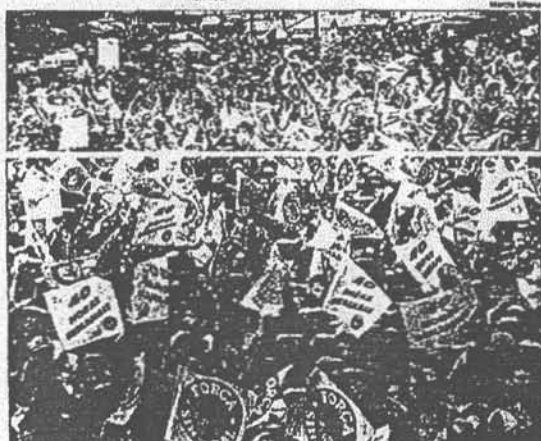
Governo e líderes sindicais discordaram ontem sobre a adesão dos caminhoneiros à greve de categoria. Para o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, o número de caminhões era pequeno nas estradas por causa do feriado do Dia do Trabalho. Ele disse que só hoje será possível verificar se os caminhoneiros autônomos vão aderir

à paralisação. Em nota, o Palácio do Planalto afirmou que um balanço das primeiras horas de greve "revela não estar a categoria cessa". O presidente do Movimento União Brasil Caminhoneiro (MUBC), Mello Botelho, no entanto, estimou que entre 60% e 70% aderiram à greve e previu que hoje devem parar 100%. No Pontal do Paranapanema (SP), o

MST e grevistas bloquearam uma estrada por quatro horas, contrariando orientação do comando de greve. Houve tentativas de fechar rodovias também em Minas, Santa Catarina e Bahia. O presidente Fernando Henrique vai criar o vale-pedágio, que transfere o pagamento da tarifa do caminhoneiro para o embarcador da carga. **Página 3**

Show e protesto marcam 1º de Maio

Dia do Trabalho motiva atos violentos no mundo; Força Sindical reúne 600 mil em São Paulo



SÃO PAULO: 600 mil pessoas participaram de festa promovida pela Força Sindical na Praça Campo do Flagrante



GRã-BRETANHA: Manifestantes enfrentam a polícia em Londres



CUBA: Pádel, de fundo e tifo, marcha pela volta do ministro E&S



RIO DE JANEIRO: Integrantes do grupo Corvado fazem show para mil pessoas na Galeria da Boa Vista



CORÉIA DO SUL: Estudantes atiram bombas lacrimogêneas

Com shows, surtelo de dez carros e de cinco apartamentos, a Força Sindical reuniu 600 mil pessoas em

São Paulo nas comemorações do Dia do Trabalho. No ato, o secretário de São Paulo, dom Cláudio Hummes, fez críticas ao neoliberalismo. Em São Bernardo do Campo, a CUT e a PT só atrairam 22 mil.

O dia foi marcado em todo o mundo por protestos violentos contra o capitalismo e a globalização. Houve

distúrbios na Grã-Bretanha e em outros países. Dois estudantes morreram na Indonésia. **Páginas 8, 25 e 27**

SEGUNDO CADERNO

Cegos que vêem longe viram filme

Um documentário dirigido a quatro mãos por João Jurella e Walter Carvalho, diretor de fotografia de "Central do Brasil", investiga as relações entre os problemas de visão e a sensibilidade para "enxergar" longe de personagens como o músico Hermelin Frazaral e o filósofo eslovêno Eugen Barcar.



Contag diz ter invadido 47 propriedades

A Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura (Contag) anunciou ter invadido ontem 47 fazendas improdutivas, a maioria em Pernambuco. O ministro do Desenvolvimento Agrário, Raul Jungmann, disse que desde o dia 29 foram invadidas 21 áreas. **Página 4**

O DIA

R\$ 0,50

ODIA
Nº 1

O DIA ONLINE: www.odia.com.br

EDICAO METROPOLITANA

Faltam 5 dias para você
ganhar 4 rodas novas.

11 carros 0 km, ares condicionados, celulares e 250 reais*

SÉCULO
da
SORTE

PISO PASSA PARA R\$ 822,71 NA PM E CHEGA A R\$ 861,85 NA CIVIL

Veja os novos salários da polícia

1. PERCENTUAL – Os reajustes concedidos pelo Governo vão de 9% a 46% para as duas corporações.

2. APOSENTADOS – Inativos e pensionistas ficaram de fora porque o aumento é por produtividade.

3. CASTIGO – Policial que se envolver em irregularidade ou pedir licença não justificável perderá gratificação.

4. TETO – Coronéis passam a ganhar R\$ 4.352,80. Delegados de 1ª classe, R\$ 4.312,36.

5. MÍNIMO – Nenhum servidor do Estado receberá menos do que o novo piso de R\$ 400, já em vigor. **Matheus**

O DIA

NUMERO 1 EM VENDAS

O DIA continua o campeão de vendas entre os jornais do Estado do Rio de Janeiro. Em março, O DIA registrou um total acumulado de 10.160.941 exemplares vendidos contra 10.121.147 de O Globo e 7.422.515 do Extra. Até domingo, pelo segundo mês consecutivo, O DIA foi o jornal mais vendido no País com uma média de 531.627 contra 530.794 da Folha de S. Paulo, 487.479 de O Estado de São Paulo e 462.129 de O Globo, o quinto colocado no ranking.

A BANDA PODRE

PMs presos por desmonte de carro

Os PMs Alexandre Magno, 36 anos, e Valberto Pinto Ferreira, 33, tiveram cobertura a dois homens que desmontavam um carro no Sumaré. Aquedilha foi presa em flagrante. Os policiais serão expostos da PM. **Matheus**

ATAQUE



MAGNO. Zagueiro estape

Júnior Baiano também quer sair do Vasco

Inquieto com o esquema de revezamento na defesa – "Sou o zagueiro das quartas e Mauro Galvão dos domingos" – Júnior garante que se continuará assim, dentro de no máximo três meses vai procurar "outro clube". **Matheus**

Quem tem medo da Deusa?

A presença de Vera Fischer em Lagos de Famílias, que estreia em junho, causa burburinhos. Colaboradores do elenco temem sorpresas pelo mito. E há até quem aposte em um romance entre a estrela e Reynaldo Gianecchini, seu por romântico na novela e marido de Mariana Gabeira na vida real. **com**

"Não é agradável ver o marido beijando outra"
MARIA GABEIRA, casada com Reynaldo Gianecchini

"Ela parece uma deusa, tem carisma e luz própria"
REYNALDO GIANECCHINI, marido da atriz na novela

SEM BUROCRACIA

Governo facilita FGTS para domésticas

A Caixa Econômica e o Ministério da Previdência vão facilitar o recolhimento do fundo. Patrões poderão inscrever empregadas pela Internet ou pelo telefone, gratuitamente. Só 311 das 90 mil empregadas do Estado do Rio ganharam o benefício espontâneo. **Matheus**

NOVA TENDÊNCIA

Dinâmica de grupo substitui teste vocacional

Especialistas afirmam que o método convencional complicava muito mais a vida dos alunos. **Matheus**

Cresce interesse pela licenciatura **Matheus**

Caminhoneiros recusam proposta do Governo

Criação do vale-pedágio não foi aceita e movimento pode aumentar preços dos produtos no Rio em até 150%. **Matheus**

MULTIDÃO DISPUTA PRÊMIOS NO DIA DO TRABALHO



ISCA. Em São Paulo, a Força Sindical atraiu mais de 1 milhão de pessoas (foto) com sorteio de carros, apartamentos e show de artistas famosos, na Zona Norte. **Matheus**

ARQUEIRA
COMO ACABAR COM O
DESEMPREGO NO BRASIL?



CIÊNCIA E SAÚDE

Droga contra asma combate alergia a gatos

Estudo de instituto americano mostrou que o zafirlukast, novo medicamento contra a doença, alivia também complicações pulmonares e nasais causadas pela alergia a gatos. **Matheus**

**INFORMAÇÕES
SUGESTÕES,
DÚVIDAS?**

supervia

Fone
588-9494

É SÓ LIGAR.

GAROTINHO DÁ AUMENTO A POLICIAIS CIVIS E MILITARES

Página 3

Povo

R\$
0,40

da Rio

DE DOMINGO
A TERÇA-FEIRA

ANO IV • Nº 16634 Rio de Janeiro • terça-feira 2 de maio de 2000 • Povo Online - www.povodoia.com.br

Produtor: Alberto Ahmed

Presos em flagrante por um oficial, dois PMs faziam a segurança fardada de uma oficina de ladrões de carros

POLÍCIA DÁ COBERTURA À DESMANCHE

Apesar de presos em flagrante pelo capitão Ricardo de Souza, o cabo e o soldado do 1º BPM não foram identificados. Os ladrões foram levados para a 7ª DP. Página 5



Dia do Trabalhador passa na maré mansa em toda cidade

por da Página 2

Esportes



Luxemburgo pode convocar Romário para os amistosos

O técnico da Seleção Brasileira faz mistério, mas já admite convocar o craque do Vasco para o amistoso do Brasil contra o País de Gales, no próximo dia 23.



Assassinos de PM são presos um dia depois

Página 5

Tatuado more cheio de chumbo em Vila Isabel

Página 6

Patamó estraga a festa do trabalhador na Cidade de Deus

Página 6



Greve começa parar o Brasil

Os caminhoneiros estacionam nos postos de abastecimento e cruzam os braços em todo o País. Página 3

Bala perdida manda grávida para o hospital na Tijuca

Página 5

Bombeiros ladrões tocam terror na Feira de S. Cristóvão

Página 6

Passagem de trem deixa entrada para Zoo mais em conta

Página 2

CUT promove ato público contra FHC e os 500 anos

Página 7

Guarde o seu bilhete até o final

da Supervia



7.9 Jornal do Brasil 3/5

foto 1: PMs depois de interceptarem a marcha dos sem-terra

foto 2: sem-terra deitados com mãos na cabeça

foto 3: policiais e caminhoneiros fazendo plantão em frente à Reduc

foto 4: foto de Elza Soares com outro (show)

7.10 Globo 3/5

foto 1: tropa de choque vigiando sem-terra presos

foto 2: manifestantes sem-terra em frente ao prédio do BNDES

charge

7. 11 Dia 3/5

foto 1: duas modelos: uma loura e uma morena

foto 2: goleiro Chilavert

foto 3: integrante de um grupo (caderno D)

foto 4: polícia dominando grupo de sem-terra com legenda sobre foto "voz de prisão"

charge

7.12 Jornal do Brasil 4/5

foto 1: caminhão abastecendo posto furando bloqueio

foto 2: retrato de Rachel de Queiroz (caderno B)

foto 3: página da Internet sobre Biométrica (caderno informática)

7.13 Globo 4/5

foto 1: velório do corpo do sem-terra em caixão coberto com bandeira do MST,

acompanhado pela esposa e outras pessoas

charge

7. 14 Dia 4/5

foto 1: Vanderléia e Paula Toller

foto 2: Botafogo

foto 3: cadáver de líder do MST observado por Eduardo Suplicy

foto 4: Demi Moore

charge

7.15 Povo 4/5

foto 1: carteiras de identidade de quadrilha

foto 2: pessoas no Ceasa durante a greve

foto 3: retrato do Thiago Lacerda

foto 4: protesto de professores

foto 5: sem-terra na sede do BNDES

7.16 Jornal do Brasil 5/5

foto 1: baiana diante de banca de acarajé, caderno B

foto 2: cena de enterro do sem-terra, caixão sendo carregado e acompanhado por centenas de militantes

foto 3: cena de campo em jogo do Flamengo

7.17 Globo 5/5

foto 1: sem-terra ocupando teto de prédio público

foto 2: retrato de Sandra Bréa

charge

JORNAL DO BRASIL

FUNDADO EM 9 DE ABRIL DE 1891

Assinamento ao assinante 500-5000

Rio de Janeiro • Quarta-feira • 3 de maio de 2006 • Ano CX - Nº 25

Sem-terra invadem 18 capitais

Ministro da Justiça, José Gregori, acusa MST de "desvio de conduta" e acena com o rigor da lei

A batalha entre tropas de choque da PM e 1.300 sem-terra que se dirigiam a Curitiba, em 36 ônibus, deixou 50 trabalhadores e 27 soldados feridos. O confronto foi o mais sério ocorrido entre policiais e os 28

mil militantes que o MST mobilizou em 18 estados para ocupar prédios públicos. A polícia do Paraná bloqueou as estradas e fez os sem-terra descerem dos ônibus. Com foices e facões, eles tentaram furar o blo-

queio, mas foram sufocados pela PM com cassetetes, cães, bombas de efeito moral e tiros com balas de borracha, e obrigados, com as mãos na cabeça, a deitar na margem da rodovia. Em São Paulo, 300 invasores

foram desalojados do prédio do Ministério da Fazenda por tropas de choque da PM. O ministro da Justiça, José Gregori, classificou as ações do MST como desvio de conduta. (Págs. 8 e 9, e editorial na página 10)

CONTRAMARCA



Os PMs, depois de interceptarem a marcha dos sem-terra com cães, gás e balas de borracha, obrigaram todos a deitar com as mãos na cabeça



O documento: Exército citado como fonte confiável

Exército brasileiro vigiava argentinos

Documento do Estado-Maior das Forças Armadas paraguaias obtido pelo JB atesta que nos anos 70 o Exército brasileiro mandava informações sobre militantes políticos argentinos para o

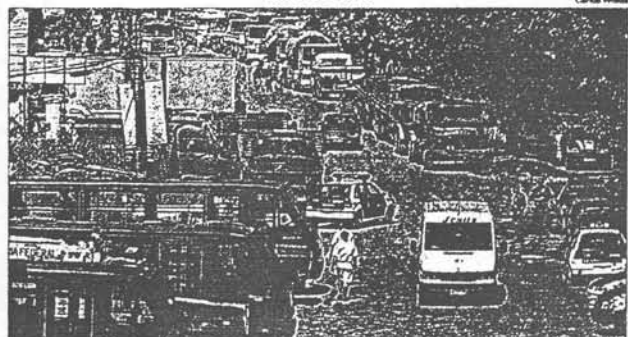
Paraguai, no contexto da Operação Condor. Em Brasília, a Câmara dos Deputados aprovou a criação de uma comissão especial para investigar a morte do ex-presidente João Goulart. (Págs. 12 e 13)

Quintal corta gratificação faroeste de 6 mil policiais

Cerca de 6.000 policiais, entre eles o chefe de Polícia Civil Rofik Louzada, não vão receber mais, a partir deste mês, a gratificação faroeste. O benefício, criado em 1995 pelo general Nilson Cezar, então secretário de Segurança, para incentivar policiais, deixou de ser concedido

desde 1997, mas ainda era pago a cerca de 4.500 PMs e 1.500 policiais civis, chegando alguns a receber até R\$ 5.000. A medida foi anunciada pelo secretário de Segurança Josias Quintal, com a criação de uma gratificação de R\$ 500 para policiais militares, civis e bombeiros. (Página 22)

MARCA LENTA



Policiais e caminhoneiros fazem plantão em frente à Reduc, mas não houve confronto

Menos de 0,5% de caminhões em greve

Com apenas 5.000 da frota de 1,2 milhão de veículos, paralisação pode causar desabastecimento

COTAÇÕES

SALÁRIO MÍNIMO (mês) R\$ 151; DÓLAR: Comercial (compra) R\$ 1.800; Comercial (venda) R\$ 1.800; Paralelo (compra) R\$ 1.820; Paralelo (venda) R\$ 1.840; TR: do dia 3/4 a 1,5 - 0,1722%; TRF: do dia 25/4 a 20/5 - 1,2503%; UFIR (para FUI nacional, comercial e territorial, R\$ e Alvará - R\$ 1,064)

PREÇO

Veículo em teste para RJ, MG, ES, SP R\$ 1,20
2ª edição
© 2006 J. DO BRASIL S.A. 2002
Impressão: 100% em papel reciclado



"Essa nega tem macumba"

Quarta do público e de intelectuais, Elza Soares misturou Esquadrões, Pátria e Coko Buarque em novo show. (Pág. 1)

Piloto de F 1 sai ileso de queda de avião

O piloto de F 1 David Coulthard saiu sem ferimentos graves do acidente com o avião que o levava para Nice, na França. Com problemas no motor, o avião fez um pouso forçado no Aeroporto de Lyon. O piloto e o copiloto morreram. Pela Copa do Brasil, o Vasco joga com a Ponte Preta, em Campinas, e o Botafogo entra em campo contra o Inter no Maracanã. (Páginas 25, 27 e 28)

Apesar de manifestações em 12 estados, somente 5.000 (0,5%) de 1,2 milhão de caminhões estavam parados ontem, segundo estimativas do governo. As estradas não foram bloqueadas e apenas em Vacaria (RS) e Duque de Caxias (RJ) houve concentração de cerca de 150 caminhões em cada ponto. No Rio, os postos de gasolina, principalmente na Zona Norte, poderão ficar sem combustível no fim da tarde. Nélcio Botelho, da União Brasil Caminhoneiros, disse que a greve só será percebida quando começar o desabastecimento. Ele não pretende comparecer à reunião convocada para hoje pelo ministro dos Transportes. (Págs. 6 e 7)

Covas não vai disputar a sucessão

O governador de São Paulo, Mário Covas, anunciou ao PSDB que não será candidato à Presidência da República em 2002 nem candidato a nada. "Não creio meus filhos, agora quero criar meus netos", disse. O presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães, foi criticado por pe-felistas por insistir apoio ao tucano Tasso Jereissati à sucessão. (Pág. 5)

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 3 DE MAIO DE 2000 • ANO LXXV • Nº 24.353 • O GLOBO ON: www.oglobo.com.br

Presidente: ROBERTO MARINHO

Pode faltar gasolina a partir de amanhã

Se a greve dos caminhoneiros, iniciada anteontem, continuar prejudicando o abastecimento, poderá faltar combustível em postos de São Paulo, Rio e Sul de Minas Gerais a partir de amanhã. A maioria dos postos nesses estados tem estoques para apenas 24 horas. O governo convocou para hoje uma reunião com os líderes do movimento e representantes de entidades ligadas ao transporte para retomar as negociações. **Página 8**

Estado cancela a 'gratificação faroeste'

O secretário de Segurança, Josias Quintal, anunciou o fim do pagamento da gratificação faroeste — concedida pelo desempenho em tarefas — aos três mil policiais que recebiam o benefício, mesmo após sua extinção, em 98. Considerado polêmico por ter estimulado a violência policial, o benefício consome R\$ 1,8 milhão por mês. **Página 18**

Rio paga os juros mais altos do país

O Rio fez o pior acordo de rolagem de dívida com a União e é o município que paga os juros mais altos do país. Com a sanção da Lei de Responsabilidade Fiscal, o município perderá a chance de renegociar a sua dívida, alertou o deputado Ronaldo Cezar Coelho (PSDB). O prefeito Luiz Paulo Conde diz que vai obter melhores condições. **Página 29**

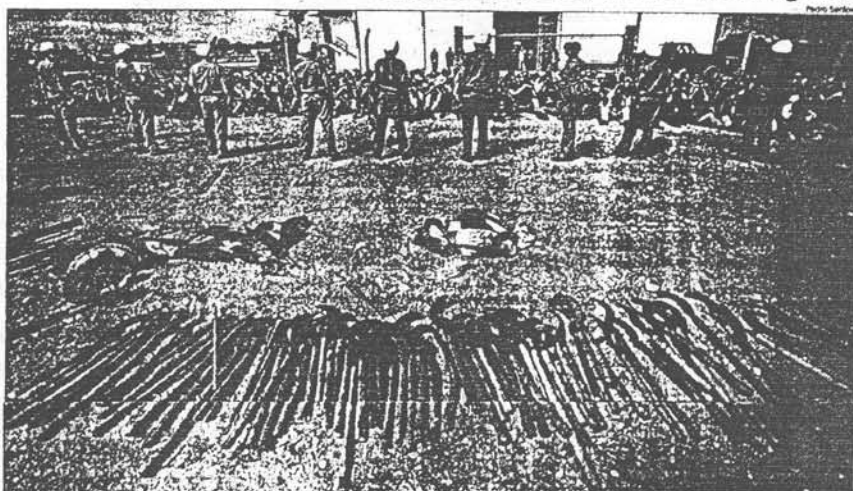
Placas de obras poluem a cidade

Às vésperas das eleições municipais, a Prefeitura e o Governo do estado acrescentaram à paisagem do Rio um número jamais visto de placas oficiais que anunciam obras ou simples reparos de rotina. Algumas das obras já foram até concluídas. **Página 13**

O GLOBO
www.oglobo.com.br2ª edição
R\$ 1,20

MST desafia Governo e invade prédios públicos

No Paraná, choque com PM deixa cem feridos, um em estado grave



INTEGRANTES DA TROPA de Choque da PM vigiam sem-terra presos após o conflito na rodovia BR-277, perto de Curitiba. No chão, tochas e bandeiras confiscadas pela polícia



COM BANDEIRAS e tochas, militantes do MST ocupam a entrada do prédio do BNDES, no Centro do Rio

Um dia depois do início da greve de caminhoneiros, o MST desencadeou ontem uma onda de ocupações de prédios públicos, a maioria deles ligados ao Ministério da Fazenda. Os dirigentes do MST querem ser recebidos pelo presidente Fernando Henrique, numa audiência em que estejam os ministros Pedro Malan e Pedro Parente. Em 18 estados houve protestos e em 11 capitais prédios do Governo foram ocupados. No Paraná, ocorreu o incidente mais grave: a PM impediu que 34 ônibus com sem-terra chegassem a Curitiba e houve um confronto

que deixou cerca de cem feridos, inclusive policiais, mulheres e crianças. Um sem-terra está na UTI em estado grave, após ter sido alvejado com uma bala de borracha. Foram presos, e depois liberados, 200 militantes do MST. No Rio, 300 manifestantes, com colchões e bandeiras, ocuparam o saguão do prédio do BNDES. O presidente Fernando Henrique disse que não receberá o MST, classificou as pressões de inaceitáveis e antidemocráticas e determinou a abertura de inquéritos para responsabilizar os envolvidos. **Páginas 3 a 5**

Saúde cassará licença de quem não vender genérico

O ministro da Saúde, José Serra, garantiu ontem que as farmácias que se recusarem a vender medicamentos genéricos terão suas licenças cassadas. Segundo o ministro, a fiscalização será intensificada nos próximos três meses, período em que o nú-

mero de medicamentos genéricos no mercado deverá chegar a cem, o que será suficiente para abastecer o mercado. "Se fechar uma farmácia, pode ter certeza que as outras vão se cuidar mais", disse ele. **Página 23 e editorial "No balcão", página 6**

Jornal 'Valor' já circula em todo o país

Começou a circular ontem em todo país o novo jornal de economia "Valor", empreendimento dos grupos que editam o GLOBO e a Folha de S. Paulo. Na solenidade de lançamento, em São Paulo, na presença do presidente Fernando Henrique, o vice-presidente do GLOBO João Roberto Marinho ressaltou o significado da associação dos dois grupos. Luís Frias, presidente da "Folha", destacou que esta união "vitalizará um setor estratégico da imprensa brasileira". **Páginas 36 a 38**



SEGUNDO CADERNO

CARRÃO

Fernando Pedreira, 44 anos de Jornalismo, estreia no próximo domingo como articulista do GLOBO. Ele promete uma visão crítica do Brasil.

Alguns carros acabam fazendo parte da história da família. São automóveis que passam de geração a geração, sempre tratados com muito carinho.

R\$ 0,50

T-ON

METROPOLITANA

Daguni a 4 dias, sua história vai mudar.

[illegible]

BAUDO FUGIU DE CARROÇA

Noivos tentam
roubar loja de
móveis para
montar a casa

De casamento marcado para outubro, Fábio e Annamaria, ambos de 19 anos, estão separados, cada um em uma delegacia, foram presos com mais seis pessoas ao assaltarem lojas de móveis no Engenho de Dentro. Uma camioneta usada pela quadrilha para transportar a mercadoria roubada, estava a

EMPATE

GREVE DOS CAMINHONEIROS PREJUDICA TAMBÉM O ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS

Gasolina começa a faltar

Se o objetivo das refinarias só permite saída de caminhões que atendam a serviços essenciais, limpa-se nas negociações continua.

Comunicación

La existe
MIDA
no micro

Como que saluda familia
Bate records de vendas

Como exibir vltis
de computador

1997

Comunicación

D Briga FEIA

que tre pre-
lado de
R\$ 50 mil
com a sede
de Bide e quer
processar os
Sagrados os
religiosos.
havia conser-
tos bedados
que exigiam
sitios com
o gacha
confisco.

SERRA FAZ AMEAÇA
Farmácia que boicotar
genérico será fechada
pelo SUS

MAARCINHO VP
-aveia quer se livrar
do poder do tráfico

NADER NO BANCO DOS REUS

NICHUEMPRESAS
BNDES abre crédito
de R\$ 120 milhões

Handwritten signature

ULTIMAS INSCRIPCIONES
 Regístrate en el programa de la página 350 de esta revista

Fiuminense tenta fechar amanhã o empréstimo de Ral



Tarifas da Inteligência são as mais caras do mercado

Empresas exportadoras pedem redução de tarifas para competir no mercado internacional. O Brasil, segundo o relatório, tem as tarifas mais caras do mundo, com uma média de 10% a 15% sobre o valor das mercadorias. A média mundial é de 5% a 8%, com exceção da França, que cobra 12%.

Superar, também, os custos de transporte e de armazenagem é uma tarefa árdua para as empresas brasileiras. Os custos de frete e armazenagem são os mais altos do mundo, segundo o relatório.

Polêmica no Estado

Aposentados vão à Justiça por aumento de salário

Decisão do governador Gaetano de Almeida sobre o aumento de 10% no salário dos aposentados gerou uma polêmica no Estado. Os aposentados afirmam que o aumento é insuficiente para cobrir a inflação. O governador defende que a medida é necessária para equilibrar as contas públicas.

Política de PM, mantém eleições

Política de PM, mantém eleições. O governador Gaetano de Almeida anunciou que não haverá intervenção federal no Rio de Janeiro, apesar das pressões internacionais.

Policial ferido em serviço

Policial ferido em serviço. Um policial da Polícia Militar foi ferido durante uma operação de segurança em uma área de risco.

Alameda

Alameda. O governador Gaetano de Almeida visitou a Alameda da Paz, onde se encontra o túmulo de Getúlio Vargas.

INSTITUTIONAL
RESEARCH



O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 2000 • ANO LXXV • Nº 24.354 • O GLOBO ON: www.oglobo.com.br

Presidente: ROBERTO MARINHO

Criação dos pisos regionais é aprovada

• O Governo conseguiu aprovar ontem na Câmara projeto que autoriza os governadores a criarem pisos regionais acima do salário-mínimo de R\$ 151. Apesar de a oposição ter saído do plenário, o Planalto obteve 308 votos favoráveis ao projeto. Mudança no texto estabelece que funcionários de prefeituras estão excluídos da lei, mas as empregadas domésticas terão direito ao piso regional. O projeto agora vai ao Senado. **Página 11**

ACM e Jader são punidos pelo Senado

• Em decisão inédita, o Conselho de Ética do Senado aprovou ontem a censura por escrito ao presidente da Casa, Antônio Carlos Magalhães, e ao líder do PMDB, Jader Barbalho, por quebra de decoro. Eles trocaram pesadas acusações no plenário, durante a sessão do último dia 5 de abril, e chegaram a chamar um ao outro de ladrão. **Página 12**

Botafogo e Vasco se classificam

• Botafogo e Vasco garantiram vaga nas oitavas-de-final da Copa do Brasil. No Maracanã, o alvinegro empatou com o Inter-RS em 1 a 1. Em Campina, o Vasco derrotou a Ponte Preta por 1 a 0 e pode ter como adversário o Fluminense, que joga hoje com o Maranhão. O Flamengo pega o Guarani, no Maracanã, às 21h40m. **Páginas 42 a 44**

Cade analisa acordo no setor aéreo

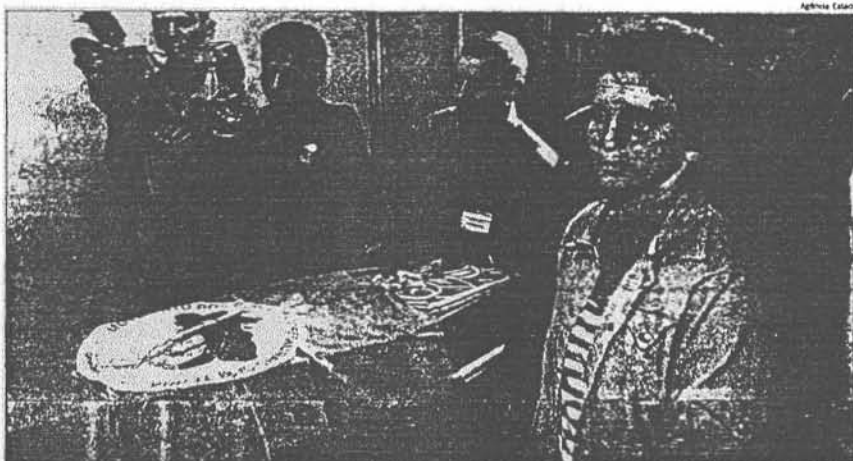
• O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) vai analisar o acordo operacional fechado por TAM e Transbrasil, que poderá ser anulado, caso as empresas tenham ficado com o equivalente a 20% do mercado. **Página 32**

O GLOBO
www.oglobo.com.br

2ª EDIÇÃO
Circulação: mais de 1 milhão de exemplares
R\$ 1,20
Ano LXXV, Nº 24.354
Quinta-feira, 4 de maio de 2000

Governo e sem-terra reabrem negociações

Bala de chumbo matou assentado do MST em confronto com a PM



MARIA SEBASTIANA acompanha a saída do corpo do marido, o assentado Antônio Tavares Pereira, coberto com a bandeira do Movimento dos Sem-Terra, do IML de Curitiba

• Um dia depois de o MST ocupar prédios públicos em 11 estados e o conflito que levou à morte de um assentado no Paraná, o Governo e os sem-terra reabriram ontem as negociações, intermediadas por líderes de partidos na Câmara. Uma reunião com representantes do MST, da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e do Governo foi marcada para hoje. "Nós apoiamos a reforma agrária e a ocupação de ter-

ras improdutivas, mas a depredação de prédios públicos não contribui para a luta popular", disse o líder do PT Aloísio Mercadante, um dos intermediários do acordo. Por determinação do presidente Fernando Henrique, a PT abriu inquérito e já começou a pedir a prisão preventiva da liderança das invasões. Laudo do IML de Curitiba afirma que foi um projétil de chumbo, provavelmente de calibre 38, e não uma bala de borracha

que matou o assentado Antônio Tavares Pereira, de 38 anos, militante do MST. Ele foi atingido por um tiro na barriga no confronto entre sem-terra e a PM, e morreu anteontem à noite. A versão da Secretaria de Segurança do Paraná é de que Antônio foi morto longe do lugar do conflito. O delegado que cuidava do caso confirmou a morte no choque com a PM e foi afastado. **Páginas 3 a 5 e editorial "Caminho do risco", página 6**

Rio já enfrenta falta de gasolina

Governo libera pedágio por uma semana para tentar acabar com greve dos caminhoneiros

• A greve nacional dos caminhoneiros, iniciada na segunda-feira, já afeta a distribuição de combustíveis no Rio. Como muitos postos trabalharam ontem com estoques reduzidos,

os motoristas tiveram dificuldades para abastecer os tanques de seus carros com gasolina comum e álcool. Além do Rio, Niterói também foi atingida. A oferta de produtos alimen-

tícios no mercado atacado da Ceasa caiu em 30%, com a redução dos caminhões vindos das zonas produtoras do interior. Na tentativa de encerrar a greve, o Governo decidiu libe-

rar os caminhões do pagamento de pedágio em cinco rodovias federais, de hoje ao dia 11. A medida, anunciada após reunião entre ministros, representantes do setor de carga e

dirigentes sindicais, aumentou a divisão entre os caminhoneiros. O principal organizador da paralisação, Nélio Botelho, não compareceu e ironizou a decisão. **Páginas 8 a 10**



Estados e municípios rolam dívidas de 12,6 bi

• Uma série de manobras no Senado permitiu, em menos de 72 horas, a rolagem de R\$ 12,6 bilhões de dívidas de estados e municípios. A negociação livra governantes das restrições da Lei de Responsabilidade Fiscal, que será sancionada

hoje. "Me senti muito mal. Isso envergonha o parlamento", disse o senador Pedro Simon. Até ontem o Rio estava perdendo, pois a Prefeitura não conseguia renegociar as dívidas que a fazem pagar os juros mais altos do país. **Página 25**

SEGUNDO CADEIRO

BOM VIAGEM

• Regina Casé mostra um pouco da sua vida privada no livro "Já", um álbum com fotos que a atriz fez de amigos e parentes

• Hotéis no Brasil e no exterior preparam pacotes especiais para casais em lua-de-mel no mês das mães e das noivas.

Pare AGORA!

O maior sucesso do Wenderley, "Pare o Casamento", foi gravado por Paula Toller, "Curtimuito", disse a rainha da Jovem Guarda no encontro promovido pelo O Dia. **ENF**



Chico Anyelo vai resolver mistério de 'Terra Nostra'

Babi enfrenta as perguntas picantes dos jovens no SBT

DECISÃO ESTÁ AGORA NAS MÃOS DOS GOVERNADORES

Câmara aprova piso acima de R\$ 151

PÁGINA 14

SEM-TERRA ACUSA PM POR MORTE NO PARANÁ

TENSÃO TOTAL



Para o MST, o corpo de Antônio Pereira, 38 anos, (na foto, observado pelo senador Eduardo Suplicy - PT/SP), é o de um novo mártir na luta pela reforma agrária. Mas o confronto com a PM na BR-277 virou uma guerra de versões. A polícia garante que o militante não participou do conflito. **ENF**

Para o MST, o corpo de Antônio Pereira, 38 anos, (na foto, observado pelo senador Eduardo Suplicy - PT/SP), é o de um novo mártir na luta pela reforma agrária. Mas o confronto com a PM na BR-277 virou uma guerra de versões. A polícia garante que o militante não participou do conflito. **ENF**

AROEIRA

NO FLAGRANTE, O MINISTRO DA JUSTIÇA



UM BOM NEGÓCIO

Prefeitura renegocia dívida com juros baixos

Justo com o empréstimo de R\$ 140 milhões para reurbanizar a Av. Brasil, o Rio assinou acordo com a União para pagar dívidas do município com juros a 6% ao ano. Governo federal vai devolver R\$ 30 milhões cobrados a mais. **PÁGINA 13**

1ª Maratona do Rio de Janeiro

A Maratona do Rio de Janeiro começa com você correndo pra participar.

ÚLTIMAS INSCRIÇÕES

Váza maratona na página 10 do O Dia

GRATIFICAÇÃO FAROESTE

Até morto recebia prêmio por bravura

PÁGINA 10

COLUMA DO SERVIDOR

Inativos do estado terão de contribuir

PÁGINA 15

GRUPO INVADE CONTAS, DESCOBRE SENHAS E FAZ TRANSFERÊNCIAS

Quadrilha rouba clientes de banco através da Internet

Cinco acusados de fraudar contas bancárias por computador foram presos no Centro e em Itaguaí. Bando tem ramificações em São Paulo e Santa Catarina. **ENF**

CARIOCAS CLASSIFICADOS

ATAQUE



DOSE DUPLA. Botafogo garantiu a vaga na Copa do Brasil, ao empatar com o Internacional, no Maracanã. Sérgio Manoel (E) abriu o placar. Vasco foi a São Paulo e arrancou a classificação, vencendo por 1 a 0 a Ponte, gol de Gilberto. **ENF**

DOSE DUPLA. Botafogo garantiu a vaga na Copa do Brasil, ao empatar com o Internacional, no Maracanã. Sérgio Manoel (E) abriu o placar. Vasco foi a São Paulo e arrancou a classificação, vencendo por 1 a 0 a Ponte, gol de Gilberto. **ENF**

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

PROTESTO EM LARANJEIRA E MARACANÃ

SUA REVISTA DE AUTOMÓVEIS

AUTOMANIA

**INFORMAÇÕES,
SUGESTÕES,
DÚVIDAS?**



supervia
Fone
588-9494
É SÓ LIGAR.

SERVIDORES FEDERAIS PARAM HOJE EM CAMPANHA POR SALÁRIO

Página 1

Povo

R\$ 0,40

do Rio

DE DOMINGO
A DOMINGO

ANO 17 • Nº 1685 • Rio de Janeiro e quinta-feira 4 de maio de 2000 e Povo Online - www.povodario.com.br

Presidente: Alberto Ahmed

Corpos de casal foram encontrados em um carro na Piedade, ele com o membro arrancado

MARIDO MANDA RICARDÃO PARA O INFERNO

Bilhete encontrado ao lado dos corpos, executados com requintes de crueldade, não deixa dúvidas sobre o crime passionel: "Você já fez um filho na minha mulher, e o segundo você não vai fazer não, seu filho da p... Vou te mandar para o colo do capeta". Na noite, outro marido enganado foi preso por estar chantageando o ricardão, pedindo indenização pela traição. Página 5



Fãs deslumbradas com volta de Thiago Lacerda ao Fórum

PÁGINA 3

Quadrilha de bombeiros presa no Méier após roubar moto

A prisão ocorreu depois de investigação conjunta do Serviço de Inteligência do Corpo de Bombeiros e policiais da 23ª DP (Méier). Dois são do G-Max, um do quartel do Méier e outro de Campo Grande. Página 7



Protesto de professores não interrompe aula no município

PÁGINA 3



MST continua na sede do BNDES

PÁGINA 3

Polícia encontra esquartejado sem cabeça em Irajá



Greve de caminhoneiros: Ceasa resiste mas combustível começa a faltar no Rio

PÁGINA 3

Grande Encontro dos

Trio Forró Pesado

Os Filhos do Nordeste

Os 30 primeiros com mais pontos no ranking

Reflexão

LANÇAMENTO das bancárias de moedas

Saúde prorroga vacinação de idosos até o dia 12

Página 2

Prefeitura faz prova dia 7 para candidato a motorista

Página 3

Garotinho investe mais em projetos sociais na Baixada

Página 2

17 famílias da Nova Holanda serão despejadas hoje

Página 4

Murais de Gentileza ficam prontos até sábado

Página 4

Guarde o seu bilhete até o final da viagem

SUPÉRIA

Supervia

O GLOBO

Fundador: DINIZ DE MARIANO

RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 2000 • ANO LXXV • Nº 24.355 • www.oglobo.com.br

Presidente: ROBERTO MARIANO

Ataque de vírus causa prejuízo de US\$ 1 bi

Um vírus que teve origem provavelmente nas Filipinas e chegou aos computadores com o aviso de "I Love You" rodou o mundo ontem causando prejuízos de cerca de US\$ 1 bilhão em vários países. Com poder de apagar arquivos, o vírus que facilita a ação posterior de hackers atingiu grandes empresas e legiões do Governo americano, como o Pentágono e a NASA. No Brasil, o Senado e empresas foram atingidos. **Página 23**

Polícia terá helicóptero com câmaras

Para enfrentar o crime no Rio, a Secretaria de Segurança Pública está comprando por R\$ 3,7 milhões um super-helicóptero que terá câmaras de filmagem, que transmitirão as imagens para uma central de operações. O aparelho poderá fazer operações noturnas. **Página 14**



Sandra Bréa, atriz, morre no Rio aos 48 anos

Página 14

ROSTROS

Da gastronomia ao esporte, da praia às boates, os especialistas dão as dicas dos melhores programas da cidade.

SEGUNDO PLANO

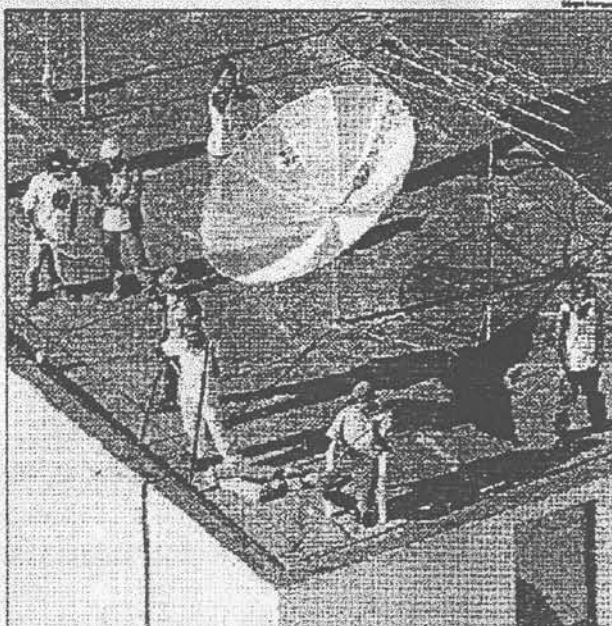
Um dos mais sofisticados sambistas brasileiros, Elton Medeiros faz 70 anos e diz que é possível evoluir a partir da tradição.

OGLOBO
www.oglobo.com.br

1ª edição
Parcerias comerciais e publicitárias
R\$ 1,20
Circulação: 100 mil exemplares
Cadastrado: 12 páginas
e-mail: oglobo@oglobo.com.br

FH ameaça usar Exército e MST decide recuar

Sem-terra desocuparão prédios públicos hoje para reabrir o diálogo



MST TEDEO DOZ prédio do Itamar em Brasília, sem-terra se armam com pedras e pedras para ocupar o chiqueiro da Polícia Militar

O presidente Fernando Henrique ameaçou ontem usar o Exército para desocupar prédios públicos invadidos por sem-terra, o que levou o MST a recuar. Líderes do movimento anunciaram que deixarão os prédios hoje cedo para reabrir o diálogo com o Governo. "Não hesitarei em usar todos os poderes constitucionais que dispunho, e que me foram dados pelo povo, para manter a ordem democrática", disse FH. O presidente fez duas reuniões para discutir a questão, inclusive com o ministro da Defesa, Geraldo Quintão, e o comandante do Exército, general Gleuber Vieira. O presidente tomou a decisão autônoma à noite, depois de conversar com ministros e senadores, que defenderam uma ação enérgica e contaram que havia governadores resistindo a fazer cumprir ordens de reintegração de posse. "O MST não é mais um movimento pela reforma agrária, mas para derrubar o atual Estado e promover a tomada do poder", disse FH numa das reuniões. O Plano também anunciou um pacote de medidas que inclui a criação de uma divisão especial na Polícia Federal para reprimir crimes agrários. Além disso, as áreas invadidas deverão ser visitadas pelo Itamar por dois anos e o programa de reforma agrária será descentralizado.

Páginas 3 a 5

Greve provoca aumentos de até 66%

Abastecimento de combustíveis está quase normalizado. Governo endurece com caminhoneiros

No quarto dia da greve dos caminhoneiros, a queda de 36% na oferta de hortigranjeiros no Rio provocou aumentos de preços de até 66% no mercado atacadista. De manhã

ainda faltava combustível em postos do Rio, mas no início da tarde uma decisão judicial obrigou os caminhoneiros a liberarem o acesso à Rodovia, em Duque de Caxias. Depois disso, o abastecimento de combustíveis ficou quase normalizado. O Plano endureceu e rompeu as negociações com o Movimento União Brasil Caminhoneiro, que não acei-

lou pôr fim à greve mesmo depois de o Governo liberar os pedágios para caminhoneiros até o dia 11, quando entrará em vigor o vale-pedágio. Organizadores de piquetes e bloqueios em

estradas poderão ser presos e motoristas com caminhões estacionados à margem das rodovias serão multados.

Páginas 8 e 9 e editorial 'Fugir da Impasse', página 7



Nova lei limita gastos públicos

Rio economizará R\$ 174 milhões com acordo da dívida

Prometendo escrever uma nova página sobre os gastos públicos no país, o presidente Fernando Henrique sancionou a Lei de Responsabilidade Fiscal, que limita gastos de União, estados e municípios, com o objetivo de evitar os gastos irresponsáveis de governantes. A sanção só foi assinada depois que o Senado aprovou 12 projetos de redução de dívidas. O município do Rio renegotiou sua dívida e economizará R\$ 174 milhões. **Página 26**

O que é a nova lei fiscal?

• **COMO A LEI DE RESPONSABILIDADE FISCAL:** Os governos de União, Estados, Municípios e Distrito Federal passam a ter limites de despesas e de salários, a partir de 2001. O limite de despesas é de 15% do PIB. O limite de salários é de 15% do PIB. O limite de despesas é de 15% do PIB. O limite de salários é de 15% do PIB.

7.18 Dia 5/5

foto 1: Sandra Bréa

foto 2: tiazinha e feiticeira

foto 3: servidores em greve

foto 4: a filha de Senna

foto 5: frentista abastecendo automóvel durante greve
charge

7.19 Povo 5/5

foto 1: Sandra Bréa de corpo inteiro em pose glamourosa

foto 2: caricatura da Rosane Collor sentada sobre um saco de dinheiro

7.20 Jornal do Brasil 13/6

foto 1: seqüestrador sendo posto no camburão

foto 2: seqüestrador apontando arma para a boca de mulher dentro do ônibus

foto 3: mulher sendo usada como escudo na saída do ônibus

foto 4: policial escondido na frente do ônibus

foto 5: policial atirando em direção ao seqüestrador e refém

7.21 Globo 13/6

foto 1: bandido resistindo a entrar no camburão

foto 2: Geisa sendo levada para o hospital após receber cinco tiros

foto 3: fotos com horário de ocorrência: bandido com a arma para fora do ônibus / atirador de elite da PM montando guarda no Parque Lage / seqüestrador enfiando cano do revólver na boca de vítima / policial partindo para atirar

7.22 Dia 13/6

foto 1: foto com indicação dos personagens: Cel. Penteado, Geisa, bandido e policial escondido / foto menor do bandido entrando no camburão / foto do bandido ameaçando mulher dentro do ônibus

foto 2: foto de uma das mulheres do ônibus

foto 3: Guga com troféu

foto 4: carro após acidente que matou 4 jovens

foto 5: fotos de 4 jogadores

7.23 Povo 13/6

foto 1: saída do seqüestrador do ônibus, escoltado pela refém; broche com detalhe da rua com ônibus em primeiro plano

foto 2: moça de corpo inteiro de biquine

foto 3: cena do momento em que a refém, observada por policiais armados, cai nos braços do seqüestrador e policiais, depois de ser atingida por balas

7.24 Jornal do Brasil 14/6

foto 1: foto de policiais / foto da refém fora do ônibus e policial escondido / foto da ação policial

foto 2: foto de flores no local da tragédia

foto 3: 3 fotos do seqüestrador sendo jogado no camburão

foto 4: líderes do norte e sul da Coréia apertando as mãos

O DIA

R\$ 0,50

ODIA
Nº 1
MANTENDO O DIA A DIA
NO BRASIL DOS DOMINGOS

SIXTA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 2000
ANO 46 Nº 13.490
PRESIDENTE: ARY CAMARGO
DIRETOR DE REDAÇÃO: RUIR DE ARAÚJO

O DIA ONLINE: www.odia.com.br

EDIÇÃO METROPOLITANA

DECRETO DE CONDE OBRIGA OS DONOS DE IMÓVEIS E OS CONDOMÍNIOS A MANTER CALÇADAS LIMPAS

Lixo na rua dá multa de R\$ 1.064

Fiscais da Comlurb e da Guarda Municipal vão começar a punir quem não varrer calçadas e não respeitar regras para a coleta do lixo. **Página 1**

CÂNCER MATA SANDRA BRÉA



A atriz, portadora do vírus da Aids, tinha 47 anos e fez sua última novela, *Zuzu*, em 97. Desde o casamento do filho adotivo, há três anos, morava sozinha, em Jacarepaguá. O câncer no pulmão foi descoberto pelos médicos no fim do ano passado. **Página 17**

GRÁTIS GRÁTIS GRÁTIS. **D**show **blazer**

Festa - 100 ingressos para rodeio e shows em Petrópolis, com
Restaurante - 8 leitores ganham feijão de frango do mês, **Página 1**
Música - 40 ingressos para show de Elza Soares, **Página 1**
Cinema - 40 leitores vêem Jim Carrey, **Página 1**

E MAIS

TV 10 - 100 autógrafos do Sertão de Santa Inês
ALTO-ASTRAL Uma consulta com Bole

O melhor da programação do fim de semana

A melhor programação do fim de semana

contigo! no DIA

FILHA DE SENNA?

As vésperas do exame de DNA, que vai decidir se é filha do piloto com a ex-modelo Marcela Praddo, a pequena Victória, 6 anos, foi dada em um casamento evangélico no Rio. **Página 15**

contigo!
VALE
R\$1

DE DESCONTO
NA COMPRA DE
UM EXEMPLAR
DA REVISTA
CONTIGO!

Valer o mesmo no Grande Rio
Cópia de número 1280
Se para comprar um número do jornal

O DIA

QUADRILHA DA INTERNET

Presos mais
4 ladrões de
banco virtual

Em Campo Grande, suspeitos aliciavam clientes do Itau para emprestarem suas contas para transferências, em troca de 10%. Roubos no banco já chegam a R\$ 900 mil. **Página 11**

Dá para contar
em banco pela
internet?

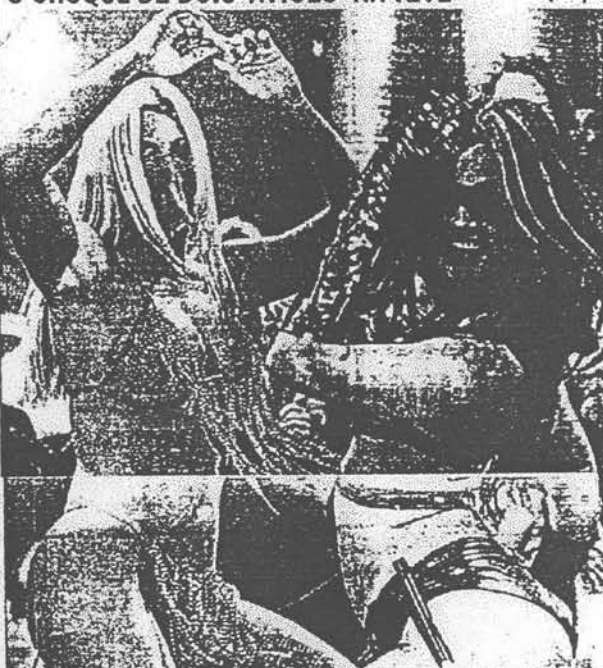
SIM! 0800-200088

NÃO! 0800-200099

Vocês
Julia

O CHOQUE DE DOIS 'AVIÕES' NA TEVÉ

VipVup



MASCARADAS. Nas Aventuras de Tiazinha da próxima semana, Feiticeira é salva pela heroína das garas dos viles e acabam dançando juntas, para delírio do público. **Página 17**

SERVIDORES DA UNIÃO PREPARAM GREVE



A LIMPO. Em todo o País, funcionários federais fizeram protestos e paralisações relâmpagos por reajuste dos salários congelados há cinco anos. No Rio, servidores lavaram a escadaria do Ministério da Fazenda. Greve nacional está marcada para o próximo dia 10. **Página 15**

TERROR NA TIJUCA

Juiza assaltada vira
refém na favela

PÁGINA 10

GREVE DOS CAMINHEIROS

Preços da cebola e
da batata disparam

PÁGINA 13

EXERCITO ENTRA NA BRIGA

FH endurece e MST
prepara a retirada

PÁGINA 18

Faltam 2 dias para você
proclamar a sua independência.

Receba sua cartela grátis no domingo, entregue à Ilustrada e participe de Prêmio

SÉCULO
SORTE
2000

DUVIDAS?

supervia

Fone

588-9494

É SÓ LIGAR.

SINDICALISTAS NÃO SE ENTENDEM SOBRE A GREVE DOS CAMINHONEIROS

Página 4

Povo

R\$ **0,40**

DE DOMINGO

A DOMINGO

Presidente: Alberto Ahmed

ANO IV • Nº 1666 • Rio de Janeiro e sexta-feira • 5 de maio de 2000 • Povo Online - www.povoonline.com.br

Atriz morre aos 47 anos de parada respiratória

AIDS MATA SANDRA BRÉA

Sandra Bréa era soropositiva há 13 anos, mas só em 1994 assumiu publicamente a doença, que começou a manifestar-se dois anos depois. Modelo desde os 13 anos, foi a musa dos anos 70, chegando a ser considerada o símbolo sexual do Brasil, em 1973. O enterro será realizado hoje, às 10h, no Cemitério São João Batista. Página 2



**Mulher
de Collor
condenada a
11 anos de
prisão por
corrupção**

A sentença de Rosane, da Primeira Vara Federal, por corrupção passiva à frente da LBA, foi considerada pelo ex-presidente Collor como perseguição política. Página 6

**Grande Encontro dos
Trios de Forró**

Trio Forró Pesado
do Maranhão
Trio Filhos do Nordeste

De 21 pontos
por este evento
R\$ 10,00
Teli: 589-6053

Juíza passa 5 horas em mãos de seqüestradores

PÁGINA 7

**Servidores federais
mobilizam-se por
aumento salarial**
Página 3

**Funcionários da
Saúde protestam
em favor do laser**
Página 3

**Estudantes de Santa
Úrsula vão à rua em
apoio a professores**
Página 3

**Início de greve
assusta pais e
alunos do Pedro II**
Página 3

**Solenidades
marcam os 191
anos da PM**
Página 4

Guarde o seu bilhete até o final da viagem

supervia

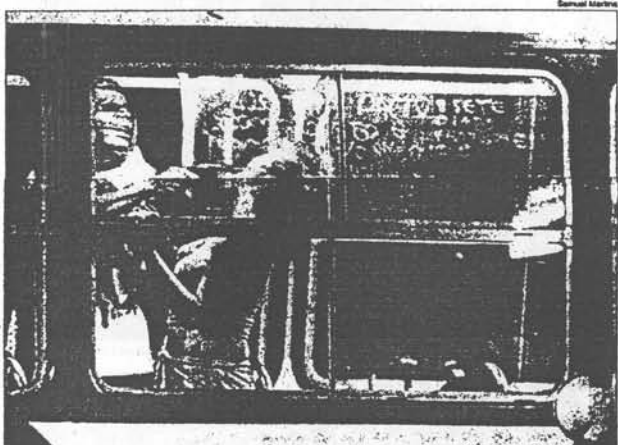
Conforto e segurança

Incompetência e morte



Reprodução da TVE - Celso Sabino

Vivo e gritando, o seqüestrador é posto no camburão de onde foi retirado morto



Garland Martin

Aterrorizada, Geisa foi torturada pelo bandido e pode ter sido morta pela polícia

Quatro horas de terror dois mortos e dúvidas

Foram quatro horas e meia de terror, com transmissão direta pela TV. Um ônibus da linha 174, Gávea-Central, foi sequestrado por um homem alto, negro, visivelmente drogado, que se identificou apenas como Sérgio e disse estar possuído. Ele embarcou, armado, na Rua Jardim Botânico, em frente ao Hospital da Lagoa, às 14h25. Avisada por um pedestre, a polícia alcançou e parou o ônibus em frente ao Parque Lage. O trocador, motorista e alguns passageiros conseguiram escapar, mas 11 reféns ficaram no ônibus. Pouco a pouco alguns foram libertados. Pelo menos seis mulheres ficaram como reféns e uma delas, a estudante de Administração da PUC Jansanelopes era arrastada pelos cabelos e mostrada pela janela. Cem homens do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (Bope), entre eles atiradores de elite, cercaram o ônibus. Um deles disse que a polícia teve inúmeras

chances de atirar no seqüestrador. A polícia não armou qualquer cordão de isolamento e centenas de populares, inclusive crianças, ficaram nas imediações do ônibus. O seqüestrador exigia duas granaças, duas pistolas e R\$ 1.000, afirmando que, se não recebesse tudo até as 18h, mataria os reféns. As 17h40, um mulot o assassinou de Janaína, passando a atormentar a recreadora Geisa Firmo Gonçalves, chegando a enfiar a arma em sua boca. As 19h o seqüestrador cedeu e deixou o ônibus, levando Geisa como escudo. Dois policiais do Bpe, que estavam escondidos em frente ao ônibus apostaram-se pelas costas e atiraram várias vezes. Geisa, com tiros no pescoço, ídrea e abdo-me e mais dois de raspão, foi levada para o Hospital Miguel Couto e não resistiu. O seqüestrador entrou no camburão, se apresentou ferimentos e, inexpectavelmente, foi levado ao Sotavento, onde chegou morto.

Presidente critica a ação da polícia

Partiu do presidente Fernando Henrique a condenação mais expressiva à ação da polícia fluminense. "Acabamos de assistir, todos estarrecidos, durante horas (...), numa violência absolutamente inaceitável e até certo ponto contristados por não termos uma ação capaz de evitar o desenlace fatal de uma jovem absolutamente

inocente." A maioria das manifestações chegou ao *JB Oym* de todas as partes do país condena a PM: "O povo não sabe se tem mais medo da polícia ou dos bandidos", afirma Rubens Goytacá, de Bel Horizonte (MG). "A ação policial foi péssima", protestou Roger Santos, do Rio de Janeiro. (Páginas 18, 19 e 21)



Julio Paulo Engeström

John Paddy Kenworthy

Reunited TV Fan

Vencido, o seqüestrador usa Geisa como escudo e sai do ônibus. Quando tudo parecia resolvido, um PM se aproxima e dispara.

COTACÕES

SALÁRIO MÍNIMO junho R\$ 151; DÓLAR Comercial (compra) R\$ 1.8032, Comercial (venda) R\$ 1.8040, Paralelo (compra) R\$ 1.880, Paralelo (venda) R\$ 1.900; TR, do dia 13/5 a 13/6 - 0,2158%; TBF, do dia 9/6 a 9/7 - 1,2688%; UFRR, junho país- R\$ 170,64; comercial e territorial, R\$ 5 e A-100 - R\$ 1.764,1.

PRECO

Venda em banca para RJ, MG, ES, SP.

RS 1.20

2ª Edição

© 1994 by John Wiley & Sons, Inc.

http://www.jstor.org/stable/2344448

Juiz quebra sigilo de suspeitos de vender votos na reeleição de FH

A movimentação bancária de cinco parlamentares suspeitos de receberem dinheiro para votar a favor da emenda de reeleição do atual presidente da República terá de ser remetida pelo Banco Central, em 30 dias e em caráter sigiloso, ao juiz federal Osmane Antônio dos Santos, da 1ª Vara Federal, de

Brasília. Os suspeitos são os ex-deputados federais Ronivon Santiago e João Maia, que renunciaram a seus mandatos. Chicão Brígido e Osmir Lima, não reeleitos, e a deputada Zila Bezerra (PFL-AC). Ronivon, em uma foto gravada obtida pelo jornal *Folha de S. Paulo*, disse ter recebido R\$ 200 mil

para votar a favor da emenda, e que a mesma quantia foi recebida pelos outros deputados. A quebra de sigilo entre agosto de 1996 e julho de 1997 foi pedida pelo procurador da República Marcus da Penha Souza Lima, mas o juiz não entendeu a decisão no caráter de crédito dos suspeitos. (Página 3)

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 2000 • ANO LXIV • Nº 24.593 • WWW.OGLOBO.COM.BR

Presidente: ROBERTO MARIN

Um erro fatal

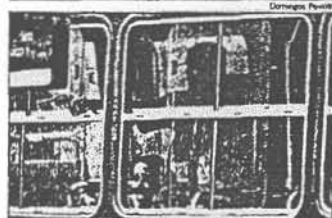
Polícia tem ação desastrosa e jovem inocente é morta após ser atingida por cinco tiros



APÓS A ação da PM, o bandido insiste em entrar no camburão: morte a caminho do hospital, segundo a polícia

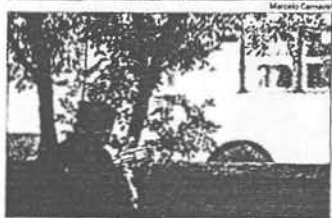
GRAVEMENTE FERIDA, Gelsa Firme Gonçalves, de 20 anos, é levada para o hospital após receber cinco tiros

16h40m: A ameaça



COM A ARMA para fora do ônibus o bandido alia em direção aos PMs

17h: Por que não atiraram antes?



ATIRADOR DE ELITE da PM morde guarda no muro do Parque Lage

Uma série de procedimentos errados da polícia, durante as quatro horas e meia do sequestro de um ônibus no Jardim Botânico, terminou em tragédia: um dos dez passageiros feitos reféns, Gelsa Firme Gonçalves, foi morta quando o assaltante, que já estava fora do ônibus e a usava como escudo, foi atacado por um policial que estava escondido. O tiro desferido pelo policial ou não atingiu o assaltante ou não o feriu com eficácia que o impedisse de usar o seu revólver contra a refém. Depois de ser dominado por vários PMs, o bandido foi preso. A polícia disse que ele morreu a caminho do hospital. Entre os erros da operação, especialistas criticaram sobretudo o tipo de arma usada pelo policial — uma submetralhadora calibre 9mm, de efeito penetrante, em vez de uma arma de impacto, que anulasse o bandido. Por várias vezes, o bandido, que dizia ter pacto com o diabo, del-

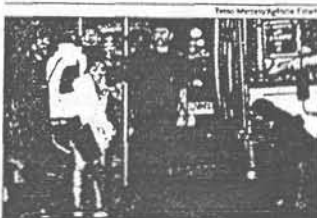
xou de apontar a arma para os reféns, mas mesmo assim os atiradores de elite da PM não entraram em ação. A jovem professora, que trabalhava com menores carentes na Rocinha, foi atingida por cinco balas, duas delas de raspão. Aparentando estar drogado, o bandido, identificado apenas como Sérgio, chegou a forjar a execução sumária de uma das reféns. "Eu pensei que fosse morrer", contou depois a estudante Janailma Lopes Neves. "O sujeito parecia possuído", disse outro refém, Willian de Moura. Essas e outras cenas, transmitidas ao vivo pela TV, pararam a cidade, chocaram o país e foram transmitidas ao mundo pela CNN. O presidente Fernando Henrique criticou a ação da polícia: "Ficamos contristados por não ver uma ação mais rápida." O governador Garotinho também se disse desapontado: "Confesso que o desfecho não me agradou".

17h30m: A tortura



O SEQUESTRADOR enfia o cano do revólver na boca de sua vítima

18h50m: O desfecho



POLICIAL PARTE para atirar no bandido; uma inocente acaba morta

Páginas 15 a 21

CLASSIFONEI
534-4333
ANUNCIE

1ª EDIÇÃO
Preço de circulação: R\$ 1,20
Classificados: R\$ 1,20
12 páginas
4 cadernos - 12ª edição

CHICO

Peço desculpas aos leitores, mas pela primeira vez em 32 anos de trabalho não consegui sintetizar com humor os fatos do dia.

Chico

MEGAZINE

Apaltonado por poesia, o ator Cain Blat fala sobre seus escritores preferidos e sugere leituras.

Como se preparar para a segunda prova da Uerj, que tem inscrições abertas a partir de hoje.

SEGUNDO CADERNO

A poesia volta a ecoar na cidade às vésperas do século XXI. O grupo Ver o Verso foi formado com o objetivo de recitar poemas produzidos por eles ou por autores consagrados.

Os filmes brasileiros estão atraindo cada vez mais espectadores nos Estados Unidos. A quarta edição do Festival de Cinema Brasileiro de Miami mostra que este crescimento é viável.

O DIA

R\$ 0,50

Nº 1
EM VENDAS NO RIO DE JANEIRO

O DIA ONLINE: www.odia.com.br

EDIÇÃO METROPOLITANA

ALCOOL AO VOLANTE



TRAGÉDIA em alta velocidade

Acidente mata quatro nadadores do Flamengo

O Golf em que os atletas voltavam da festa pelo fim do Troféu José Finkel, dirigido por Francisco Bucar, 19 anos, bateu na saída do Túnel Zuzu Angel, na Gávea. Todos haviam bebido. **PIRELLA 3**



ATAQUE

Edmundo não joga mais no Vasco

A goleada para o Flamengo provocou estragos em São Januário. Eurico Miranda decidiu suspender o contrato do Animal e colocá-lo à venda. Tita entra no lugar de Alor para comandar o time na decisão. **PIRELLA 4 E 7**



KUERTEN. Festa na torre

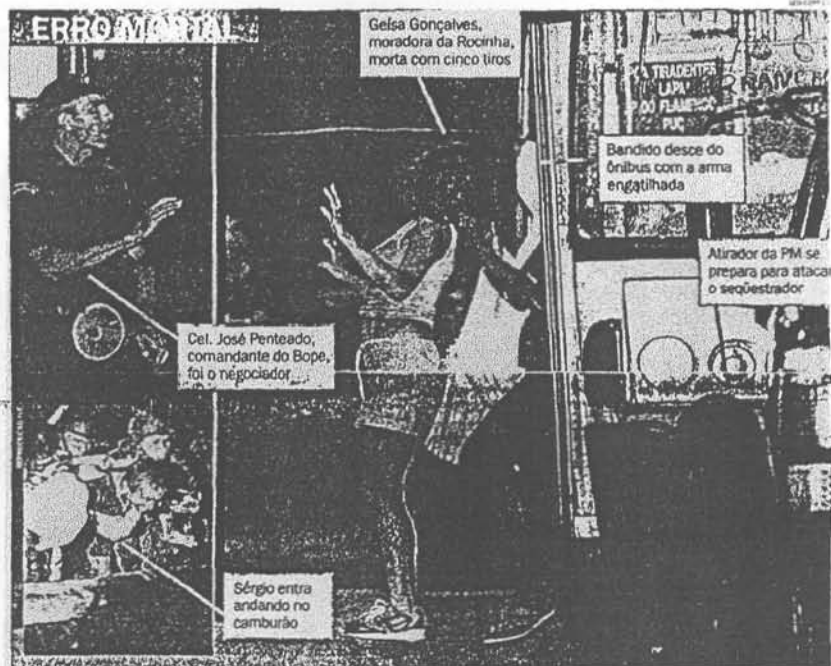
Guga sonha com o tetra em Paris

PIRELLA 2 E 3

Novas normas da educação infantil
Rio capacita mestres de aceleração

BASTA!

Fugitivo faz passageiros de reféns em ônibus e pára a cidade
Erros da PM provocam a morte de professora no fim do resgate
TV mostra bandido preso sem ferimentos. Ele chegou morto ao hospital



ERRO METROPOLITANO

Gelsa Gonçalves, moradora da Rocinha, morta com cinco tiros

Bandido desce do ônibus com a arma engatilhada

Atirador da PM se prepara para atacar o seqüestrador

Cel. José Penteado, comandante do Bope, foi o negociador

Sérgio entra andando no camburão



TERROR. Bandido engatilha a arma e ameaça a passageira

Às 14h20, um homem armado entrou no ônibus 174 (Central-Gávea) e deu início a uma das mais dramáticas cenas de violência já vividas no Rio. Foram quatro horas e meia de terror, transmitidas ao vivo pela TV. Identificado apenas como Sérgio, fugitivo de uma delegacia, esse homem enfrentou, sozinho e drogado, mais de 100 policiais, fechou a Rua Jardim Botânico e parou o Rio, ameaçando de morte os 10 reféns.

"Parece-me que há uma evidente atração da imprensa pela violência"

GOVERNADOR ANTHONY BAROTINHO

"Uma ação mais rápida poderia ter evitado a morte de uma inocente"

PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE

depoimento

JANUÁRIO 2000, 21/02/2000, 21/02/2000, 21/02/2000, 21/02/2000

'Ele blefou'

"Ele me obrigou a procurar dinheiro na bolsa de todas as mulheres. Só tinham R\$ 10. Quando botou o cano do revólver na minha boca, pensei que ia morrer. Ele me mandou ajoelhar, jogou um lençol sobre mim e atirou perto do meu pé. Foi um blefe."



**INFORMAÇÕES,
SUGESTÕES,
DÚVIDAS?**

supervia

Fone
588-9494
É SÓ LIGAR.

Eurico Miranda afasta Edmundo do time do Vasco Esportes

POVO

R\$ **0,40**

da Rio

DOMINGO

ANO IV • Nº 1725 • Rio de Janeiro • terça-feira • 13 de junho de 2000 • Povo Online - www.povodario.com.br

Presidente: Alberto Ahmed

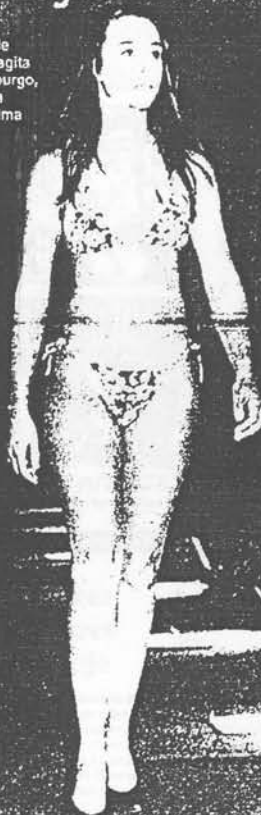
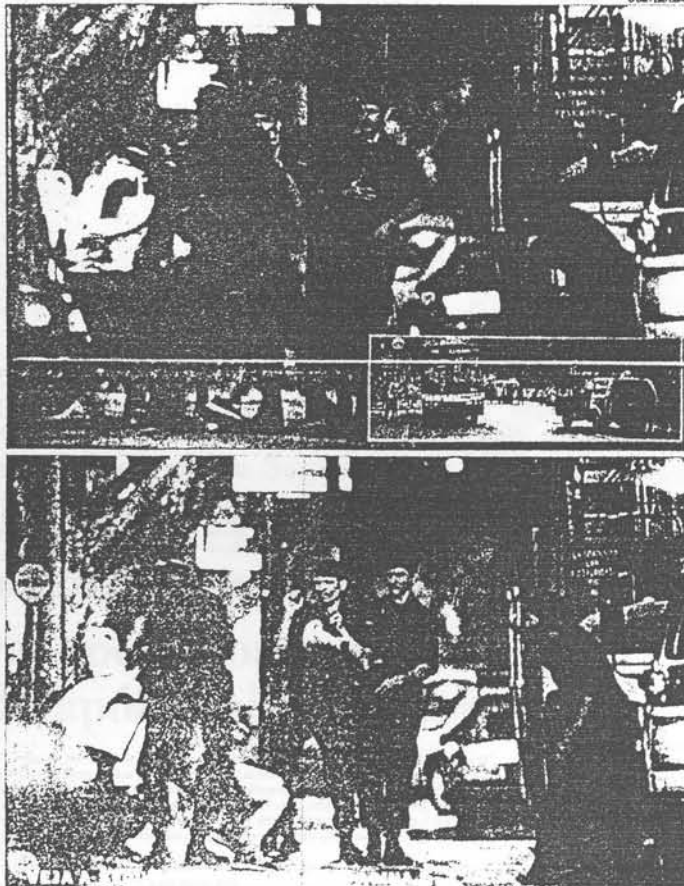
Assalto a ônibus com reféns na Rua Jardim Botânico termina com dois mortos

TERROR E MORTE NO 174

Armado com um revólver 38, um ladrão manteve oito reféns num ônibus da linha Central-Gávea interceptado pela Polícia em frente ao Parque Lage. Ele exigia duas pistolas, duas granadas e mil reais e ameaçava matar os reféns o tempo todo, mas chegou a libertar três homens e uma mulher. O seqüestro acabou com o ladrão baleado e morto junto com uma refém por um policial. Página 5

RioAlegre

IX Feira de Lingerie agita Nova Friburgo, capital da moda íntima

PROMOÇÃO

BIO-ED Povo

Recorte o cupom que está publicado no interior do jornal e tenha 10% de desconto na primeira mensalidade dos Planos de Saúde da Biomed.

518-4085

Presa babá acusada de espancar bebê

Acidente na Estrada Lagoa-Barra mata 4 atletas do Flamengo

Braço direito de Beira-Mar encanado em Friburgo

Usuários criticam serviços e tarifas da Viação Flores

Táxis de final 5 e 6 têm até dia 30 para vistoriar taxímetro
Página 3

Guarde o seu bilhete até o final da viagem

supervia
Lendo mais a sério

JORNAL DO BRASIL

FUNDADO EM 9 DE ABRIL DE 1891

Abandono em trânsito 500-5000

Rio de Janeiro • Quarta-feira • 14 de junho de 2000 • Ano CX - Nº 47

QUE POLÍCIA É ESSA?

PM provocou morte de refém e assassinou bandido

Governador critica policiais, demite comandante e prende guarnição

A INCOMPETÊNCIA



Precipitação do PM matou Geisa quando tudo poderia acabar bem

A PERGUNTA



No local da tragédia, flores e um cartaz que interroga: ...e a polícia?

Já estão presos os cinco PMs acusados de terem sufocado o seqüestrador Sandro do Nascimento, no camburão entre o Jardim Botânico e o Hospital Souza Aguiar. Sandro, que seria sobrevivente da chacina da Candelária, fez reféns os passageiros do ônibus da linha 174, durante

quatro horas e meia. No final do seqüestro, da imprudência do policial Marcelo Oliveira Santos, que tentou atingir Sandro por trás, resultou a morte da refém Geisa Firmino Gonçalves. O governador Anthony Garotinho demitiu o comandante da PM, Sérgio Cruz. (Páginas de 21 a 28)

Presidente apressa Segurança

O presidente Fernando Henrique fez reunião extraordinária, ontem à noite, com a equipe do Plano Nacional de Segurança. Hoje ele se encontra com a

área econômica para definir recursos do programa. Nos próximos dias, FH convocará os governadores estaduais em Brasília para estudar a questão. (Pág. 6)

O CRIME



Sandro, já dominado, é jogado no camburão e sufocado pelos PMs

O JB Online (www.jb.com.br) pergunta: você aprova a ação dos policiais que mataram o assaltante após a sua prisão?

Professores particulares param hoje

O Sindicato dos Professores do Município do Rio anunciou que será realizada uma greve de 24 horas, hoje, na rede particular de ensino. A principal reivindicação da categoria é o reajuste salarial de 14%. Cerca de 30 escolas participam do movimento. (Pág. 28)

Militar chileno ajuda busca de desaparecidos

Os chefes militares do Chile comprometeram-se a colaborar na localização dos corpos das mais de mil pessoas desaparecidas durante a ditadura Pinochet. A decisão é parte do acordo resultante da Mesa de Diálogo composta por civis e militares nos últimos nove meses para tratar dos crimes daquele período. O esquema será sigiloso e, para preservar os informantes, o governo atuará "como padre em relação a uma confissão". (Página 11)

Cabral apóia Conde agora, Conde apóia Cabral depois

No alto do Morro do Tuiuti, em São Cristóvão, o deputado Sérgio Cabral Filho definiu seu futuro político: decide disputar a Prefeitura do Rio, após a reeleição de Luiz Paulo Conde, e o prefeito apoiará sua candidatura para o Senado em 2002. Conde, a seu lado em uma visita às obras do projeto Favela-Bairro, confirmou o acordo: "Ele é um bom nome para

o Senado. Acho que todos deveríamos lutar para eleger-lo", disse o prefeito. Cabral afirmou que está apenas aliando, e não abandonando, o projeto de ser prefeito do Rio de Janeiro. "Tenho 37 anos e muito tempo pela frente", disse. Com o acordo, o prefeito deverá somar mais quatro minutos, aos quatro e meio que tem no horário eleitoral gratuito. (Pág. 3)

Itaú compra 12% da AOL latina

O Itaú e a AOL Latin America, subsidiária do maior provedor do mundo, fecharam sociedade que dará aos 7 milhões de clientes do banco acesso gratuito à Internet. Com isso, o Itaú entra em 2002, na disputa do mercado de telecomunicações. (Páginas 13 e 14)

FH defende punição para venda de voto

A punição dos que receberam dinheiro para votar a favor da emenda de reeleição presidencial foi defendida pelo presidente Fernando Henrique. "Se alguém tirou proveito disso, certamente não fui eu. Se alguém tirou proveito disso, tem que ser punido", afirmou. FH destacou que cabe à Justiça apurar as denúncias e lamentou que exista "um sentimento de impunidade de que deriva da morosidade dos procedimentos penais no Brasil". (Pág. 2)

KIM COM KIM



Kim Jong Il, líder do Norte, e Kim Dae Jung, presidente do Sul, em um aperto de mãos, o primeiro entre dirigentes das duas Coreias divididas há 55 anos. (Pág. 10)

PREÇO

Vende-se em bancas para RJ, MG, ES, SP.

R\$ 1,20

2ª Edição

© J. BRUNO DE MOURA S.A. 2000

Imp. Impressão do Jornal J. B. de Moura, Editora de J. B.

COTAÇÕES

SALÁRIO mínimo junho R\$ 151. Dólar Comercial (compra) R\$ 1.800. Dólar Comercial (venda) R\$ 1.810. Paridade comercial R\$ 1.810. Paridade comercial R\$ 1.810. TR de 14/5 a 14/6 - 0,751%. TR de 14/6 a 14/7 - 1,260%. TR de 14/7 a 14/8 - 1,260%. TR de 14/8 a 14/9 - 1,260%. TR de 14/9 a 14/10 - 1,260%. TR de 14/10 a 14/11 - 1,260%. TR de 14/11 a 14/12 - 1,260%. TR de 14/12 a 14/13 - 1,260%. TR de 14/13 a 14/14 - 1,260%. TR de 14/14 a 14/15 - 1,260%. TR de 14/15 a 14/16 - 1,260%. TR de 14/16 a 14/17 - 1,260%. TR de 14/17 a 14/18 - 1,260%. TR de 14/18 a 14/19 - 1,260%. TR de 14/19 a 14/20 - 1,260%. TR de 14/20 a 14/21 - 1,260%. TR de 14/21 a 14/22 - 1,260%. TR de 14/22 a 14/23 - 1,260%. TR de 14/23 a 14/24 - 1,260%. TR de 14/24 a 14/25 - 1,260%. TR de 14/25 a 14/26 - 1,260%. TR de 14/26 a 14/27 - 1,260%. TR de 14/27 a 14/28 - 1,260%. TR de 14/28 a 14/29 - 1,260%. TR de 14/29 a 14/30 - 1,260%. TR de 14/30 a 14/31 - 1,260%. TR de 14/31 a 14/32 - 1,260%. TR de 14/32 a 14/33 - 1,260%. TR de 14/33 a 14/34 - 1,260%. TR de 14/34 a 14/35 - 1,260%. TR de 14/35 a 14/36 - 1,260%. TR de 14/36 a 14/37 - 1,260%. TR de 14/37 a 14/38 - 1,260%. TR de 14/38 a 14/39 - 1,260%. TR de 14/39 a 14/40 - 1,260%. TR de 14/40 a 14/41 - 1,260%. TR de 14/41 a 14/42 - 1,260%. TR de 14/42 a 14/43 - 1,260%. TR de 14/43 a 14/44 - 1,260%. TR de 14/44 a 14/45 - 1,260%. TR de 14/45 a 14/46 - 1,260%. TR de 14/46 a 14/47 - 1,260%. TR de 14/47 a 14/48 - 1,260%. TR de 14/48 a 14/49 - 1,260%. TR de 14/49 a 14/50 - 1,260%. TR de 14/50 a 14/51 - 1,260%. TR de 14/51 a 14/52 - 1,260%. TR de 14/52 a 14/53 - 1,260%. TR de 14/53 a 14/54 - 1,260%. TR de 14/54 a 14/55 - 1,260%. TR de 14/55 a 14/56 - 1,260%. TR de 14/56 a 14/57 - 1,260%. TR de 14/57 a 14/58 - 1,260%. TR de 14/58 a 14/59 - 1,260%. TR de 14/59 a 14/60 - 1,260%. TR de 14/60 a 14/61 - 1,260%. TR de 14/61 a 14/62 - 1,260%. TR de 14/62 a 14/63 - 1,260%. TR de 14/63 a 14/64 - 1,260%. TR de 14/64 a 14/65 - 1,260%. TR de 14/65 a 14/66 - 1,260%. TR de 14/66 a 14/67 - 1,260%. TR de 14/67 a 14/68 - 1,260%. TR de 14/68 a 14/69 - 1,260%. TR de 14/69 a 14/70 - 1,260%. TR de 14/70 a 14/71 - 1,260%. TR de 14/71 a 14/72 - 1,260%. TR de 14/72 a 14/73 - 1,260%. TR de 14/73 a 14/74 - 1,260%. TR de 14/74 a 14/75 - 1,260%. TR de 14/75 a 14/76 - 1,260%. TR de 14/76 a 14/77 - 1,260%. TR de 14/77 a 14/78 - 1,260%. TR de 14/78 a 14/79 - 1,260%. TR de 14/79 a 14/80 - 1,260%. TR de 14/80 a 14/81 - 1,260%. TR de 14/81 a 14/82 - 1,260%. TR de 14/82 a 14/83 - 1,260%. TR de 14/83 a 14/84 - 1,260%. TR de 14/84 a 14/85 - 1,260%. TR de 14/85 a 14/86 - 1,260%. TR de 14/86 a 14/87 - 1,260%. TR de 14/87 a 14/88 - 1,260%. TR de 14/88 a 14/89 - 1,260%. TR de 14/89 a 14/90 - 1,260%. TR de 14/90 a 14/91 - 1,260%. TR de 14/91 a 14/92 - 1,260%. TR de 14/92 a 14/93 - 1,260%. TR de 14/93 a 14/94 - 1,260%. TR de 14/94 a 14/95 - 1,260%. TR de 14/95 a 14/96 - 1,260%. TR de 14/96 a 14/97 - 1,260%. TR de 14/97 a 14/98 - 1,260%. TR de 14/98 a 14/99 - 1,260%. TR de 14/99 a 14/100 - 1,260%. TR de 14/100 a 14/101 - 1,260%. TR de 14/101 a 14/102 - 1,260%. TR de 14/102 a 14/103 - 1,260%. TR de 14/103 a 14/104 - 1,260%. TR de 14/104 a 14/105 - 1,260%. TR de 14/105 a 14/106 - 1,260%. TR de 14/106 a 14/107 - 1,260%. TR de 14/107 a 14/108 - 1,260%. TR de 14/108 a 14/109 - 1,260%. TR de 14/109 a 14/110 - 1,260%. TR de 14/110 a 14/111 - 1,260%. TR de 14/111 a 14/112 - 1,260%. TR de 14/112 a 14/113 - 1,260%. TR de 14/113 a 14/114 - 1,260%. TR de 14/114 a 14/115 - 1,260%. TR de 14/115 a 14/116 - 1,260%. TR de 14/116 a 14/117 - 1,260%. TR de 14/117 a 14/118 - 1,260%. TR de 14/118 a 14/119 - 1,260%. TR de 14/119 a 14/120 - 1,260%. TR de 14/120 a 14/121 - 1,260%. TR de 14/121 a 14/122 - 1,260%. TR de 14/122 a 14/123 - 1,260%. TR de 14/123 a 14/124 - 1,260%. TR de 14/124 a 14/125 - 1,260%. TR de 14/125 a 14/126 - 1,260%. TR de 14/126 a 14/127 - 1,260%. TR de 14/127 a 14/128 - 1,260%. TR de 14/128 a 14/129 - 1,260%. TR de 14/129 a 14/130 - 1,260%. TR de 14/130 a 14/131 - 1,260%. TR de 14/131 a 14/132 - 1,260%. TR de 14/132 a 14/133 - 1,260%. TR de 14/133 a 14/134 - 1,260%. TR de 14/134 a 14/135 - 1,260%. TR de 14/135 a 14/136 - 1,260%. TR de 14/136 a 14/137 - 1,260%. TR de 14/137 a 14/138 - 1,260%. TR de 14/138 a 14/139 - 1,260%. TR de 14/139 a 14/140 - 1,260%. TR de 14/140 a 14/141 - 1,260%. TR de 14/141 a 14/142 - 1,260%. TR de 14/142 a 14/143 - 1,260%. TR de 14/143 a 14/144 - 1,260%. TR de 14/144 a 14/145 - 1,260%. TR de 14/145 a 14/146 - 1,260%. TR de 14/146 a 14/147 - 1,260%. TR de 14/147 a 14/148 - 1,260%. TR de 14/148 a 14/149 - 1,260%. TR de 14/149 a 14/150 - 1,260%. TR de 14/150 a 14/151 - 1,260%. TR de 14/151 a 14/152 - 1,260%. TR de 14/152 a 14/153 - 1,260%. TR de 14/153 a 14/154 - 1,260%. TR de 14/154 a 14/155 - 1,260%. TR de 14/155 a 14/156 - 1,260%. TR de 14/156 a 14/157 - 1,260%. TR de 14/157 a 14/158 - 1,260%. TR de 14/158 a 14/159 - 1,260%. TR de 14/159 a 14/160 - 1,260%. TR de 14/160 a 14/161 - 1,260%. TR de 14/161 a 14/162 - 1,260%. TR de 14/162 a 14/163 - 1,260%. TR de 14/163 a 14/164 - 1,260%. TR de 14/164 a 14/165 - 1,260%. TR de 14/165 a 14/166 - 1,260%. TR de 14/166 a 14/167 - 1,260%. TR de 14/167 a 14/168 - 1,260%. TR de 14/168 a 14/169 - 1,260%. TR de 14/169 a 14/170 - 1,260%. TR de 14/170 a 14/171 - 1,260%. TR de 14/171 a 14/172 - 1,260%. TR de 14/172 a 14/173 - 1,260%. TR de 14/173 a 14/174 - 1,260%. TR de 14/174 a 14/175 - 1,260%. TR de 14/175 a 14/176 - 1,260%. TR de 14/176 a 14/177 - 1,260%. TR de 14/177 a 14/178 - 1,260%. TR de 14/178 a 14/179 - 1,260%. TR de 14/179 a 14/180 - 1,260%. TR de 14/180 a 14/181 - 1,260%. TR de 14/181 a 14/182 - 1,260%. TR de 14/182 a 14/183 - 1,260%. TR de 14/183 a 14/184 - 1,260%. TR de 14/184 a 14/185 - 1,260%. TR de 14/185 a 14/186 - 1,260%. TR de 14/186 a 14/187 - 1,260%. TR de 14/187 a 14/188 - 1,260%. TR de 14/188 a 14/189 - 1,260%. TR de 14/189 a 14/190 - 1,260%. TR de 14/190 a 14/191 - 1,260%. TR de 14/191 a 14/192 - 1,260%. TR de 14/192 a 14/193 - 1,260%. TR de 14/193 a 14/194 - 1,260%. TR de 14/194 a 14/195 - 1,260%. TR de 14/195 a 14/196 - 1,260%. TR de 14/196 a 14/197 - 1,260%. TR de 14/197 a 14/198 - 1,260%. TR de 14/198 a 14/199 - 1,260%. TR de 14/199 a 14/200 - 1,260%. TR de 14/200 a 14/201 - 1,260%. TR de 14/201 a 14/202 - 1,260%. TR de 14/202 a 14/203 - 1,260%. TR de 14/203 a 14/204 - 1,260%. TR de 14/204 a 14/205 - 1,260%. TR de 14/205 a 14/206 - 1,260%. TR de 14/206 a 14/207 - 1,260%. TR de 14/207 a 14/208 - 1,260%. TR de 14/208 a 14/209 - 1,260%. TR de 14/209 a 14/210 - 1,260%. TR de 14/210 a 14/211 - 1,260%. TR de 14/211 a 14/212 - 1,260%. TR de 14/212 a 14/213 - 1,260%. TR de 14/213 a 14/214 - 1,260%. TR de 14/214 a 14/215 - 1,260%. TR de 14/215 a 14/216 - 1,260%. TR de 14/216 a 14/217 - 1,260%. TR de 14/217 a 14/218 - 1,260%. TR de 14/218 a 14/219 - 1,260%. TR de 14/219 a 14/220 - 1,260%. TR de 14/220 a 14/221 - 1,260%. TR de 14/221 a 14/222 - 1,260%. TR de 14/222 a 14/223 - 1,260%. TR de 14/223 a 14/224 - 1,260%. TR de 14/224 a 14/225 - 1,260%. TR de 14/225 a 14/226 - 1,260%. TR de 14/226 a 14/227 - 1,260%. TR de 14/227 a 14/228 - 1,260%. TR de 14/228 a 14/229 - 1,260%. TR de 14/229 a 14/230 - 1,260%. TR de 14/230 a 14/231 - 1,260%. TR de 14/231 a 14/232 - 1,260%. TR de 14/232 a 14/233 - 1,260%. TR de 14/233 a 14/234 - 1,260%. TR de 14/234 a 14/235 - 1,260%. TR de 14/235 a 14/236 - 1,260%. TR de 14/236 a 14/237 - 1,260%. TR de 14/237 a 14/238 - 1,260%. TR de 14/238 a 14/239 - 1,260%. TR de 14/239 a 14/240 - 1,260%. TR de 14/240 a 14/241 - 1,260%. TR de 14/241 a 14/242 - 1,260%. TR de 14/242 a 14/243 - 1,260%. TR de 14/243 a 14/244 - 1,260%. TR de 14/244 a 14/245 - 1,260%. TR de 14/245 a 14/246 - 1,260%. TR de 14/246 a 14/247 - 1,260%. TR de 14/247 a 14/248 - 1,260%. TR de 14/248 a 14/249 - 1,260%. TR de 14/249 a 14/250 - 1,260%. TR de 14/250 a 14/251 - 1,260%. TR de 14/251 a 14/252 - 1,260%. TR de 14/252 a 14/253 - 1,260%. TR de 14/253 a 14/254 - 1,260%. TR de 14/254 a 14/255 - 1,260%. TR de 14/255 a 14/256 - 1,260%. TR de 14/256 a 14/257 - 1,260%. TR de 14/257 a 14/258 - 1,260%. TR de 14/258 a 14/259 - 1,260%. TR de 14/259 a 14/260 - 1,260%. TR de 14/260 a 14/261 - 1,260%. TR de 14/261 a 14/262 - 1,260%. TR de 14/262 a 14/263 - 1,260%. TR de 14/263 a 14/264 - 1,260%. TR de 14/264 a 14/265 - 1,260%. TR de 14/265 a 14/266 - 1,260%. TR de 14/266 a 14/267 - 1,260%. TR de 14/267 a 14/268 - 1,260%. TR de 14/268 a 14/269 - 1,260%. TR de 14/269 a 14/270 - 1,260%. TR de 14/270 a 14/271 - 1,260%. TR de 14/271 a 14/272 - 1,260%. TR de 14/272 a 14/273 - 1,260%. TR de 14/273 a 14/274 - 1,260%. TR de 14/274 a 14/275 - 1,260%. TR de 14/275 a 14/276 - 1,260%. TR de 14/276 a 14/277 - 1,260%. TR de 14/277 a 14/278 - 1,260%. TR de 14/278 a 14/279 - 1,260%. TR de 14/279 a 14/280 - 1,260%. TR de 14/280 a 14/281 - 1,260%. TR de 14/281 a 14/282 - 1,260%. TR de 14/282 a 14/283 - 1,260%. TR de 14/283 a 14/284 - 1,260%. TR de 14/284 a 14/285 - 1,260%. TR de 14/285 a 14/286 - 1,260%. TR de 14/286 a 14/287 - 1,260%. TR de 14/287 a 14/288 - 1,260%. TR de 14/288 a 14/289 - 1,260%. TR de 14/289 a 14/290 - 1,260%. TR de 14/290 a 14/291 - 1,260%. TR de 14/291 a 14/292 - 1,260%. TR de 14/292 a 14/293 - 1,260%. TR de 14/293 a 14/294 - 1,260%. TR de 14/294 a 14/295 - 1,260%. TR de 14/295 a 14/296 - 1,260%. TR de 14/296 a 14/297 - 1,260%. TR de 14/297 a 14/298 - 1,260%. TR de 14/298 a 14/299 - 1,260%. TR de 14/299 a 14/300 - 1,260%. TR de 14/300 a 14/301 - 1,260%. TR de 14/301 a 14/302 - 1,260%. TR de 14/302 a 14/303 - 1,260%. TR de 14/303 a 14/304 - 1,260%. TR de 14/304 a 14/305 - 1,260%. TR de 14/305 a 14/306 - 1,260%. TR de 14/306 a 14/307 - 1,260%. TR de 14/307 a 14/308 - 1,260%. TR de 14/308 a 14/309 - 1,260%. TR de 14/309 a 14/310 - 1,260%. TR de 14/310 a 14/311 - 1,260%. TR de 14/311 a 14/312 - 1,260%. TR de 14/312 a 14/313 - 1,260%. TR de 14/313 a 14/314 - 1,260%. TR de 14/314 a 14/315 - 1,260%. TR de 14/315 a 14/316 - 1,260%. TR de 14/316 a 14/317 - 1,260%. TR de 14/317 a 14/318 - 1,260%. TR de 14/318 a 14/319 - 1,260%. TR de 14/319 a 14/320 - 1,260%. TR de 14/320 a 14/321 - 1,260%. TR de 14/321 a 14/322 - 1,260%. TR de 14/322 a 14/323 - 1,260%. TR de 14/323 a 14/324 - 1,260%. TR de 14/324 a 14/325 - 1,260%. TR de 14/325 a 14/326 - 1,260%. TR de 14/326 a 14/327 - 1,260%. TR de 14/327 a 14/328 - 1,260%. TR de 14/328 a 14/329 - 1,260%. TR de 14/329 a 14/330 - 1,260%. TR de 14/330 a 14/331 - 1,260%. TR de 14/331 a 14/332 - 1,260%. TR de 14/332 a 14/333 - 1,260%. TR de 14/333 a 14/334 - 1,260%. TR de 14/334 a 14/335 - 1,260%. TR de 14/335 a 14/336 - 1,260%. TR de 14/336 a 14/337 - 1,260%. TR de 14/337 a 14/338 - 1,260%. TR de 14/338 a 14/339 - 1,260%. TR de 14/339 a 14/340 - 1,260%. TR de 14/340 a 14/341 - 1,260%. TR de 14/341 a 14/342 - 1,260%. TR de 14/342 a 14/343 - 1,260%. TR de 14/343 a 14/344 - 1,260%. TR de 14/344 a 14/345 - 1,260%. TR de 14/345 a 14/346 - 1,260%. TR de 14/346 a 14/347 - 1,260%. TR de 14/347 a 14/348 - 1,260%. TR de 14/348 a 14/349 - 1,260%. TR de 14/349 a 14/350 - 1,260%. TR de 14/350 a 14/351 - 1,260%. TR de 14/351 a 14/352 - 1,260%. TR de 14/352 a 14/353 - 1,260%. TR de 14/353 a 14/354 - 1,260%. TR de 14/354 a 14/355 - 1,260%. TR de 14/355 a 14/356 - 1,260%. TR de 14/356 a 14/357 - 1,260%. TR de 14/357 a 14/358 - 1,260%. TR de 14/358 a 14/359 - 1,260%. TR de 14/359 a 14/360 - 1,260%. TR de 14/360 a 14/361 - 1,260%. TR de 14/361 a 14/362 - 1,260%. TR de 14/362 a 14/363 - 1,260%. TR de 14/363 a 14/364 - 1,260%. TR de 14/364 a 14/365 - 1,260%. TR de 14/365 a 14/366 - 1,260%. TR de 14/366 a 14/367 - 1,260%. TR de 14/367 a 14/368 - 1,260%. TR de 14/368 a 14/369 - 1,260%. TR de 14/369 a 14/370 - 1,260%. TR de 14/370 a 14/371 - 1,260%. TR de 14/371 a 14/372 - 1,260%. TR de 14/372 a 14/373 - 1,260%. TR de 14/373 a 14/374 - 1,260%. TR de 14/374 a 14/375 - 1,260%. TR de 14/375 a 14/376 - 1,260%. TR de 14/376 a 14/377 - 1,260%. TR de 14/377 a 14/378 - 1,260%. TR de 14/378 a 14/379 - 1,260%. TR de 14/379 a 14/380 - 1,260%. TR de 14/380 a 14/381 - 1,26

7.25 Globo 14/6

foto 1: homenagem dos moradores da Rocinha com flores no local da morte de Geisa

foto 2 : uma das sobreviventes recebendo beijo do pai

foto 3 : Geisa fotografada em maio no trabalho na Rocinha
charge

7.26 Dia 14/6

foto 1: foto com indicação do tiro do policial que acertou a refém / a arma / amigos e alunos rezando

foto 2: foto de corpo inteiro de Geisa

foto 3: bandido sendo colocado no camburão

foto 4: pedreiro sobrevivente sendo abraçado por parentes / mulher sobrevivente com o pai / outra sobrevivente

foto 5: casal se beijando (caderno D)

7.27 Povo 14/6

foto 1: 3 fotos do seqüestrador sendo colocado no camburão

foto 2: foto de carta e flores na calçada da tragédia

foto 3: refém morta sendo carregada

7.28 Povo 9/5

foto 2: manifestantes do MST estendendo bandeira do Brasil para servir de abrigo no centro

7.29 Jornal do Brasil 9/5

foto 1: turistas transitando entre policiais

foto 2: policiais de armas em punho na rua

7.30 Dia e Povo 9/5

foto 1: alunos de escola do morro dos prazeres fugindo de tiroteio

foto 2: policiais na entrada do morro dos Prazeres

7.31 Povo 14/5

foto 1: Rose Nascimento, filha de pastor, cantora

foto 2: missa no dia de n. Sra. de Fátima

7.32 Garotinho 14 e 15/5

JB: Rosinha e outros no dia da internação do Garotinho

Globo: Garotinho e Rosinha no carro após alta

Dia: Garotinho com Rosinha na clínica

Povo: retrato do Garotinho ao receber alta

7.33 Dia das mães 14 e 15/5

JB: menino de rua dormindo em calçadão da Zona Sul

Globo: Xuxa com Sacha

Dia: Xuxa com a mãe e a avó

Povo: fila para restaurante no dia das mães

7.34 Diretora do FMI 16/5

Globo: diretora do FMI em queda, sendo segura por um segurança

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2000 • ANO LXXV • Nº 24.394 • WWW.OGLOBO.COM.BR

Presidente: ROBERTO MARINH

Sucessão de absurdos

1 Primeiro tiro em Geisa foi da polícia

2 Bandido não levou um tiro sequer

3 Policiais estrangularam seqüestrador no camburão



MORADORES DA Rocinha prestam uma homenagem à professora Geisa Firmino Gonçalves rezando no local em que ela foi morta



JANAINA, uma das reféns, é recebida pelo pai em Campo Grande (MS)



GEISA GONÇALVES fotografada em maio em seu trabalho na Rocinha

• Ainda sob o choque do seqüestro do ônibus no Jardim Botânico, com a morte de uma inocente, o Rio tomou conhecimento ontem de que o desfecho do caso foi ainda mais absurdo do que se sabia, revelando todo o despreparo da ação da polícia: o tiro desferido pelo soldado da PM Marcelo Oliveira dos Santos acertou, na verdade, a professora Geisa Firmino Gonçalves, o que acabou levando o seqüestrador Sandro do Nascimento a matá-la, o bandido não foi atingido por um tiro sequer e aca-

bou sendo estrangulado pelos policiais dentro do camburão que o levaria a um hospital. E os erros não acabaram aí: não houve o isolamento da área, a periclitada do local só foi realizada no dia seguinte e, apesar de o comando da polícia do Rio sustentar ontem que não poderia ter atirado antes em Sandro e que a submetralhadora era a arma certa para a operação, especialistas de várias partes do país afirmam justamente o contrário. O bandido era sobrevivente da chacinha da Candelária

Chefe da PM é demitido

Policiais que mataram bandido estão detidos

• O governador Anthony Garotinho exonerou do cargo o comandante-geral da PM, coronel Sérgio da Cruz, e criticou duramente a operação, afirmando que o desempenho da polícia foi medíocre e intolerável. Os cinco policiais que assassinaram o seqüestrador estão presos e vão

responder por homicídio doloso. O policial Marcelo de Oliveira dos Santos, que ao tentar atirar em Sandro acabou acertando a professora, foi afastado das funções de rua e responderá a inquérito.

Páginas 17 a 26, editorial "O que o povo viu" e seção de cartas, página 6

Detran flagra fraude para a Brasal

• O funcionário do Detran Edequias Gonçalves Pechina foi preso em flagrante, quando transferia irregularmente, pelo computador, a propriedade de uma caminhonete da Brasal, empresa de Jair Coelho, o Rei das Quentinhas, que fornece comida para as prisões. Edequias confessou outras fraudes. Página 28



Terrorista que atirou no Papa é indultado

• O terrorista turco Mehmet Ali Agca, condenado à prisão perpétua pelo atentado a tiros contra o Papa João Paulo II em maio de 1981, recebeu ontem o indulto do presidente da Itália, Carlo Azeglio Ciampi, e foi extraditado para a Turquia, onde ficará preso pe-

la morte de um jornalista. Ali Agca pediu repetidas vezes para ser transferido para a Turquia. O indulto foi concedido um mês depois da divulgação do terceiro segredo de Fátima. Interpretado pelo Vaticano como a previsão do atentado. Página 41

Sérgio retira candidatura e apoia Conde

• O deputado Sérgio Cabral Filho desistiu de disputar a Prefeitura do Rio e anunciou que vai apoiar o prefeito Luiz Paulo Conde que tenta a reeleição. Em troca, Conde apoiará a candidatura de Sérgio ao Senado em 2002. Páginas 3 e 4

SEGUNDO CADERNO

CARROZ

• A vida de Jean-Baptiste Debret, autor de uma crônica visual preciosa do Rio no século XIX, será contada pelo cineasta Jon Tob Azulay num documentário diferente. Em vez de atores, Azulay usará bonecos de lã criados por Miguel Vellinho, do grupo Sobrevento, num cenário de paisagens reais e pinturas históricas.

• Alguns modelos nacionais apresentam defeitos de fabricação difíceis de serem consertados. E nem sempre as montadoras adiantam erros nos projetos.

1ª EDIÇÃO
R\$ 1,20
Cadastrado em 14 de maio de 2000
Cadastrado em 14 de maio de 2000

INTERNET

Liberdade de ESCOLHA

Após a publicação de uma reportagem sobre a liberdade de escolha, o O Dia recebeu muitas mensagens de leitores.

UMA NOVA COLUNA

A nova coluna de trocas de e-mail entre os leitores e o O Dia.

A hora certa de trocar o seu leitor de e-mail.

Os softwares que conquistam o coração dos usuários.

Uma nova coluna sobre as novidades do mundo on-line.

EXCLUSIVO

União e prefeitura pagam 13º de servidor

COLUNA DO SERVIDOR, PÁGINA 14

TALENTO BICAMPEÃO O DIA ganha dois prêmios Libero Badaró

Pelo segundo ano, O DIA ganha o prêmio de Jornalismo Imprensa, com a reportagem O Preço da Liberdade, de João Antônio Barros. Aroca venceu na categoria de cartuns. PÁGINA 4

CORRIDA À PREFEITURA Sérgio Cabral desiste e vai apoiar Conde

PÁGINA 21

ATAQUE

Edmundo despreza apoio dos colegas e diz que Vasco já era.

PÁGINA 17

ELE VOLTOU Justiça leva Pitta de volta à prefeitura

PÁGINA 22

Abra a BOCA e fecha os OLHOS



Beijos escandalosos tornam conta das novelas e inspiram casais no rastro das cenas torcidas de Vera Fischer e Reynaldo Gianecchini.

GAROTINHO DEMITE O COMANDANTE-GERAL DA PM E PRENDE CINCO SOLDADOS DO BOPE

Policia! acertou refém na cabeça e bandido foi asfiziado no camburão

GEISA QUERIA TER UM FILHO E VOLTAR PARA O CEARÁ



O ERRO. Tiro do soldado acerta refém



A ARMA. Bandido deu três tiros em Geisa



ORAÇÃO. Amigos e alunos rezam por ela



ALEGRIA ANTES DO FIM. O sonho de ser mãe durou pouco. "Ela estava superfeliz", diz uma amiga. A professora, 20 anos, saiu para ir ao banco. Ela dava aulas de artesanato na Rocinha. Era adorada pelas crianças.

Depois de elogiar, na segunda-feira, a ação da Polícia Militar, o governador Garotinho se rendeu às evidências. Ontem, diante dos laudos, o discurso mudou: "Foi um desfecho de-sestoso, a pior coisa que poderia acontecer. Um desempenho medíocre". Como consequência, demitiu o coronel Sérgio da Cruz, comandante da PM. Os dados técnicos confirmaram que pelo menos um dos tiros que atingiu a professora Geisa Gonçalves foi disparado pelo soldado. Epílogo: revelaram que o seqüestrador Sandro do Nascimento foi asfiziado dentro do camburão, a caminho do hospital. De sua arma, saíram os outros três tiros que mataram a refém.

Violência e incompetência deprimem FH

Ainda sob o impacto da tragédia da Rua Jardim Botânico, o presidente disse, no Rio, que o sentimento de impunidade no País é fruto da morosidade da Justiça.

PÁGINAS 9, 10, 11 E 12, DESTAQUI, "PÁGINA DE DESTAQUE" E COLUNA NA PÁGINA 14

TRAGÉDIA DE ERROS

- 1 - Por que o comando da operação não isolou a área em torno do ônibus, permitindo a aproximação dos populares?
- 2 - Por que, mesmo tendo cercado o ônibus na Rua Jardim Botânico, a PM permitiu a fuga de um dos bandidos?
- 3 - Por que a PM não entrevistou reféns libertados para confirmar que Sandro agia sozinho, o que facilitaria a ação?
- 4 - Por que foi usada, no momento do ataque ao bandido, uma submetralhadora, arma de manuseio difícil e imprópria para esse tipo de ação?



- 5 - Por que o bandido foi levado para o Hospital Souza Aguiar, no Centro, dentro de um camburão (E), e não de ambulância?
- 6 - Por que não havia atirador de elite em condições de tiro, quando o bandido colocou a cabeça de fora, várias vezes atestando a arma da refém?

SÓBREVIVENTES



O pedreiro Carlos Faria, 35 anos, queria apenas comprar ferramentas novas e flores para a companheira (foto). Confundido com o comparsa do bandido, amargou quase cinco horas de humilhação na 15ª DP.

"Isso tudo é muito triste; uma menina inocente morreu"



Janaina Nunes, 23 anos, nasceu de novo. Por ordem do assaltante, ela simulou sua própria morte e permaneceu mais de uma hora delatada no chão do ônibus. Ontem, resolveu deixar o Rio e

foi ao encontro do pai (foto) em Campo Grande (MS). A tragédia deixou marcas, mas ela não pretende abandonar o Rio. Quer retornar no domingo para concluir seu curso de Administração na PUC.



Lisana Belmont, 19 anos, foi a mais controlada das seis reféns. Ao perceber que o ônibus iria ser atacado, ligou para a mãe, em São Gonçalo, comunicou a tragédia e pediu calma.

"Eu e Geisa nos abraçamos. Quería que tudo acabasse bem"

"O bandido desceu para se render. A polícia poderia ter resolvido a situação bem antes"

**PERGUNTAS
SUSPEITAS
DUVIDAS?**

supervia

Fone
588-9494

É SÓ LIGAR.

Sérgio Cabral desiste da candidatura e apóia Conde Página 2

Povo R\$ 0,40

da Rio

**DE DOMINGO
A DOMINGO**

ANO IV • Nº 1726 • Rio de Janeiro • quarta-feira • 14 de junho de 2000 • Povo Online - www.povonline.com.br

Presidente: Alberto Ahmed

A VERDADE DO 174



Após os tiros, que não o atingiram, Sandro, o sequestrador lutivo de 28º DP, é dominado pelos PM. Um grupo de policiais praticamente o carrega para o camburão, onde o bandido é jogado vivo e de onde só sairá morto.

Tanto o sequestrador quanto a PM mataram a refém Geisa Firmo Gonçalves, grávida de dois meses
O sequestrador Sandro do Nascimento foi espancado e morto por estrangulamento no camburão
Demitido o comandante geral da Polícia Militar. Os PMs que mataram o bandido já estão presos



Flores na calçada lembram a refém morta, no lugar da tragédia do 174



O corpo da refém Geisa Firmo Gonçalves, já morta, nos braços de um bombeiro, após os tiros disparados pelo PM, que deveriam atingir o sequestrador

A trapalhada policial que culminou com a morte da refém Geisa Firmo Gonçalves e do ladrão Sandro do Nascimento desaguou na demissão do comandante geral da Polícia Militar, coronel Sérgio da Cruz. Geisa, segundo laudo do IML, que foi impedido de liberar o corpo pelo Ministério Público, foi atingida tanto pelo PM quanto pelo bandido. Já Sandro foi espancado e morto por estrangulamento pelos policiais - que já estão presos - dentro do camburão. Páginas 4 e 5

PROMOÇÃO

Saúde nas Bancas
BIO+ED Povo

Recorte o cupom que está publicado no interior do jornal e tenha 50 % de desconto na primeira mensalidade dos Planos de Saúde do Biomed.

Ligue Biomed
518-4085

Romário sai em defesa de Edmundo, que recusa ajuda

ESPORTES

**Cem mil fiéis
fazem homenagem
a Santo Antônio**
Página 2

**Rosinha visita
Centro de Cidadania
em Parada de Lucas**
Página 2

**Guardas do Desipe
negociam reajuste
salarial com Governo**
Página 2

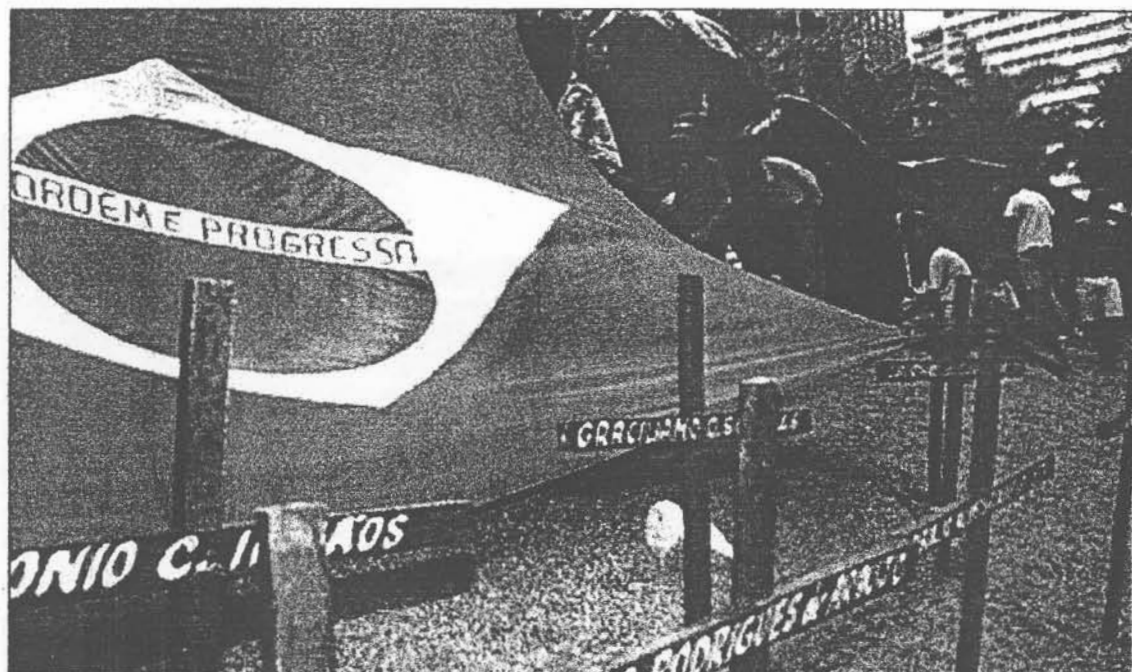
**Viveirão volta
a ser inaugurado
no Zoológico**
Página 2

**Estado dá R\$ 40
milhões para
recuperar favelas**
Página 3



**Guarde o seu
bilhete até o final
da viagem.**

supervia
Levando você a sério



Bandeira serve de abrigo para MST no Centro

PÁGINA 3

Santa Teresa sob fogo cruzado

Comunidade sofre com a presença de grupos de esquerda e direita

Uma comunidade de favelados, conhecida como Santa Teresa, está sendo alvo de ataques de grupos de esquerda e direita. Os ataques são realizados por grupos de esquerda, que se autodenominam "Forças Armadas Revolucionárias", e por grupos de direita, que se autodenominam "Forças Armadas de Defesa da Pátria". Os ataques são realizados com o objetivo de controlar a comunidade e impedir a atuação dos grupos de esquerda. Os ataques são realizados com o uso de armas e explosivos. Os ataques são realizados em várias ocasiões, incluindo a noite de 15 de março, quando um grupo de esquerda atacou a comunidade. Os ataques são realizados em várias ocasiões, incluindo a noite de 15 de março, quando um grupo de esquerda atacou a comunidade. Os ataques são realizados em várias ocasiões, incluindo a noite de 15 de março, quando um grupo de esquerda atacou a comunidade.

VIOÊNCIA



Fotos de Samuel Martins

Turistas descem do bonde e assistem à confusão envolvendo PMs e traficantes dos morros em Santa Teresa

Santa Teresa sob fogo cruzado

A disputa pelo tráfico de drogas deixa os moradores em pânico

■ **Turistas se apavoram e tentam fugir de bonde**

■ **Moradores usam câmeras para não pagar a PM**

Santa Teresa voltou a viver ontem momentos de pânico, em clima de guerra urbana, com a ação dos traficantes da quadrilha de Marcos Antônio Pereira Firmino da Silva, o *Mightor*, preso na sexta-feira. Por volta das 11h30, policiais militares tentaram ocupar o Morro dos Prazeres, onde, na madrugada de domingo, 50 homens encapuzados acabaram com um baile funk, expulsando 6.000 pessoas. No momento em que os PMs iam subir a favela, os traficantes começaram a atirar do alto do morro, usando fuzis. O tiroteio ocorreu na hora em que as crianças entravam ou saíam das escolas, o que levou os moradores ao desespero. No fim da tarde, cerca de 60 policiais conseguiram ocupar o morro. Segundo os PMs, o ataque da madrugada de domingo foi executado por um grupo rival de *Mightor* que estaria tentando assumir o controle do tráfico no Morro dos Prazeres, mas não souberam identificar se seriam do Comando Vermelho ou de outra facção. (Páginas 18 e 19)

■ **Bandidos autorizam obras do Favela-Bairro**

■ **Policiais das guaritas se sentem desprotegidos**

7.30

O DIA, 9 de maio de 2000

TRAFICANTES EXPULSAM PM DO MORRO DOS PRAZERES A TIROS.



Prova de FOGO

TERROR. Pouco antes do meio-dia, 20 traficantes obrigaram patrulha do 1º BPM (Estácio) a recuar do Morro dos Prazeres, em Santa Teresa, botando alunos de escola primária para correr. Operários do Favela-Bairro interromperam a obra e deixaram 240 quentinhas para trás. *ricardo*

POVO DO RIO, 9 de maio de 2000

Traficantes, entrincheirados no alto do Morro dos Prazeres, impedem polícia de ocupar a favela

PM RECHACADA A BALA EM SANTA TERESA

A Polícia Militar tentou ocupar a favela em operação iniciada por volta de meio dia, mas, mal a primeira tarde foi vista pelos olheiros, traficantes escondidos no alto do morro começaram a atirar com armas pesadas e a investida teve que ser suspensa. Com a guerra pela sucessão de My Thor, preso sexta-feira, até as obras de urbanização foram interrompidas. Página 7



POVO DO RIO, 14 de maio de 2000



Rose Nascimento, uma trajetória para o Senhor

Filha de pai pastor, artista teve uma infância pobre, mas recebeu de Deus o dom de cantar. Página 8

POVO DO RIO, 14 de maio de 2000



Missa e procissão marcam o dia de Nossa Senhora

Em Fátima, foi revelado o terceiro segredo da Santa: um atentado do qual o Papa escaparia. Página 2

O DIA, 15 de maio de 2000



ALÍVIO. Garotinho sai da clínica e passa o Dia das Mães com Rosinha

DE VOLTA AO LAR

Garotinho tem alta e já está trabalhando

O governador volta hoje a despachar só em meio expediente, e os médicos aprovam a atitude. Na semana que vem, retoma a sua carga normal de 14 horas de trabalho. Preocupada, a mulher, Rosinha, insiste que o marido se poupe mais. **PÁGINA 4**

O GLOBO, 15 de maio de 2000



ALÍVIO: Garotinho recebe alta de clínica

• O governador Anthony Garotinho deixou ontem de manhã a Clínica São Vicente, com a mulher Rosinha, prometendo reduzir o ritmo de trabalho. Por recomendação médica, ele des-

pachará de casa esta semana e retomará a rotina de exercícios. Internado com problemas digestivos, ele atribuiu a doença à falta de horários fixos para a alimentação. **Página 17**

POVO DO RIO, 15 de maio de 2000



Garotinho tem alta e vai para casa

PÁGINA 3

JORNAL DO BRASIL, 14 de maio de 2000

Garotinho deixa hospital hoje

Médicos submetem o governador a cateterismo e garantem que ele não sofre do coração

REZA FORTE



Rosinha Mathews disse que Garotinho leu trechos da Bíblia e que ele se internou "só para um check-up"

O governador Anthony Garotinho deve receber alta às 9h de hoje da Clínica São Vicente, na Gávea. Internado desde sexta-feira, ontem o governador foi submetido a um cateterismo cardíaco, sob anestesia local, para identificar possíveis obstruções nas artérias. Segundo o cardiologista Edson Saad, o procedimento mostrou que Garotinho não tem problema no coração. O governador pensou em descansar por uma semana na Ilha de Brocoís, mas decidiu ficar no Rio e dá coletiva hoje ao sair da clínica. "Ele não tem problema de coração. É um exagero o que estão fazendo", disse a primeira-dama Rosinha Mathews. (Páginas 2 e 3)

Governador é aprovado por 71%

A gestão do governador Anthony Garotinho é aprovada por 71% dos eleitores fluminenses, proporção equivalente aos 70% que desaprovam o governo Fernando Henrique. A relação é mantida quando se trata de desaprovam o governador (21%) e aprovar o presidente (23%). Pela pesquisa do Ibope realizada em maio no Estado do Rio, Garotinho lidera nas intenções de voto para a reeleição, com 39%, seguido pelo petista Luiz Inácio Lula da Silva, 18%, e pelo ex-ministro Ciro Gomes, com 16%. (Página 17)

O DIA, 14 de maio de 2000



Xuxa, 37 anos, homenageia sua mãe, Alda, 63, e a avó, Olivia, 89 (ao centro). *FRANCISCA*

MACONHA CHEGA DA HOLANDA EM SETE DIAS

Delegado compra droga na Internet

JORNAL DO BRASIL, 15 de maio de 2000

DIA SEM MÃE



Ontem, Dia das Mães, formaram-se longas filas em churrascarias, houve festa no Baixo Bebê e quem pulasse com a mãe de asa-delta. Mas nem todos foram felizes. Para quem não teve carinho de mãe só restou o sono frio. (Pág. 20)

POVO DO RIO, 15 de maio de 2000



Fila marca o Dia das Mães nos restaurantes

PMs tiveram outra missão ontem, nas ruas: distribuir 8 mil flores para as mães no Rio. Página 3

O GLOBO, 14 de maio de 2000



A "RAINHA" COM a filha, Sasha

Xuxa festeja o Dia das Mães entre várias gerações de sua família



TROPEÇO DO FMI: *Diretora escorrega e cai*

● A diretora do Fundo Monetário Internacional para o Hemisfério Ocidental, Teresa Ter-Minassian, tropeça e cai ao entrar no prédio da Avenida Vieira Souto em que mora o pre-

sidente do Banco Central, Armínio Fraga. Ela é amparada por um dos seguranças do ministro Pedro Malan. O diretor-gerente do FMI, Horst Köhler, também foi ao jantar. **Página 23**

7.35 Guerra em Copacabana 16/5

Globo: foto 1: moradores apedrejam ônibus na Raul Pompéia; foto 2: manifestantes tentam virar automóvel na Sá Ferreira

Povo: contêineres de lixo derrubados, formando trincheira

7.36 Guerra em Copacabana 16/5

Dia: policiais e mulheres em conflito na rua

JB: mulher com filho no colo, correndo de tiroteio entre policiais (ao fundo atirado) traficantes

7.37 Guerra da Nova Holanda – Globo 26/5

foto 1: homem gritando atrás de janela com grade

foto 2: policial mirando

foto 3: família deixando a casa com advogado dos traficantes e policial

7.38 Guerra da Nova Holanda 26/5

Dia: policiais com armas; broche: homem gritando atrás de janela com grade

JB: homem gritando através de janela com grade, segurando criança

7.39 Guerra da Nova Holanda – Povo 26/5

foto 1: via de favela tomada por multidão

foto 2: policiais atirando para alvo à frente e acima, protegidos por muro

7.40 Terra Nostra 31/5

Dia: dois casais da novela

Globo: cena de gravação da novela com a presença do presidente da Itália

GLOBO, 16 de maio de 2000

Moradores de favela fecham ruas e param Copacabana

Manifestação, que resultou em cinco mortos, começou após ação da PM



VIOLÊNCIA NA boca do Túnel Sá Freire Alvim: moradores, inclusive crianças, apedrejam um ônibus na Raul Pompéia



NA RUA SÁ FERREIRA, perto de um dos acessos ao Pavão-Pavãozinho, manifestantes tentam virar um automóvel

Em protesto contra a ação da PM, moradores dos morros do Pavão-Pavãozinho e do Cantagalo, em Copacabana, fizeram uma violenta manifestação ontem, apedrejando veículos, interrompendo o trânsito e levando comerciantes a fecharem as portas mais cedo. A confusão começou por volta das 16h, depois que cinco pessoas, acusadas de serem traficantes, foram mortas nas duas favelas em tiroteio com a polícia. Revoltados, cerca de 50 moradores usaram latões de lixo e pedaços de calxote para interromper o trânsito na Rua Raul Pompéia, apedrejando carros. Os manifestantes seguiram pela Rua Sá Ferreira e foram até a Avenida Nossa Senhora de Copacabana, passando também a jogar pedras em ônibus e automóveis. Depois de quebrar os vidros de dois carros estacionados, um grupo tentou virá-los e incendiá-los. Cerca de 40 policiais foram mobilizados para controlar o tumulto, que só terminou por volta de 19h. Segundo o coronel Fernando Belo, comandante do 19º BPM (Copacabana), o tiroteio que resultou na morte de cinco homens aconteceu quando uma patrulha foi atacada por 15 bandidos armados. No confronto, dois homens também foram baleados. O coronel afirmou que todos eram traficantes, o que foi confirmado pelos próprios moradores, que se queixavam da ação violenta da Polícia Militar. Entre os mortos estaria o chefe do tráfico no Pavão-Pavãozinho. O secretário de Segurança, Josias Quintal, disse que a PM vai revidar sempre que for atacada.

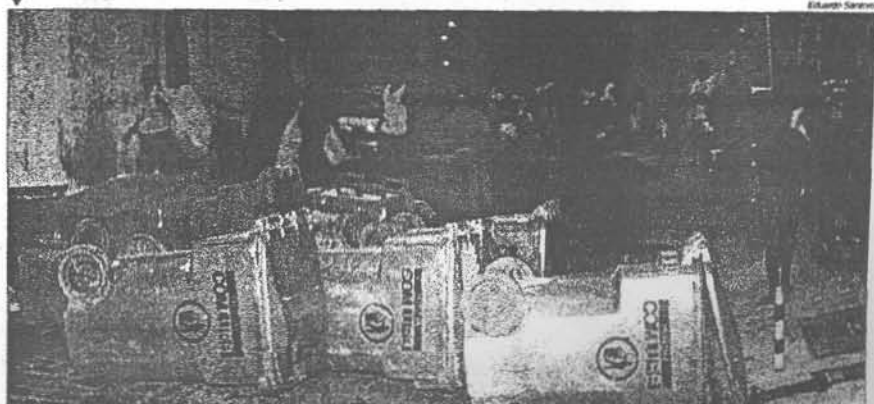
Página 15

POVO DO RIO, 16 de maio de 2000

PM sobe o Pavão-Pavãozinho e mata cinco. Comunidade reage fechando ruas da Zona Sul

GUERRA CAMPAL EM COPACABANA

Segundo a PM, as mortes foram consequência de tiroteio, no início da tarde, entre traficantes e integrantes de várias guarnições policiais. Moradores, no entanto, contestam a versão afirmando que a polícia já chegou atirando no morro. No protesto, a comunidade usou paus, pedras, cadeiras, entulho e até contêineres de lixo jogados sobre os carros. Página 5

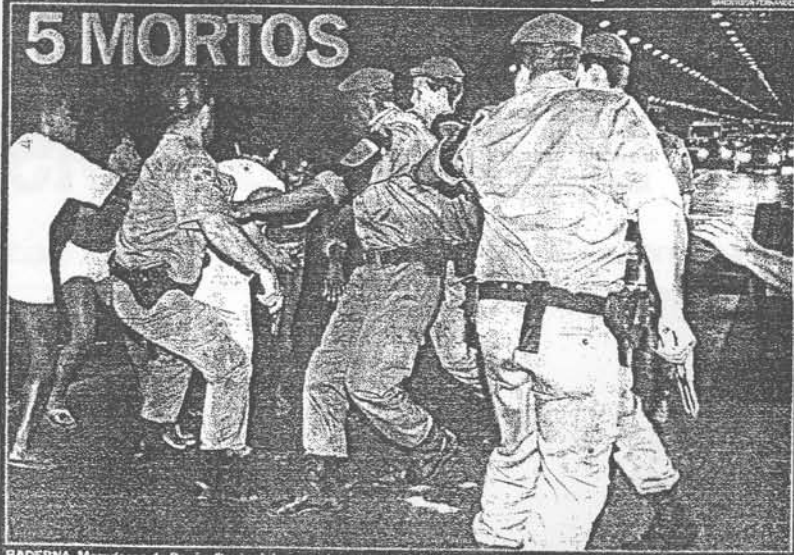


O DIA, 16 de maio de 2000

TRÁFICO OBRIGA MORADORES DE TRÊS MORROS A FECHAR RUAS EM PROTESTO CONTRA AÇÃO DA PM EM FAVELA

Guerra em Copacabana

5 MORTOS



No início da tarde, PMs subiram o Morro do Cantagalo e trocaram tiros com traficantes. Cinco rapazes morreram e um menor ficou ferido. Foi a senha para o conflito descer para o asfalto, fechando duas das mais movimentadas vias do bairro: a Raul Pompéia e a Nossa Senhora de Copacabana. Ônibus apedrejados, caixotes queimados no meio da rua, carros particulares atacados e o comércio obrigado a fechar levaram pânico aos moradores do bairro e de Ipanema. Polícia garante que os mortos eram todos traficantes. **PÁGINA 11 E ESPECIAL "BOMBA DO PEDAÇO", PÁGINA 8**

"Eu estava no alto de um poste e ouvi o zunido das balas. Tive que sair da favela"

JOSÉ DE CASTRO, FUNCIONÁRIO DA LOMV

"Se eu abrir minha loja, quem vai me dar segurança?"

MARCO COEVA, COMERCIANTE

BADERNA. Moradores do Pavão-Pavãozinho se uniram aos do Cantagalo para fechar o trânsito. A PM deu tiros para o alto.

JORNAL DO BRASIL, 16 de maio de 2000

Tiroteio mata 5 em Copacabana

Três horas de tiroteio na Favela do Cantagalo, em Copacabana, deixaram cinco mortos e quatro feridos, dois deles policiais. Na sequência, o protesto dos moradores se estendeu até o anoitecer, com apedrejamento de carros, fechamento de lojas nas ruas Sá Ferreira, Raul Pompéia e N.S. de Copacabana, e interrupção do Túnel Sá Feire Alvim. Na versão do comandante do 19º Batalhão, coronel Fernando Belo, três policiais que faziam ronda de rotina no Morro do Cantagalo foram re-

cebidos a tiros por 15 homens que estavam sobre uma laje. Os soldados revidaram, mataram cinco e feriram três. Na versão dos moradores, os mortos foram arrastados para um ponto no morro conhecido como Caixa d'Água, enquanto as mães saíam correndo com filhos no colo da creche municipal da Rua Saint Roman. Mais tarde, pessoas armadas de paus e pedras fizeram os comerciantes fechar as lojas e mantiveram escaramuças com a polícia até o início da noite. (Página 20)

FORÇA E INSTINTO

Foto: Luan



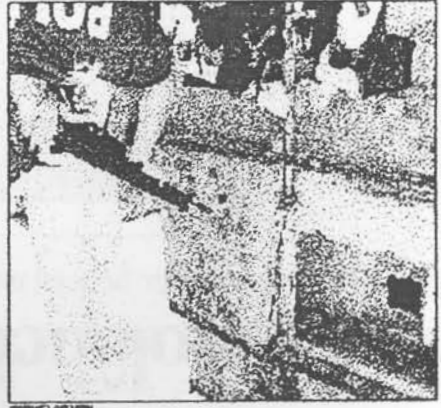
Enquanto PMs atiram para o alto do morro, a mãe protege a filha e foge da creche

Traficantes fazem família de refém em guerra na favela

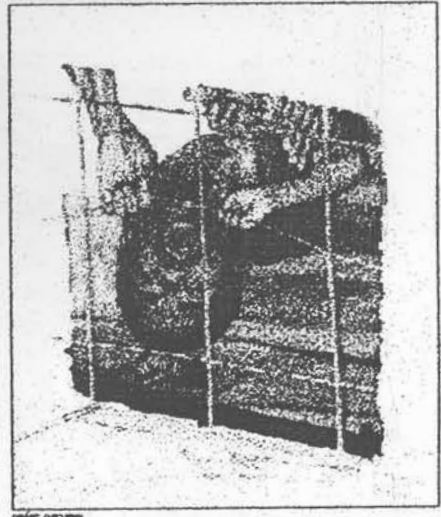
Polícia é aplaudida ao chegar à Nova Holanda e consegue rendição de bandidos



APÓS OMLZ horas como refém, a família deixa a casa, sendo alda o advogado dos traficantes e um policial



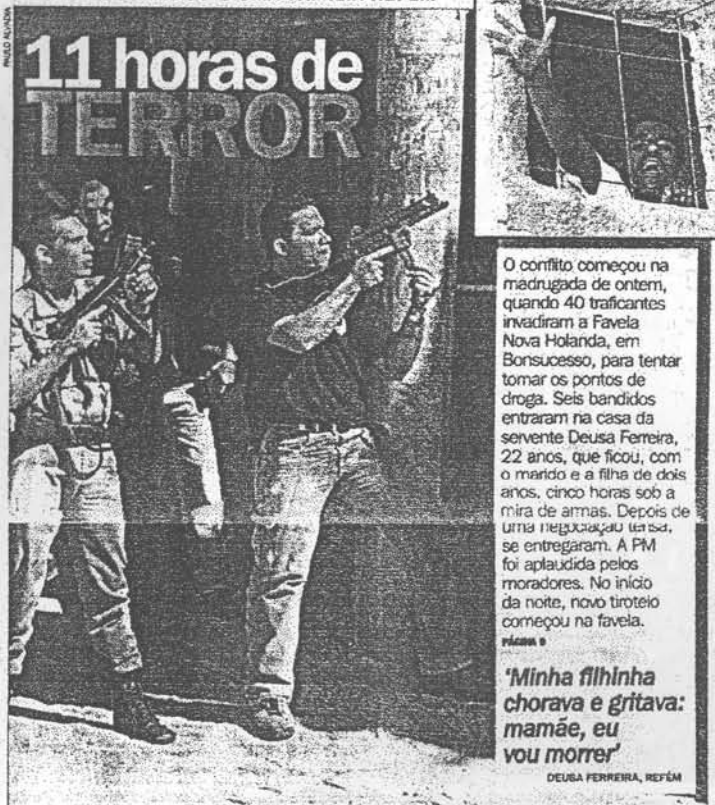
REFÉM, EDUARDO, com a filha Andrea, pede que a polícia não atire



Marcos Vinícius

e Pela sexta vez em dez dias havia do Rio é tomada pela violência. Se antes, em (o- Nova Holanda, no Complexo da Maré, em Bonsucesso, controlada pela quadrilha do traficante Gigante, do Comando Vermelho, que está preso. Houve reação e tiroteio. Acusados, seis bandidos do bando de Linho invadiram uma casa e fizeram reféns por onze horas o porteiro Edmar do Conceição Sodré, sua mulher e a filha de 14 anos. A família foi levada para a casa de Linho, e os três filhos pequenos, atirados pelos dos, chutados pelo traficante Linho, do Ter- meos da Favela do Tumbau, fortemente arma- drilhada dos caminhões-baús com 30 ho- dos. E as vítimas foram os moradores. Um ma- confronto ocorreu entre os próprios bandidos, entre traficantes e policiais, e chegou às ruas em forma de protestos violentos, ontem o pacabana e em outros bairros. O conflito foi entre traficantes e policiais, e chegou às ruas

O DIA, 26 de maio de 2000

QUATRO BANDIDOS MORTOS, SETE PRESOS,
DOIS PMS FERIDOS E UMA FAMÍLIA REFÉM

O conflito começou na madrugada de ontem, quando 40 traficantes invadiram a Favela Nova Holanda, em Bonsucesso, para tentar tomar os pontos de droga. Seis bandidos entraram na casa da servente Deusa Ferreira, 22 anos, que ficou, com o marido e a filha de dois anos, cinco horas sob a mira de armas. Depois de uma negociação tensa, se entregaram. A PM foi aplaudida pelos moradores. No início da noite, novo tiroteio começou na favela.

FÁBIO S.

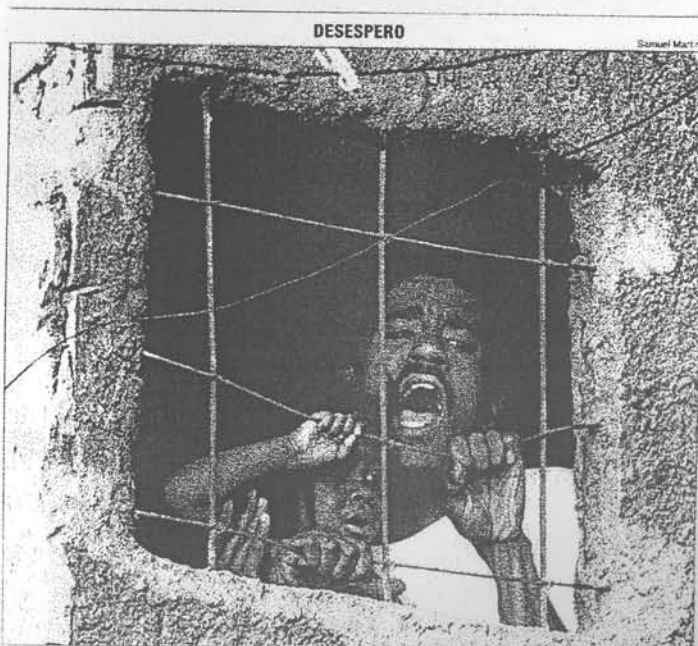
'Minha filhinha chorava e gritava: mamãe, eu vou morrer'

DEUSA FERREIRA, REFÉM

JORNAL DO BRASIL, 26 de maio de 2000

Dia de violência amedronta o Rio

Bandidos aterrorizam favela, policial mata assaltante na Gávea e menor é morto em ônibus



Homem grita segurando sua filha, ambos reféns no barraco da Favela Nova Holanda

A cidade teve ontem um dia de alta tensão. Na Favela Nova Holanda, cerca de 50 homens do Terceiro Comando aterrorizaram os moradores por 12 horas, mataram quatro pessoas e feriram quatro. A polícia chegou, foi aplaudida e os bandidos mantiveram uma família por mais de 4 horas como refém. Na calçada em frente ao Shopping Gávea Trade Center, um policial matou um assaltante e outro foi ferido e fugiu. Durante a madrugada, no Flamengo, um passageiro de terno reagiu a um assalto em ônibus e matou um menor. Menores infratores, removidos do presídio em Bangu, se rebelaram e fugiram do Instituto João Luiz Alves, na Ilha do Governador. (Páginas 19 e 20)

7:39

POVO DO RIO, 26 de maio de 2000

Guerra entre Comando Vermelho e Terceiro Comando explode no Complexo da Maré

TERROR NA NOVA HOLANDA

Traficantes do Terceiro Comando, da Favela do Timbau, chegaram à Nova Holanda ainda de madrugada, fortemente armados e em dois caminhões-bau. A guerra começou ao amanhecer quando, durante intenso tiroteio, um traficante local morreu. Com a chegada da polícia, outros três traficantes morreram e um grupo de seis tomou uma família como refém até se renderem quase cinco horas depois. Página 7



7:40

O DIA, 31 de maio de 2000



Amigos para Sempre

Eles passaram a novela inteira trocando de pares. Agora, no final de *Terra Nostra*, a grande surpresa: Matteo e Giuliana, e Marco Antônio e Rosana juntam-se num quadrinho profissional e viram sócios numa fazenda doada por Francesco. **ANA PAULA FALA DE GIULIANA**

D

O GLOBO, 12 de maio de 2000



MATANDO SAUDADES: Presidente da Itália em 'Terra Nostra'

• O presidente da Itália, Carlo Ciampi, cumprimenta a atriz Maria Fernanda Cândido, observado por Lu Grimaldi e Antônio Calloni, do elenco de *'Terra Nostra'*. A seu pedido, o presidente esteve ontem no Projac, da Rede Globo, e foi recebido com emoção e comida

de fazenda: "Este é um dos países que mais valoriza a cultura italiana no mundo", disse. Descendente de italianos, Antônio Calloni era um dos mais encantados: "Fiquei emocionado por ser um italiano vendo sua história contada em nosso país."

Página 10